



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O TORNAR-SE ADOLESCENTE ATRAVÉS DO RORSCHACH

Isabel Maria Gonzalez Duarte da Cunha

Tese orientada pela Professora Doutora Maria Emília Marques
(ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida)

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor

Doutoramento em Psicologia
Área de especialidade Psicologia Clínica

2016

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização Clínica, realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário no ano de 2016.

DEDICO

A todos aqueles que
ousam tornar-se...

AGRADEÇO

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela presença e constância, no longo caminho que permitiu tornar possível a realização desta co-construção.

Ao meu marido e ao meu filho, por estarem sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, incentivando-me a continuar o meu processo criativo.

A todos o(s) Outro(s), familiares, amigos e colegas, com quem partilhei os obstáculos e as muitas agruras que foram surgindo no trilho deste longo percurso.

A todos, o meu Obrigada.

Palavras-chave:

Adolescência; Transformação: *Techne-Campo*; Intersubjetividade.

Key words:

Adolescence; Transformation; *Techne-Field*; Intersubjectivity.

Categorias de Classificação da Tese:

2224 Clinical Psychological Testing

3100 Personality Psychology

3143 Psychoanalytic Theory



No Man's Land: 2014 Iceland

Caminho

E tão longínquo o vento respirando
que as águas mal se enrugam doloridas
e só umas folhas acolá caídas
lentas se atropelam oscilando...

Um céu tardio as águas encharcando
com laivos de silvestres despedidas...
Nas margens erva e água confundidas
sob um ranger de angústias...terminando...

Vago perfume vago... repartidas
Sombras... inúteis sombras distraídas...
Flor triturada, frígida por si...

E o vento tão longínquo respirando...
E o céu tardio as águas encharcando...
— Quê?... Ah o caminho... sim... é por aí.

Sena, J. (op. cit., pp. 99) Vol II

RESUMO

A adolescência é um período do desenvolvimento no qual têm lugar importantes transformações. Durante este período, constituem-se e renovam-se importantes funções psíquicas, que fundam e estruturam o processo de desenvolvimento adolescente. Neste estudo, o objetivo é o de aceder ao processo de desenvolvimento que está em curso, ou seja, à forma como o sujeito se constrói de uma forma única e singular, tornando-se adolescente a caminho de vir a ser adulto.

Para chegar ao que nos propomos, iremos utilizar um referencial teórico que privilegia a constituição da relação de objeto e os processos de transformação, através dos quais nos é possível observar e dar a conhecer os processos que se encontram a decorrer no caminho que vai da infância à idade adulta, o que é possível através da constituição de uma relação do tipo continente-conteúdo, onde o (des)conhecido é de novo (re)significado, possibilitando a descoberta e o “*aprender com a experiência*”. Deste modo, procuramos revelar os processos psíquicos inerentes ao tornar-se adolescente, os quais se encontram ligados aos processos de transformação, ativos e dinâmicos, essenciais no crescimento mental. Trata-se de um estudo longitudinal, uma vez que foi realizado em dois momentos do desenvolvimento adolescente.

O Rorschach será utilizado como o instrumento que possibilita o acesso ao mundo interno do sujeito e ao intersubjetivo, constituindo-se como um método, de modo a tornar possível a análise do processo de resposta Rorschach, entendida como uma atividade de ligação entre o sujeito e o objeto. Iremos ainda tornar este instrumento mais sensível ao processo de tornar-se adolescente, constituindo um conjunto de procedimentos que permitam operacionalizar a leitura da adolescência através do Rorschach. Neste estudo iremos utilizar os protocolos de 9 adolescentes, de sexos diferentes, recolhidos aos 13 e aos 16 anos. As noções de *techne* e de *campo* são fundamentais para aceder e compreender os processos psíquicos, pelo que iremos operacionalizar estes organizadores no Rorschach, de modo a possibilitarem a leitura das transformações psíquicas do processo de tornar-se adolescente.

A análise dos resultados revelou-nos um conjunto de transformações em curso entre os 13 e os 16 anos. A *techne* revela-nos o movimento de integração da dispersão, gerador de uma maior estabilidade e do aumento da capacidade de abstração. O *campo*, na sua função contentora revelou uma maior diferenciação entre o interno e o externo, potenciando a exploração de novas possibilidades e favorecendo a elaboração do desconhecido e da dor mental. Através da conceptualização dos vários elementos presentes na relação que se estabelece entre estes dois momentos do processo de desenvolvimento adolescente, foi possível aceder, compreender e conceptualizar as transformações do Eu e da relação Eu-Outro.

A abordagem deste estudo irá permitir uma leitura mais próxima do sujeito e dos processos psíquicos que estão em construção durante a adolescência, o que no futuro poderá conduzir a novas práticas de acompanhamento, mais centradas nos processos de transformação em curso e menos inscritas na lógica clássica da psicopatologia.

ABSTRACT

Adolescence is a period of development in which important changes take place. During this period, important psychological functions are constituted and renewed, that form and structure the adolescent development process. In this study, the goal is to access the development process that is underway, in other words, the way in which the subject is built in a unique and singular way, becoming an adolescent in the path to be an adult.

In order to get to what we are proposing, we are going to use a theoretical framework that emphasises on the object relation and in the processes of transformation, through which it is possible to observe and to learn about the processes that are taking place on the path that goes from childhood to adulthood, which is possible through the establishment of a content-relationship where the unknown is new (re)meaning, enabling the discovery and the "*learn from experience*". In this way, we reveal the mental processes inherent to becoming an adolescent, all of which are linked to the processes of transformation, active and dynamic, essential in the mental growth. This is a longitudinal study, since that was conducted in two moments of the adolescent development.

The Rorschach will be used as the instrument that allows the access to the internal and the intersubjective world of the subject, as a method, so as to make it possible the analysis of the Rorschach response process, understood as an activity of connection between the subject and the object. We will also make it more sensitive to the process of becoming an adolescent, constituting a set of procedures that allow to operationalize the reading of adolescence through the Rorschach. In this study we will use the protocols of 9 adolescents of different genders collected at 13 and 16 years old. The notions of *techné* and *field* are fundamental to access and to understand the mental processes, by which we will operationalize these organisers in the Rorschach in order to allow the reading of mental transformations of the process of becoming an adolescent.

The analysis of the results showed us a set of transformations in progress between the age of 13 and 16 years old. The *techné* reveals to us the movement of integration of dispersion, generator of greater stability and increased the capacity for abstraction. The *field* in its function containing showed a greater difference between internal and external, potentiating the exploration of new opportunities and encouraging the preparation of the unknown and the mental pain. Through the conceptualization of several elements present in the relationship established between these two moments of the process of developing adolescent, it was possible to access, understand and conceptualize upon the transformations of the I and the relationship I-Other.

The approach of this study will allow a closer reading of the subject and of the mental processes that are under construction during adolescence, which in the future may lead to new monitoring practices focused more on transformation processes underway and pass centered in the logic of the classic psychopathology.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. O TORNAR-SE ADOLESCENTE	7
1.1. CONCEÇÕES PARA PENSAR O TORNAR-SE ADOLESCENTE	8
1.2. <i>TECHNE</i> E <i>CAMPO</i> : ORGANIZADORES PARA PENSAR O TORNAR-SE	20
2. O INSTRUMENTO	29
2.1. O AGRUPAMENTO DOS CARTÕES RORSCHACH	34
2.2. A SIMBOLOGIA LATENTE DOS CARTÕES RORSCHACH	35
2.3. OS ELEMENTOS INTERPRETATIVOS DA COTAÇÃO	37
2.3.1. Os Modos de Apreensão	38
2.3.2. Os Determinantes	40
2.3.3. Os Conteúdos	44
3. O MÉTODO RORSCHACH	47
4. OBJETIVO DO ESTUDO	55
5. O TIPO DE ESTUDO	61
6. OS PARTICIPANTES	67
6.1. Afrodite	69
6.2. Apolo	70
6.3. Ártemis	71
6.4. Atena	73
6.5. Deméter	74
6.6. Gaia	75
6.7. Hera	76
6.8. Sémele	77
6.9. Zeus	78

7. OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	81
7.1. (RE)VISITAÇÃO DA SIMBOLOGIA LATENTE DOS CARTÕES RORSCHACH	84
7.2. (RE)VISITAÇÃO DOS ELEMENTOS INTERPRETATIVOS DA COTAÇÃO	92
7.3. A <i>TECHNE</i> E O <i>CAMPO</i>	102
8. ANÁLISE DOS DADOS RORSCHACH	117
8.1. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH	118
8.1.1. Afrodite: a (re)criadora	118
8.1.2. Apolo: o errante	128
8.1.3. Ártemis: a conciliadora	140
8.1.4. Atena: a deambulante	149
8.1.5. Deméter: a sonhadora	160
8.1.6. Gaia: a persistente	170
8.1.7. Hera: a planificadora	181
8.1.8. Sémele: a mística	192
8.1.9. Zeus: o guerreiro	202
8.2. ANÁLISE DOS ORGANIZADORES PSÍQUICOS: <i>TECHNE</i> E <i>CAMPO</i>	211
9. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	227
10. CONCLUSÃO	253
REFERÊNCIAS	261

ANEXOS	271
Anexo A – Afrodite	273
Anexo B – Apolo	279
Anexo C – Ártemis	285
Anexo D – Atena	293
Anexo E – Deméter	301
Anexo F – Gaia	309
Anexo G – Hera	317
Anexo H – Sémele	325
Anexo I – Zeus	333

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Resumo da simbologia latente dos cartões Rorschach	90
QUADRO 2 – Resumo dos elementos da cotação reveladores da <i>Techne</i>	100
QUADRO 3 – Resumo dos elementos da cotação reveladores do <i>Campo</i>	101
QUADRO 4 – Resumo dos procedimentos de análise no Rorschach	115
QUADRO 5 – Resumo da análise da <i>Techne</i>	218
QUADRO 6 – Resumo da análise do <i>Campo</i>	225
QUADRO 7 – Resumo das transformações da <i>Techne</i> e do <i>Campo</i>	252

INTRODUÇÃO

*“Eu julgo que penso
e quando penso, imagino.
Mas não em cor, nem em forma,
mas em movimento...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 303) Vol. I

Este trabalho inscreve-se no contexto da realização da tese do Doutoramento em Psicologia Clínica. Os imperativos académicos fundaram e ordenam a sua realização, mas a sua temática traduz um gosto pessoal, um caminho que teve início há alguns anos, após a conclusão da Dissertação de Mestrado, tornando-se assim um processo de construção e de enriquecimento académico, mas principalmente pessoal, de encontro com as teorias, facilitador da construção de um pensamento, catalisador de novas leituras, de toda uma aprendizagem com uma implicação direta na forma de pensar e de estar no contexto da clínica.

A adolescência, ao longo de várias décadas, tem sido objeto de estudo de inúmeras ciências. As abordagens clássicas referem-se às sucessivas crises e ruturas, outras recaem sobre a leitura direta dos processos que estão em construção, estruturados com base em organizadores já amplamente definidos e conhecidos, como o corpo, a constituição da identidade e dos processos de identificação. Nestas abordagens a leitura é feita em função da presença ou da ausência de determinados elementos, o que torna redutora a leitura dos processos em curso, que se constituem durante este período do desenvolvimento, já que crescer é um processo ativo e dinâmico que implica escolhas, renúncias, negociações, sempre marcadas por fortes tensões, porque só assim é possível a mudança inerente ao crescimento.

Partimos de uma revisão teórica de um conjunto de conceitos amplamente estudados nos modelos provenientes da teoria psicanalítica, com base nos quais procurámos constituir um modelo teórico para pensar o que é tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto.

Neste sentido, estruturámos novos organizadores psíquicos, com inscrição numa lógica mais descritiva e compreensiva, de modo a ser possível aceder e dar a conhecer as transformações psíquicas que estão em curso durante o processo de tornar-se adolescente.

Durante este período do desenvolvimento constituem-se novas formas de relação com o Próprio, mas também com o(s) Outro(s), com quem se realiza a (re)construção do Eu. Emergem novos desejos, o que leva a uma procura de novos sentidos e significados, procurando que o desconhecido seja agora conhecido e dado a conhecer, numa ligação entre o mundo interno e o externo, ligados e (re)criados. Os modelos que derivam da teoria da relação de objeto e do modelo do pensamento são aqueles que nos permitem compreender os processos que operam nas transformações presentes no tornar-se adolescente, como um processo dinâmico de (re)construção do antigo e do novo, agora a ser de novo integrado e (re)significado.

A expressão "tornar-se adolescente" traduz em si mesma o movimento que procurámos explicitar com a realização deste trabalho, procurando aceder e dar a conhecer as passagens que operam entre os movimentos de ligação e os de desligação, de dependência e de autonomia, de oscilação entre uma posição passiva e uma ativa, entre o feminino e o masculino.

Para acedermos ao tornar-se adolescente, definimos como organizadores a *techne* e o *campo*. Através da *techne* procurámos compreender de que modo é que decorrem as transformações psíquicas presentes no tornar-se adolescente, ou seja, como é que tem lugar a (re)construção do Eu, já que esta noção possibilita compreender de que modo é que o objeto se pode alterar, de uma forma que não é natural (Vassalli, 2001). Porém, como o crescimento tem subjacente uma relação Eu-Outro, dado o encontro que se estabelece entre sujeitos, a noção de *campo* (Ferro, 2007/2011) possibilita pensar sobre o encontro entre o sujeito e o objeto, numa relação intersubjetiva, de construção e de (re)construção, através da qual o novo e desconhecido é simbolizado, favorecendo o “*aprender com a experiência*” (Bion, 1962/1991) e o crescimento.

Ao serem inscritas numa relação continente-conteúdo, as noções de *techne* e de *campo* permitem a constituição de uma dinâmica intra e intersubjetiva e de um espaço de co-construção, revelador da dinâmica inerente às transformações em curso no processo que é tornar-se adolescente. Assim, a noção de *campo* pode ser assimilada a continente e a de *techne*

a conteúdo, mas dada a reversibilidade presente na relação continente-conteúdo, *techne* pode também ser o continente e o *campo* o conteúdo. Esta articulação apresenta uma relação direta com as noções de espaço e de tempo, dois parâmetros essenciais do funcionamento mental, os quais nos permitem pensar os movimentos de oscilação entre os movimentos progressivos e os regressivos, entre a clivagem e a integração, entre o antigo que agora dá lugar ao novo, (re)criado, (re)significado.

Para podermos aceder às transformações psíquicas presentes no tornar-se adolescente recorreremos ao Rorschach, pois trata-se de um instrumento privilegiado de acesso ao conhecimento do sujeito, permitindo-nos aceder à forma como ocorrem as transformações durante o processo de desenvolvimento adolescente, mas também à relação Eu-Outro. O acesso a este conhecimento só é possível quando o Rorschach, na qualidade de instrumento, passa a ser inscrito nos modelos que derivam da teoria das relações de objeto e dos modelos do pensamento, passando a ser considerado como um método, dotado de uma forma particular de proceder, de modo a ser possível realizar uma leitura das transformações psíquicas em curso e do próprio processo intersubjetivo que é tornar-se adolescente.

Partindo dos organizadores *techne* e *campo*, pensados para explicitar as transformações em curso durante o processo de desenvolvimento adolescente, realizámos uma transposição para os elementos que no Rorschach nos permitem aceder a estes movimentos, com base nos quais efetuámos a análise dos protocolos dos adolescentes, aos 13 e aos 16 anos, pelo que realizámos um estudo longitudinal, através do qual procurámos operacionalizar uma grelha de leitura do tornar-se para o Rorschach. Para além dos procedimentos que definimos para os dois organizadores, considerámos ainda o processo de resposta Rorschach, tal como Marques (1999) o descreve, numa articulação entre o instrumento e os modelos de relação, de crescimento e do pensamento, assentes nas conceções de ligação e de transformação, através dos quais é possível aceder, para descrever e dar a conhecer, os processos dinâmicos do crescimento mental.

A situação Rorschach ocorre num encontro entre o clínico e o adolescente, mas também entre o adolescente e a mancha, desencadeadora de uma situação de instabilidades psíquica que leva à mobilização de processos adaptativos com o objetivo de (re)estruturar o equilíbrio psíquico. No trabalho de organização do caos, suscitado pelas manchas, desprovidas, à partida de significado, o adolescente é levado a organizar o que de inquietante

e de desestruturante foi sentido internamente, criando novos objetos, novos símbolos que comunica ao Outro, ao clínico sob a forma de respostas. Estas são em si mesmo reveladoras do processo de simbolização no qual está presente um trabalho de ligação e de integração, do sujeito e do objeto, do seu mundo interno e do externo, numa articulação entre o presente e o passado, numa articulação que nos permite pensar e compreender os movimentos inerentes ao crescimento.

Neste sentido, os desenvolvimentos realizados por Marques (1999) com a aplicação do modelo das transformações desenvolvido por Bion (1965/1982) ao Rorschach, surge como essencial neste estudo, pois são estes trabalhos que nos permitem considerar que as imagens dadas pelo sujeito, as respostas-símbolos, presentes no Rorschach, são o produto de transformação de pensamentos e emoções inerentes à situação de teste, mas são ao mesmo tempo reveladora dos movimentos psíquicos a que o sujeito teve que aceder no seu mundo interno e que por isso traduzem as transformações que ocorreram entre o sujeito e o objeto, entre o antigo e o novo, emergindo um novo objeto, como resultado da sua ligação, que será revelador do tornar-se.

Para além do processo de resposta Rorschach, procurámos ainda ter em atenção os elementos qualitativos que dão conta do processo criativo de simbolização e da reposta-imagem-símbolo, como reveladora do processo de co-construção, no caso da *techne* e da relação continente-conteúdo, como delimitadora do interno/externo, como facilitadora da comunicação e da circularidade do pensamento, no caso do *campo*. Mas, dada a reversibilidade presente na relação, o *campo* também pode ser pensado como um conteúdo, como um símbolo e a *techne* como um continente, transformador e (re)significador.

Atendendo à necessidade de ocultar a identificação dos adolescentes que aceitaram participar nesta investigação escolhemos nomes de personagens da mitologia. A escolha foi intencional, uma vez que recorreremos à mitologia como um lugar de inspiração, que segundo Guirand, (1996/1999) realiza um estudo metódico e comparado dos diferentes mitos, para lhes determinar o sentido, a origem e a evolução.

No primeiro capítulo procurámos estabelecer um modelo teórico que nos permitisse compreender as transformações psíquicas em curso durante o processo de tornar-se adolescente. Partindo de uma revisão teórica de alguns conceitos centrais dentro do paradigma

Psicanalítico, constituímos um modelo que nos permite pensar as transformações psíquicas presentes no processo de tornar-se adolescente, compreendido como uma relação intersubjetiva de co-construção, com base na qual é possível acedermos à construção dos processos psíquicos inerentes ao crescimento. Deste modo, constituímos como organizadores psíquicos para descrevermos as transformações do tornar-se as noções de *techne* e de *campo*.

O segundo capítulo é dedicado ao instrumento, pelo que procurámos realizar uma leitura genérica, partindo do agrupamento dos cartões Rorschach, passando pelas referências clássicas relativas à simbologia latente de cada um dos cartões e aos elementos interpretativos da cotação. Depois de descrito o instrumento, no capítulo seguinte abordamos o método Rorschach, procurando dar conta das especificidades e das particularidades na leitura e análise que este instrumento ganha ao ser inscrito num quadro conceptual metodológico onde se consagram os modelos do pensamento e da significação.

No quarto capítulo elaborámos o objetivo do estudo, procurando reunir os vários elementos que conduziram à forma como a presente investigação foi conduzida.

No capítulo seguinte descrevemos o tipo de estudo, salientando a pertinência da sua realização no contexto desta investigação, uma vez que se trata de um estudo com inscrição numa metodologia de tipo qualitativo, através da qual realizámos um estudo longitudinal de casos múltiplos, de tipo explanatório e explicativo.

No sexto capítulo realizámos a caracterização dos adolescentes que participam neste estudo, tendo em consideração a sua inscrição familiar, o contexto escolar e a forma como descrevem o seu próprio processo de se tornarem adolescentes.

No sétimo capítulo descrevemos os procedimentos de análise no Rorschach, com base nos quais iremos proceder à leitura das transformações psíquicas presentes no processo de tornar-se adolescente. *Techne* e *campo* são assim operacionalizados no Rorschach, permitindo o acesso aos processos em construção e à intersubjetividade presente no tornar-se adolescente.

Segue-se o oitavo capítulo, com a análise dos protocolos. Com base nos procedimentos anteriormente definidos, num primeiro momento é feita uma leitura individual de cada um dos protocolos, seguindo-se uma análise dos principais elementos que se destacaram na análise da *techne* e do *campo*, para as raparigas e para os rapazes, em cada um dos momentos do desenvolvimento do processo de tornar-se adolescente.

No capítulo seguinte realizamos uma discussão e interpretação dos protocolos, através das quais nos foi possível aceder às variantes e às invariantes presentes na análise dos resultados deste estudo, com base nas quais descrevemos um conjunto de transformações psíquicas presentes na construção do Eu e da relação Eu-Outro durante o processo de tornar-se adolescente.

Finalizamos esta investigação com uma conclusão, na qual realizámos algumas reflexões integrativas, atendendo às particularidades e às especificidades encontradas neste estudo, pensando nos ganhos e nas limitações que apresenta para pensar as transformações psíquicas durante o processo de tornar-se adolescente, numa articulação que se tece e entretetece entre a(s) teoria(s) e o(s) método(s) no acesso ao conhecimento do Outro.

1. O TORNAR-SE ADOLESCENTE

*“...Já sei que vou mudar de novo...
Sim...
Já sei que vou sentir mais largo
um mais largo que pode ser o mais estreito,
já sei que vou sentir um sonho
a vida deste período passado
e sonho desse sonho a vida que foi antes,
já sei que as coisas feitas há alguns instantes
vão parecer-me impossíveis,
Incompreensíveis,
e tão ou mais distantes
que o acontecido há muito tempo...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 71) Vol. II

A adolescência é um período do desenvolvimento que tem sido alvo, ao longo dos anos, de diversas abordagens, as mais clássicas recaíam sobre as questões da identidade e dos processos de identificação, numa abordagem em função da presença ou da ausência dos elementos, tornando redutora a leitura da construção dos processos psíquicos. As novas abordagens permitem-nos compreender este momento do desenvolvimento como um período durante a qual ocorrem sucessivas transformações.

Neste estudo, privilegiamos as concepções que nos permitem compreender e descrever a dinâmica transformacional presente durante este período do desenvolvimento. Deste modo, iremos conceber um modelo que nos permita pensar de que forma é que se processam as transformações psíquicas durante o processo de desenvolvimento adolescente, procurando compreender como é que decorre o processo intersubjetivo de tornar-se adolescente, no caminho que é o vir a ser adulto. Procuramos aceder às transformações que estão a decorrer durante o processo de desenvolvimento adolescente, uma vez que consideramos que estas são

reveladoras do processo de tornar-se, no qual está presente uma co-construção, inerente a uma relação intra e intersubjetiva, geradora de novos sentidos e de novos significados.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente encontramos presentes fortes contrastes, movimentos que vão da dispersão à integração, períodos de turbulência e de desarmonia, existindo processos já formados e outros que ainda se estão a formar, dando lugar ao crescimento, no qual está presente uma co-construção, ou seja, uma relação dinâmica facilitadora das transformações e geradora de crescimento mental. Estes movimentos encontram-se particularmente descritos na literatura psicanalítica, nomeadamente, nos trabalhos relativos às transformações que nos dão conta dos processos dinâmicos de interação e de co-construção onde o novo e o ainda desconhecido tem de ser ligado e integrado para poder ser (re)significado e nos trabalhos referentes à intersubjetividade que traduzem a possibilidade de duas mentes se comunicarem, co-construindo-se. Neste sentido, procuramos operacionalizar um quadro conceptual teórico, com base num conjunto de conceções dentro da teoria psicanalítica, de modo a ser possível realizar uma compreensão dinâmica sobre os processos em construção no tornar-se adolescente.

Para pensar e compreender melhor as transformações em curso durante este período de crescimento e de desenvolvimento, constituímos dois novos organizadores psíquicos, a *techné* e o *campo*, que aqui nos possibilitaram aceder e compreender os processos psíquicos em construção durante este momento do desenvolvimento.

1.1. CONCEÇÕES PARA PENSAR O TORNAR-SE ADOLESCENTE

A adolescência constitui-se como um espaço e um tempo durante o qual decorre um conjunto de transformações fundamentais para o crescimento, para o tornar-se adolescente. Para podermos compreender as transformações psíquicas em curso no tornar-se recorreremos a um conjunto de conceitos: (1) ao modelo das transformações descrito por Bion (1965/1982), porque nos permite descrever a relação de encontro e de comunicação entre o sujeito e o objeto, mas também entre o objeto e o sujeito, numa (re)criação de novos objetos, dotados de novas características e qualidades, (2) ao conceito de "*processos de transformação*" desenvolvido por Braconnier (1985), por ser aquele que nos possibilita a compreensão do

processo em curso, no qual existem mecanismos já formados e outros que ainda se estão a constituir e (3) à noção de objeto transformacional, descrita por Bollas (1989), a partir da qual passa a ser possível representar a relação com um objeto, o qual representa a experiência da transformação. E por fim, (4) as noções de transferência e de contratransferência, que possibilitam uma compreensão dos processos envolvidos na dinâmica relacional e a noção de intersubjetividade, como um processo de comunicação inconsciente, geradora de crescimento.

Os modelos do pensamento são particularmente ricos, na medida em que nos levam a pensar nas questões relativas ao crescimento, permitindo deste modo aceder aos processos psíquicos em curso, ou seja, à essência do que é tornar-se adolescente. Bion (1962) descreve o modelo em que está presente a ideia de um continente no qual um objeto é projetado o conteúdo. O continente e o conteúdo são suscetíveis de ser ligados e impregnados pela emoção, o que por sua vez suscita o crescimento. Quando estão separados ou sem emoção diminuem a sua vitalidade, ou seja, aproximam-se de objetos inanimados. Tanto o continente como o conteúdo são modelos de representações abstratas, daí a necessidade de lhes atribuir uma designação, um signo: ♀ para continente e ♂ para conteúdo. Este modelo é introjetado pelo latente como parte do aparelho da função-alfa, podendo a partir daqui abstrair-se uma teoria para representar o desenvolvimento do pensamento, surgindo a pré-conceção e a conceção. Importa ainda referir nesta dinâmica a importância entre o dentro e o fora, na medida em que confere uma dimensão de circularidade ao pensamento (Bion, 1970/1991). Recorrendo a este modelo é possível explicar os processos de transformação durante o desenvolvimento de um adolescente, já que existem processos que se estão a desenvolver, ao mesmo tempo que existem outros que ainda se estão a formar.

Durante a adolescência decorrem movimentos que oscilam, entre o desejo de vir a ser e o de estar a transformar-se, numa alternância entre as posições ativas, onde domina a afirmação do próprio e as posições passivas, marcadas pelo retraimento, pelo fechamento ao nível do Eu/Outro, numa dificuldade de ligação entre o interno e o externo. O modelo das transformações de Bion (1965/1982) é aquele que melhor explica a relação de encontro e de comunicação entre o sujeito e o objeto e o objeto e o sujeito, entre o interno e o externo, o passado e o presente, numa (re)criação de novos objetos com novas características e qualidades.

Dentro das transformações descritas por Bion (1965/1982), as transformações em “O” (realidade última) são aquelas que melhor dão conta do “tornar-se”, uma vez que estão ligadas ao crescimento e dão conta do que pode vir a ser. Através delas podemos aproximar-nos do crescimento mental, não podemos conhecer “O” em si mesmo, mas o que conhecemos de “O” são as suas transformações. O processo de desenvolvimento adolescente não é possível de conhecer em si mesmo, como uma realidade última, mas podemos conhecer as transformações psíquicas em curso no tornar-se, através da compreensão dos processos de transformação que se encontram a decorrer.

Na relação que tem lugar entre o sujeito e o objeto, entre o interno e o externo, encontramos um conjunto de oscilações, uma turbulência psíquica, que durante a adolescência pode ser pensada com recurso à noção de Bion (1970/1991) de "*mudança catastrófica*", que por sua vez leva ao estabelecimento de uma "*barreira de contacto*", facilitadora das trocas entre o consciente e o inconsciente. Deste modo, estas duas conceções vão-nos permitir identificar e descrever processos psíquicos envolvidos na construção que é tornar-se adolescente.

Marques (1999) descreve a mudança como uma oscilação dinâmica entre a descontinuidade e a continuidade, entre a dispersão, a clivagem e a integração, reenviando para a noção de "*mudança catastrófica*" que vai permitir que estes processos do desenvolvimento levem ao estabelecimento de uma nova "*barreira de contacto*". Matha (2010) ao pensar sobre o corpo, durante a adolescência, considera-o como um "*lugar espelho*", do que é do mundo interno e do externo, presente na relação com o Outro, descrevendo numa linguagem mais bioniana, que está presente um trabalho psíquico que se caracteriza por uma "*mudança catastrófica*", geradora de desequilíbrios, os quais suscitam a necessidade de encontrar novos estados de equilíbrio, gerando novos objetos, internos e externos, para que decorra uma reorganização da identidade, o que só é possível através da negociação entre o antigo e o novo.

É durante este período de desenvolvimento em que aquilo que se pensava organizado e que tinha sido integrado pelo sujeito reaparece, evidenciando-se toda uma turbulência que caracteriza este período, face ao qual o adolescente procura encontrar alguma ordem, recorrendo a diferentes estratégias para lidar com o que surge de novo no seu mundo interno e se traduz na realidade externa. Braconnier (1985) propõe que se pense a adolescência como um "*processo de transformação*", por se tratar de um conceito mais abstrato, que permite

descrever o que está presente durante este processo do desenvolvimento, uma vez que existem processos que se estão a desenvolver, existindo uma continuidade, uma ligação na passagem de uns para outros.

A proposta de Braconnier (1985), para pensar a adolescência, sofreu a inspiração de Widlöcher. Trata-se de um processo de transformação habitado por sistemas de ação, em que uns se estão a formar e outros se continuam a desenvolver. Este processo pode ser definido pelas ações que se continuam a desenvolver, pelos movimentos que vão da desidealização à idealização e da clivagem à integração; as ações que se formam e que dizem respeito particularmente à genitalidade implicam novos limites entre o masculino e o feminino, para a construção do ideal do Eu, e uma atualização das ações em desenvolvimento.

O objeto transformacional surge como o primeiro ato de criação, realizado pelo recém-nascido. A mãe desempenha uma função transformacional na interação que estabelece na díade, ajudando a consolidar o sentimento de existência do bebé, dando resposta aos seus desejos e às suas necessidades. À medida que avança o crescimento, o sujeito constitui o seu próprio objeto transformacional, passando o processo de transformação de externo a interno (Bollas, 1989).

Bollas (1989) designou por estético o momento em que se dá um encontro, na idade adulta, com um objeto, o que se aproxima da noção de conflito estético desenvolvida por Meltzer (1990), onde a relação se estabelece entre o belo exterior e o enigmático interior, ou seja, entre o externo conhecido e o interno desconhecido, o que suscita a necessidade de uma relação de ligação entre o interno e o externo, entre o conhecido e o desconhecido, que ao serem ligados e (re)criados permitem avançar no crescimento. Para Marques (1999), a noção de “*conflito estético*” é fundamental para pensarmos o conflito e a dor mental inerente ao desenvolvimento, ou seja, a capacidade de elaborar o conflito entre o interior e o exterior, entre o sujeito e o objeto.

Para Bollas (2011), a adolescência é um período do desenvolvimento em que existe uma grande dificuldade em simbolizar a dor. É a capacidade de internalizar a função de espelho e de a utilizar em diálogos intersubjetivos que vai levar à aquisição de uma capacidade introspetiva, funcionando como uma alternativa para o jogo interpessoal. Descreve, assim, a necessidade de se criar “*um jogo interno de afetos e de ideias, que gera e autoriza a nossa imaginação privada, a criatividade informa o nosso trabalho e funciona como uma fonte para as nossas relações interpessoais.*” (op. cit; pp. 23). A subjetividade dá

lugar a um espaço interno, que facilita a recepção dos afetos inconscientes, das memórias e das percepções.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, estão em jogo um conjunto de processos, que nos importa compreender para podermos pensar as transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente. Para Marques (1999), "*são as dúvidas, as hesitações e a necessidade de conter, elaborar, integrar e unir as contradições, o que deve realizar-se e articular-se, viver-se e experienciar-se sempre na relação com o próprio e com os outros e sempre em relação íntima com o desejo de crescer, de conquistar e de conhecer*" (op. cit., pp. 279). São estes processos que permitem ao adolescente crescer e estabilizar-se como adulto, através das relações e dos confrontos consigo Próprio e com o(s) Outro(s), que lhe permitem constituir o seu espaço psíquico, ao mesmo tempo único e singular, mas também, suficientemente aberto e flexível. Estes processos têm por base uma relação de transformação, de modo a que a construção e a criação de novos objetos e objetivos tenha lugar, o que não é possível sem a existência de tensões, de conflitos, que geram sofrimento e dor mental.

A adolescência caracteriza-se por períodos de turbulência e de desarmonia, o que pode ser pensado como um processo de "*aprender com a experiência*" (Bion, 1962/1991). O adolescente de hoje não é o mesmo de amanhã, o que impõe a necessidade de se constituírem novas funções psíquicas, com a finalidade de poder conter os processos que permitem o caminho de tornar-se adolescente. Lombardi (2005) acentua a ideia de desconhecido de Bion e liga-a ao processo adolescente, considerando que é nele que se deve focar toda a atenção. Inscrevemos aqui este estudo, na procura do modo como se constitui a singularidade do tornar-se adolescente.

O crescimento normal, durante a adolescência, apresenta uma fragilidade característica. O adolescente depara-se com uma dor psíquica, encontrando-se perante o terrível dilema de simbolizar a sua dor. É a internalização da função de espelho e a sua utilização em diálogos intersubjetivos que possibilita a aquisição de uma capacidade introspectiva. A subjetividade dá lugar à construção de um espaço interno, recetor dos afetos inconscientes, das memórias e das percepções. É este espaço interno que constitui a imaginação privada, a criatividade, funcionando como uma fonte para as relações interpessoais (Bollas, 2011). Neste estudo, importa-nos aprofundar os conceitos que nos permitem compreender o

encontro e a comunicação entre sujeitos, de modo a ser possível explicitar a intersubjetividade presente na relação Eu-Outro.

Na adolescência tem lugar a construção do próprio, o que só é possível na relação que se estabelece com o(s) Outro(s), através da qual emerge o tornar-se. A teoria psicanalítica é rica em teorias que visam aceder à comunicação que tem lugar numa relação intersubjetiva. Neste contexto, as noções de transferência e de contratransferência, são fundamentais, na medida em que são um instrumento precioso para a compreensão da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. Neste estudo, recorreremos a estes conceitos com o objetivo de podermos compreender e explicitar a dinâmica intersubjetiva presente no tornar-se adolescente.

A noção de transferência, tal como é descrita nas teorias da relação de objeto, é importante, pois permite compreender o movimento de construção dos processos psíquicos. Dentro dos trabalhos sobre a transferência, destacam-se os de Klein (1932/1969), que dão conta da transferência como uma representação de uma fantasia inconsciente que traduz as relações com o mundo interno. Mais tarde, com o processo de formação de símbolos, passa a considerar-se a importância da transferência na passagem de emoções e fantasias de um objeto a outro (Klein, 1952/1985). Contudo, é Heimann (1956), seguidora de Klein, que desenvolve a interpretação da transferência, na medida em que o ego do paciente pode compreender as suas experiências emocionais, os seus impulsos e as suas vicissitudes, tornando consciente, despertando a relação com o objeto. Deste modo, a transferência passa a ser compreendida como um veículo de comunicação que possibilita um maior conhecimento sobre o sujeito.

Para Heimann (1956) é a constituição de uma matriz fértil que permite determinar o comportamento racional, a representação das ideias e a aceitação das interpretações, levando em termos terapêuticos, a um aumento do conhecimento consciente do paciente sobre si mesmo, sobre seus impulsos e defesas, permitindo trazer à consciência as suas fantasias inconscientes. Neste processo, as palavras são de grande importância, desenvolvendo um pensamento claro e crítico, sendo um veículo de comunicação.

De acordo com o modelo conceptual, assim variam os desenvolvimentos teóricos sobre o conceito de transferência, sendo dada maior importância à interpretação, na ou da

transferência. Bollas (1983) faz uma reflexão importante sobre o "*aqui e agora*" da transferência, permitindo compreender o mundo infantil do sujeito através do questionamento que o analista faz sobre o que é que o paciente representa em cada momento particular da análise. Green (2005) desenvolve a noção de dupla transferência, na qual está presente a transferência para o objeto, mas onde está incluído o ato de falar, implicando que a transferência comporte dimensões que não podem ser contidas no discurso. Encontramo-nos perante uma dimensão de cariz intersubjetivo, essencial na relação entre sujeitos, facilitadora da compreensão do processo de tornar-se adolescente, já que nele não é apenas a linguagem falada que está em jogo, mas o não dito que ganha importância.

Pensar a transferência implica pensar também a contratransferência, numa passagem do lugar do Outro, a um lugar do próprio, num caminho onde está presente a construção, que só é possível através da co-construção, numa relação dinâmica e intersubjetiva, que permite pensar os processos psíquicos do crescimento, inerentes ao de tornar-se adolescente. Na teoria psicanalítica, a contratransferência constitui-se como um instrumento de investigação para os processos inconscientes, sendo fundamental ter consciência da resposta emocional do próprio, de modo a ser possível aceder ao inconsciente do Outro, através da compreensão dos sentimentos despertados no próprio. Para Heimann (1950), a contratransferência passa progressivamente de obstáculo que é preciso eliminar, para ser considerada como um instrumento fundamental para a compreensão do Outro, o que no paradigma intersubjetivo passa a ser visto como algo que surge no jogo dialético entre as realidades subjetivas de ambos e a realidade intersubjetiva que é co-criada na interação.

Ao longo dos anos foram muitos os trabalhos realizados sobre a noção de contratransferência, mas aqui importa-nos apenas fazer referência aos que nos permitem dar conta da relação de interação entre sujeitos, na qual está presente uma relação intersubjetiva. Money-Kyrle (1956) desenvolveu o conceito de contratransferência normal, explicitando que a mente do analista funciona numa rápida oscilação, entre a introjeção e a projeção, do mundo interno do paciente, o que lhe permite manter uma relação empática. Com os trabalhos desenvolvidos por Bion (1962/1991) sobre a identificação projetiva, como um modo inconsciente de comunicação, foi possível operar-se uma evolução ao nível dos trabalhos de Heimann (1956) e de Money-Kyrle (1956), passando a considerar-se a contratransferência como um instrumento fundamental para compreender as transformações psíquicas do sujeito.

Racker (1960) foi outro dos autores que se dedicou ao estudo aprofundado da contratransferência, descrevendo-a como obstáculo quando funcionava como identificação complementar; como instrumento técnico, no caso da identificação concordante, e como campo, no qual o analisando pode adquirir uma experiência diferente da que teve inicialmente. Em trabalhos posteriores faz uma distinção entre dois grupos: (1) o grupo kleiniano, dentro da tradição das relações de objeto, chamando a atenção para a diferença de espaço entre o analista e o paciente. (2) e o grupo independente, o qual dá uma atenção em separado ao analista e ao paciente, defendendo que só assim é possível realizar uma prática criativa.

A noção de campo começa desde logo a ganhar grande importância, em particular através dos desenvolvimentos realizados por Baranger & Baranger (1961) que descrevem a contratransferência como uma visão mais ampla do processo analítico, concebendo-o como um campo dinâmico, composto pela díade, onde estão envolvidas duas pessoas, uma não podendo ser compreendida sem a outra. Assim, o campo analítico desenvolve-se com base na interação de duas pessoas, juntas em fantasias inconscientes, que estruturam o campo bi-pessoal. Para Brown (2011) este conceito encontra-se na base do que no presente se designa por co-construção, ou seja, uma terceira entidade, na estrutura de uma fantasia do inconsciente partilhado, que emerge espontaneamente, na intersubjetividade do encontro analítico.

As noções de transferência e de contratransferência constituem-se como fundamentais para a compreensão das transformações presentes no campo analítico. São conceitos dotados de uma grande riqueza e especificidade, muito familiares no contexto clínico e que possibilitam um alargamento da compreensão dos processos envolvidos na dinâmica da relação, na qual encontramos presente uma transformação. Neste estudo, recorreremos à sua utilização para podermos explicitar as transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente, compreendido como um processo ativo e dinâmico, no qual está presente uma relação intersubjetiva de transformação e de co-construção.

Na adolescência, o encontro que se estabelece entre o que cada um transporta é por si só gerador de mudanças e de transformações, pelo que a dinâmica transfero-contratransferencial desenvolvida por Thomä & Kächele (1989), com base no modelo da interação continente-conteúdo reveste-se de uma extrema importância, dentro deste jogo de intrincações recíprocas, entre o que não é conhecido mas que pode ser revelado, ou seja,

dotado de um sentido e de um significado. Podemos equacionar a questão recorrendo à noção de figurabilidade, na medida em que se constitui um novo sentido, ou seja, trata-se de um processo que não pertence nem à transferência nem à contratransferência, mas sim a um jogo que resulta das suas intrincações recíprocas.

Quando pensamos no processo de tornar-se adolescente a figurabilidade surge como um conceito importante na medida em que, face a cada novo desconhecido, surge a necessidade de o representar, pelo que é fundamental a sua organização, de modo a que se constituam novos processos psíquicos, ainda que estes se estruturam com base nos já existentes, numa articulação dinâmica que se processa entre o velho e o novo, numa transformação entre o conhecido e o desconhecido. Botella & Botella (2005) concebem a figurabilidade como um processo instintivo, cujas qualidades derivam do movimento intrapsíquico de convergência, dos estímulos internos e externos, próxima de um trabalho de regressão, quase alucinatório. A figurabilidade não deve ser reduzida a uma imagem, ela é o resultado de um processo complexo, próximo do que decorre nos sonhos, funcionando em grande parte em processo primário, pois quando ocorre uma ligação nas representações é que se passa para o processo secundário.

Tornar-se adolescente implica uma gestão das fortes tensões e das discontinuidades presentes durante este momento do desenvolvimento, já que só desta forma é possível a integração, ou seja, a passagem para a representação, que leva a uma (re)organização, constituindo-se como uma forma particular de pensamento. À medida que o adolescente se vai tornando, vai descobrindo e revelando o que estava lá à partida, a representação que estava lá em potencial, mas que tal como na figurabilidade, só no final pode ser revelada.

Numa analogia com a arte, o artista propõe a sua obra à simbolização. Não lhe chegando a criação, preocupa-se com o modo como esta pode ser recebida pelo Outro que participa no processo de criação, o que permite a partilha da experiência emocional, de uma forma ativa (Korff-Sausse, 2006). Tornar-se adolescente é ser, ao mesmo tempo, a matéria-prima e o artista, funcionando como fonte de inspiração e de criação do Eu e da relação Eu-Outro.

No tornar-se adolescente importa-nos compreender de que modo é que se processa a construção do próprio, a qual só tem lugar na relação com o(s) Outro(s), com quem estabelece uma relação de co-construção. Neste contexto, a noção de encontro constitui-se como fundamental, sendo a noção de intersubjetividade a que melhor dá conta da interação

dinâmica que se estabelece entre sujeitos, revelando as experiências subjetivas que aqui têm lugar (Dunn, 1995). No entanto, este é um conceito muito mais vasto, que se constitui como um desafio epistemológico e clínico para o paradigma clássico.

O conceito de intersubjetividade é essencial para uma melhor compreensão do modo como o adolescente se constrói, uma vez que durante este momento do desenvolvimento estão em jogo um conjunto de qualidades psíquicas e de realidades subjetivas. Os fenómenos psicológicos não se devem compreender separados do contexto intersubjetivo, no qual ocorrem, o que implica ter em conta o espaço criado pela interação do par (Stolorow & Atwood, 1992). A intersubjetividade tem na sua base os processos interativos que ocorrem entre dois sujeitos, o que implica o reconhecimento do Outro, para que na sua presença o próprio possa experienciar a sua própria subjectividade (Stolorow & Atwood, 1996). Para Machado (2007) a intersubjetividade é compreendida como um processo pelo qual duas pessoas chegam a um reconhecimento mútuo do outro, como um sujeito separado, mas no qual ocorrem experiências equivalentes às do próprio.

Com base nestas perspetivas, a construção do sujeito passa a ser pensada como um processo dialético, no qual está presente um movimento contínuo em que se desenvolve a subjetividade através da intersubjetividade criada em conjunto por dois sujeitos. O conceito do terceiro analítico descrito por Ogden (1994) como "*(...) o produto de uma dialética única gerada (entre) as diferentes subjetividades do analista e do analisando dentro do setting analítico*" (op. cit; pp. 4), constitui-se como um conceito fundamental para a descrição de como é que uma pessoa participa no pensamento/sonho de outra pessoa, sendo capaz de pensar/sonhar consigo própria. Para Machado (2007) "*a própria capacidade de pensar e de se pensar implica a intersubjetividade*" (op. cit; pp. 50). A subjetividade do sujeito pressupõe a existência de um espaço intersubjetivo, o que por sua vez implica uma tensão contínua entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, ou seja, entre o que acontece dentro do sujeito e o que está presente na interação com o(s) Outro(s) (Ogden, 1994).

Os desenvolvimentos sobre a intersubjetividade levam-nos a pensar na interseção entre duas subjetividades, ou seja, numa relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto, num lugar de encontro com o Outro, mas também, de encontro consigo próprio. Desta forma, assistimos a um deslocar do lugar da subjetividade do espaço interno do sujeito, para passar para um espaço da relação, onde está presente uma relação intersubjetiva, na qual se encontram, reconhecem e recriam duas subjetividades, num processo interativo em contínua

transformação e regulação. Para Brown (2011) a intersubjetividade é um processo de comunicação inconsciente, criado por cada um dos membros da díade, de modo a trazer um significado idiossincrático para o campo emocional partilhado, numa co-relação que emerge como uma experiência única, geradora de um crescimento, num processo de influência mútua, permitindo a reorganização dos aspetos psíquicos que ocorrem a nível inconsciente.

Os trabalhos desenvolvidos por Brown (2011) revestem-se de uma particular importância, na medida em que partindo de várias correntes teóricas construiu uma teoria integrativa da intersubjetividade, na qual num primeiro momento procura a compreensão de como é que uma mente comunica com outra, numa relação que cria um campo emocional partilhado, no qual está presente um processo afetivo mútuo e regulado, gerando um pensamento sob a forma de uma narrativa. É a comunicação que ocorre inconscientemente que está envolvida na intersubjetividade, numa co-construção criativa entre os membros da díade, na qual os estados da mente próximos do sonho tornam possível a ligação entre duas mentes num trabalho intersubjetivo, espontâneo e inconsciente, num processo de crescimento mútuo que possibilita a reorganização dos aspetos psíquicos, o que vai ao encontro do que Ferro (2006/2009) descreve como uma atividade baseada na identificação projetiva.

O encontro intersubjetivo é fundamental para que tenha lugar uma relação intersubjetiva, na qual a palavra partilhada é essencial, dado que é ela que permite realizar uma leitura da realidade. É a linguagem, na sua essência, que permite que se manifeste o relacional do homem, estabelecendo uma linha de encontro entre o Eu e o Outro (Gusdorf, 1952/1995). A linguagem surge como um ato relacional, na medida em que é na relação com os outros que se adquire a linguagem, que permite criar significações partilhadas e com a qual é possível pensar-me na relação com o(s) Outro(s). Pensar é sempre descobrir novos significados, a partir da memória que guardamos do passado, da compreensão que temos do presente e do desejo do futuro que queremos construir. Mas, porque não nos limitamos a construir significados e sentidos, há uma necessidade intrínseca de sentido, que nos constitui como pessoas, como um Eu na relação com o(s) Outro(s) Eu(s) (Machado, 2007). É por esta razão que pensar é encontrar a nossa história, quem somos, de que forma é que nos tornamos quem somos, qual é a nossa história, a nossa narrativa. Trata-se de um processo fundamental na constituição de cada sujeito, com um destaque mais acentuado na adolescência, por ser o período do desenvolvimento durante o qual os principais organizadores psíquicos se estão a consolidar.

No processo de desenvolvimento adolescente, o encontro entre sujeitos constitui-se como fundamental, salientando-se a importância dos elementos que possibilitam a comunicação entre duas realidades psíquicas. Para Grotstein (2005), a noção introduzida por Ogden do terceiro analítico é uma tentativa de distinção entre a primeira (1946/1985) e a segunda (1955/1985) definição da identificação projetiva da Klein, contudo é uma interessante e valiosa expressão intersubjetiva da identificação projetiva de Bion.

O conceito de identificação projetiva, amplamente estudado dentro da teoria psicanalítica, permite-nos explicar como é que uma mente evoca uma outra mente para sua parceira, numa experiência partilhada inconscientemente (Klein, 1946/1985). Na sua obra opera uma mudança da visão deste conceito da patologia, para passar a compreendê-lo como um processo normal da vida psíquica, desempenhando um papel importante na formação de símbolos (Klein, 1955/1985). Mas, para o desenvolvimento deste conceito foram fundamentais as contribuições de Bion (1962/1991), que utilizou a identificação projetiva como uma forma de comunicação, o que representa uma amplificação do conceito original com uma grande importância na prática clínica.

Na identificação projetiva intersubjetiva, o que é projetado pelo sujeito e o que é objeto de projeção representa dois sistemas de atividade do *self* e o processo interpessoal deve, por consequência, ser renomeado por "*transidentificação projetiva*" não só para designar o seu modo único transpessoal, mas também para contrastar com a fantasia inconsciente da identificação projetiva intrapsíquica. Neste sentido, apenas uma imagem, ou seja, uma representação de um objeto interno, funciona como se fosse o objeto externo que está a ser manipulado. A transidentificação projetiva deverá funcionar estabelecendo uma ressonância indutiva, entre a imagem do objeto formado, pela projeção do sujeito e pelas imagens do objeto externo ao sujeito, destacando um dos aspetos mais significativos da transidentificação projectiva: a comunicação entre duas realidades psíquicas. Contudo, são os trabalhos de Bion que introduzem os aspetos comunicativos da identificação projetiva, na medida em que o que o sujeito projeta e o objeto da projeção constituem duas entidades separadas, devendo o processo interpessoal ser considerado como uma transidentificação projetiva, para designar o seu modo único transpessoal, que contrasta com as fantasias intrapsíquicas da própria identificação projetiva (Grotstein, 2005).

Com a mudança para uma perspectiva intersubjetivista deixamos para trás a tónica na relação entre o sujeito e o objeto para passarmos a ter dois sujeitos em interação, que se criam

mutuamente nesse espaço intersubjetivo, fruto da relação de encontro. Importa no entanto salientar que "... a abertura à perspectiva intersubjetiva não implica eliminar a perspectiva intrapsíquica, mas sim contextualizá-la, reconhecendo o papel constitutivo da relação na construção de toda a experiência. (...) o que nos permite dizer que não faz sentido opor o intrapsíquico ao intersubjetivo porque ambos os espaços se constituem mutuamente" (Machado, 2007; op. cit; pp. 57). Para Farate (2012), a complementaridade sujeito-objeto, Eu-Outro, fundadora da relação humana, implica a identificação projetiva, na sua dupla incidência, como mecanismo de defesa, tal como foi descrito por Klein e como modo de comunicação primitiva e inconsciente de aprender com a experiência, numa inscrição Bioniana, constituindo-se a identificação projetiva como o conceito chave dos processos de transferência e contratransferência.

Esta passagem para uma lógica onde os modelos coexistem, enriquecendo-se e complementando-se, permite-nos realizar uma leitura mais rica dos fenómenos psíquicos presentes na relação entre sujeitos, possibilitando uma melhor compreensão da relação intersubjetiva presente no processo de tornar-se adolescente. De seguida, iremos compor os conceitos de *techne* e de *campo* como organizadores psíquicos, para pensar as transformações psíquicas e o processo intersubjetivo presente durante o processo de tornar-se adolescente.

1.2. *TECHNE* E *CAMPO*: ORGANIZADORES PARA PENSAR O TORNAR-SE

Para podermos aceder às transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente constituímos como organizadores as noções de *techne* (Vassalli, 2001) e de *campo* (Ferro, 2006/2009), as quais inscrevemos numa relação continente-conteúdo (♀♂) tal como foi descrita por Bion (1962/1991), de modo a ser possível explicitar como é que se constituem os processos psíquicos, num contexto intra e intersubjetivo de co-construção.

Os processos inerentes ao crescimento há muito que são explorados na arte em geral e na poesia em particular. Trata-se de uma forma de dar nome ao desconhecido, de uma forma de expressão dos processos psíquicos inconscientes. É neste contexto que se funda a ciência psicanalítica, com os trabalhos de Freud que procurava compreender a mente humana recorrendo à linguagem para aceder a tratar o inconsciente. Segundo Vassalli (2001), Freud

criou um problema sobre o verdadeiro significado da história do conhecimento que consistia em entender como é que a mudança epistemológica, na nova era da natureza da mente, podia ser explorada. É na obra "*A interpretação dos sonhos*" que Freud (1900/1953) estrutura a Psicanálise como uma ciência, estabelecendo um método, passando a ser claramente diferenciado de outras áreas de investigação, da fisiologia, da biologia, e mais tarde, das ciências sociais e da filosofia. É neste contexto que recorre ao termo *techne*.

Mas, é Vassalli (2001), quem muito mais tarde volta a este conceito para o aprofundar, assimilando este conceito Grego ao que hoje designamos por técnica, ou seja, uma prática inscrita na noção de uma funcionalidade perfeita que corresponde ao modelo mecânico, baseando-se na utilização especial da razão, aproximando-se da produção artística, o que vai ao encontro da formulação de Freud (1900/1953, op. cit; pp. 549) de que "*fomos obrigados a construir um caminho no escuro*" construindo uma teoria metodológica que permite pensar o funcionamento psíquico, assente na premissa de que a certeza e a evidência são critérios importantes, que levam a uma adaptação metodológica complexa e intensa, introduzindo uma nova abordagem em muitas das questões contemporâneas sobre a ciência psicanalítica.

Para Aristóteles *techne* é o nome dado a uma atividade hábil (*poiesis*) que acompanha o seu propósito na produção de um trabalho particular. Quando algo é produzido, o resultado não é qualquer coisa que já existia necessariamente, que foi dada, é algo que só pode ser compreendido apenas quando emerge, alguma coisa que pode ser compreendida como um processo de "tornar-se". O objeto da *techne* é o possível, uma coisa que pode ser ou não ser. Não existe um conhecimento absoluto ou certo a respeito, mas sim um palpite a respeito do conhecimento, para o qual a utilização da razão é fundamental. A *techne* mesmo quando é guiada por uma ideia, não pode determinar com certeza o sucesso de uma obra. Assim, o objeto da *techne* é algo que pode alterar o seu comportamento, ou seja, ser de uma forma que não é necessariamente a natural. *Techne* é a origem (*arche*) e a forma (*eidos*) do que surge mas que tem o seu efeito no Outro (*en hetero*) (Vassalli, 2001).

Em termos da história da ciência encontramos uma produtividade desenvolvida de acordo com o modelo Grego da *techne*. Neste sentido, Aristóteles identificou a linguagem como um tipo de discurso (*logos*) que tem de encontrar argumentos convincentes na inclusão e na contingência dos acontecimentos relacionados com os atos humanos. Isto significa que o que existe é um desafio à razão, com o qual podemos lidar através da *techne*, não devemos no entanto esquecer a noção de retórica, dada a sua importância em termos da linguagem, uma

vez que a Psicanálise lida com “*a magia das palavras*”. É a natureza da linguagem que se reflete na retórica, demonstrando que a linguagem é uma ferramenta essencial para o tratamento da mente (Vassalli, 2001).

O termo *techne* não sugere que a Psicanálise deva comprometer-se com ideias filosóficas particulares. Este conceito vem sim possibilitar uma libertação epistemológica face à restrição à qual se encontrava submetida. Não devemos esquecer que Freud sofreu o impacto dos paradigmas e das formas de pensar já existentes, mas, a emergência da Psicanálise ocorre dentro dos paradigmas científicos, procurando refletir sobre o sujeito. Neste sentido, o trabalho terapêutico pode ganhar um aumento de significado e de *insight* através da ação da *techne*, no sentido Grego, estabelecendo uma tradição na investigação da mente. Esta definição apresenta um particular interesse, já que toda a forma de arte é entendida como algo que se vai tornando, o que leva a considerar como é que algo se pode tornar, podendo ser capaz de ser ou não ser. A *techne*, tal como a Psicanálise, possibilita a investigação e produz conhecimento (Vassalli, 2001).

Através da utilização do conceito de *techne* procuramos explicitar o próprio processo de tornar-se adolescente, no sentido em que é algo que não está construído à partida, mas que se vai tornando, aproximando-se da produção artística, na medida em que existe o propósito de comunicar, mas a forma como o artista o faz é algo que se vai revelando na obra, que vai emergindo, revelando o próprio processo de criação. Neste sentido, podemos enunciar Caper (2009) quando diz que o “... *trabalho de um escultor, que não está claro no início, mas que emerge durante o processo de criação*” (op. cit; pp. 47). Trata-se de uma espécie de aprendizagem, que revela o conhecimento através da análise do processo único que produz o resultado. A *techne* é um improviso de uma tarefa específica, que permite não só aprender com o problema, mas tentar resolvê-lo, como “... *o artista transforma o seu material num processo que expressa a sua visão*” (op. cit; pp. 48). Tal como o processo adolescente traduz um conjunto de construções psíquicas que estão em curso durante este período do desenvolvimento, é através da sua compreensão que podemos aceder aos mecanismos psíquicos que se estão a construir internamente.

Outro conceito que vamos utilizar, para podermos constituir como organizador psíquico para pensar as transformações presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente, é o de *campo*. Este conceito surge com base nos trabalhos desenvolvidos por

Baranger & Baranger (1961), mas foram os desenvolvimentos posteriores que tiveram um maior impacto na literatura psicanalítica, nomeadamente os trabalhos de Ferro, em Itália, onde salienta a sua importância para a compreensão da noção de intersubjetividade.

Inicialmente, Ferro (1999/2000) define o *campo* como sendo uma matriz de histórias possíveis, na qual está presente uma oscilação entre o saber permanecer na dúvida (Ps), permitindo uma abertura a histórias infinitas (ou a infinitos significados) e a opção pelo "*facto selecionado*" que implica uma escolha de uma hipótese interpretativa, que nasça de uma emoção que liga o que estava disperso em Ps (posição esquizoparanóide), levando a que se feche o significado, constituindo-se um significado prevalente, que reorganiza a partir de um determinado vértice tudo o que se formou no *campo*, levando a uma passagem para D (posição depressiva). Com base neste posicionamento, o *campo* passa a ser definido com as seguintes características: (1) torna-se o espaço-tempo onde tem início a turbulência emocional que o encontro analítico ativa; (2) é uma função em relação aos dois membros da dupla, mas com um grau elevadíssimo de não saturação; (3) torna-se o lugar-tempo do início das narrações que são a alfabetização das proto-emoções presentes na dupla, que são continuamente transformadas em narrativas fluídas, levando a uma formação contínua de elementos alfa.

A adolescência é um período de descoberta, do novo ainda desconhecido que agora tem de ser significado e integrado no antigo, já conhecido. Assim experimentam-se novos sentimentos e emoções, num processo inconsciente de descoberta de novos sentidos e significados, possibilitando a integração das transformações presentes neste momento do desenvolvimento. A noção de *campo*, tal como foi descrita por Ferro (2002), apresenta uma grande importância porque encontramos um processo inconsciente de transformação, no qual são experienciadas emoções não representadas, levando à introdução do conceito de narrativas, as quais funcionam como veículos de transformação para as fantasias partilhadas inconscientemente, facto que tem na sua base o trabalho de Bion (1965/1982) sobre as transformações. Assim, o *campo* é compreendido como o meio das operações de transformação, narrativas e pequenos *insights* sucessivos.

O processo adolescente pode através do recurso a estas conceções ser assimilado a uma narração conjunta, em que cada adolescente procura realizar uma alfabetização das protoemoções, ou seja, dar sentido à turbulência interna, permitindo uma evolução, num contínuo construtivo. A construção de significados é feita com recurso à "*narração*", uma vez

que é através dela que os enredos crescem, se articulam, se desenvolvem, por vezes de uma forma imprevisível e impensável, sem que exista uma verdade pré-construída, geradora de uma transformação co-narrativa, potenciadora de novos significados (Ferro, 1999/2000). No entanto, para Ferro (2007/2011) o importante é a relação que se estabelece entre o funcionamento e o disfuncionamento, na medida em que o importante é a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, assim como o reverso, a relação entre o objeto e o sujeito, já que é nessa interação que se gera um *campo*, no qual é possível a transformação.

A teoria de Ferro (2006/2009), desenvolvida a partir da reflexão sobre o trabalho de Bion relativamente ao funcionamento da mente, chama a atenção para a capacidade de recebermos as respostas emocionalmente, as quais contribuem depois para o *campo*, após a nossa intervenção. Deste modo, a mente do sujeito, cujo efeito da transformação não só transforma as protoemoções do caos numa figura emocional com sentido, como também leva à repetição dessa operação, estruturando o método com que o processo decorre, ou seja, estrutura a função alfa. O jogo de projeção-introjeção-reprojeção-reintrojeção permite a diferenciação de um espaço oco, de um espaço de conversão, de um espaço de repetição e de um espaço de preenchimento pleno, ou seja, torna possível diferenciar o continente (♀), do conteúdo (♂). Quando continente e conteúdo se relacionam um com o outro, ocorre a primeira relação entre uma mente e outra mente, mas também, de uma mente consigo própria. O pensamento de sonho não está diretamente acessível, exceto em situações particulares, em especial por algumas operações mentais que podem ser representadas pela oscilação entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva (PS↔D), a oscilação entre continente-conteúdo (♀♂) e a oscilação entre a capacidade negativa e o facto selecionado (NC↔SF). A informação do pensamento do sonho pode ser obtida pelos derivados da narrativa, o que por sua vez dá lugar à transformação dos pictogramas, levando a que a mesma emoção possa ser vista de diferentes formas.

O *campo* tornou-se um lugar onde todos os mundos se podem abrir como resultado do encontro, que não é só espacial mas também temporal, habitado pelo presente e pelo passado, aberto ao futuro, permanecendo em constante movimento com um padrão próprio (Ferro, 2007/2011). A adolescência é o momento do desenvolvimento de encontro com o próprio mas também com o(s) Outro(s), ocorrendo uma procura de construção, de integração psíquica que decorre num tempo e num espaço que medeia a passagem entre um momento inicial e um

final deste processo do desenvolvimento, mas também, num tempo interno, num continuum que liga o ontem, o hoje e o amanhã, ou seja, a infância, a adolescência e a vida adulta.

A noção de *campo* constitui-se como fundamental para explicitar este momento do crescimento, já que nele está presente uma contínua oscilação, alternando entre a abertura de significados e o fechamento ao conhecimento (Ferro, 2007/2011). Da mesma forma que o adolescente oscila entre a avidez, a procura, o desejo de explorar vs. a impotência, o fechamento, o retraimento, numa retirada quase narcísica. É a possibilidade de utilizarmos as noções de continente-conteúdo (♀ ♂), posição esquizoparanóide, posição depressiva (PS↔D) e capacidade negativa e facto selecionado (NC↔SF) que nos é possível dar conta da oscilação que está em curso, pelo que estes conceitos irão permitir uma melhor compreensão destes fenómenos, já que são visíveis nas narrativas do adolescente, sendo reveladoras do processo que é tornar-se adolescente.

Para podermos realizar a leitura dos processos psíquicos em construção durante o processo de desenvolvimento adolescente, definimos como organizadores psíquicos as noções de *techne* e de *campo*, pois possibilitam-nos aceder e compreender de que modo é que se constituem os processos mentais durante a passagem da infância à vida adulta, no tornar-se adolescente. Estes conceitos devem inscrever-se numa relação do tipo continente-conteúdo (Bion, 1962/1991), facilitadora da compreensão do movimento que permite a passagem da significação para um nível mais elaborado de abstração, que se constitui como uma condição importante para o crescimento mental, sendo ainda reveladora do processo criativo, que de acordo com Bollas (2011) é fundamental para a compreensão das relações interpessoais.

Techne e *campo*, ao serem inscritos na teoria do pensamento, na dinâmica continente-conteúdo (♀ ♂), passamos a estar perante uma oscilação entre a *techne* e o *campo*, na qual está presente circularidade psíquica, inerente à relação continente-conteúdo, que mais não é do que a relação entre a capacidade de simbolizar, de dar um sentido e um significado ao desconhecido, numa articulação com os objetos internos, que depois de comunicados numa relação intersubjetiva são reveladores das transformações psíquicas em curso, possibilitando um entendimento da intersubjetividade presente na interação Eu-Outro, dotado de um espaço e de um tempo próprio no qual é possível constituir-se o Ser, ou seja, o tornar-se adolescente.

A *techne* pode ser pensada como um lugar continente, na medida em que o seu objeto se revela em função do seu comportamento (Vassalli, 2001). Esta descrição vai ao encontro da descrição feita do continente, como sendo um lugar onde o objeto é projectado (Bion, 1970/1991). Por contraponto surge, o *campo*, no lugar de conteúdo, composto pelas suas narrativas e pelas áreas de resistência dupla que geram a necessidade de manter a distância, de modo a que num momento seguinte seja possível a interpretação e a significação (Ferro, 1999/2000), da mesma forma que os conteúdos são significados através do continente. Mas, dada a dinâmica de interação, o reverso também é possível, ou seja, o *campo* pode ser assimilado a um continente, já que condensa um conjunto de histórias possíveis, num espaço-tempo onde tem lugar a turbulência emocional que o encontro ativa (Ferro, 1999/2000). A *techne*, como conteúdo, revela o que foi produzido (Vassalli, 2001).

Techne-campo ao serem inscritos numa relação do tipo continente-contéudo, passam a ser entendidos através de uma dinâmica intersubjetiva geradora de um espaço de co-construção, revelador da dinâmica inerente às transformações psíquicas em curso no processo de tornar-se adolescente, permitindo-nos compreender de que modo é que estas decorrem, numa relação intra e intersubjetiva, mas também, de que modo é que a relação que se estabelece com o(s) Outro(s) tem influência nas transformações psíquicas em curso no tornar-se adolescente.

O conceito de identificação projetiva é essencial para explicitar o processo de diferenciação entre o sujeito/objeto e do desenvolvimento que ocorre através da relação de objeto, de comunicação entre o interior e o exterior. Com as concepções de Bion (1962/1991), a identificação projetiva leva a oscilações dinâmicas entre a dispersão e a integração, promotoras do crescimento (Marques, 1999). Para Ferro (2011), a noção de identificação projetiva constitui-se como fundamental para a compreensão dos processos de comunicação, uma vez que resulta de uma atividade básica da mente, que tem como função ativar a formação dos elementos alfa, que por sua vez vão gerar no *campo* o aparecimento dos derivados das narrativas, aos quais é possível acedermos através da noção de transferência. Cortiñas (2011) defende que a identificação projetiva tem como função a comunicação, considerando o processo de simbolização como um processo relacional, salientando a importância de duas mentes gerarem novos significados, ou seja, novas relações dotadas de novas possibilidades.

É a identificação projetiva que estabelece melhor a importância da relação com o real, o externo, o objeto, que passa a ser considerado fundamental na construção e no desenvolvimento do sujeito. Deste modo, coloca em lugar de destaque o objeto externo que passa a ter com o objeto interno relações de intimidade, de reciprocidade e de enriquecimentos mútuos (Marques, 1999). Aos objetos externo são atribuídas qualidades psíquicas às quais podemos aceder através da *techne*, promovendo o estabelecimento de um processo de comunicação, de relações continente-conteúdo, aqui *techne-campo*, promotoras do desenvolvimento e o crescimento do sujeito, através da sustentação do conhecimento e da contínua atividade de pensar e de (re)criar.

O próprio processo de tornar-se adolescente é em si mesmo dinâmico e criativo, podendo ser pensado com recurso à analogia de "*construir no escuro*" (Caper, 2009), na medida em que existe um conjunto de processos psíquicos que se estão a formar e que só são possíveis devido às transformações que vão ocorrendo, no espaço e no tempo de ser adolescente a caminho de vir a ser adulto. A operacionalização destes dois conceitos: *techne* e *campo*, assim como a sua articulação com toda a inscrição teórica subjacente, possibilitará uma nova leitura dos processos psíquicos subjacentes em construção durante este período do desenvolvimento.

No próximo capítulo vamos proceder à descrição do Rorschach como instrumento, uma vez que a análise e a interpretação das respostas Rorschach irão ser realizadas com base nos procedimentos definidos para a *techne* e para o *campo*.

2. O INSTRUMENTO

*“Todo eu sou feito de memória.
Tudo o que passou
me acompanha
e também o que não passou:
a minha memória
é feita de recordar
e de imaginar que recordo...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 154) Vol. I

O Rorschach, em termos objetivos é constituído por 10 cartões, apresentando cada um uma mancha de tinta de cores: preto e branco; preto, branco e vermelho; pastel. A mancha é construída à volta de um eixo central, conferindo ao cartão um carácter simétrico, podendo ser unilateral ou bilateral. Cada cartão apresenta um conteúdo manifesto, aquele que é diretamente observável pela dimensão estrutural do próprio cartão e um conteúdo latente, aquele que está implícito em cada um dos cartões e que é revelado pela sua dimensão simbólica.

No contexto da passagem da prova os cartões são apresentados pela sua ordem e individualmente, sendo dada uma instrução que apela ao duplo convite projeção/percepção. Neste estudo, seguimos a instrução descrita por Chabert (1983/1998): *“vou mostrar-lhe dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir desses cartões”* (op. cit., pp. 43). Esta instrução permite uma referência ao relacional, que se estabelece através de três termos: o sujeito–teste–clínico, a solicitação perceptiva e projetiva e a limitação da prova aos dez cartões que se contrapõe ao apelo de *“dizer tudo”*.

Ao longo dos anos, os trabalhos de investigação do Rorschach desenvolveram-se em dois percursos distintos: por um lado, na relação com as lógicas e os racionais de teste de medida e, por outro lado, numa procura de sustentação no modelo psicanalítico. Nos trabalhos

que sustentam o racional de teste, a preocupação é a de estabelecer dados formais e qualitativos que permitam identificar e definir grupos psicopatológicos, com base na discriminação de sinais. Na avaliação quantitativa, é necessário um rigor muito grande na passagem da prova, bem como a utilização de critérios muito precisos na cotação. Já os trabalhos que se baseiam no modelo psicanalítico têm em conta a concepção da psicopatologia que se inscreve nos modelos que a Psicanálise estabeleceu, onde estão presentes mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas dadas pelo sujeito, emergindo como fundamentais as noções de conflito, de angústia, de mecanismo de defesa, da representação de si e das relações (Marques, 1999).

Para uma melhor contextualização do instrumento fazemos, de seguida, uma referência sucinta aos principais trabalhos que estiveram na base da sua estruturação teórica. O Rorschach foi criado em 1921, por Hermann Rorschach (1947/1967), surgindo num contexto em que dominava a Psiquiatria, já que o seu fundador decidiu estudar Medicina, especializando-se em 1910, em Psiquiatria, na Universidade de Zurique, dirigida por Bleuler, que havia estudado com Charcot e onde também se encontrava Jung. Os trabalhos e os interesses de H. Rorschach (1947/1967), dizem respeito à investigação científica para fins clínicos, inscrita nas concepções associacionistas, mas submetida ao impacto das novas concepções em psicologia e em psicopatologia e com o peso da Psicanálise já que, à época, Freud tinha descrito a associação livre como a forma de aceder ao inconsciente, sendo o método utilizado para aceder ao conhecimento e ao diagnóstico das várias perturbações mentais.

Inicialmente, o Rorschach não apresentava uma teoria por base, mas tinha como função estabelecer um diagnóstico, procurando uma relação entre a percepção e a personalidade, normal ou patológica. Para H. Rorschach (1947/1967), a percepção encontrava-se intimamente ligada à noção de interpretação, a chamada apercepção, através da qual se poderá aceder à personalidade do sujeito. Isso significa que na base do trabalho que o sujeito realiza há uma percepção, mas o processo que conduz à emergência da resposta Rorschach coloca em interação outros mecanismos psicológicos, ou seja, a partir da associação, é a interpretação que se torna uma forma específica da percepção.

É com base na concepção da percepção como interpretação que se desenvolvem alguns dos estudos sobre o Rorschach. Os que têm uma maior aceitação e que são mais divulgados e defendidos, são os que procuram conciliar a existência de elementos perceptivos e projetivos.

Os trabalhos de Rapaport (1952) deram início a um trabalho de sistematização no Rorschach, com base nos conceitos da Psicanálise. Neste estudo fazemos referência a alguns dos desenvolvimentos clássicos, com inscrição na escola Francesa, de modo a ser possível contextualizar a forma como o instrumento era utilizado e darmos conta da evolução que se operou com a inscrição em novas concepções que o foram alargando e enriquecendo do ponto de vista conceptual, elucidando-nos sobre a forma como o instrumento é utilizado atualmente.

Nos trabalhos desenvolvidos na escola Francesa, Rausch de Traubenberg (1983) formula a conceptualização do Rorschach, como: *“um espaço de interações entre a atividade perceptiva e a atividade fantasmática, entre a realidade externa do objeto conhecido e a realidade interna do objeto vivenciado: esta hipótese é correlativa daquela que diz que o Rorschach testa a presença da imagem do corpo integrado”* (op. cit., pp. 17). Os elementos que permitem considerar o Rorschach como um verdadeiro espaço de interações são os seguintes: as características objetivas do estímulo estruturado mas ambíguo, construído mas não concluído, total mas alterado, cheio e vazio; a dimensão simbólica que se enraíza na articulação das suas características; a instrução dada que reenvia para o perceptivo e para o imaginário; os componentes das respostas e o processo de resposta que remodela uma realidade externa, em função das necessidades e das fantasias internas. Assim, *“dar um sentido é lançar nos devaneios, as visões, os fantasmas, é também referenciar-se a uma realidade objetiva que faça-se o que se fizer, rapidamente é singularizada, quando não sempre subjetiva. Descodificar este sentido é encontrar a parte respeitante ao percebido e ao fantasmático, ao real e ao imaginário, nas múltiplas interações regidas pela necessidade de representação de si”* (op. cit., pp. 20).

Ainda dentro desta linha, mas com um maior peso da psicopatologia, encontramos os trabalhos de Chabert (1983/1998 e 1987/1998), que aprofundam os referenciais psicanalíticos do Rorschach, apresentando uma dupla orientação para analisar o conteúdo latente do material, a representação de si e a representação da relação, os quais nos dão conta da constituição da identidade e dos processos de identificação, mas também da dinâmica do desenvolvimento libidinal, elementos que nos permitem proceder à elaboração de um diagnóstico diferencial.

Nestes trabalhos, domina a relação entre o Rorschach e a Psicanálise, ou seja, o Rorschach é uma Psicanálise aplicada, na medida em que utiliza os conceitos desta, adaptando-os de modo a poderem ser utilizados no contexto da situação projetiva. Neste

sentido, chama a atenção para a importância dos fenómenos transferenciais, da parte do sujeito, na situação projetiva, destacando uma direção dupla: “*como mecanismo de deslocamento que permite a expressão de conteúdos inconscientes através da mediação do material fornecido; depois, na reativação, durante a aplicação, de modalidades relacionais particulares, com referência latente à relação com as figuras parentais*” (Chabert, 1983/1998; op. cit., pp. 36). Da parte do clínico, chama a atenção para o que designa por posições contratransferenciais, onde salienta o facto de uma mesma instrução, que solicita a perceção e a projeção no conteúdo manifesto, poder ser entendida de diferentes formas pelo sujeito, mas também, de ser compreendida e sustentada por expectativas diferentes, definidas pelas representações que variam de um técnico para outro.

A inscrição do Rorschach no modelo psicanalítico, procura estabelecer uma formulação do material que é proposto ao sujeito e este deve ser considerado como um objeto, no sentido psicanalítico do termo, ou seja, é um objeto que deve ser investido, identificado e nomeado de Outro; de mancha passa a imagem que, por sua vez, passa à palavra, a conceito, a símbolo. Assim, “*...as manchas, que não são identificadas enquanto tal, são designadas a partir das significações que delas emanam*” (Marques, 1999; op. cit., pp. 203).

Ao inscrevermos o instrumento nestas conceções, a perceção sofre alterações significativas em relação às conceções anteriores, passando a ter semelhanças com as representações internas, com os objetos internos de que dispõe, devendo ser encarada como um processo criativo, em que externo e interno não só comunicam, mas essa comunicação faz com que não seja só o externo, encontrado no interno e o interno, encontrado no externo, mas que seja o resultado transformado desse encontro, dessa comunicação. Assim, a perceção permite aceder a um novo objeto, através de um processo de criação. Esse novo objeto, que não é nem interno nem externo, é o resultado de um processo de união e de integração dos dois mundos assimilados e separados, em comunicação, à procura de novas significações que possam ser colocadas em novas relações continente-conteúdo, ou seja, os objetos podem ser contidos, transformados, criados e reunidos, para que se restaure o equilíbrio e se abram as vias da significação e do conhecimento (Marques, 1999).

As manchas que apresentamos ao sujeito constituem-se como uma impressão sensorial que deverá ser organizada com recurso à perceção, que no Rorschach tem, ao mesmo tempo, elementos precisos da realidade externa e elementos que apresentam, por um lado, um carácter de estabilidade, pelas suas características estruturais e sensoriais, mas, por outro, revelam um

caráter inquietante e desestabilizador, pelo desconhecido do seu significado. É por este motivo que a percepção, no Rorschach, não é um processo passivo, uma vez que impõe que se estabeleça uma relação entre o sujeito e o objeto (Marques, 1999).

É através das qualidades perceptivas da mancha que podemos aceder às qualidades psíquicas do sujeito, através de uma análise e de uma compreensão das dimensões que estruturam o instrumento. A simetria é uma das dimensões fundamentais do material, a qual tem sido estudada por Marques & Aleixo (1994), uma vez que se trata de uma característica perceptiva do material, presente em todas as manchas Rorschach, conferindo-lhe uma coesão e uma harmonia, que apesar de ser harmoniosa é inquietante, porque desconhecida. Outra dimensão a ter em conta é o seu valor simbólico, associado a cada um dos cartões, que tem sido alvo de vários estudos, em particular os desenvolvidos por Marques, onde estão presentes as referências à destabilização, ao conflito e ao desconhecido.

Todos os desenvolvimentos presentes neste trabalho revelam-se de uma extrema importância para a compreensão do processo de tornar-se, pois tal como Marques (1999) explicita, na vida mental estão presentes, por um lado, movimentos de coesão e de harmonia, onde se jogam a unificação e a integração e, por outro lado, o desconhecido e a dispersão, constituindo-se todos estes movimentos como elementos fundamentais presentes no crescimento e no desenvolvimento.

O alargamento dos referenciais teóricos dentro do modelo psicanalítico, nomeadamente a partir dos trabalhos de Bion, com a Teoria do Pensamento (1962) e com o Modelo das Transformações (1965/1982), suscitou um alargamento das conceções que fundam a análise do Rorschach. Em Portugal, Maria Emília Marques (1999) foi pioneira no desenvolvimento de todo um trabalho que visa constituir o Rorschach como um método de observação para pensar o sujeito, através do qual é possível aceder às transformações por ele realizadas, dado que estas são comunicadas ao Outro através das respostas Rorschach.

No capítulo seguinte iremos apresentar mais detalhadamente o método Rorschach, de seguida iremos explicitar o modo como iremos proceder à utilização do instrumento. Os trabalhos que têm sido realizados, ao longo dos anos sobre o Rorschach, permitiram chegar a um conjunto de elementos que se constituem como fundamentais, em termos da descrição do material. Neste sentido e tendo por base os referenciais clássicos da escola francesa, fazemos de seguida referência ao agrupamento dos cartões Rorschach, realizando uma leitura da sua simbologia latente e aprofundamos os valores interpretativos da cotação.

2.1. O AGRUPAMENTO DOS CARTÕES RORSCHACH

Os dez cartões que constituem o Rorschach podem ser agrupados de acordo com as características perceptivas de cada cartão, que, por sua vez, apelam a um simbolismo preciso. Neste sentido, partimos do agrupamento apresentado por Marques (1993), num trabalho realizado com pré-adolescentes e adolescentes, em que cada um dos cartões remete para problemáticas específicas, agrupando-se em compactos, bilaterais e pastel.

Para Marques (1993), dentro dos cartões compactos (I, IV, V e VI), os cartões I e V mobilizam diretamente a expressão de um corpo que veicula a identidade, por excelência e secundariamente, os cartões IV e VI, que reenviam para a projeção de um corpo nas suas valências de força, de virilidade e de atividade, valências fundamentais de expressão da integração do paterno e do masculino.

Os cartões de configuração bilateral (II, III e VII) são aqueles que mobilizam mais diretamente o investimento na representação de si face ao Outro, que é visto na lógica da sexuação e da complementaridade. O cartão II, pela participação do vermelho, reativa os afetos ditos brutos, a agressividade e a libido, que devem ser integrados numa dinâmica que revela a interiorização do "*casal parental combinado*", no sentido de Klein. O cartão III solicita diretamente a projeção de um corpo sexualmente identificado. Finalmente, o cartão VII mobiliza uma projeção direta de si, em conjunto com o materno e com o feminino (Marques, 1993).

Os cartões pastel (VIII, IX e X), pela introdução das cores, reenviam para a sensibilidade ao elemento sensorial externo, a qual pode expressar-se numa lógica de integração, que engloba a curiosidade e a exploração ou, pelo contrário, pode fazer emergir uma impressionabilidade que se inscreve numa lógica de contenção, revelando uma sensibilidade narcísica (Marques, 1993).

2.2. A SIMBOLOGIA LATENTE DOS CARTÕES RORSCHACH

No Rorschach está presente toda uma solicitação simbólica, que emerge a partir do encontro entre sujeito–material–clínico, estando esta particularmente ligada à simbologia do conteúdo latente dos cartões. O estudo da simbologia de cada um dos cartões permite dotar o Rorschach de uma dimensão interna, em que podem estar presentes as fantasias e os afetos que são do domínio do inconsciente, permitindo-nos falar não só de um conteúdo manifesto, mas também, de um conteúdo latente.

O valor simbólico dos dez cartões tem vindo a ser objeto de vários trabalhos, que aparecem refletidos e integrados de uma forma bastante extensa em Rausch de Traubenberg (1970/1990), Rausch de Traubenberg & Boizou (1984/1999) e Chabert (1983/1998). Neles encontramos estabelecidos os princípios fundamentais que caracterizam cada um dos cartões de Rorschach.

Após a instrução, dá-se o primeiro contacto com a prova. O **cartão I** coloca o sujeito em contacto com o desconhecido, põe à prova as suas capacidades, quer numa conduta dependente e passiva, quer numa mobilização ativa das suas forças defensivas. A um nível menos evoluído, o cartão reativa a relação com a mãe pré-genital nos seus aspetos positivos e negativos, nas imagens de segurança ou de ameaça (Chabert, 1983/1998).

Pelas características da mancha, nomeadamente o conjunto do negro, do vermelho e do branco, o **cartão II** pode suscitar uma abordagem mais circunscrita das manchas vermelhas, do branco central ou do negro. Para Chabert (1983/1998), a apreensão global da mancha pode suscitar a reativação de fantasmas que reenviam para uma problemática pré-genital de nascimento, de relações precoces com a mãe, simbióticas e/ou destrutivas. Embora o mais relevante seja a articulação que se joga entre um movimento mais evoluído e o mais primário, ou seja, o jogo entre a luta e a competição vs. a exploração e a dispersão.

Trata-se do primeiro cartão que coloca em evidência o relacional, dado o seu carácter bilateral e a cor vermelha, a qual apela diretamente para o pulsional, ou seja, para uma relação intra e intersubjectiva com o Outro, na qual pode emergir a temática da bissexualidade psíquica, muito presente na adolescência, através da qual é possível aceder aos movimentos de aproximação e de afastamento, por vezes investidos numa lógica de opostos, próximo-distante, bom-mau, ligado-desligado. O detalhe branco central é muitas vezes investido como

um suporte para a representação total e não como um espaço vazio (Rausch de Traubenberg, Bloch-Lainé, Duplant, Martin & Poggionovo, 1993).

A disposição espacial do **cartão III** apela à evocação de uma imagem de silhuetas humanas. Atendendo às suas características este cartão apela à representação do Eu na relação com o Outro. Na relação evocada podem estar presentes movimentos de proximidade ou de afastamento, pelo que é muito frequente a utilização de cinestésias, reportando-nos diretamente para a dinâmica da relação Eu-Outro (Chabert, 1983/1998).

No **cartão IV**, a solicitação simbólica advém do estímulo negro, grande, disperso, com a forma humana em filigrana. Pelas características que apresenta sugere uma imagem de potência, de força, de dominação, até mesmo de autoridade, o que suscita a tomada de posição de dominação ou submissão, considerando-se que o papel superegóico pode muito bem ser o de uma imagem paterna, a não ser que apareça, no seio de uma importante relação a dois, uma imagem materna onipotente (Chabert, 1983/1998). Para Rausch de Traubenberg, Bloch-Lainé, Duplant, Martin & Poggionovo (1993), a simbologia fálica deste cartão parece propor aos adolescentes um suporte estável, que possibilita a interpretação a um nível simbólico.

O **cartão V**, pela forma e pela cor é o mais unitário. Apela à projeção da unidade, suscitando o reconhecimento da unidade corporal e um sentimento de integridade psíquica e/ou somática, que pode ser valorizada narcisicamente ou posta em causa, nos casos de insuficiência mutilante ao nível fantasmático. Assim, as perceções globais que contêm a realidade objetiva impõem-se, mas no caso de existir tensão a unidade pode ser quebrada (Chabert, 1983/1998).

O **cartão VI** apresenta um marcado simbolismo sexual. Apesar de ser bissexuado, é a dimensão fálica que surge mais frequentemente, suscitando uma oscilação entre os movimentos de atividade/passividade, que surgem através das imagens de movimento dadas pelas grandes cinestésias (K) (atividade) e pelas respostas de esbatimento (E) (passividade), independentemente das representações sexuais simbólicas ou não (Chabert, 1983/1998).

O **cartão VII** apresenta um carácter "inacabado" e "desarticulado", revelando-se o estímulo instável e em desequilíbrio, suscitando uma tonalidade emocional neutra ou francamente negativa. Este cartão reenvia o sujeito à imagem feminina ou à imagem maternal, em função da relação primitiva com a mãe, podendo esta ser securizante ou de tipo abandonónico. A reação entre as figuras é colocada num registo de funcionamento evoluído, mas, o balanceamento entre figura/fundo é responsável pelas reações de nível arcaico (Chabert, 1983/1998). Segundo Marques (1993), para as raparigas a representação direta de si

é menos investida e, quando aparece, revela, na maior parte das vezes, confusão ao nível da feminilidade, assim como uma fragilidade ao nível da interação.

O **cartão VIII** introduz as cores pastel, apela à comunicação, à troca, uma vez que este elemento sensorial faz parte do mundo exterior e da afetividade, pelo que este cartão coloca em relação as cores e as emoções (Chabert, 1983/1998). A forma como estão dispostos os espaços brancos pode suscitar respostas a diferentes níveis, desde o primário, quase destrutivo e com uma vivência de destruição corporal, ao secundário e intelectualizado, em que a valorização ou a falha narcísica são frequentemente evocadas.

O **cartão IX** é um cartão rico e cheio de significados possíveis, pela mistura de três cores e pela perspectiva de profundidade. A solicitação à regressão pode ser sentida e reenviar a um simbolismo materno pré-genital, associado aos fantasmas da gravidez e do nascimento, podendo, por vezes, solicitar uma oscilação entre um movimento de vida e outro de destruição (Chabert, 1983/1998).

O **cartão X** é o último cartão, mas também, o mais solto e o mais colorido, pelo que desempenha um papel importante ao nível da transferência. A solicitação simbólica é diferente, consoante a elaboração é feita a partir das cores, na dispersão ou na importância dada ao espaço branco. Perante a dispersão perceptiva, as suas características podem provocar reações de libertação e de prazer ou de ansiedade. A fragmentação e a dispersão, que podem surgir como securizantes para alguns sujeitos, constituem uma limitação para outros, que são diretamente reenviados para a sua angústia de fragmentação, o que advém da falha maciça dos mecanismos de defesa sob a forma de percepções aberrantes, ou da projeção direta da ameaça de aniquilamento (Rausch de Traubenberg & Boizou; 1984/1999). Para Rausch de Traubenberg, Bloch-Lainé, Duplant, Martin & Poggionovo (1993), a reatividade é marcada por meios mais evoluídos, que tornam as respostas dotadas de "abstração", ao pensar o afeto, a intelectualização e a emoção, abrindo o caminho de acesso à sublimação.

2.3. OS ELEMENTOS INTERPRETATIVOS DA COTAÇÃO

A cotação das respostas, tal como Chabert (1983/1998) a explicita, não tem a ver com uma cotação sistemática, mas deve antes apoiar-se numa escuta atenta das respostas, tendo em conta o seu processo de construção. Neste sentido, vamos procurar descrever de uma forma

resumida, mas objetiva e pertinente, os três grupos que constituem a cotação dos protocolos de Rorschach: os modos de apreensão, os determinantes e os conteúdos.

2.3.1. Os Modos de Apreensão

O modo de apreensão refere-se à localização na mancha, permite-nos compreender de que forma é que o sujeito capta a imagem, pelo que podemos distinguir: as respostas globais (G), que se referem ao conjunto do cartão; as respostas de grande detalhe (D), que dizem respeito a partes facilmente isoláveis do conjunto e que são dadas com frequência; as respostas localizadas nos espaços brancos internos ou externos da mancha (DbI); as respostas referentes a recortes mais raros, por serem mais pequenos ou por serem mais estranhos na sua delimitação (Dd); e, por fim, os detalhes "oligofrénicos" (Do), que designam os elementos tratados isoladamente, quando normalmente fazem parte de um todo.

As respostas globais (G) dizem respeito à capacidade do sujeito de apreender a mancha na sua totalidade. Este tipo de respostas, quando aparece em primeiro lugar, pode ser indicador de uma defesa contra a ansiedade provocada pela situação de teste, o que pode levar o sujeito a procurar ter um maior controlo sobre a realidade.

Os G simples abordam a mancha através de uma leitura superficial, e surgem nos cartões onde é propícia a abordagem banal, visto que possuem uma boa qualidade formal e são mais frequentes nos cartões compactos. Para Chabert (1983/1998), a presença ou a ausência dos G simples dá-nos conta da existência, ou não, de uma inserção numa realidade objetal claramente definida e diferenciada. Deste modo, estes tipos de G's podem ser considerados como fundamentais para o reconhecimento de uma identidade estável.

Existem três tipos de G's sincréticos: os confabulados, os contaminados e os informulados. Os confabulados (DG) resultam de uma generalização abusiva, a partir de uma parte da mancha. Os contaminados (D/G) resultam da combinação ou sobreposição de duas imagens ou associações distintas, numa combinação absurda, em que é possível encontrar o elemento original. Os informulados (D(G)) decorrem de uma referência aos vários elementos que constituem o todo, não chegando a dar o todo (Rausch de Traubenberg & Boizou, 1984/1999).

Os G's vagos encontram-se normalmente associados a determinantes formais pouco precisos (F±) e são frequentemente utilizados enquanto mecanismos de defesa contra uma

implicação, um empenho sentido como inquietante, ou até mesmo perigoso, uma vez que o sujeito se concentra em dar respostas pouco precisas e indeterminadas, que o protegem contra representações mais claras ou significativas que ele tenta evitar ou esconder (Chabert, 1983/1998).

Nos G's impressionistas, os elementos sensoriais são dominantes na determinação da resposta. O que os caracteriza, em primeiro lugar, é o facto de o engrama ser perceptivamente impreciso, assim como acompanhado por manifestações sensíveis, muitas vezes intensas, que mostram a sugestibilidade do sujeito, a sua permeabilidade às qualidades do material, às quais reage fortemente, ao submeter-se ao seu impacto, chegando ao ponto de descurar o quadro perceptivo que serve de molde às suas respostas (Chabert, 1983/1998).

As respostas de grande detalhe (D) são aquelas que se referem a uma localização parcial do cartão, nos seus recortes mais utilizados, pelo que os mais referenciados são os recortes perceptivamente mais evidentes e que são frequentemente os maiores (Chabert, 1983/1998).

As respostas de pequeno detalhe (Dd) dizem respeito à utilização de pequenas partes da mancha raramente isoladas. Os pequenos detalhes podem estar associados a determinantes de boa qualidade perceptiva, revelando uma boa atividade intelectual ou cognitiva, meticulosa e minuciosa.

As respostas de detalhe branco (Dbl) são as respostas referentes às lacunas intramaculares ou extramaculares, em que o sujeito opera uma inversão figura/fundo. Neste tipo de respostas, é importante ter em conta o cartão em que surge, já que apresenta um significado diferente, de acordo com o conteúdo latente de cada cartão.

As respostas de detalhe oligofrénico (Do) caracterizam-se pela existência de uma dupla restrição: restrição do campo perceptivo, em que normalmente é interpretada apenas uma parte do todo pelo sujeito e uma restrição do conteúdo, ou seja, no caso em que é dado habitualmente um conteúdo humano ou animal inteiro, o sujeito restringe a resposta, dando apenas uma parte do todo.

2.3.2. Os Determinantes

Os determinantes dizem respeito às características do estímulo que determinam a imagem, permitindo-nos aceder aos processos mentais que deram lugar à construção da resposta. Os determinantes podem ser de três tipos: formais, cinestésicos e sensoriais. Tradicionalmente estabelecem-se algumas correspondências entre os diferentes tipos de determinantes e algumas operações psíquicas. Assim, a forma remete para a percepção, a cinestesia para a projeção e a cor para a vivência.

Os determinantes formais (F) dizem respeito à identificação perceptiva de uma imagem, apenas pela configuração da mancha, sem que seja feita referência à cor ou ao movimento. Estas respostas testemunham a utilização, por parte do sujeito, de um modo de funcionamento corrente, normal e necessário, que consiste em apreender a realidade o mais próximo possível do seu contorno formal, num movimento de adaptação realista. Estas respostas permitem a distinção entre o interior e o exterior, pois nelas a delimitação entre o dentro e o fora surge na capacidade de figurar um objeto num envelope perceptivo, que desempenha um papel de membrana ou de barreira e que permite a distinção e a diferenciação entre o sujeito e o seu mundo envolvente (Chabert, 1983/1998).

Nas respostas F, torna-se importante analisar a qualidade formal que estas podem assumir. Temos assim: respostas de boa qualidade formal (F+), respostas de má qualidade formal (F-) e respostas de qualidade formal imprecisa (F±).

As respostas de boa qualidade formal (F+) correspondem a um duplo critério: por um lado são respostas relativamente correntes, dadas por uma população de referência, pela evidência de um engrama e pela proximidade do conteúdo que ele induz em certas figuras. Por outro lado existe um critério estatístico, que confere a estas respostas um estatuto de fator de adaptação e de socialização.

O aparecimento de respostas de má qualidade formal (F-) é necessário, na medida em que assinalam, de acordo com Chabert (1983/1998), a capacidade de o sujeito se enganar, de falhar, de se perturbar e de diminuir o controlo. Desde que o seu número não seja demasiado elevado, o seu aparecimento é positivo, uma vez que revela uma certa flexibilidade no funcionamento mental do sujeito.

As respostas formais imprecisas (F±) traduzem, por um lado, os engramas de conteúdos pouco definidos e, por outro lado, as oscilações e as hesitações do sujeito entre

duas ou mais imagens. Estas respostas podem ainda dar conta de um pensamento vago que não encontra os seus limites e que deixa a realidade exterior escapar a qualquer circunscrição objetiva.

Os determinantes cinestésicos caracterizam-se pelo movimento, pela animação, pela dinamização das imagens e engramas apresentados. Dentro deste grupo podemos encontrar: as cinestésias humanas, que dizem respeito a imagens humanas inteiras (K) ou partes do corpo humano em movimento (kp), cinestésias animais (kan) e cinestésias de objetos (kob).

As cinestésias humanas (K), para Chabert (1983/1998), são definidas por três critérios: pela forma, que caracteriza os limites do recorte perceptivo; pelo conteúdo, porque se trata de uma representação humana, sendo necessária a imagem do corpo humano inteiro para que esta cotação seja possível; e pela projeção, uma vez que é necessária a atribuição de um movimento à imagem humana. Para Rausch de Traubenberg & Boizou (1984/1999), a atribuição de uma ação ou de uma intenção ao engrama humano foi interpretada, quer no sentido de uma capacidade de interiorização e de empatia, quer no de uma facilidade em utilizar a *rêverie* e o mundo inconsciente, quer ainda no de uma aptidão para pensar a experiência emocional.

Estas respostas permitem-nos observar diferentes processos do funcionamento psíquico do sujeito, da representação de si e da representação da relação, na sua dupla vertente, identidade e identificação. As cinestésias mais correntes são dadas nos cartões com configuração bilateral, que marcam a orientação relacional e identificatória das representações humanas. Já as cinestésias que aparecem nos cartões compactos são preferencialmente focadas na imagem de si, porque se trata de um recurso e portanto de uma relação com um modelo (Chabert, 1983/1998).

Algumas respostas cinestésicas podem colocar em evidência uma delimitação pouco clara entre o sujeito e o outro, o que se traduz por conteúdos ambíguos e por uma tendência para confundir os protagonistas expressa, por vezes, através de uma relação simbiótica ou de duplo. Pelo contrário, a capacidade de atribuir ao percepto uma resposta humana sem ambiguidade, num reconhecimento claro entre o que pertence ao sujeito e ao objeto, dá conta do carácter operante dos processos de diferenciação e de individuação, ou seja, da separação sujeito/objeto, a qual permite a distinção entre o Eu e o Outro.

Quando a identificação sexual é relativamente estável e harmoniosa, as representações humanas são qualificadas em termos masculinos e femininos. Já quando as identificações são conflituais, o confronto com as representações humanas encontra-se carregado de ansiedade, de hesitações e de evitamento, o que pode levar a que os personagens não sejam identificados sexualmente.

As cinestésias menores (k) podem ser respostas de animais (kan), de objetos (kob) ou de imagens humanas parcialmente apreendidas (kp), sendo que todas elas têm de se acompanhar de uma atribuição de movimento.

As cinestésias animais (kan) consistem na atribuição de movimento a um animal inteiro, que se encontra numa atitude ou numa relação de intenção humana. Para Chabert (1983/1998), estas respostas reenviam para o deslocamento dos movimentos pulsionais, sob a forma de imagens animais.

As cinestésias de objeto (kob) dizem respeito a um movimento forte, que é projetado num conteúdo objeto, desde que esse movimento seja forte e que emane do interior desse objeto. É esta referência a uma origem interna que autoriza a correspondência entre estas respostas e as pulsões. Nos conteúdos associados a estas cinestésias encontramos o dualismo pulsões de vida/pulsões de morte, em que a dimensão agressiva/destrutiva é a mais explorada (Chabert, 1983/1998).

As pequenas cinestésias (kp) dizem respeito a partes do corpo humano vistas em movimento, ou à projeção de movimentos mínimos sobre imagens humanas inteiras, mas implicadas apenas parcialmente nas ações projetadas como gestos, mímicas ou esboço de um movimento.

Os determinantes sensoriais manifestam a receptividade do sujeito às características objetivas do material, às suas qualidades cromáticas, evidenciando as características percetivas do cartão, no que diz respeito à cor (C e C'), ao esbatimento (E) e às respostas claro obscuro (Clob).

No Rorschach as cores existem como uma realidade objetiva, revelando a sua presença nas respostas dadas pelo sujeito, a sensibilidade às características da realidade externa (Chabert, 1983/1998). As respostas cor exprimem o clima afetivo do sujeito, quando confrontado com os seus sentimentos e as reativações fantasmáticas e emocionais suscitadas pelos cartões.

Na literatura, as respostas cor têm sido relacionadas com os movimentos pulsionais, mais fortes nos cartões II e III, pela presença do vermelho e com o aparecimento de temas mais regressivos nos cartões pastel (VIII, IX e X). O vermelho e o pastel são designados cores cromáticas (C); já o negro, o cinzento e o branco, designam-se por cores acromáticas (C'). Estas, por sua vez, encontram-se ligadas à sensibilidade depressiva e narcísica, podendo dar conta de um humor depressivo, de inquietude e de ansiedade difusa. Na análise destas respostas é importante ter em atenção os determinantes que lhes estão associados e que dão conta da sensibilidade do sujeito, quer ao mundo interno, quer ao mundo externo. Quando a cor é integrada na resposta, numa forma precisa, temos as respostas FC ou FC'. Mas, se o impacto da cor predomina sobre a formalização, temos as respostas CF ou C'F.

As respostas esbatimento (E) são determinadas pela sensibilidade aos tons esbatidos, às nuances da mancha. Podemos distinguir três tipos de esbatimento: os de textura, os de difusão e os de perspectiva.

Os esbatimentos de textura caracterizam-se pela sensibilidade tátil e esta diz respeito ao tocar. A interpretação clássica destas respostas confere-lhes um carácter regressivo, uma vez que a reativação de uma sensibilidade muito precoce, primária, como o tocar, o ser tocado, reenvia-nos para os cuidados da primeira infância, para as carícias maternas, para as manipulações do corpo do bebé.

Chabert (1983/1998), a respeito dos esbatimentos de textura, evoca os trabalhos de Didier Anzieu sobre o “eu pele”, para lembrar a importância dos contactos sensoriais na constituição do envelope corporal e na constituição das relações objetais. Os esbatimentos de textura referem-se a uma procura de apoio, de um continente, de um envelope que procura sustentar os estímulos que são sentidos com uma maior intensidade.

No esbatimento de difusão importa destacar o seu significado defensivo, presente nas respostas que têm um papel de écran, relativamente às emergências fantasmáticas, participando em mecanismos de recalçamento das suas implicações projetivas, as quais revelam uma certa fragilidade da identidade, que se traduz por imagens vagas, evanescentes, instáveis, efêmeras, acentuando a diluição, a deserção de referências estáveis, o aspeto desfiado do envelope.

Os esbatimentos de perspectiva são os mais raros e caracterizam-se por imagens de contornos indefinidos. A utilização tridimensional do esbatimento, para Chabert (1983/1998),

ao mesmo tempo que assinala as insatisfações narcísicas do sujeito, sublinha o esforço para as remediar, através de uma conduta ativa e de uma articulação percetivo-sensorial, que condensa a expressão de falta e as tentativas para a compensar.

As respostas claro obscuro, com caráter disfórico (Clob), são determinadas pelo aspeto denso da mancha e da tonalidade nitidamente disfórica da resposta. Neste clima emocional de mal-estar também é possível encontrarmos presente a existência de sentimentos de perigo, de ameaça ou de destruição, reveladores de uma grande angústia. Existe uma maior incidência deste tipo de respostas nos cartões IV e VI, dado o seu caráter compacto. O elemento formal pode ser dominante (FClob), quando a angústia que é evocada é controlada. Quando a angústia que é evocada não é circunscrita pelos mecanismos de defesa (ClobF), o elemento formal não é dominante.

2.3.3. Os Conteúdos

A análise dos conteúdos permite dar sentido e operar uma articulação com as outras dimensões da resposta, abrindo o caminho à compreensão, pela confrontação com a imagem que figura a representação. Os conteúdos encontram-se agrupados em categorias, as quais percorrem uma gama muito vasta, do real ao irreal, do coletivo ao individual. As categorias mais importantes, quer pela sua frequência, quer pelo seu significado, são as que dizem respeito ao mundo animal, ao reino vegetal, aos fenómenos naturais, à representação humana e para-humana e ao mundo dos objetos fabricados, bem como às relações que se estabelecem entre estas diferentes categorias (Rausch de Traubenberg & Boizou, 1984/1999).

O aparecimento das respostas humanas (H) dá conta da capacidade do indivíduo de se identificar com a imagem humana que funda e estrutura a sua identidade. O aparecimento das respostas animais (A) constitui-se como um fator de integração adaptativa e socializante. Algumas das respostas que aparecem com frequência em determinadas localizações, levam-nos a pensar no seu valor simbólico, pelo que consideramos importante destacar os conteúdos de valor sexual, os conteúdos de valência agressiva, os conteúdos de valência regressiva e as temáticas.

Os conteúdos de valor sexual surgem frequentemente associados aos cartões II, IV e VI, pelo reconhecimento do poder fálico traduzido pela produção de imagens simbólicas. Teremos em atenção a capacidade de integração presente na resposta, face à dimensão

pulsional sexual. Os conteúdos com valência agressiva podem, por vezes, traduzir a marca da agressividade, dando conta de modalidades específicas de relação de objeto. Os conteúdos com valência regressiva reenviam, habitualmente, para as primeiras relações de objeto, aparecendo, normalmente, através de referência ao mundo marinho. Dentro dos conteúdos devemos ainda ter presentes as temáticas que dizem respeito à pesquisa do tema presente nas sequências associativas para cada um dos cartões Rorschach.

No próximo capítulo explicitamos o método Rorschach, uma vez que será com base na sua (re)criação que procuramos aceder aos processos psíquicos envolvidos na relação que se estabelece entre o(s) sujeito(s) e/com o(s) objeto(s), numa dinâmica intra e intersubjetiva.

3. O MÉTODO RORSCHACH

*“Há espaços feitos só
para não serem espaços.
(...)”*

Sena, J. (op. cit., pp. 187) Vol. II

O Rorschach é um instrumento privilegiado para o acesso à natureza dos processos psíquicos do sujeito. A sua inscrição num referencial psicanalítico confere-lhe um estatuto de método, através do qual passa a ser possível a compreensão da dinâmica interna do sujeito, assim como a explicitação das transformações psíquicas envolvidas nos processos de crescimento mental.

A adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza pela presença de fortes contrastes e por intensos movimentos de identificação projetiva, reveladores do dinamismo mental, no sentido de existir um conjunto de processos já formados e outros que se encontram em construção no próprio, mas principalmente na relação que se estabelece com o(s) Outro(s), numa dinâmica intra e intersubjetiva, num processo co-constutivo de (re)significação do antigo, já familiar e conhecido e do novo, ainda desconhecido, que necessita de ser simbolizado e integrado.

Para podermos aceder ao objetivo deste estudo, ou seja, para melhor descrevermos as transformações psíquicas e o processo intersubjetivo presente no tornar-se adolescente, recorreremos ao Rorschach, não apenas como instrumento de acesso ao sujeito, mas na qualidade de método, pois só assim é possível aceder, descrever e compreender de que modo é que se constituem os processos psíquicos presentes no tornar-se. Neste sentido, importa-nos explicitar a forma como o Rorschach passa de instrumento a método, pelo que iremos referir-nos a essa passagem de uma forma sucinta, de modo a podermos, em seguida, conceptualizar

as especificidades do método subjacentes a esta investigação, a qual tem por base os organizadores psíquicos: *techne* e *campo*.

No capítulo anterior foi possível situarmos o contexto em que o Rorschach foi criado e a passagem para a sua utilização no presente, inscrito nos trabalhos que têm por base a teoria psicanalítica, através dos quais passou a ser dotado de novas possibilidades metodológicas, passando a ser utilizado como um método, o que só é possível através da sua inscrição num outro paradigma metodológico que privilegia a significação, através da qual podemos aceder aos processos mentais essenciais na relação que se estabelece entre sujeito(s) e/com o(s) objeto(s).

Esta nova inscrição metodológica leva a que o Rorschach seja considerado, não como um instrumento de observação que tem uma ação sobre um sujeito, mas como um instrumento dotado de qualidades específicas, psíquicas, que suscitam no sujeito uma reação que tem lugar num espaço-tempo situacional e relacional específico. Deste modo, deverá ser pensado em função dos modelos teóricos e dos conceitos utilizados, os quais deverão ser claramente formulados, porque só desta forma é que nos será possível considerar “... o Rorschach como um método e não um teste.” (Marques, 1999; op. cit., pp. 183), tendo em conta as relações que se estabeleceram com a Psicanálise, em particular com as teorias da relação de objeto e com o modelo do pensamento que permitem que os fenómenos possam ser compreendidos e interpretados.

Neste sentido, o Rorschach deverá ser inscrito dentro dos paradigmas consagrados pela significação, nos quais devem ser “... consideradas as relações entre a realidade e a fantasia, realidade e rêverie, entre percepção e participação subjetiva, fantasma e vivência, entre percepção e representação.” (Marques, 1999; op. cit., pp. 188). Estas relações permitem o acesso aos movimentos não só conscientes, mas também aos pré-conscientes e aos inconscientes, através de uma mobilização de representações e de afetos, operando um trabalho criativo de dar um sentido e um significado ao “caos” apresentado pelas manchas. É através do processo de significação que se opera que nos é possível aceder à natureza do sujeito, ou seja, à representação de si, numa articulação com a relação que decorre com o(s) objeto(s), numa dinâmica entre pulsão-defesa-adaptação, num balanceamento entre os processos primário e secundário (Marques, 1999).

Os modelos compreensivos, nomeadamente aqueles que têm em conta as conceções que assentam na relação, na transformação e no pensamento, que têm por base a noção de

ligação e de co-construção, são essenciais para o acesso e para a compreensão dos processos dinâmicos do funcionamento mental. Mas, para uma melhor compreensão dos fenômenos psíquicos, o que consideramos ser fundamental, tal como defende Marques (1999), é a coerência e a convergência entre o objeto e o método, possibilitando a criação de novos conceitos e modelos, em conjunto com a necessidade defendida por Hollway & Jefferson (2000) de conter e usar o inconsciente (do observador e do observado), como um instrumento essencial em qualquer investigação de inscrição na teoria psicanalítica.

O objetivo deste estudo é o de podermos aceder, para melhor compreendermos as transformações psíquicas e o processo intersubjetivo que tem lugar na passagem de um momento a outro do processo de desenvolvimento adolescente. O Rorschach, na condição de método, permite-nos o acesso e a descrição da natureza dos processos psíquicos do sujeito. Foi com este intuito que convidámos cada um dos adolescentes, em dois momentos distintos do seu desenvolvimento, a dar um sentido à mancha, desprovida, à partida, de qualquer significado, colocando-os perante a tarefa de ligar o que é da ordem do externo e do interno, para depois comunicarem sobre a forma de uma resposta-símbolo, reveladora da ligação que teve lugar entre o dentro e o fora, (re)criado e (re)significado, dotado de novos(s) sentido(s) e significado(s).

As respostas dadas pelos adolescentes, em cada um dos momentos do seu desenvolvimento irão ser compreendidas com base na aceção de Marques (1999) do processo de resposta Rorschach, ou seja, *“como um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo subordinado pela relação, a intersubjetividade”* (op. cit., pp. 191). As respostas dadas a cada um dos cartões Rorschach surgem, assim, como um “novo objeto” que resulta do encontro entre o sujeito e a mancha, entre o interno e o externo, o que só foi possível através de um trabalho de transformação, de construção e de comunicação, inscrito numa relação onde as respostas são criadas e depois comunicadas. A situação projetiva é, assim, reveladora da natureza dos objetos internos, mobilizados pelos processos externos, sendo reveladora dos processos de união, de integração e de (re)criação, presentes nas transformações psíquicas inerentes ao crescimento mental.

Neste estudo, as respostas Rorschach irão constituir-se como novos objeto(s) reveladores do movimento entre o interno e o externo, o conhecido e o desconhecido, ligado e (re)criado sob a forma de uma imagem símbolo. A imagem-símbolo encontrada pelo adolescente reúne os movimentos presentes no Eu, mas também na relação que se estabelece

com o(s) Outro(s) o que implica “... *um trabalho feito do estabelecimento de redes de relação que são a réplica renovada de outras relações já estabelecidas e indicadoras das que se podem estabelecer: relações de sujeito a objeto, de sujeito com objeto, mas também relações de sujeito a sujeito, de sujeito com sujeito*” (Marques, 1999; op. cit., pp. 193).

Importa-nos ainda compreender como é que decorre a passagem de um momento a outro do crescimento, ou seja, quais são as transformações psíquicas que têm lugar entre os 13 e os 16 anos, pelo que será fundamental analisar a sequência das respostas dadas em cada um dos cartões, analisando como é que se realiza a passagem de um objeto a outro na sequência das respostas dadas, a cada um dos cartões e na sequência do protocolo. Assim, iremos pensar a sequência das respostas dadas como se de uma narrativa se tratasse (Hollway & Jefferson, 2000), procurando compreender as transformações psíquicas em curso, em cada um dos momentos do desenvolvimento e na passagem que se operou de um momento a outro, destacando no processo psíquico do tornar-se os movimentos de integração que favorecem o crescimento, aqueles que ainda se encontram em formação e em construção, ou aqueles que ainda não se encontram suficientemente consolidados e integrados. Com esta forma de proceder, procuramos aceder à singularidade do sujeito, às particularidades e especificidades de cada adolescente, à dinâmica intra e intersubjetiva presente no processo de tornar-se adolescente.

Na situação Rorschach encontramos presente uma relação dinâmica, uma interação entre o Eu e o Outro, mas também entre várias partes do Eu, pelo que a noção de simbolização, segundo Marques (1999) constitui-se como fundamental para compreender de que modo é que o Rorschach, como uma situação interpessoal, intersubjetiva e disruptiva, impõe o recurso ao símbolo, podendo ser, ao mesmo tempo, considerado um símbolo em si. O encontro entre o sujeito e a mancha obriga-o a percecioná-la de um modo simbólico, sendo a situação vivida de uma forma catastrófica. Com o objetivo de restaurar o equilíbrio perdido, o sujeito dá início a um trabalho de ordenação da desordem interna, do caos que a situação provocou, o que o leva à criação de símbolos. Esta atividade simbólica tem por base o processo de ligação, de transformação e de comunicação entre o mundo interno e o externo, entre o sujeito e o objeto, num movimento contínuo de ligação, transformação e comunicação, que permite a atribuição de um sentido à situação e a criação de um novo objeto interno, dotado de características internas significativas, ao qual nos é possível aceder através das narrativas dos protocolos.

A inscrição do Rorschach nas vias da significação e da simbolização permite-lhe adquirir novas potencialidades. Marques (1999) propõe a sua compreensão como um “*espaço virtual*” no qual se abre um espaço infinito de interpretações, em que o sujeito possa fruir revelando a plasticidade e a disponibilidade das forças (re)criativas de que dispõe, o que vem potenciar novas comunicações, interpretações e simbolizações, fruto da recriação que emerge do confronto entre o conhecido e o desconhecido, o próximo e o distante, o familiar e o estranho.

Esta conceptualização metodológica permite passar da perceção–representação para a significação–simbolização, ou seja, possibilita uma passagem da representação da coisa para a representação da palavra, para a comunicação, ligação, transformação, pensamento e atividade simbólica, o que nos leva a “*considerar que o processo de resposta Rorschach não ocorre num «espaço neutro e pulsional» entre a fantasia e a realidade, mas sim num espaço ativo e continente, onde é possível dar, renovar e criar sentido às coisas e aos objetos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se sustêm na identificação projetiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração*” (Marques, 1999; op. cit., pp. 243).

É neste “*espaço virtual*” que inscrevemos esta investigação, considerando que as respostas Rorschach ocorrem num espaço ativo e dinâmico, pelo que deverá ser compreendido como um *campo*, um lugar continente, transformador e (re)simbolizador do processo criativo de simbolização, ao qual podemos aceder através dos conteúdos-símbolos revelados pela *techne*. Dada a reversibilidade psíquica, a *techne* quando assimilada a um continente possibilita a criação de novos ciclos, geradores de novos sentidos e significados, suscitando uma (re)criação dos conteúdos-símbolos no *campo*, organizando novas procuras que possibilitam a expansão e favorecem o crescimento mental.

A interpretação das respostas Rorschach dadas pelos adolescentes terá por base a leitura clássica do conteúdo latente de cada um dos cartões, assim como a (re)visitação teórica do instrumento realizada com base nas conceções que se inscrevem na dinâmica da relação e do crescimento, as quais permitem uma leitura dos processos de ligação e de co-construção, presentes nas transformações psíquicas.

Na forma como iremos proceder para a análise das respostas Rorschach estaremos atentos a um conjunto de premissas que se estabilizaram através da nova conceptualização que realizámos para a simbologia latente dos cartões e para os vários elementos interpretativos de cotação, tendo sempre presentes os organizadores psíquicos *techne* e *campo*.

As manchas Rorschach revelam-nos um conjunto infinito de significados, o qual se torna finito atendendo ao número limitado das respostas dadas pelo sujeito, as quais traduzem a ligação e a transformação que se operou entre o(s) objeto(s) interno(s) e o(s) externo(s) (Marques, 1999). Através da *techne* iremos realizar uma leitura das transformações que estão em curso no processo de desenvolvimento adolescente, o que só é possível através dos processos de simbolização, considerados por Marques (1999) como essenciais na construção do processo de resposta Rorschach, na medida em que as imagens dadas sobre a forma de símbolos mobilizam uma atividade mental complexa.

Para a análise da *techne* nos protocolos de Rorschach dos adolescentes é importante a resposta-símbolo que é referida, mas principalmente o significado associado a cada símbolo, porque só através da sua interpretação é que é possível acedermos e descrevermos o processo criativo de simbolização e de co-construção presente no tornar-se adolescente. O processo criativo de simbolização será revelador da subjetividade presente no tornar-se, viabilizado através da elaboração do desconhecido e da dor mental. O seu oposto, ou seja, a falha no processo criativo de simbolização, será reveladora da incapacidade do adolescente em aceder à sua singularidade, dada a incapacidade de elaboração da dor mental ligada ao desconhecido.

A sucessão das respostas Rorschach em cada um dos cartões e no conjunto do protocolo irão permitir aceder e descrever, os movimentos psíquicos inerentes ao processo de tornar-se, revelando a existência ou não, de um processo criativo de co-construção que se baseia no movimento criativo de exploração, que pode revelar a originalidade dos processos do pensamento ou a incapacidade em aceder a uma exploração ativa e dinâmica.

Na situação Rorschach constitui-se uma intersubjetividade, que resulta do encontro entre duas subjetividades, resultando o *campo* do encontro entre o sujeito e o material, mas também do encontro entre o presente e o passado, o interno e o externo. As respostas Rorschach traduzem-nos a construção intersubjetiva presente no encontro entre o sujeito e o objeto, traduzindo um conjunto de movimentos que ocorreram no interior do sujeito mas que

resultam, ao mesmo tempo, do encontro naquele espaço e naquele tempo, numa circularidade com um outro espaço e um outro tempo interno.

O *campo* revela-se através de uma relação de circularidade entre o espaço e o tempo, que aqui conceptualizamos através da relação continente-conteúdo ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$), na sua qualidade delimitadora do interno e do externo, facilitadora da comunicação, dada a existência de uma função alfa operante que contém a falta e promove a circularidade do pensamento ($\text{Ps} \leftrightarrow \text{D}$). Por contraponto, quando falha a relação continente-conteúdo existe uma confusão entre o mundo interno e o externo, gerando uma impossibilidade de comunicação, o que se deve a uma falha da função alfa, gerando uma incapacidade ao nível da sua representação, não se verificando uma circularidade do pensamento. Quando não é possível acedermos ao processo intersubjetivo encontramos-nos perante uma incapacidade do adolescente em organizar o caos, originando uma permanência na posição esquizoparanóide (Ps), originando um movimento massivo de identificação projetiva.

Techne-campo ao serem inscritos numa relação do tipo continente-conteúdo ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$), passam a ser compreendidos através de uma dinâmica intersubjetiva geradora de um espaço de co-construção, facilitador da compreensão das transformações psíquicas, que tem lugar entre o primeiro momento e o segundo momento do processo de desenvolvimento adolescente, permitindo-nos aceder aos movimentos psíquicos, ou seja, às relações intra e intersubjetivas que se encontram a decorrer durante o processo de tornar-se adolescente.

No próximo capítulo definimos o objetivo deste estudo, operando uma ligação com o Rorschach, como instrumento privilegiado para aceder às transformações psíquicas presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente.

4. O OBJETIVO DO ESTUDO

*“Será possível
que nada tenha para dizer?
que nada sinta por já ter sentido?
que se tenham tornado inconscientes
o meu pensamento que sentia,
a minha sensibilidade a quem atribuí um pensamento? ...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 293) Vol. I

Este estudo tem por objetivo aceder ao processo de tornar-se adolescente, procurando explicitar e compreender os processos psíquicos que estão envolvidos na passagem da infância à idade adulta. A adolescência tem vindo ao longo dos anos a ser abordada de diferentes formas, mas aqui vamos considera-la como um período do desenvolvimento durante o qual está em (re)construção o Eu, através de movimentos de aproximação e de afastamento ao(s) Outro(s), facilitadores da construção da relação Eu-Outro.

Durante a adolescência o corpo altera-se, transforma-se, dá-se a abertura ao novo, ao desconhecido, ao extrafamiliar, o que implica a constituição de novos organizadores psíquicos, através dos quais seja possível acedermos ao mundo interno do sujeito. Para podermos aceder às transformações psíquicas presentes durante o processo de tornar-se adolescente, revisitamos a teoria psicanalítica, procurando conceitos suficientemente abertos à significação, facilitadores da compreensão e do conhecimento dos processos psíquicos, que dão conta dos movimentos presentes no encontro entre sujeitos, procurando elaborar uma conceção teórica aberta à compreensão do tornar-se adolescente, ou seja, às transformações e ao processo de (re)construção, com inscrição numa relação intra e intersubjetiva.

Para podermos compreender de que modo é que se processam as transformações psíquicas no tornar-se, constituímos como organizadores psíquicos a noção de *techne* (Vassali, 2001) e a de *campo* (Ferro, 2007/2011). O conceito de *techne* permite-nos pensar em algo que

não está construído à partida, mas que se vai alterando e que se vai tornando (Vassali, 2001). Podemos, ainda, ilustrar este conceito com a descrição de Caper (2009) sobre o “...trabalho de um escultor, que não está claro no início, mas que emerge durante o processo de criação (...) o artista transforma o seu material num processo que expressa a sua visão” (op. cit; pp. 48). Este conceito permite-nos compreender o processo de tornar-se como um processo dinâmico de crescimento e de expansão mental, que impõe o “aprender com a experiência” (Bion, 1962/1991).

O *campo* é entendido como o lugar de encontro, de partilha intra e intersubjetiva, dotado de características próprias, no qual está presente um jogo dinâmico ordenado pela identificação projetiva, que possibilita a constituição de um espaço de transformação, no qual emergem os conteúdos, funcionando como um continente, gerador de novos sentidos e significados, revelador do processo de crescimento em curso (Ferro, 2006/2009).

Techne-campo são conceitos que, ao serem inscritos numa relação continente-conteúdo (♀♂), permitem a constituição de uma dinâmica intersubjetiva e de um espaço de co-construção, revelador não só da dinâmica que está presente nas transformações em curso durante o processo que é tornar-se adolescente, mas também, do modo como a relação intersubjetiva que se estabelece com o(s) Outro(s) influencia as transformações psíquicas em curso no tornar-se adolescente, a caminho de vir a ser adulto.

Para acedermos às transformações em curso no processo de tornar-se adolescente, procuramos uma inscrição nas teorias e nos modelos que nos possibilitam pensar sobre os processos que ainda se encontram em construção, os quais consagram a relação, a observação, a descrição e a significação, permitindo o estabelecimento de ligações, numa relação de transformação facilitadora da (re)construção de sentires e sentidos, geradora de novos significados. Desta forma, operamos uma rutura com as lógicas mais convencionais, diretamente ligadas à psicopatologia, alargando os horizontes, possibilitando uma compreensão dinâmica, com uma maior aplicabilidade no presente, em termos do contexto e da prática clínica.

Através desta inscrição metodológica procuramos aceder, para descrever e interpretar, os processos psíquicos que se constituem na passagem da infância à idade adulta. Neste sentido, temos em consideração o modelo hermenêutico, na medida em que é através dele que podemos compreender que não são os fenómenos que interessam, mas antes, a explicação que

neles está oculta. Segundo Marques (1999) compreender não é repetir, mas sim gerar um novo acontecimento, podendo desocultar o que estava dissimulado. “*A hermenêutica funda assim o conhecer na interpretação e a interpretação pode acabar por ser um quase sem fim*” (op. cit; pp. 79). O Rorschach é por excelência um instrumento de interpretação, dado que as manchas mesmo que tendo características sensoriais estruturais específicas são suficientemente ambíguas, encontrando-se desprovidas de um sentido e de um significado, levando a que as respostas dadas pelos adolescentes possam ser alvo de diferentes interpretações através de um processo criativo de simbolização.

A análise das respostas Rorschach dos protocolos dos adolescentes será realizada com base no processo criativo de simbolização e no processo de co-construção para a *techne*, enquanto no *campo* teremos em conta a relação continente-conteúdo e os movimentos de identificação projetiva. Deste modo, procuramos aceder aos processos psíquicos subjacentes às transformações do adolescente que se encontravam ocultos e que são revelados através do tornar-se, movimento ao qual podemos aceder através da leitura e interpretação das respostas símbolos.

A leitura deste processo aproxima-se da noção de Capier (2009) de “*construir no escuro*”, uma vez que o processo de tornar-se é construído pelo adolescente no seu caminho de vir a ser, ainda não o sendo, da mesma forma que as manchas não sendo objetos, são transformadas em símbolos dotado(s) de novo(s) sentido(s) e significado(s).

Na realização deste estudo iremos utilizar o Rorschach, por ser um instrumento que ao ser submetido e sustentado pelas conceções teóricas do pensamento, nos permite aceder e dar a conhecer, as transformações psíquicas em curso no tornar-se adolescente. Neste sentido, recorreremos ao estudo de protocolo(s) e de narrativa(s) para podermos revelar o processo intra e intersubjetivo, inerente ao crescimento, que está em curso na passagem da infância para a vida adulta.

A análise das respostas Rorschach, em cada um dos momentos do processo de tornar-se e na passagem de um momento a outro será analisada com base nos organizadores *techne* e *campo*, a partir dos quais será elaborada uma grelha de análise para o Rorschach, através da qual iremos aceder e dar a conhecer as transformações do Eu e da relação Eu-Outro durante o processo que é tornar-se adolescente.

O Rorschach pelas suas características conceptuais e metodológicas constitui-se como um instrumento que nos permite aceder para conhecer e descrever as transformações psíquicas e o processo intersubjetivo presente no tornar-se adolescente. De instrumento privilegiado para a realização da avaliação psicológica, dada a sua precisão e o seu rigor no acesso ao funcionamento psicológico do sujeito, o Rorschach passa a estar inscrito em novas conceções que permitem dotá-lo de novas qualidades, tornando-o um instrumento extremamente rico para conhecer e dar a conhecer as transformações psíquicas presentes no processo intersubjetivo que é tornar-se adolescente.

Iremos realizar um estudo longitudinal, com base em protocolos de Rorschach recolhidos em dois momentos do tornar-se, inicialmente aos 13 e posteriormente aos 16 anos, no mesmo adolescente. Consideramos que este tipo de estudo é o que melhor nos possibilita dar conta das transformações psíquicas e do processo intersubjetivo presente no tornar-se, ou seja, das inúmeras passagens que se operam durante este período do desenvolvimento, entre o conhecido e o desconhecido, o próximo e o distante, o aberto e o fechado, o familiar e o estranho, numa oscilação que pode ir da união para a dispersão, como pode ir da dispersão para a integração, promovendo os processos de crescimento mental.

Tornar-se adolescente implica a construção de uma relação entre o Eu e o(s) Outro(s), que aqui deve ser inscrita numa relação do tipo continente-conteúdo (Bion, 1962/1991) para ser possível compreendermos de que modo é que as transformações psíquicas presentes no tornar-se transformam o Eu do adolescente e se refletem no Outro, da mesma forma como o Outro, transforma o Eu, numa relação em permanente renovação, descrevendo novos ciclos de procura, de criação, que por sua vez geram novas descobertas, dando lugar a novos ciclos de procura, de ligação e de (re)criação, entre o conhecido e o desconhecido, dando juntos lugar a uma nova transformação, gerando novas partidas, possibilitando novas chegadas. Tal como na natureza se sucedem os ciclos de criação, dando o dia lugar à noite, sucedendo-se as várias fases da lua, levando a que os ciclos se renovem na natureza, onde o essencial é a conceção do fim e do princípio, gerador de um novo período de tempo (Eliade, 1969).

Esta relação deverá inscrever-se numa lógica de curiosidade, de desejo e de sonho, compreendida num espaço-tempo, durante o qual se (re)criam novo(s) objecto(s) e objetivo(s), num trabalho de ligação e de comunicação entre o mundo interno e o externo, onde se procura *“aprender com a experiência”* (Bion, 1962/1991), ou seja, aprender com a tarefa de crescer e de Ser.

Mais do que um instrumento de avaliação psicológica, o Rorschach, é um método que, ao ser dotado de um estatuto teórico bem definido e delimitado, permite-nos aceder ao objetivo deste estudo, ou seja, às transformações psíquicas que decorrem durante o processo de desenvolvimento adolescente. Isto só é possível, na medida em que nos permite aceder ao processo de construção de sentido(s), no qual opera a significação e a simbolização, inscritas numa relação do tipo continente-conteúdo, em que a simbolização, através da criação de novos objetos e de novas relações continente-conteúdo, revela ao Outro o pensamento do Próprio. Estes processos operam através do envolvimento e da comunicação entre perceções e representações, internas e externas, numa lógica de identidade, mas também de transformação recíproca das perceções e das representações (Marques, 2005). Deste modo, são as qualidades dos objetos externos que mobilizam e revelam a qualidade das ligações e das transformações dos objetos internos, numa relação recíproca, em que *“é possível e é fundamental apreciar-se como sujeito(s) e objeto(s) se ligam (e ligam), se transforma (e transformam) se envolvem e comunicam e (re)criam as realidades e os objetos, internos e externos”* (Marques, 2005; op. cit., pp. 25).

O processo de tornar-se é gerador de uma *“mudança catastrófica”* (Bion, 1970/1991) levando à constituição de uma nova barreira de contacto entre os objetos, através da qual é possível a transformação, entre o interno e o externo, (re)criando novas realidades, gerando novos significados. Para Marques (2005), o processo de “tornar-se” leva ao estabelecimento de uma nova barreira de contacto entre os objetos, entre o dentro e o fora, entre o inconsciente e o consciente. É através dessa barreira de contacto em ação e em transformação, e da atividade de ligação e comunicação das realidades internas e externas, que se criam novas realidades, realidades estas que levam à realização de novas experiências, geradoras de novas relações continente-conteúdo e de novas significações. É através da utilização desse limite que se pode constituir a função interna de conter e simbolizar, que permite a (re)construção de objetos no espaço interno e a criação de sentires e sentidos, de sujeito e de objeto renovados.

A adolescência constitui-se como o período do desenvolvimento durante o qual a constituição destes processos se realiza por excelência, pelo que constituímos como objetivo deste estudo procurar aceder, compreender e descrever as transformações psíquicas e o processo intersubjetivo que tem lugar entre dois momentos do desenvolvimento adolescente, procurando identificar e explicitar as diferenças na constituição destes processos no feminino e no masculino.

Para acedermos ao objetivo deste estudo, iremos utilizar 18 protocolos de adolescentes, recolhidos em dois momentos distintos, num primeiro momento aos 13 anos e num segundo momento aos 16 anos. Os organizadores psíquicos *techné* e *campo* serão operacionalizados para o Rorschach de modo a ser possível acedermos às transformações psíquicas e ao processo intersubjetivo presente no tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto. Esta inscrição permite que este instrumento possa ser dotado de características que o afastam da inscrição clássica da psicopatologia e o inscrevem numa lógica da significação e do pensamento, possibilitando a compreensão da expansão e do crescimento mental. Deste modo, procuramos com este trabalho aproximar-nos do processo criativo de descoberta e de (re)significação que tem lugar na adolescência e que se revela nas inúmeras transformações que decorrem durante deste período do crescimento e que muito tem sido abordado pela arte, particularmente pela poesia, como ato de (re)criação, que revela ao Outro o trabalho interno de co-construção, presente neste trabalho, através das palavras do poeta Jorge de Sena.

O Rorschach será utilizado como um instrumento de acesso às transformações psíquicas do tornar-se, pelo que partimos das referências clássicas mais usuais e procedemos a uma (re)visitação teórica, operando a sua inscrição concetual nos modelos que privilegiamos para a realização deste estudo, atendendo à simbologia latente dos cartões e aos elementos interpretativos da cotação. Deste modo, procurámos (re)criar o processo de interpretação dos elementos formais da leitura do Rorschach aproximando-os dos modelos da significação e da compreensão, permitindo uma leitura mais próxima dos processos psíquicos em construção.

5. O TIPO DE ESTUDO

*“Tudo o que não vive
tem dureza bastante
para não sentir o tempo...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 252) Vol. I

Para a realização deste estudo procuramos uma inscrição conceptual e metodologica que nos permita aceder e descrever as transformações em curso durante o processo de desenvolvimento adolescente. Neste sentido, inscrevemos este estudo numa metodologia de tipo qualitativo, por ser aquela que segundo Breakwell, Hammand & Fite-Schow (1995), nos permite descrever o processo que se encontra em curso, enunciando diferentes detalhes nesse processo ao longo do tempo. Trata-se de um estudo longitudinal, uma vez que envolve a utilização de protocolos de Rorschach recolhidos em dois momentos distintos: aos 13 anos e aos 16 anos, permitindo desta forma, perceber como é que decorrem as transformações psíquicas na passagem entre um momento e outro do crescimento mental.

O método longitudinal, que classicamente se encontrava ligado à psicologia do desenvolvimento, para a qual muito contribuiu, tem vindo progressivamente a ser abandonado, dada a aparente inadequação dos critérios científicos exigidos por uma abordagem de tipo experimental (Rossi, 1999/2000). Contudo, trata-se de uma abordagem indispensável para compreender as diferenças interindividuais presentes no decorrer do desenvolvimento, constituindo-se como uma ferramenta fundamental para poder dar conta das transformações presentes em diferentes momentos do desenvolvimento no processo de tornar-se adolescente.

Couto (1996) defende que é através da clarificação de um modelo da ciência, aplicado à Psicanálise, que é possível produzir um discurso científico, que tenha em consideração a

especificidade do conhecimento, o qual deve ser suportado por critérios internos de validação centrados na utilização prática dos conceitos e das teorias. Alvarez (2000) defende que um dos aspetos do espírito psicanalítico é a investigação, na medida em que esta leva à descoberta. Green (2000) chama a atenção para a necessidade de articular, em termos psicanalíticos o intrapsíquico e o intersubjetivo. Widlöcher (2003) argumenta a importância do modelo psicanalítico como uma ferramenta de conhecimento e de descoberta. Caper (2009) salienta a importância da Psicanálise na capacidade de observar sem compreender, de modo a que o sentido e a sua compreensão possam emergir, sem ideias saturadas. É nesta lógica de proceder que inscrevemos este estudo, na necessidade de uma inscrição teórica e de um método que organiza o modo de procedermos no acesso às transformações psíquicas em curso durante o tornar-se.

Nesta investigação, iremos realizar um estudo de casos múltiplos, na medida em que os resultados encontrados podem ser considerados mais convincentes, possibilitando que o estudo no geral seja considerado mais consistente. Na aceção de Yin (1994/2001), trata-se de um trabalho que visa a análise do estudo de caso, constituindo uma explanação sobre o caso, ou seja, uma explicação que aqui iremos realizar sob a forma de uma narrativa.

Neste estudo, a análise das respostas dadas pelos adolescentes ao Rorschach será realizada com base no processo de resposta Rorschach (Marques, 1999) e num conjunto de procedimentos de análise que iremos definir para cada um dos organizadores psíquicos: a *techne* e o *campo*. É o encontro entre o que o sujeito nos revela através das respostas Rorschach, os símbolos que produz, comunicados sob a forma de uma narrativa, que por sua vez leva à realização de uma interpretação, através da qual nos é possível aceder às transformações psíquicas e aos processos em construção no que é tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto.

A forma como procuramos realizar este estudo solicita-nos a necessidade de clarificar o modo como se conduz uma investigação em psicologia, atendendo à inscrição epistemológica dos modelos que sustentam o saber e o modo de proceder no acesso ao conhecimento do sujeito. Neste sentido, importa-nos clarificar o posicionamento teórico em que nos inscrevemos para a realização deste trabalho, uma vez que procuramos usar outras metodologias, menos conhecidas, mas que possibilitam um melhor conhecimento dos processos psíquicos em construção durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Para a realização deste tipo de estudo inscrevemo-nos dentro dos métodos qualitativos que, de acordo com Santos (1987), visam a obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo. Não esquecendo a importância do desenvolvimento de novas metodologias, fundamentais para o enriquecimento dos modelos ao serviço da Psicologia Clínica, descrita por Marques (1999) como a ciência do individual, que procura atingir o singular e o único, na sua complexidade e totalidade. Isto implica uma clarificação do "*lugar e do estatuto do objeto de estudo, o sujeito psicológico, a partir de concepções e modelos, que submetem e determinam os métodos e as técnicas, que permitem aceder ao conhecimento deste objeto-sujeito e que irão condicionar as formas de o designar*" (op. cit; pp. 99).

Quando pensamos na necessidade de sustentar conceptualmente este estudo, a Psicanálise é a ciência que por excelência se tem dedicado ao estudo do sujeito, na qual se têm desenvolvido várias teorias ao longo dos últimos anos. No entanto, a investigação em Psicanálise apresenta inúmeras controvérsias, evidenciando uma forte tensão entre a prática e a teoria, pelo que é importante clarificar o seu estatuto científico, definindo o método de investigação que deve ser usado para recolher e tratar a informação, bem como a definição de critérios com validade científica para o conhecimento (Neves, 2008).

Rosado, Neves & Marques (2015) defendem que "*...não é o facto de ser seguida uma metodologia específica que caracteriza a atividade científica; é o facto de se usar uma que se adequa à interrogação posta sobre o objeto e que, dessa forma, o constitui, e que é claramente explicitada, de maneira a poder ser avaliada em conjunto com os dados que produz e que permite interpretar*" (op. cit; pp. 33).

Para Capier (2009), a Psicanálise investiga o psiquismo humano, onde se inscrevem duas lógicas opostas, a do consciente e do inconsciente, sendo na dimensão inconsciente do psiquismo que se constitui o seu objeto de estudo. Segundo Rosado, Neves & Marques (2015), a Psicanálise procura compreender os processos que organizam e mobilizam o psiquismo inconsciente, assim como a comunicação e articulação entre este domínio e o da consciência. Deste modo, o objeto da Psicanálise constitui-se com base nos arranjos sucessivos do olhar, que determinam e são determinados pelas construções teóricas e metodológicas que permitem a sua investigação.

A análise dos dados implica a sua interpretação. Esta faz-se em função de um modelo que informa a leitura, mas é também informado por ela, na medida em que vai dizer sobre esse outro lugar, o do inconsciente do sujeito. A interpretação funda-se no reconhecimento de

que a comunicação constitui um precipitado simbólico de representações inconscientes, que nos remetem para uma diversidade de significações latentes (Rosado, Neves & Marques, 2015). Hollway & Jefferson (2000) descrevem a interpretação como uma arte, um veículo dentro da Psicanálise para o acesso ao conhecimento do sujeito, que opera através da subjetividade, onde a presença dos elementos que sustentam os diferentes níveis de análise, permite uma convergência entre a teoria e o material.

De acordo com Marques (1999), *“O Rorschach deverá sofrer uma modificação face às lógicas mais habituais. De meio usado para a categorização e explicação, ele passará, também, a considerar de uma forma mais explícita e coerente os modelos compreensivos, modelos estes que serão alargados pelas concepções assentes na relação, transformação, ligação e construção. De avaliador e classificador para o diagnóstico, ele passará a instrumento auxiliar que nos facilita aceder aos processos dinâmicos de funcionamento mental, concebidos a partir dos modelos de relação, de crescimento e pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e transformação”* (op. cit., pp. 154-155).

O Rorschach passa assim, a ser considerado como um instrumento dotado de qualidades específicas, psíquicas, que suscitam no sujeito uma reação que tem lugar num espaço-tempo situacional e relacional específico que deverá ser pensado em função dos modelos teóricos e dos conceitos utilizados que deverão ser claramente formulados. Assim, o que permite considerar *“o Rorschach como um método e não um teste, encontram-se nas relações que foram estabelecidas e existem com a Psicanálise, que levam a que as preocupações dominantes vão para os modelos que possibilitem que os fenómenos possam ser interpretados – e não só assimilados, agrupados e explicados”* (Marques, 1999; op. cit., pp. 183).

O Rorschach tem vindo a ser inscrito e fundamentado nos modelos que se inscrevem na Psicanálise. Estes modelos têm vindo a ser alargados e renovados, tornando-se necessário fundamentar o Rorschach nestas novas concepções. Assim, aquilo que neste trabalho procuramos é, tal como descreve Marques (1999), dotar o Rorschach de um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação, que entretanto se têm alargado e renovado. Há que enriquecê-lo com uma teoria mais ampla, que o torne mais sensível à interpretação e à procura de sentidos, bem como aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo os que dão conta do

crescimento e da expansão mental, e que impõem uma atividade de ligação, de transformação e de (re)criação.

O Rorschach pode ser compreendido como um instrumento que permite o acesso à construção de uma narrativa, resultante do encontro entre a realidade externa, as manchas e a realidade interna, o mundo interno do sujeito em permanente transformação e co-construção. A sequência das respostas Rorschach, dada pelo adolescente, pode ser compreendida como se de uma narrativa se tratasse, atendendo à sucessão das imagens símbolos, as quais serão interpretadas com base nos modelos psicanalíticos, abertos à pluralidade de sentidos e de significados, que nos permitem alargar a compreensão do psiquismo e do crescimento mental.

Este estudo inscreve-se numa metodologia de tipo qualitativo, no qual realizamos um estudo de casos múltiplos, longitudinal, de tipo explanatório e explicativo (Yin, 1994/2001). No qual não procuramos lidar com um número alargado de sujeitos, mas antes com a singularidade de cada caso, com as particularidades que constituem a diferença, que devem ser levadas em consideração na subjetividade de cada um dos participantes, pelo que não é possível fazer generalizações, mas antes, pensar o específico de uma forma criativa (Caper, 2009). Desta forma, e um pouco à semelhança do processo de construção criativo e intersubjetivo, presente no tornar-se adolescente, procuramos ampliar o conhecimento, na medida em que é possível aceder ao que verdadeiramente está em construção, possibilitando a observação o "*aprender com a experiência*" (Bion, 1962/1991).

No capítulo seguinte, apresentamos os participantes que nos permitiram a realização deste estudo. Tendo em conta o tipo de estudo em que nos inscrevemos, iremos realizar uma descrição atendendo à sua singularidade e às especificidades fundamentais do seu tornar-se.

6. OS PARTICIPANTES

*“Foi antigamente,
noutro tempo, noutra era...*

*Tu talvez então
vivesses o meu sonho...
eu não...*

...Eu nem era eu...”

Sena, J. (op. cit., pp. 47) Vol. II

Os protocolos de Rorschach utilizados neste estudo foram recolhidos numa Escola Secundária, nos arredores de Lisboa e todos os participantes apresentavam condições semelhantes, que podemos considerar “normativas”, no sentido de recorrerem apenas às suas próprias estratégias para fazerem face ao período do desenvolvimento que estavam a atravessar, sem terem tido necessidade de recorrer, até à data, da passagem da prova a consultas de Psicologia e/ou Psiquiatria.

Os adolescentes que aceitaram participar neste estudo apresentam uma grande homogeneidade ao nível escolar, sem insucesso escolar nos dois momentos da passagem da prova. Apresentam níveis médios de rendimento escolar e nunca foram assinalados com nenhuma dificuldade, nem relacional, nem escolar.

Do ponto de vista familiar, procurámos seleccionar famílias aparentemente estáveis, ou seja, famílias ditas “tradicionais”, em que os filhos se tornam adolescentes no contexto da família. Os pais apresentam idades compreendidas entre os 45 anos, no caso do pai e 43 anos, no caso da mãe, possuem profissões compatíveis com o seu nível de escolaridade, com um estatuto sócio-económico considerado de nível médio. Dois dos participantes não têm irmãos

(uma rapariga e um rapaz), apenas uma das participantes tem dois irmãos, os restantes têm apenas um irmão.

Para a realização deste estudo iremos utilizar 18 protocolos, de sexos diferentes (2 rapazes e 7 raparigas), recolhidos em dois momentos da vida dos adolescentes, primeiro aos 13 anos e mais tarde aos 16 anos, porque nos importa pensar sobre o que é que acontece no tornar-se adolescente, ou seja, o que é que acontece em cada um dos momentos e na passagem de um momento ao outro, de modo a ser possível acedermos às transformações psíquicas e ao processo intersubjetivo presente no tornar-se adolescente, a caminho de ser adulto.

Os adolescentes que aceitaram participar neste estudo mostraram interesse e agrado em colaborar com esta investigação. A recolha dos protocolos Rorschach foi realizada numa sala disponível, iluminada com luz natural. A passagem da prova com cada adolescente teve uma duração média de uma hora, teve início com uma conversa mais informal, com o intuito de proporcionar um maior envolvimento e um maior à vontade entre o participante e o psicólogo. Foram relatados de uma forma espontânea interesses e *hobbies*. Estes, no início da adolescência são muito variados e aparecem muito ligados à prática desportiva, às saídas com os amigos, as quais estão mais relacionadas com as idas à praia ou com os convívios durante o dia. No fim da adolescência é privilegiado o namorar e estar com os amigos passa para o contexto das saídas à noite e para as redes sociais, que entretanto ganharam peso e importância na sociedade.

Quando questionados sobre como estava a ser “*tornar-se adolescente*” as respostas revelam uma certa consistência quanto à capacidade de fazer face às transformações psíquicas em curso durante este período do desenvolvimento. As tensões com as figuras parentais foram enunciadas, não como um problema, mas como uma realidade com a qual tiveram de lidar. Os amigos são uma referência constante, desempenhando um papel fundamental na partilha e como confidentes. Apenas uma das adolescentes faz referência às inúmeras transformações psicológicas presentes durante este período, referindo que nem sempre são fáceis de acompanhar.

No primeiro momento, o convite para a realização da prova foi feito de uma forma informal. Após a instrução, os adolescentes mostraram-se colaboradores e disponíveis, entregando-se à realização da mesma com uma grande envolvimento. No segundo momento da

passagem da prova, aproximadamente 4 anos depois, alguns dos adolescentes recordavam-se ainda de ter participado no primeiro momento. Inicialmente não se lembravam da prova, mas reagiam muito favoravelmente quando reviam os cartões.

De seguida, realizamos uma breve descrição atendendo à singularidade de cada um dos adolescentes que aceitou participar neste estudo, bem como às particularidades encontradas nos diferentes momentos do tornar-se adolescente.

6.1. Afrodite

Afrodite tem 13 anos e 4 meses na altura em que participa pela primeira vez neste estudo. Estatura média para a sua idade, tem a pele branca e um corpo bem esculpido, fruto das horas de natação que pratica desde tenra idade, cabelos e olhos castanhos, com um sorriso muito expressivo.

O pai tem 40 anos e é Engenheiro e a mãe tem 36 anos e é secretária administrativa. É filha única, o que refere com pena, pois gostava de ter tido irmãos, mas diz *“na falta dos irmãos tenho os primos!”*.

Anda no 7.º ano de escolaridade e tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que estuda apenas uma hora por dia e mais um bocadinho antes dos testes, porque lhe chega estar com atenção durante as aulas.

Até à data da realização deste estudo, nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria.

Nos tempos livres gosta de sair com os amigos, de ir ao cinema e de ler livros de aventuras. Televisão é só às vezes, em especial quando está mau tempo.

Aceita participar no estudo, sorrindo de forma tímida. Num primeiro momento permanece tímida e inquieta, mas quando passamos para o inquérito explica de uma forma mais descontraída o que a levou a pensar nas respostas.

Aos 16 anos e 4 meses, Afrodite voltou a aceitar participar neste estudo. Anda no 10.º ano da mesma Escola Secundária. É boa aluna e tem tido um percurso escolar sem problemas.

Em termos físicos não apresenta grandes alterações, revela um ar doce e sereno, agora mais segura de si. Veste-se de uma forma desportiva, com umas jardineiras bastante largas, que não só a enquadram num estilo da moda como escondem a sua silhueta de mulher.

Nos tempos livres continua a gostar de ir ao cinema, onde as comédias românticas são as suas preferidas, de ler, de ouvir música e confessa-se viciada no *Messenger* onde passa horas na conversa com os amigos.

Sobre ser adolescente diz que tem sido normal, que não tem achado nada complicado e que até tem conseguido manter uma boa relação com os pais.

6.2. Apolo

Apolo tem 13 anos e 11 meses, anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é bom aluno e refere que gosta da escola e de estudar. De estatura baixa para a sua idade, corpo bem torneado, de olhos e cabelos cor de mel. A pele morena dá-lhe um ar “reguila”. Veste-se de uma forma desportiva.

O pai tem 46 anos e a mãe tem 44, ambos licenciados, têm uma profissão adequada à sua formação académica. Tem um irmão mais velho, com 23 anos, com quem tem uma boa relação. Refere que agora se dão melhor porque cada um respeita o que o outro quer.

Nunca teve nenhum contacto com consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem direta, nem indiretamente, até à data em que participou neste estudo.

Nos tempos livres gosta de estar com os amigos e ir ao cinema, mas, sempre que pode, gosta de praticar desporto, um pouco de tudo, mas futebol em especial.

Aceita participar no estudo, revelando alguma curiosidade em saber do que se trata, mostrando vontade de colaborar. Durante a passagem da prova evita o contacto visual, desviando o olhar. A sua postura altera-se durante o inquérito, deixando de estar à defesa, apresentando um ar mais descontraído e confiante.

No segundo momento do tornar-se Apolo continua a frequentar a mesma Escola Secundária encontrando-se agora no 11.º ano. Até ao presente teve um percurso escolar sem problemas, continua a ser bom aluno (média de 15) e refere que podia estudar mais e tirar melhores notas, pelo menos nas disciplinas de matemática e de biologia que são aquelas de que gosta mais. Está no Agrupamento 1 – Científico Natural, mas ainda não sabe qual o curso que quer tirar dentro desta área.

Fisicamente ganhou altura e o seu corpo assumiu as formas de um jovem, mais magro do que no passado e com um ar sério mas, muito bem-disposto.

Nos tempos livres continua a gostar de estar com os amigos e de ir ao cinema, mas as saídas à noite ganham agora um maior destaque.

Quando convidado a voltar a realizar a prova reage com surpresa, dizendo que já não se lembrava de ter participado. No entanto, mostra-se disponível e colabora com entusiasmo, confidenciando, no final da passagem da prova, que ainda se lembrava de algumas das “*imagens*”.

6.3. Artémis

Ártemis tem 13 anos e 9 meses na altura em que participou pela primeira vez neste estudo. Tem um ar tímido e singelo, muito alta e magra. Veste-se de uma forma simples e discreta.

Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que gosta da escola e de estudar. Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até à data da realização deste estudo.

O pai tem 59 anos e a mãe 53. É a filha mais nova de uma fratria de três raparigas, uma de 30 anos e outra de 26 anos, já autónomas. Diz sentir saudades das irmãs mas gosta de estar sozinha com os pais, pois assim pode receber os miminhos todos.

Nos tempos livres gosta de ouvir música e de ver os canais de música da TV Cabo, também gosta de passear no *Shopping* com os amigos, de ver as montras das lojas e de ir ao cinema.

Mostra-se interessada em participar no estudo, revelando interesse na tarefa que lhe é pedida para realizar, entregando-se numa atividade de procura, de descoberta de novos significados para cada um dos cartões, num movimento de ligação entre o que é da ordem do interno e do externo, entre o que é conhecido e o que é desconhecido.

Aos 16 anos e 9 meses volta a participar, apresenta o mesmo ar tímido e um corpo magro, agora, com formas de mulher. Anda no 11.º ano da mesma Escola, no Agrupamento 1 – Científico Natural. Teve um percurso escolar sem problemas e continua a ser boa aluna, apesar de ter passado por um período complicado, porque foi operada no fim do ano passado à coluna, e esteve internada durante um longo período o que a levou a baixar a média para 16 valores. O seu objetivo é subir para poder realizar o seu sonho, entrar em medicina, o que a leva a ponderar a hipótese de ir estudar para Inglaterra.

Nos tempos livres gosta de ouvir música e de ler, dando como exemplo de leitura o “*O Código Da Vinci*” do escritor Dan Brown.

Sobre ser adolescente diz que tem sido bom, a única complicação tem sido em termos de saúde, dada a intervenção cirúrgica a que foi submetida.

No segundo momento, depois de se ter envolvido na tarefa de designar o desconhecido, manifesta alguma curiosidade em saber quais as respostas que tinha dado no passado.

6.4. Atena

Atena tem 13 anos e 11 meses no primeiro momento em que participa neste estudo, frequenta o 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que gosta da escola e de estudar mas não em demasia, acha que ser adolescente é poder ter tempo para estar com os amigos e fazer coisas divertidas.

Apresenta uma estatura média para a sua idade, tem uns olhos bastante expressivos e os cabelos castanhos com um corte moderno, veste-se de uma forma vistosa, combinando diversos acessórios como pulseiras e brincos.

O pai tem 46 anos e a mãe 48. É a filha mais nova, tem uma irmã mais velha com 20 anos.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres gosta de ir à praia, de estar com os amigos e de jogar computador.

Aceita participar no estudo, revelando algum nervosismo e ansiedade por não saber do que se tratava.

No segundo momento da realização deste estudo encontra-se com 16 anos e 11 meses, a frequentar o 11.º ano do agrupamento 1 – Científico Natural, da mesma Escola Secundária. Gostaria de vir a seguir Engenharia Genética, mas como não sabe se vai conseguir ter média para entrar não se quer entusiasmar muito, para não ter que se desiludir. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que gosta de estudar e tira boas notas quando gosta das matérias, quando não gosta das matérias baixa mais a média, o que não considera muito bom para a sua média final.

Apesar da sua estatura média, o seu rosto apresenta uma grande expressividade. Em relação à sua adolescência diz que tem sido “*giro*” porque hoje em dia existe mais abertura, e pelo facto de ser a filha mais nova teve a vida um pouco mais facilitada na relação com os pais.

Nos tempos livres continua a gostar de ir à praia e de estar com os amigos.

Aceita voltar a participar no estudo com muita serenidade e seriedade, compenetrando-se na tarefa que lhe é solicitada, a de dar um sentido e um significado às manchas.

6.5. Deméter

A Deméter tem 13 anos e 8 meses na altura em que participa neste estudo. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. É boa aluna e tem tido um percurso escolar sem problemas até à data da realização deste estudo.

Apresenta uma estatura média para a sua idade, a pele morena e com um corpo bem esculpido. Os cabelos são castanhos-escuros, bem curtos. Os olhos são castanhos e muito expressivos, apesar de se encontrarem escondidos atrás de uns óculos de aros bem salientes.

O pai tem 40 anos e a mãe 38. A Deméter tem uma irmã mais velha com 19 anos.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres gosta de sair com os amigos, seja qual for o destino!

Aos 16 anos e 8 meses voltou a aceitar participar neste estudo, agora mais entusiasmada do que no passado. Anda no 11.º ano da mesma Escola Secundária, no Agrupamento 1 – Científico Natural. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna, tem uma média de 15 valores e gostaria de seguir Psicologia, apesar de gostar muito do curso de Direito considera-o mais “cinzento”, o que lhe parece ter menos a ver consigo.

Em termos físicos não apresenta grandes alterações.

Em relação à sua adolescência diz que correu tudo pelo melhor, achando que o complicado é vir a ser adulta, que nesse momento é que vai sentir mais a diferença.

6.6. Gaia

Gaia tem 13 anos e 6 meses na altura em que participa pela primeira vez neste estudo. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que não gosta de estudar muito.

É alta, mas não demasiado, a pele muito sardenta combina com os olhos verdes muito pestanudos, escondidos atrás dos óculos e com o cabelo castanho canela. O seu sorriso é tímido.

O pai tem 44 anos e a mãe 42. Tem uma irmã com 20 anos.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres pratica natação e faz caminhadas pelo campo.

Durante a passagem da prova, a sua timidez dá lugar a uma procura de sentido e de significado, para o desconhecido das manchas, que contorna enquanto dá a resposta.

Aos 16 anos e 6 meses voltou a aceitar de uma forma tranquila, mas um pouco tímida, participar neste estudo. Anda no 11.º ano da mesma Escola Secundária, no Agrupamento 1 – Científico Natural. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna, gosta de estudar, mas ainda não sabe o que quer seguir num futuro que se adivinha próximo.

A sua aparência mantém-se o que permitiu o seu fácil reconhecimento.

Nos tempos livres gosta de sair com os amigos, de ler um pouco de tudo e de ouvir boa música.

Sobre a sua adolescência diz que tem sido normal, com altos e baixos, *“acho que são muitas transformações psicológicas a acontecer ao mesmo tempo e nem sempre é fácil acompanhar”*.

Durante a passagem da prova apresenta uma postura um pouco formal e distante, tornando-se mais próxima no final da passagem da prova.

6.7. Hera

A Hera aos 13 anos e 1 mês aceita pela primeira vez participar no estudo, na altura frequenta o 7.º ano de uma Escola Secundária e tem tido um percurso escolar sem problemas até à data da participação neste estudo.

Apresenta uma estatura mediana para a sua idade, o seu corpo é magro, o que lhe dá um ar delicado, movendo-se com uma delicadeza sublime que faz lembrar a coreografia de uma bailarina. O cabelo é loiro e os olhos castanhos-escuros realçam o seu rosto de pele clara.

O pai tem 51 anos e a mãe 54. É a mais nova da fratria, tem um irmão com 25 anos.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres gosta de ir à praia, de ir ao *Shopping* ao cinema e de acordar cedo para ver os desenhos animados.

Aceita participar no estudo, revelando alguma timidez e algum nervosismo face ao desconhecido da situação Rorschach.

Aos 16 anos e 1 mês voltou a aceitar participar no estudo, agora de uma forma muito entusiasmada. Anda no 10.º ano da mesma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, mas refere que sentiu uma grande diferença com a passagem para o 10.º ano, acha que é mais difícil tirar boas notas, porque antes era aluna de 4 e 5 e no presente considera mais difícil tirar uma boa média.

Em termos físicos não apresenta grandes alterações, o corpo agora de mulher apresenta ainda traços delicados, dando-lhe uma aparência algo frágil.

Nos tempos livres continua a gostar de ir à praia, de sair com os amigos.

Sobre ser adolescente refere os conflitos que tem tido com a mãe, dizendo que esta não a aceita como ela é, o que a leva a ter de ser “*outra pessoa*” para evitar os constantes conflitos, os quais associa à sua adolescência, mas também, à saída do irmão de casa. Com o pai dá-se melhor, apesar da sua zanga por sentir que o irmão, rapaz, teve mais liberdade.

6.8. Sémele

A Sémele tem 13 anos e 8 meses, na altura em que participa pela primeira vez neste estudo. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas; é uma aluna aplicada mas diz que não gosta de estudar algumas matérias.

É alta, morena e com um corpo bem esculpido. Tem cabelos castanhos-escuros, que encaracolam nas pontas, dando-lhe um ar de menina, num corpo que já se anuncia ser de mulher. Os olhos são castanhos e muito expressivos. O seu sorriso, ainda que bonito, fica encoberto pelo aparelho que usa nos dentes e que lhe dá um ar metálico. Veste-se de uma forma desportiva, muito jovial e com cores muito claras. Alguns adereços ressaltam à vista: os brincos e o anel que usa no dedo anelar, a combinar.

A Sémele é filha única. O pai tem 44 anos e a mãe 43.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização deste estudo. Aceita participar no estudo, tendo logo uma postura de “arregaçar as mangas” para participar, o que faz de uma forma entusiasmada, mostrando-se interessada ao longo de toda a prova.

Nos tempos livres gosta de ir à praia, de ir ao *Shopping* com as amigas e de passear, diz, resumindo. Mas em casa gosta muito de dormir, de ouvir música, ver televisão e jogar computador.

A Sémele aos 16 anos e 8 meses voltou a aceitar participar no estudo, de uma forma muito entusiasmada. Anda no 11.º ano da mesma Escola Secundária, no Agrupamento 1 – Científico Natural. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e em princípio vai seguir Reabilitação Psicomotora, apesar de não ser a sua primeira opção. Essa é Jornalismo, mas receia essa área em termos da entrada para o mercado de trabalho. Na escola, tem vindo a desenvolver, de há um ano a esta parte, um projeto de rádio que agora teve início.

Em termos físicos não apresenta grandes alterações, o corpo que se anunciava de mulher surge agora com formas bem definidas. No seu cabelo castanho surgem umas madeixas ruivas, que lhe dão um ar flamejante, que vai ao encontro do seu estilo.

Nos tempos livres continua a gostar de ir à praia, mas confessa que o seu maior vício no presente é estar no *Messenger* na conversa com os amigos.

Sobre ser adolescente diz que tem sido normal, que é bom, apesar de os pais por vezes a chatearem um bocadinho e nem sempre estarem de acordo com as suas opções.

6.9. Zeus

Zeus tem 13 anos e 7 meses, anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. É muito alto e magro, tem a pele morena e o cabelo castanho-escuro cortado muito curto.

O pai é militar e tem 37 anos, a mãe é funcionária pública e tem 35 anos. Zeus refere com alguma tristeza não ter irmãos.

Tem tido um percurso escolar sem problemas e nunca teve nenhum contacto com consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem direta, nem indiretamente, até à data em que participou neste estudo.

Nos tempos livres gosta de estar com os amigos, de ir ao cinema ver filmes de terror, ou de ficar em casa a ver a SIC Radical. Gosta de ir à praia e de praticar desporto. Futebol e salto em altura, são os desportos eleitos. Mas, não dispensa as suas saídas à noite, para estar com os amigos.

Aceita participar no estudo, um pouco a medo, com cautela, jogando um pouco à defesa. Esta postura matem-se ao logo da passagem da prova, sendo as respostas dadas de uma forma rápida e objetiva. Esta postura altera-se um pouco durante o inquérito, deixando de estar tanto à defesa, entrega-se mais ao processo de resposta, procurando dar significado às manchas.

Aos 16 anos e 7 meses continua a frequentar a mesma Escola Secundária agora no 11.º ano. Quando foi convidado a voltar a realizar a prova reagiu com espanto, dizendo que já não se lembrava de ter participado. No entanto, mostra-se disponível para voltar a colaborar.

Até ao presente teve um percurso escolar sem problemas. Está no Agrupamento 1 – Científico Natural, mas para o próximo ano pensa em ingressar na Academia Militar, tal como o pai.

Fisicamente apresenta um porte bastante atlético. O seu corte de cabelo radical dá-lhe um ar de tropa, que contrasta com os dois brincos que lhe dão um ar irreverente.

Nos tempos livres gosta de namorar e de sair à noite. Mas sempre que pode gosta de jogar computador a dar um saltinho ao *Messenger*.

Sobre a sua adolescência diz que tem sido normal, que há uns tempos acabou com a namorada que teve antes e aí viu quem eram os seus verdadeiros amigos. Descreve esse período como tendo sido doloroso, mas que saiu dele mais fortalecido.

No capítulo seguinte enunciamos de uma forma mais detalhada os procedimentos que iremos utilizar para efetuarmos a análise das respostas Rorschach, uma vez que será através deles que procuraremos aceder às transformações psíquicas e ao processo intersubjetivo presente no tornar-se adolescente.

7. OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

“ (...)
*Os campos não pedem mais que terra,
vozes não as querem
nem eu que a poesia anda perto
e os poemas
subindo
o caminho...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 171) Vol. II

Para podermos aceder ao processo de tornar-se adolescente através do Rorschach, definimos como organizadores psíquicos as noções de *techne* e de *campo*, pelo que realizámos anteriormente uma descrição das mesmas na literatura, o que nos permitiu realizar a sua operacionalização no Rorschach. É com base nestes organizadores que iremos explicitar as transformações que ocorrem durante o processo de tornar-se adolescente e na relação que ele estabelece com os objetos, podendo apreciar-se a forma como o sujeito acede, mas também, as possibilidades que expressa em criar, (re)criando novos objetos, o que envolve e impõe as conceções de mudança e de progressão no desenvolvimento.

Com o objetivo de acedermos e darmos a conhecer as transformações presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente, partimos de um conjunto de formulações teóricas, que nos dão conta da circularidade dos processos psíquicos, facilitadoras da compreensão dos processos inerentes à construção de novos objetos e objetivos, que procuramos agora operacionalizar, de forma a serem aplicadas num quadro diferente daquele de onde foram retiradas, permitindo-nos o acesso a novas realidades interpretativas e compreensivas dos processos de crescimento e de co-construção.

Deste modo, procuramos aceder ao tornar-se adolescente, ou seja, às transformações que têm lugar entre dois momentos do desenvolvimento adolescente, tendo em conta os

elementos da relação que se estabelece entre a realidade interna e a externa e que constituem a subjetividade e a singularidade do adolescente no seu caminho de vir a ser adulto. O Rorschach surge como o instrumento que possibilita aceder a estes processos na medida em que é entendido como um método, o qual permite explicitar o funcionamento psíquico do sujeito. Neste sentido, ao inscrevê-lo dentro dos paradigmas consagrados pela significação, conseguimos dotá-lo de uma teoria mais ampla, o que nos permite constituir como novos organizadores psíquicos as noções de *techne* e de *campo*, utilizadas neste estudo de modo a tornar o Rorschach mais sensível aos processos de transformação, permitindo-nos explicitar o modo como se processam o crescimento e a expansão mental, o que só é possível tendo presente os processos de simbolização, que nos dão conta da constituição de novos sentidos e significados.

As respostas dadas pelos adolescentes ao Rorschach surgem no contexto da relação com o clínico, sendo a partir delas que nos será possível aceder e pensar nos processos em construção e desenvolvimento durante a adolescência. Assim, as respostas devem ser entendidas tal como Marques (1999) as definiu, como o resultado de um trabalho de ligação entre o interno e o externo, entre a subjetivação e a objetivação, permitindo revelar o nível de diferenciação, transformação e criação entre sujeito-objeto, interior-exterior.

Segundo as *guidelines* internacionais para a prática de uma investigação qualitativa, amplamente descritas na literatura, procurámos tal como descreve Packer & Addison (1989), avaliar a coerência relativa à consistência interna, à inteligibilidade da representação da informação, a qual requer a confirmação da análise da informação pelo exterior, realizado através de um procedimento de triangulação, onde o consenso envolve a capacidade dos investigadores comunicarem e compreenderem a informação, através de um consenso de interjuiz. Segundo Elliott, Fischer & Rennie (1999), a credibilidade das categorias de uma investigação é assegurada verificando-se a sua compreensão, através da utilização de múltiplos analistas qualitativos, de modo a detetar possíveis discrepâncias na informação, exageros ou erros.

Neste estudo, os protocolos de Rorschach foram cotados por dois investigadores: a doutoranda e a orientadora do Doutoramento, que funcionou como juiz de cotação, tendo a análise sido realizada com consenso de auditor e reflexão falada. Esta forma de procedermos tem por base a triangulação, que funciona como uma alternativa para a validação e que se constitui como essencial na medida em que acrescenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e

profundidade à investigação (Flick, 1998/2008), constituindo-se como essencial para aumentar a fidelidade dos resultados.

Para realizarmos a leitura das respostas estruturámos um procedimento fechado de análise de conteúdo, com base no qual consideramos ser possível aceder à dinâmica interna do adolescente. Esta forma de procedermos irá permitir realizar, o que Yin (1994/2001) descreveu como sendo um conhecimento a fundo do material.

De seguida procedemos à sistematização dos vários procedimentos que iremos ter presentes para a análise do tornar-se adolescente. Para a sua conceptualização partimos dos trabalhos clássicos, com inscrição na escola Francesa, onde se destacam os trabalhos da Chabert (1983/1998 e 1987/1998) e os da Rausch de Traubenberg (1970/1990 e 1983) e recorremos a alguns conceitos que se inscrevem na linha bioniana do pensamento, nomeadamente as noções de continente-conteúdo, função alfa, transformações e identificação projetiva. Recorreremos ainda aos processos de criativos inerentes à simbolização e à co-construção, noções que se revestem de uma extrema importância para pensar os processos em curso durante este período do desenvolvimento. Através destes conceitos foi possível descrever e (re)criar novos elementos de análise para acedermos ao processo de tornar-se adolescente.

Partimos do agrupamento dos cartões Rorschach, realizado por Marques (1993), num estudo com pré-adolescentes e adolescentes, tal como foi descrito anteriormente no instrumento e procurámos realizar uma inscrição nos modelos do pensamento que visam uma compreensão dos processos em construção e em transformação.

Deste modo, vamos considerar os cartões compactos (I, IV, V e VI) (Marques, 1993), como reveladores da capacidade do sujeito de apresentar um espaço bem definido e delimitado, um *campo*-continente, delimitador do interno e do externo, no qual a *techne*-conteúdo pode ter lugar, permitindo a elaboração do desconhecido e da dor mental que lhe está inerente, favorecendo o aparecimento de novos sentidos e significados. Porém, dada a reversibilidade inerente à relação continente-conteúdo, a *techne*-continente deverá conter o processo criativo, inerente ao tornar-se adolescente, revelando o *campo*-conteúdo as transformações psíquicas em curso.

Os cartões bilaterais (II, III e VII) (Marques, 1993), pelas suas características, favorecem o encontro e fazem apelo à relação, pelo que podemos compreender as respostas aqui apresentadas através de uma inscrição na dinâmica relacional, ou seja, através da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva ($Ps \leftrightarrow D$), o que implica a existência de uma boa circularidade na relação continente-conteúdo ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$). *Techne e campo*, inscritos nesta circularidade psíquica irão traduzir a relação intersubjetiva e o processo de co-construção presente no tornar-se adolescente.

O apelo aos afetos é realizado pelos cartões pastel (VIII, IX e X) (Marques, 1993), os quais invocam o processo criativo e co-constutivo presente na *techne*, que deverá revelar-se no *campo*. Deste modo, os elementos criativos são revelados sob a forma de conteúdos, traduzindo-se estes sob a forma de pictogramas (Ferro, 1999/2000), os quais necessitam de um continente que lhe confira novos sentido(s) e significado(s). Assim, a dinâmica presente entre continente-conteúdo, aqui traduzida pela relação *techne-campo*, permitirá conhecer e dar a conhecer a capacidade do adolescente em lidar de uma forma construtiva com o seu mundo afetivo.

7.1. (RE)VISITAÇÃO DA SIMBOLOGIA LATENTE DOS CARTÕES RORSCHACH

Cada um dos cartões Rorschach apresenta subjacente um conteúdo latente que descrevemos no capítulo 2, relativo ao instrumento. Partindo da descrição clássica para cada um dos cartões, neste estudo procurámos realizar a sua (re)inscrição nos modelos que nos permitem pensar sobre as transformações em curso durante o processo de tornar-se adolescente, o que levou à sua (re)visitação tendo por base os organizadores: *techne e campo*.

O **cartão I** coloca o adolescente perante o desconhecido da mancha, o adolescente é convidado a dar um sentido e um significado, a operar uma mudança catastrófica, mobilizando internamente a *techne*, ou seja, o seu processo de criatividade interna, que deverá emergir na resposta, reveladora do processo de criação gerado a partir do encontro entre o clínico, o adolescente e a mancha. Por outro lado, tem lugar o aparecimento de um continente-*campo*, estruturador da função alfa, capaz de conter o caos suscitado pelo impacto do primeiro cartão.

Mas, atendendo à reversibilidade presente na relação continente-conteúdo, a *techne*-continente deverá conter o próprio processo de construção interna, ou seja, o tornar-se, enquanto o *campo*-conteúdo será revelador da transformação das protoemoções, ou seja, do caos numa figura emocional, com sentido.

O **cartão II** é o primeiro cartão que coloca em evidência o relacional, ou seja, uma relação intra e intersubjectiva com o Outro, na qual pode emergir a temática da bissexualidade psíquica, assim como os investimentos contrários, numa lógica de opostos, os quais podem ser ligados e integrados através do recurso a uma relação do tipo continente-conteúdo (Bion, 1962/1991), na qual *techne-campo* (re)significam e integram os opostos, num processo criativo e dinâmico.

O detalhe branco central, classicamente investido como um suporte para a representação total, coloca o sujeito perante a necessidade de evocar um continente, de modo a que a imagem/símbolo possa conter a falta representada pelo branco, traduzindo, ao mesmo tempo, a dispersão causada pelo impacto da mancha, permitindo a representação da passagem da dispersão para a integração, o que se pode ilustrar no *campo* através da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva (Ps ↔ D).

O **cartão III** pelo apelo que faz à relação Eu-Outro reenvia-nos para uma relação intersubjetiva de co-construção, presente no tornar-se adolescente e que se expressa através da relação entre a *techne* e o *campo*, de uma forma ativa e criativa, num movimento dinâmico de interação Eu-Outro, no qual a *techne* nos deverá permitir aceder à dinâmica relacional.

A intersubjetividade presente na interação entre sujeitos implica o reconhecimento do Outro, para que na interação que se estabelece o próprio possa aceder à sua subjetividade. Este cartão, pelas suas características, favorece este movimento, que se revela através da resposta, a qual nos permite aceder à dinâmica presente no sujeito. A capacidade de pensar e de se pensar implica a existência de um espaço intersubjetivo, gerador de uma relação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, ou seja, entre o que acontece dentro do sujeito e o que está na interação com o(s) Outro(s), levando à constituição do que Ogden (1994) designou por terceiro analítico, presente no encontro, aqui revelado nas respostas do adolescente, através das fronteiras entre o dentro e o fora, o que implica a existência de um continente bem definido e delimitado, ou seja, uma boa circularidade entre *campo-techne*, de modo a que o *campo* possa revelar o processo intra e intersubjetivo.

No **cartão IV** o adolescente vê-se confrontado com a necessidade de elaboração do seu desconforto, na medida em que lhe provoca uma reação disfórica, de estranheza e de

angústia. Impõem-se a necessidade de evocar um continente-*techne*, capaz de conter e de transformar a dor mental aqui (re)ativada. O *campo*-conteúdo revelará as imagens símbolo, podendo estas surgir sob a forma de personagens autoritários e/ou assustadores ou, pelo contrário, submissos e passivos.

Este cartão coloca o adolescente perante a tarefa de elaborar os contrários, suscitando a necessidade de realizar um processo de construção e de transformação que oscila entre a avidez, a procura, o desejo de explorar e o seu oposto, o fechamento, o retraimento, a incapacidade em transformar. A *techne*-conteúdo será reveladora da essência inerente ao processo de elaboração dos opostos, numa oscilação dinâmica com o *campo*-continente que irá permitir uma contenção dos opostos, inscrevendo-se este movimento na oscilação entre a capacidade negativa e o facto selecionado (NC↔SF) tal como é descrito, no *campo*, por Ferro (2007/2011).

No **cartão V** o apelo à projeção da unidade pode, na adolescência, desenrolar-se na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro. Este processo pode ser revelado através da *techne* que, quando assimilada a continente, transforma e (re)significa os elementos tóxicos, gerando novos sentidos e significados, por contraponto ao *campo*, que ao ser assimilado ao conteúdo, deverá revelar as imagens símbolos, reveladoras do processo de (re)significação presente neste momento do crescimento.

Dada a importância da unicidade neste cartão, podemos considerar que aqui está em jogo a consciência do Eu face ao Outro, numa relação de co-construção entre o Eu e o(s) Outro(s). A resposta, tal como o *campo*-continente, é o lugar onde operam as transformações, reveladoras do processo psíquico do tornar-se adolescente, favorecendo a passagem do conhecimento para o pensamento (K→O) (Bion, 1965/1982). Mas, a *techne*-conteúdo irá permitir revelar o processo criativo presente no crescimento.

O **cartão VI** apresenta um marcado simbolismo sexual. Coloca o adolescente perante a necessidade de elaborar a inquietação presente na lógica dos opostos: feminino/masculino, ativo/passivo, colocando à prova a sua capacidade de reunião e de conciliação entre os dois movimentos opostos, o que se constitui como essencial no processo de tornar-se adolescente, no qual a *techne*-continente terá como função conter e transformar, através da função alfa, a passagem da dispersão e da clivagem para a integração, devendo o *campo*-conteúdo dar conta da existência ou não de ligação e revelar o processo de co-construção inerente ao crescimento.

A necessidade de dar um sentido e um significado à mancha, conciliando os opostos, apela à circularidade do pensamento, gerando ainda a procura de um continente-*campo*, no

qual as respostas-símbolo possam conter o que de inquietante foi suscitado pelo cartão, através da ação da função alfa, numa lógica transformativa e de (re)significação, funcionando a *techne*-conteúdo como o símbolo revelador do processo integrativo e de co-construção.

O **cartão VII** coloca o sujeito perante a tarefa de pensar o relacional materno, dada a sua relação direta com o simbolismo materno/feminino e a sua bilateralidade, fazendo apelo a uma relação dinâmica e de co-construção. Assim, a *techne*-continente deverá apresentar uma função de *rêverie*, aproximando-se do simbolismo materno, sendo o *campo*-conteúdo o veículo que possibilitará ou não, a construção interna presente no tornar-se adolescente.

Atendendo ao carácter esbatido da mancha e aos seus contornos pouco definidos, surge um forte movimento de regressão, pelo que se constitui como fundamental a organização de um continente-*campo* que funcione, ao mesmo tempo, como delimitador do espaço psíquico, do mundo interno e do externo, mas também como transformador da falta, aqui reativada pelo branco do cartão. A *techne*-conteúdo traduzirá o processo criativo de transformação, que neste cartão poderá ir da dispersão à integração.

O **cartão VIII** introduz o estímulo cor que altera o clima emocional da prova, apelando ao aumento das respostas dadas pelo sujeito, devendo estas ser reveladoras do processo criativo existente no seu interior, agora comunicado nas respostas. A *techne* ao estar inscrita numa relação dinâmica vai ser o símbolo que revela o movimento de construção em curso. Assim, à medida que o sujeito procura dar sentido e significado à mancha, comunica uma resposta/símbolo que é reveladora da construção do seu mundo interno, (re)criado depois do caos gerado no encontro com a mancha, expresso no *campo* (Ferro, 1999/2000).

Apresentando este cartão uma potencial abordagem em relação, esta não é a forma mais escolhida pelos adolescentes, sendo fortemente solicitado o convite à regressão, já que neste momento do seu desenvolvimento está presente uma luta contra a dependência e a regressão. Dadas estas características, importa-nos ter em atenção o tipo de dinâmica relacional que se estabelece no *campo*, dada a presente e contínua oscilação entre a abertura de significados e o fechamento ao conhecimento, o que pode ser pensado através da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva (Ps→D), em que o acesso à posição depressiva permite aceder às transformações geradoras do crescimento mental. Nesta dinâmica devemos ter presente a oscilação presente na relação continente-conteúdo ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$), neste estudo entre *techne-campo*, facilitadora da constituição de um espaço mental através do qual é possível pensar a invasão afetiva suscitada por este cartão, ou seja, a dor mental

inerente à capacidade de operar uma compreensão das emoções, sem que ocorra uma invasão afetiva maciça.

O **cartão IX** é um cartão rico e cheio de significados possíveis, pela mistura de três cores e pela perspectiva de profundidade. Trata-se de um cartão que faz apelo a uma dimensão mais arcaica, favorecendo os movimentos mais regressivos, o que se deve, em parte, aos tons esbatidos e aos contornos difusos da mancha, colocando o sujeito numa situação análoga à vivida com o primeiro objeto de amor. É solicitado ao adolescente que através do seu processo criativo, aqui descrito através da *techne*-continente, possa dar um sentido e um significado ao que de desestruturado e paradoxal lhe é apresentado, o que só é possível recorrendo ao seu processo interno de co-construção e à relação dinâmica que se estabelece com o *campo* como o lugar revelador dos conteúdos diretamente relacionados com o simbolismo arcaico, materno pré-genital.

Perante este cartão, os adolescentes mostram uma vibração estonteante, suscitando, por vezes, uma solicitação mais arcaica. Contudo, as suas capacidades de simbolização alteram-se durante o próprio processo de crescimento, pelo que se constitui como fundamental a capacidade de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, mas sem a perda de ancoragem no mundo real, pelo que no *campo* constitui-se como fundamental a elaboração de um continente, estável, que possa dar sentido e significado aos elementos arcaicos, desestabilizadores do processo de tornar-se adolescente, para que aqui possam ser (re)significados os conteúdos, revelados pela *techne*, num processo criativo e co-constutivo.

O **cartão X**, por ser o último cartão, pode favorecer o aparecimento de preocupações intensas, nos adolescentes, implicando que se opere uma delimitação entre o dentro e o fora, ou seja, que tenha a capacidade de se separar mantendo-se, ao mesmo tempo, íntegro e estável. Este movimento implica a existência de uma função alfa a funcionar, favorecendo o aparecimento dos pictogramas, das imagens respostas, que são em si mesmo reveladoras da subjetividade inerente ao próprio processo da sua constituição, inerente à construção da relação Eu/Outro, a que aqui podemos aceder através da relação dinâmica que se estabelece entre a *techne* e o *campo*.

A dispersão presente neste cartão convida o adolescente a procurar encontrar uma ordem para o caos, ou seja, a passar da posição esquizoparanóide para a posição depressiva (Ps↔D). Dado o convite à dispersão, existe a necessidade de conter e de significar, o que implica que o *campo* funcione como um continente, (re)significador da angústia inerente ao

fim da prova, mas também, da *techne* reveladora do próprio processo de crescimento, do tornar-se adolescente.

O quadro 1 reúne sumariamente a simbologia dos cartões Rorschach, aquela de que partimos dentro das concepções clássicas e a sua (re)visitação com base nos modelos em que inscrevemos este estudo, com base nos organizadores psíquicos: *techne* e *campo*.

Para além da análise da simbologia inerente a cada um dos cartões Rorschach, propomo-nos analisar a dinâmica intra e inter-cartões, uma vez que o processo de tornar-se adolescente se caracteriza por apresentar movimentos regressivos e progressivos, fundamentais para o crescimento e para o desenvolvimento psíquico. O acesso a estes movimentos permitirá dar conta da capacidade de elaborar, transformar e (re)criar objetos e objetivos inerentes ao tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto. Propomo-nos aceder ao modo como no Rorschach estes movimentos podem estar presentes, não esquecendo as oscilações inerentes ao próprio material, considerando os seus movimentos regredientes e progredientes, que funcionam como potenciadores dos processos de pensamento, geradores de conhecimento.

QUADRO 1 – Resumo da simbologia latente dos cartões Rorschach

Conteúdo latente dos cartões Rorschach	(Re)visitação do conteúdo latente dos cartões Rorschach	
	<i>Techné</i>	Campo
<p>Cartão I</p> <p>Contacto com o desconhecido, põe à prova as suas capacidades de uma conduta dependente e passiva, ou a mobilização ativa das suas forças defensivas.</p>	Continente do processo de construção interno e conteúdo revelador do processo criativo gerado no encontro.	Continente estruturador da função alfa e conteúdo revelador da transformação do caos.
<p>Cartão II</p> <p>Apela ao relacional inscrito no pulsional. A apreensão global pode suscitar a reativação de fantasmas que reenviam para uma problemática pré-genital de nascimento de relações precoces com a mãe, joga-se a articulação com o mais evoluído e o primário.</p>	Relação continente-conteúdo (re)significadora dos opostos num processo criativo e dinâmico.	Relação continente-conteúdo transformadora e integradora: oscilação Ps↔D.
<p>Cartão III</p> <p>Apela à evocação de silhuetas humanas, convidando à representação do Eu na relação com o Outro, na qual podem estar presentes movimentos de proximidade ou de afastamento.</p>	Dinâmica relacional continente-conteúdo, facilitadora da compreensão da relação Eu-Outro.	Boa circularidade reveladora do processo intrapsíquico e intersubjetivo.
<p>Cartão IV</p> <p>A solicitação simbólica advém do estímulo negro, grande, disperso, que sugere uma imagem de força e de potência que suscita a tomada de uma posição de dominação ou submissão.</p>	Continente transformador da dor mental; conteúdo revelador da essência dos opostos.	Continente integrador da oscilação presente nos opostos; conteúdo como símbolo revelador da potência.
<p>Cartão V</p> <p>Apela à projeção da unidade, ao reconhecimento da unidade corporal e a um sentimento de integridade psíquica e/ou somática.</p>	Continente transformador e (re)significador; conteúdo revelador do próprio processo criativo de crescimento.	Continente, lugar onde operam as transformações psíquicas (K→O); conteúdo-imagem-símbolo revelador do processo de crescimento.

<p>Cartão VI</p> <p>Carregado de implicações sexuais, apesar de bissexuado é a dimensão fálica que surge mais frequentemente entre os movimentos de atividade/passividade.</p>	<p>Continente integrador dos opostos; conteúdo símbolo revelador do processo integrativo e de co-construção.</p>	<p>Continente transformador e (re)significador; conteúdo revelador do processo de co-construção.</p>
<p>Cartão VII</p> <p>As características do estímulo “inacabado” suscitam uma tonalidade emocional neutra ou negativa. Reenviando à imagem maternal em função da relação primitiva com a mãe, podendo esta ser sentida como securizante ou abandonica.</p>	<p>Continente com uma função <i>rêverie</i>; conteúdo processo criativo de transformação que pode ir da dispersão à integração.</p>	<p>Continente delimitador dos espaços psíquicos e transformador da falta; conteúdo revelador da construção interna.</p>
<p>Cartão VIII</p> <p>Coloca em relação as cores e as emoções, suscitando respostas de diferentes níveis, desde o primário, quase destrutivo, ao secundário, onde a valorização ou a falha narcísica são frequentemente evocadas.</p>	<p>Relação dinâmica reveladora do movimento de construção em curso.</p>	<p>Dinâmica relacional que possibilita uma abertura ao conhecimento.</p>
<p>Cartão IX</p> <p>A solicitação à regressão pode reenviar a um simbolismo materno pré-genital, associado aos fantasmas do nascimento, podendo solicitar uma oscilação entre um movimento de vida e outro de destruição.</p>	<p>Continente como lugar de significação para o paradoxal; conteúdo revelador do processo criativo e co-construtivo.</p>	<p>Continente (re)significador do simbolismo arcaico; conteúdo revelador da essência do simbolismo arcaico.</p>
<p>Cartão X</p> <p>É o último cartão, o mais solto e colorido pelo que desempenha um papel importante na transferência. A dispersão perceptiva pode provocar reações de libertação de ansiedade ou suscitar o aparecimento de angústias de fragmentação.</p>	<p>Processo subjetivo presente na relação Eu-Outro.</p>	<p>Relação contentora e (re)significadora da angústia inerente ao fim da prova.</p>

É através das respostas dadas pelos adolescentes aos cartões Rorschach que iremos aceder ao processo de tornar-se adolescente, pelo que a cotação das respostas se constitui como um dos elementos importantes para a sua análise. Neste sentido, vamos procurar descrever de uma forma resumida, mas objetiva e pertinente, os três grupos que constituem a cotação dos protocolos de Rorschach: os modos de apreensão, os determinantes e os conteúdos. Agora, tal como procedemos anteriormente para o simbolismo dos cartões, partindo da descrição clássica (re)criando novos elementos de análise, tendo em atenção os parâmetros *techne* e *campo*, assim como a dinâmica conceptual em que os inscrevemos, de modo a ser possível enriquecer os vários elementos que constituem a cotação.

7.2. (RE)VISITAÇÃO DOS ELEMENTOS INTERPRETATIVOS DA COTAÇÃO

No capítulo 2, referente ao instrumento, realizámos uma descrição relativa aos elementos interpretativos da cotação tendo por base a escola clássica, nomeadamente, os trabalhos desenvolvidos por Chabert (1983/1998). Foi com base nesta descrição que (re)visitámos os vários elementos, constituindo uma leitura dos mesmos dentro dos modelos do pensamento, fazendo sempre uma inscrição nos organizadores que servem de base a esta investigação: a *techne* e o *campo*.

Dentro dos modos de apreensão, as respostas globais (G) dizem respeito à capacidade do sujeito de apreender a mancha na sua totalidade. Estas respostas deverão dar conta do próprio processo criativo de simbolização, podendo este ser mais ou menos elaborado, de acordo com o tipo de G, se é simples ou elaborado, evidenciando desta forma uma maior ou menor capacidade de simbolização, dado que as respostas menos elaboradas estão normalmente associadas às banalidades. As respostas elaboradas expressam a existência de um dinamismo mental, revelador da capacidade de ligar o mundo interno com o externo, traduzindo-se este processo na resposta pela *techne*, reveladora da elaboração do caos inicial, o do primeiro contacto com a mancha, desprovida de um sentido e de um significado. Estas respostas deverão dar conta de um continente, suficientemente estável e delimitador das fronteiras entre o mundo interno e o externo, entre o sujeito e o objeto, mas permitindo, ao

mesmo tempo, a flexibilidade na comunicação entre estes dois mundos. A facilidade das trocas entre o mundo interno e o externo só é possível na medida em que existe no *campo* uma função alfa suficientemente estabilizada e operante, facilitadora da comunicação entre o interno e o externo.

Os G's sincréticos testemunham a existência de uma falha ao nível da discriminação entre o mundo interno e o externo, ou seja, encontramos presente uma falha ao nível do processo de co-construção na medida em que o sujeito, ao procurar dar um sentido e um significado à mancha, apresenta uma falha ao nível do continente, revelando uma incapacidade em ordenar o caos, o que permite considerar uma possível permanência na posição esquizoparanóide (Ps), revelando a existência de um forte movimento de identificação projetiva.

Os G's atestam a existência de uma falha ao nível do processo de simbolização, na medida em que a relação continente-conteúdo não se encontra a funcionar, verificando-se uma falha ao nível da função alfa, como delimitadora e organizadora do interno e do externo, que aqui emergem confundidos, pouco diferenciados, surgindo a imagem/objeto com limites pouco definidos.

Os G impressionistas revelam-nos a capacidade do sujeito de dar conta de um processo criativo, com uma tonalidade essencialmente lábil, na medida em que os elementos sensoriais dominam na expressão dos afetos. Este movimento revela-nos a existência de uma falha ao nível da função continente-conteúdo, podendo esta ser acompanhada por um movimento de identificação projetiva massivo, dado o impacto dos elementos sensoriais na constituição da resposta.

As respostas de grande detalhe (D) encontram-se muito dependentes dos determinantes que as acompanham, pelo que quando aparecem associadas a determinantes de boa qualidade formal são reveladoras da curiosidade e do envolvimento no processo criativo de simbolização e co-construção aqui revelado pela relação *campo-techne*. Quando estas respostas aparecem associadas a determinantes de má qualidade formal, imprecisos ou sensoriais puros, revelam-nos uma falha no processo criativo de simbolização, na *techne* e uma falha na função alfa, no *campo*, gerando um aumento dos elementos beta, dada a falha ao nível da função alfa.

As respostas de pequeno detalhe (Dd) são aquelas que revelam a curiosidade, a exploração e a entrega ao desconhecido, bem como a originalidade do processo de pensamento (Gavancha, 2008), o que se constitui como fundamental para acedermos à *techne*. Por sua vez, o *campo* deverá revelar a fluidez ao nível dos processos de pensamento, através de uma boa circularidade do pensamento, o que implica uma boa articulação entre continente-conteúdo, aqui, *techne-campo*.

Quando as respostas de pequeno detalhe se encontram associadas a determinantes de má qualidade formal ou imprecisos, são reveladoras de uma falha ao nível do processo de co-construção, evidenciando-se a incapacidade em dar sentido e significado ao desconhecido das manchas, surgindo uma falha na relação continente-conteúdo, podendo originar o aparecimento de um forte movimento de identificação projetiva.

As respostas de detalhe branco (Db1) referem-se às lacunas. Quando estas respostas surgem associadas a determinantes de boa qualidade formal revelam a capacidade do sujeito em simbolizar a falta representada pelo branco, ou seja, enquanto a *techne*-conteúdo vai traduzir o processo criativo da simbolização da falta, no *campo*, as respostas, imagens, símbolos, devem poder representar a falta, devendo para esse fim revelar-se como um bom continente, no qual está presente uma função alfa funcionante, transformadora dos elementos beta em elementos alfa. Quando a resposta surge associada a determinantes de má qualidade formal ou imprecisos, a *techne*-conteúdo evidencia a incapacidade de elaboração do processo criativo de simbolização, surgindo a imagem/símbolo no *campo*-continente incapaz de representar a falta, denunciando uma falha ao nível da função alfa.

As respostas de detalhe oligofrénico (Do) convocam a presença de uma identificação projetiva massiva, reveladora de uma falha ao nível da relação continente-conteúdo, ou seja, uma falha ao nível da circularidade do pensamento na relação *techne-campo*.

Dentro dos determinantes, para além das descrições clássicas, vamos procurar realizar uma ligação com os modelos do pensamento, tendo sempre por base os organizadores psíquicos escolhidos para a realização deste estudo.

Dentro dos determinantes formais (F) as respostas de boa qualidade formal (F+) podem dar conta da subjetividade, apresentando um papel importante no processo criativo de construção, sendo este tipo de respostas um elemento fundamental na revelação da *techne*. As

boas formas, no *campo*, evidenciam a capacidade do sujeito de delimitar um continente suficientemente íntegro e estável, no qual encontramos presente uma função alfa, que opera a transformação dos elementos beta em alfa, surgindo estes como reveladores do mundo interno do sujeito.

É através das respostas de má qualidade formal (F-) e das respostas formais imprecisas (F±) que podemos aceder às falhas presentes no processo de construção dos símbolos, ou seja, a *techne*-conteúdo vai traduzir a falha do processo criativo de simbolização, enquanto o *campo* traduz a falha do continente, podendo dar conta da existência de um movimento massivo de identificação projetiva.

Dentro dos determinantes cinestésicos e para as cinestésias humanas (K), iremos ter em atenção a qualidade formal que lhes está associada. Quando pensamos nas cinestésias humanas associadas a uma boa qualidade formal (K+), a *techne* irá traduzir a capacidade de pensar a experiência emocional do sujeito, a co-construção inerente ao processo criativo de elaboração do desconhecido. Por sua vez, o *campo* será o lugar de expressão de uma função alfa operante, transformadora dos elementos beta em elementos alfa, facilitadora de uma circularidade dos processos do pensamento (Ps↔D), favorecendo as transformações psíquicas no sentido do infinito (K→O), promovendo e gerando novo(s) conhecimento(s), o que é potenciado pela presença de um bom movimento de identificação projetiva. A cinestesia humana associada a uma má qualidade formal (K-) irá revelar, através da *techne*, uma incapacidade na elaboração do processo criativo, enquanto o *campo* irá traduzir a falha da função alfa, potenciadora de um movimento de identificação projetiva massivo, denotando a incapacidade de que ocorram verdadeiras transformações psíquicas, promovendo a transformação de conhecimento em não conhecimento (K+→K-).

Dentro das pequenas cinestésias (k), neste estudo, procuramos a associação entre a cinestesia animal (kan) e a qualidade formal que lhe está associada, que sendo de boa qualidade formal (F+) irá revelar o processo criativo de elaboração do desconhecido, o que só é possível através da inscrição da *techne-campo* numa relação continente-conteúdo, na qual está operante uma função alfa, facilitadora da circularidade do pensamento, ou seja, a capacidade de realizar uma boa passagem entre a posição esquizoparanóide (Ps) e o acesso à posição depressiva (D), o que nos revela a existência de um bom movimento de identificação projetiva. Já a associação a um determinante de má qualidade formal (F-) irá revelar a

incapacidade na elaboração do processo criativo, estando inerente a existência de uma falha na função alfa, levando ao aparecimento de uma identificação projetiva massiva.

Teremos em atenção a noção de identificação projetiva, não só do ponto de vista patológico, mas a identificação projetiva que permite a comunicação entre o sujeito e o objeto. A identificação projetiva é a noção que melhor dá conta do processo de resposta Rorschach, uma vez que a situação é construída por um objeto externo e por uma relação que lhe serve de suporte, o que impõe uma atividade de comunicação entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objeto, marcada por uma confusão e indistinção obrigatórias, para que depois surja a separação, a diferenciação, o crescimento (Nascimento & Marques, 2009).

As cinestésias de objeto (kob) são o veículo da expressão do processo criativo, contendo a dualidade psíquica através de uma integração dos opostos (vida/morte), através de um processo criativo ativo e dinâmico, conciliador e integrador. *Techne-campo* inscritos numa relação continente-conteúdo podem revelar a existência deste movimento, a sua dinâmica e interação, inscritos numa lógica de força e de potência ou pelo contrário de desistência e de caos. Já as pequenas cinestésias (kp) irão ser reveladoras da incapacidade do sujeito em aceder a um processo de co-construção, revelando uma falha ao nível da relação continente-conteúdo, aqui *techne-campo*, levando ao aparecimento de uma identificação projetiva patológica.

Quando pensamos no acesso às transformações psíquicas e ao processo intersubjetivo presente no tornar-se, devemos ter em atenção o movimento de (re)criação presente nos determinantes sensoriais, uma vez que se trata de respostas reveladoras da elaboração da “*mudança catastrófica*” com a qual o sujeito foi confrontado, ao ter que dar um sentido e um significado à cor, originando pictogramas, imagens que surgem como o resultado do próprio processo da criação, através das quais é possível acedermos à *techne*. No *campo*, a falha do continente leva a um impregnamento pelas características do estímulo, suscitando o aparecimento de uma identificação projetiva massiva.

Nas respostas esbatimento (E), os esbatimentos de textura encontram-se diretamente ligados à sensibilidade no tocar e reenviam-nos para a relação precoce. Neste sentido, a relação *techne-campo* será indicadora da incapacidade de elaboração do desconhecido inerente à relação precoce, evidenciando uma falha ao nível do processo criativo, o que traduz a existência de uma falha ao nível da relação continente-conteúdo, na sua função de *rêverie*, ou seja, na sua qualidade (re)significadora.

Os esbatementos de difusão serão reveladores da incapacidade de transformação da dor mental, traduzindo a relação *techne-campo* uma falha ao nível do processo criativo, revelando-se uma interpenetração de espaços entre o dentro e o fora, o interno e o externo.

Os esbatementos de perspectiva, quando inscritos na relação *techne-campo* serão reveladores do processo criativo de construção na falta, na medida em que a insatisfação narcísica do sujeito é compensada através de uma articulação percetivo-sensorial, reveladora da incapacidade em operar uma passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva (Ps ↔ D).

Nas respostas claro obscuro, com caráter disfórico (Clob), teremos em atenção a dominância do determinante formal. Assim, quando o elemento formal é dominante (FClob), a angústia que é evocada é controlada, existindo a capacidade do sujeito, através da sua resposta, em dar um sentido e um significado à dor mental suscitada pelo estímulo, existindo assim uma capacidade da relação *techne-campo* funcionar como um continente suficientemente estável e delimitador. Quando o elemento formal não é dominante (ClobF) significa que a angústia que é evocada não é circunscrita, sendo a resposta reveladora da emergência da dor mental, revelando a relação *techne-campo* a existência de uma falha ao nível do processo criativo de simbolização, sendo a falha ao nível da função alfa notória, levando a um predomínio de elementos beta.

As respostas de conteúdos humanos (H) quando surgem associadas a determinantes de boa qualidade formal (F+) são reveladoras de uma riqueza do processo criativo, da intersubjetividade que se gera no encontro, na relação *techne-campo*, na qual está presente uma co-construção. A sua associação a determinantes de má qualidade formal (F-) será reveladora da incapacidade de elaboração da dor mental, evidenciando uma falha no processo de simbolização, assim como uma falha na relação continente-conteúdo, aqui representada por *techne-campo*. As respostas de partes humanas (Hd) apontam no mesmo sentido, na medida em que traduzem a incapacidade do sujeito a aceder a uma imagem íntegra de si, revelando a falha no processo de simbolização, levando ao aparecimento da dor mental e à falha na contenção e na elaboração psíquica.

De uma forma similar, as respostas animais (A) quando aparecem associadas a determinantes de boa qualidade formal são reveladoras, na *techne-conteúdo*, da capacidade de

elaborar o desconhecido, da subjetividade inerente ao processo de construção, evidenciando o *campo-continente* a existência de uma relação, transformadora dos elementos beta em elementos alfa e delimitadora do mundo interno do externo. Mas, dada a reversibilidade, *techne-continente* deverá conter os movimentos adaptativos subjacentes à resposta, revelando o *campo-conteúdo* os símbolos, ajustados e integrados no contexto da socialização. Quando a associação é feita a determinantes de má qualidade formal (F-) encontramos presente uma incapacidade de elaboração do processo de simbolização e, conseqüentemente, uma falha ao nível da relação continente-conteúdo. Da mesma forma, consideramos estar presente nas respostas animais parciais (Ad), o mesmo movimento psíquico.

Podemos ainda encontrar respostas de figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda [(H)] ou de animais irreais, sobrenaturais ou de lenda [(A)] que podem ser reveladoras do processo criativo de simbolização presente na relação *techne-campo*, quando associadas a determinantes de boa qualidade formal (F+). E, pelo contrário, quando associadas a determinantes de má qualidade formal (F-) traduzem a falha presente no processo criativo de simbolização, revelando uma incapacidade em (re)significar o desconhecido. Neste contexto, podem ainda aparecer as respostas que dão conta de partes de figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda [(Hd)] ou de partes de animais irreais, sobrenaturais ou de lenda [(Ad)].

Algumas das respostas que aparecem com frequência em determinadas localizações, levam-nos a pensar no seu valor simbólico, pelo que consideramos importante destacar os conteúdos de valor sexual, os conteúdos de valência agressiva, os conteúdos de valência regressiva e as temáticas.

Nos conteúdos de valor sexual, a relação que se estabelece entre *techne-campo*, deverá revelar a boa capacidade do sujeito em aceder e integrar a oscilação entre as posições ativa e a passiva, dando conta da flexibilidade dos processos do pensamento.

Quando inscrevemos os conteúdos com valência agressiva na relação *techne-campo*, temos em atenção a possibilidade de transformação do vínculo de amor (L+) em (des)amor (L-). Isto significa que estamos perante um processo de simbolização em falência, o que aliado a um massivo movimento de identificação projetiva não irá permitir o crescimento e a expansão mental.

Os conteúdos com valência regressiva revelam-nos a incapacidade em aceder ao próprio processo de simbolização e de construção de novos sentidos e significados, evidenciando-se uma dispersão dos vários elementos, denotando-se uma falha ao nível da função alfa na relação continente-conteúdo, aqui *techne-campo*.

Neste estudo procuraremos ter ainda em atenção as temáticas, uma vez que estas dizem respeito aos temas, conscientes ou inconscientes, que caracterizam uma sequência associativa no mesmo cartão e que neste estudo estão diretamente ligados à presença de um movimento de identificação projetiva.

Os quadros 2 e 3 apresentam-nos um resumo dos principais elementos da cotação para cada um dos organizadores deste estudo.

QUADRO 2 – Resumo dos elementos da cotação reveladores da *Techne*

CATEGORIAS	PRINCIPAIS ELEMENTOS DA COTAÇÃO REVELADORES DA <i>TECHNE</i>		
	Modos de apreensão	Determinantes	Conteúdos
<p>Processo Criativo de Simbolização</p> <p>- Revelador da subjetividade; - Transformador do desconhecido e da dor mental.</p>	<p>- G (simples, elaborados e impressionista); - D e Dbl associados a um determinante de boa qualidade formal.</p>	<p>- F+; - K e kan de boa qualidade formal; - kob; - C, C' e E de perspectiva; - Clob associadas a determinantes de boa qualidade formal.</p>	<p>- H e (H) corretamente percecionados; - A e (A) corretamente percecionados; - Conteúdos com valor sexual e/ou criativo.</p>
<p>Falha no Processo Criativo de Simbolização</p> <p>- Falha na elaboração do desconhecido e da dor mental.</p>	<p>- G (vago), D, Dbl e Do associados a determinantes de má qualidade formal, imprecisos ou sensoriais puros.</p>	<p>- F- ou F±; - K e kan de má qualidade formal; - E (textura e difusão); - Clob associados a um determinante de má qualidade formal.</p>	<p>- H, Hd, (H) e (Hd) incorretamente percecionados; - A, Ad, (A) e (Ad) incorretamente percecionados; - Conteúdos com valor agressivo e/ou regressivo.</p>
<p>Processo de co-construção</p> <p>- Originalidade nos processos do pensamento; - Curiosidade na exploração.</p>	<p>- G, D e Dd associados a determinantes de boa qualidade formal.</p>	<p>- F+; - K e kan de boa qualidade formal.</p>	<p>- H, Hd, (H) e (Hd) corretamente percecionados; - A, Ad, (A) e (Ad) corretamente percecionados; - Conteúdos reveladores do dinamismo pulsional.</p>
<p>Falha no processo de co-construção</p> <p>- Impossibilidade de criar e simbolizar.</p>	<p>- G (sincrético), D e Dd associados a determinantes de má qualidade formal.</p>	<p>- F- ou F±; - kp; - Sensoriais puros.</p>	<p>- Hd; - Ad; - Conteúdos com valor regressivo.</p>

QUADRO 3 – Resumo dos elementos da cotação reveladores do *Campo*

CATEGORIAS	PRINCIPAIS ELEMENTOS DA COTAÇÃO REVELADORES DO <i>CAMPO</i>		
	Modos de apreensão	Determinantes	Conteúdos
<p>Relação continente-conteúdo</p> <p>- Delimitadora e contentora da falta; - Facilitadora da comunicação: função alfa, reveladora da circularidade do pensamento (Ps↔D).</p>	<p>- G D e Dbl associados a um determinante de boa qualidade formal, ou outro desde que o símbolo seja passível de ser continente.</p>	<p>- F+ e outros dependendo da imagem-símbolo; - K e kan de boa qualidade formal; - Clob associados a determinantes de boa qualidade formal.</p>	<p>- H e (H) corretamente percecionados; - A e (A) corretamente percecionados; - Conteúdos com valor simbólico contentor.</p>
<p>Falha na relação continente-conteúdo</p> <p>- Indiferenciação e incapacidade de representar a falta; - Impossibilidade de comunicação: falha da função alfa, sem circularidade do pensamento.</p>	<p>- G (sincrético, vago e impressionista), D, Dd, Dbl e Do associados a determinantes de má qualidade formal, imprecisos ou sensoriais puros.</p>	<p>- F – ou F±; - K e kan de má qualidade formal; - E textura; - Clob associadas a um determinante de má qualidade formal.</p>	<p>- H, Hd, (H) e (Hd) incorretamente percecionados; - A, Ad, (A) e (Ad) incorretamente percecionados; - Conteúdos com valor agressivo e/ou regressivo.</p>
<p>Identificação Projetiva</p> <p>- Comunicação facilitadora do crescimento.</p>	<p>- G sincrético e Dd associados a determinantes de boa qualidade formal.</p>	<p>- K e kan.</p>	<p>- Temáticas.</p>
<p>Identificação Projetiva Massiva</p> <p>- Falha na relação continente-conteúdo: incapacidade de organizar o caos (Ps).</p>	<p>- G, D e Do associados a determinantes de má qualidade formal, imprecisos ou sensoriais puros.</p>	<p>- F – ou F±; - K e kan de má qualidade formal; - kob e kp; - E difusão; - C e C'.</p>	<p>- Conteúdos de valor agressivo ou reveladores da permanência no caos.</p>

7.3. A *TECHNE* E O CAMPO

A *techne* refere-se ao que é produzido e cujo resultado não existia previamente, podendo apenas ser compreendido quando emerge, revelando, assim, o processo de tornar-se (Vassalli, 2001). Podemos ilustrar este conceito com a descrição de Caper (2009) sobre o “... trabalho de um escultor, que não está claro no início, mas que emerge durante o processo de criação (...) o artista transforma o seu material num processo que expressa a sua visão” (op. cit; pp. 48). Na arte, o artista não se fica apenas pela criação, uma vez que propõe a sua obra à simbolização, para poder ser recebida pelo Outro, com quem partilha o processo de criação (Korff-Sausse, 2006).

Tornar-se adolescente é um processo ativo e dinâmico, vivido pelo próprio na relação com o(s) Outro(s), pelo que procuramos através da *techne* revelar este processo presente nas respostas dadas ao Rorschach, reveladoras do mundo interno do sujeito, aqui pensadas em analogia com uma obra de arte, em que o adolescente é o próprio artista que ao criar uma resposta se envolve no processo de construção da mesma, partilhando com o Outro a sua experiência emocional, emergindo o interno ligado e (re)criado sob a forma de uma imagem-símbolo.

O ponto de partida para a formulação do processo de resposta Rorschach são as próprias características das manchas, enigmáticas e harmoniosas, “caóticas” e ordenadas, de dispersão e de integração, que abrem uma infinidade de significados tornados possíveis num processo sustentado pela identificação projetiva, inscrito numa relação do tipo continente-conteúdo. A mancha Rorschach revela-se, assim, num conjunto infinito de significados, mas também como uma realidade, ou seja, um conjunto finito de significados, presente através das interpretações que o sujeito dá, interpretações que nascem e se revelam nos confins, nebulosos mas criativos, do encontro, ligação e transformação entre objeto(s) interno(s) e objeto(s) externo(s) (Marques, 1999).

Quando pensamos na relação de encontro e de partilha entre sujeitos é inevitável a existência de uma relação intersubjetiva e de co-construção. No Rorschach é o processo de resposta que revela a existência de uma relação interpessoal, suscitando a necessidade de comunicar. Para Marques (1999), a comunicação ocorre entre as várias partes do sujeito, mas também, entre o sujeito e a situação projetiva que deve ser considerada no seu todo. “Esta comunicação opera através do estabelecimento de elos de ligação que, através da reunião e

da conciliação, implica a transformação e permite que os objetos sejam colocados uns dentro dos outros, pela relação continente conteúdo, tornando-se, assim, coerentes e integráveis na «cadeia de significantes» do sujeito. Mas também a relação entre o sujeito que é submetido à situação projetiva e o sujeito que impõe essa situação tem a marca da situação interpessoal que é a possível para os dois intervenientes, o que nos leva à necessidade de formular esta comunicação a partir de uma discussão que envolve as concepções de transferência e de contratransferência.” (op. cit; pp. 194).

Na situação Rorschach, o psicólogo não é apenas um ecrã das projeções do sujeito, nem apenas um representante misto da fantasia e da realidade, mas é, ao mesmo tempo, o continente onde se digerem as produções do sujeito e o conteúdo, pois solicita as respostas do sujeito. Assim, o psicólogo não é o intérprete do que lá está, é ele que pensa com e sobre o outro, o que sonha com e sobre o Outro (Marques, 1999). Devemos ainda ter em atenção o facto de a situação Rorschach, habitualmente concebida como mobilizadora de um conjunto de atitudes defensivas, dever obrigar a identificar o objeto, a mancha, de uma forma simbólica. Assim, a mancha passará a designar-se através de uma imagem-conceito-símbolo, obrigando a que se operem passagens, feitas de comunicação e de intimidade, entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração, implicando, necessariamente, um trabalho de reunião, união e integração entre os vários elementos internos e externos, o que favorece a criação de novas relações continente-conteúdo. Este trabalho implica que o símbolo, na qualidade de substituto condensado, não seja a cópia do objeto, mas a criação de algo novo ou de um novo objeto.

Na relação de encontro que se estabelece entre o adolescente e o clínico, mas também entre o sujeito e a mancha Rorschach, está presente, desde o primeiro momento, uma dupla relação de construção. Esta ocorre, por um lado, entre o sujeito e o clínico, cada um com a sua subjetividade, construindo-se uma intersubjetividade na relação. E, por outro lado, na relação que o próprio adolescente estabelece com o seu mundo interno para chegar às respostas, aos símbolos. Estes, por sua vez, revelam a *techne*, ou seja, as transformações presentes no processo de desenvolvimento adolescente. Este movimento pode ser descrito através da noção de simbolização, considerada por Marques (1999) como um dos organizadores fundamentais do processo de resposta Rorschach, na medida em que as imagens encontradas mobilizam

uma atividade mental complexa, onde aceder a uma imagem apela não só à perceção, mas também a uma relação com a vivência e com a representação.

As respostas resultam da capacidade de dar um sentido e um significado às manchas, o que implica a necessidade de identificar, comparar, ligar, mas também separar, transformar e (re)criar objetos. Ao reunirmos todas as respostas no protocolo Rorschach, podemos aceder aos processos que estão na base da simbolização, numa relação direta entre o presente e o ausente, o que está ligado e o que está desligado, significando o desconhecido. A simbolização é considerada como um organizador da situação Rorschach, na medida em que o sujeito é convidado a interpretar as manchas, sendo importante ter presente não apenas a resposta-símbolo que é referida, tal como o significado associado a cada um desses símbolos, mas também a forma como são criados os objetos, uma vez que é através deles que podemos aceder à *techne*, que deste modo revela o processo de co-construção presente no tornar-se adolescente.

No Rorschach, ao termos em atenção as imagens, símbolos, importa-nos ter em conta como é que estes se apresentam na sua sucessão, qual o significado do seu encadeamento e de que forma é que operam os movimentos existentes nas passagens entre o próximo e o distante, o aberto e o fechado, o estático e o movimento, o conhecido e o desconhecido, o quente e o frio, o familiar e o estranho, em movimentos que tanto podem ir da reunião à dispersão, como da dispersão à integração. Assim, importa-nos ter presente a sucessão de respostas que o adolescente vai dando ao longo do protocolo, pelo que o iremos analisar como se de uma narrativa se tratasse, procurando compreender como é que um objeto dá lugar a outro, sendo a sua passagem reveladora, em si mesma, da *techne*.

Tal como explicitámos anteriormente, os elementos da cotação são essenciais para a melhor compreensão dos processos psíquicos. Foi nesse sentido que os (re)inscrevemos nas conceções que privilegiamos neste estudo, tendo por base os organizadores *techne* e *campo*. Agora constitui-se a necessidade de os agruparmos de modo a ser mais explícita a ligação entre as categorias que organizam a leitura dos vários elementos da cotação, os elementos qualitativos e quantitativos para a análise das respostas Rorschach.

Através dos modos de apreensão podemos aceder ao processo criativo de simbolização, na medida em que este revela a elaboração do desconhecido, revelando-nos a subjetividade inerente ao processo criativo. Deste modo, consideramos importante a presença de G's elaborados, revelando uma riqueza em termos do dinamismo mental, ou seja, uma capacidade de elaboração criativa, inscrita numa relação continente-conteúdo, delimitadora e transformadora.

Segundo Linhares & Pinheiro (2004/2009) é a capacidade de evocar várias imagens a partir da mesma mancha, de não ficar preso dentro de um continente criado, podendo realizar um movimento de síntese dando origem ao G elaborado, ou um movimento de análise dos detalhes de uma resposta que inicialmente é apreendida no todo, que determina a mobilidade das fronteiras e abre espaço à criação de novos espaços. É nesta evolução que se pode (a)testar a capacidade de transformação através do processo criativo, capacidade de estabelecer novas relações continente-conteúdo, permitindo que ocorra uma mudança catastrófica.

Dentro dos modos de apreensão, os D's elaborados são também importantes na medida em que, dependendo do determinante que lhe está associado, dão conta do controlo sobre a realidade objetiva, podendo evidenciar um significado adaptativo e/ou defensivo. Mas, em ambos os casos, são reveladores da existência de um dinamismo mental, traduzindo a capacidade de ligação entre o interno e o externo, ou seja, a flexibilidade de comunicação entre os dois mundos, o que implica a existência de uma relação continente-conteúdo a funcionar na sua qualidade delimitadora e transformadora, reveladora do processo criativo de simbolização. Quando se encontram associados a determinantes de má qualidade formal, imprecisos ou sensoriais puros revelam-nos a falha no processo criativo de simbolização

Os G's elaborados surgem com frequência associados a determinantes cinestésicos, portadores por excelência de projeção (Chabert, 1983/1998). Dentro destes determinantes destacamos, em particular, as cinestésias humanas (K) e animais (kan) por serem aquelas que traduzem a capacidade do adolescente se reconhecer por inteiro. Para Linhares & Pinheiro (2004/2009), as cinestésias são elementos importantes de avaliação da atividade de para-excitação porque oferecem uma flexibilidade dos limites, da barreira de contacto. As respostas humanas ou animais, dadas em movimento, remetem para a permeabilidade da

barreira externa, revelando a comunicação interno-externo e a inter-permutabilidade dos conteúdos.

Através das respostas cinestésicas, humanas (K) e/ou animais (kan), consideramos importante ter em atenção o tipo de dinâmica presente na interação que é estabelecida, dada a necessidade de aceder à intersubjetividade entre sujeitos. Ao termos em conta o tipo de relação que se estabelece entre as figuras, humanas ou animais, podendo ainda ser representadas através de figuras irreais e/ou de lenda, devemos considerar as interações ativas, em que ambas as personagens estão envolvidas numa ação e as passivas, em que o movimento de submissão domina, num contraponto à lógica anterior. Ambas as interações, ativas ou passivas, podem ainda ser de tipo agressivo.

As respostas sensoriais apresentam uma ligação direta com os G impressionistas, cujos elementos sensoriais dominam na determinação da resposta, pelo que a cor, cromática (C) ou acromática (C'), é importante. Este tipo de respostas confronta o adolescente com a necessidade de elaborar uma “*mudança catastrófica*” face ao estímulo com o qual foi confrontado e que, por sua vez, o leva à expressão de afetos com uma tonalidade predominantemente lábil. A sua presença em estado puro irá traduzir a falha no processo de co-construção.

Dentro dos determinantes, como elementos reveladores do processo criativo de simbolização, importa-nos ainda destacar a presença de esbatimentos de perspetiva (E), que se definem pela exploração de diferentes planos no espaço. Este tipo de respostas condensa um duplo movimento. Por um lado, estão fortemente implicados na edificação da individualidade, pela recetividade sensorial que solicitam e pela sua polaridade regressiva, relacionada com as primeiras experiências de *holding* e de *handling*, no sentido Winnicottiano. Por outro lado, constituem uma tentativa para fazer face às insuficiências narcísicas ou objetais que denunciam, pelo recurso a uma dinâmica regressiva que permitirá eventuais reajustes ao voltarem a pontos de fixação mais fiáveis (Chabert, 1983/1998). Este tipo de esbatimento traduz a insatisfação narcísica do sujeito, que aqui é compensada através da articulação perceptivo-sensorial, revelando a resposta a capacidade do adolescente elaborar, de uma forma criativa, a falta.

No Rorschach, os objetos, estão associados aos conteúdos, os quais devem encontrar-se dentro dos valores considerados normativos. Os conteúdos humanos (H%) devem estar entre os valores normativos, ou seja, os 12 e os 18% e os conteúdos animais (A%) entre os 35 e os 50%, dando conta de uma boa capacidade de articulação entre a realidade e a fantasia. Dentro dos conteúdos importa ainda referir a presença de objetos reveladores da criatividade do sujeito, ou seja, da sua capacidade de ligar o seu mundo interno com o externo, emergindo um objeto-símbolo-resposta que dá conta desse movimento, sendo em si mesmo revelador da *techne*, possibilitando aceder às transformações a decorrer durante o processo de tornar-se adolescente.

Nos conteúdos que nos podem permitir aceder à *techne* devemos ter presente a sua inscrição no processo criativo de simbolização, onde o seu valor simbólico deverá surgir ligado ao sexual e/ou ao criativo, o que se altera quando existe uma falha no processo criativo de simbolização, emergindo os conteúdos com um valor agressivo e/ou regressivo. Dentro dos processos de co-construção, os conteúdos deverão ser reveladores do dinamismo pulsional do sujeito, mas quando ocorre a sua falha deverão surgir conteúdos parciais ou outros com um valor regressivo.

O *campo* é o lugar de encontro, de partilha, intra e intersubjetivo, dotado de características próprias, no qual está presente um jogo dinâmico ordenado pela identificação projetiva, que possibilita a constituição de um espaço de transformação, no qual emergem os conteúdos, funcionando como um continente gerador de novos sentidos e significados, revelador do processo de crescimento em curso (Ferro, 2006/2009).

Podemos pensar no processo de resposta Rorschach como similar ao que ocorre no *campo*, ou seja, como o lugar de encontro entre o sujeito e o objeto, gerador de uma construção intersubjetiva, cujo produto final são as respostas dadas a cada um dos cartões. Estas são o veículo de expressão dos movimentos que tiveram lugar no interior do sujeito, mas que são, ao mesmo tempo, o fruto do encontro daquele espaço-tempo, à semelhança do *campo* definido pelo espaço-tempo onde tem início a turbulência emocional.

No *campo*, outro elemento fundamental é a *rêverie*, na medida em que possibilita entrar em contacto com o pensamento onírico de vigília, com os elementos alfa, podendo narrá-los em palavras, ativando as transformações do *campo*. Para Ferro (1999/2000), “*o que importa é a “transformação” que conseguimos operar no campo: podemos pensar nas narrações do campo como um Rorschach da dupla, do qual é necessário captar os “G”, isto é, a emoção presente naquele momento, conforme a qualidade que a interpretação psicanalítica não pode deixar de ter*” (op. cit; pp. 60).

No Rorschach as respostas são a comunicação dos processos inconscientes que traduzem as transformações presentes no tornar-se adolescente. É na medida em que a narração pode ser entendida como uma contínua (re)narração, pela forma como se captam os acontecimentos do *campo*, que as respostas dadas são reveladoras. Para Ferro (1999/2000), as narrações do *campo* podem ser pensadas como um Rorschach da dupla, do qual é necessário captar a emoção presente naquele momento. Mas, ao considerarmos o Rorschach como método, este passa por si só a ser revelador das transformações que ocorrem entre o sujeito e o objeto. É Marques (1999) quem opera a passagem do modelo das transformações de Bion (1965/1982) à situação Rorschach, o que é possível na medida em que o Rorschach impõe a criação de respostas verbais, símbolos, que são depois o objeto de interpretação. Através do modelo das transformações é possível considerar que as respostas Rorschach representam os factos que estão na sua origem, sendo o trabalho do sujeito o de transformar esses factos originais.

Na situação Rorschach decorre o encontro entre duas subjetividades, constituindo-se uma intersubjetividade (Marques, 1999). As respostas do sujeito são reveladas sob a forma de símbolos, devendo ser consideradas como o produto de transformação de pensamentos e emoções referentes à situação Rorschach, ao *campo* que se estabelece no aqui e agora do encontro entre o sujeito e o material, mas também, entre o presente e o passado, o interno e o externo, revelando o processo que é tornar-se adolescente. Através do processo psíquico que a situação Rorschach impõe ao sujeito, promove-se a realização de um trabalho de união, integração, mas também de comunicação, ligação e transformação na relação com o objeto externo, implicando a existência de um conjunto de qualidades psíquicas para poder suscitar a capacidade de pensar. “*O pensar, simbolizar e substituir o objeto, as manchas Rorschach, o criar uma significação na sua ausência, o restaurar a completude e o restabelecer de um*

novo equilíbrio, mostrar-nos-ão como é reconstituída a completude dos objetos interiorizados, isto é, podemos ver qual a relação entre a resposta Rorschach e a verdade do sujeito” (op. cit; pp. 239).

As manchas Rorschach fazem apelo à percepção, levando o adolescente a organizá-las sob a forma de imagens, posteriormente comunicadas sob a forma de uma resposta. No *campo*, os pictogramas, ou seja, os elementos alfa pré-conscientes, dão-nos conta da intersubjetividade inconsciente do que está a acontecer (Ferro, 2002), tal como no Rorschach são as respostas e os movimentos que nelas estão contidos que possibilitam aceder ao mundo interno do sujeito. Mas, nem sempre é possível a comunicação sob a forma de uma imagem, constituindo-se a recusa como a expressão da incapacidade de elaboração transformativa. No *campo*, Ferro (1999/2000) também refere a existência de áreas de resistência, designando-as por baluartes, os quais implicam um posicionamento mais ajustado, de modo a que seja possível a interpretação.

A noção de *campo* pode ser pensada na situação projetiva, na medida em que ocorre no encontro entre o sujeito e o objeto, no qual está presente uma construção intersubjetiva, que aqui será revelada nas respostas dadas no Rorschach. Estas traduzem todo o conjunto de movimentos que tiveram lugar no interior do sujeito mas que são, ao mesmo tempo, o fruto da relação naquele espaço-tempo, numa articulação com outro espaço e outro tempo internos. No Rorschach, o *campo* expressa-se através da relação de circularidade entre o espaço e o tempo, podendo ser pensada através da noção de continente-conteúdo, na medida em que o continente necessita de um conteúdo e vice-versa, uma vez que o espaço não existe só por si, mas sim na relação com o tempo, que lhe dá significado e que o delimita. Espaço e tempo podem aparecer separadamente, mas também podem emergir ligados, sendo reveladores do modo como os objetos se apresentam em relação aos outros, numa ligação entre o continente e o conteúdo, pelo que iremos considerar as respostas das grandes cinestésias como a expressão que melhor revela este movimento.

Uma vez descritos os movimentos psíquicos a que procurámos aceder através do *campo*, torna-se importante descrever os elementos da cotação que melhor traduzem este organizador psíquico para acedermos às transformações psíquicas e ao processo intersubjetivo

presente no processo de desenvolvimento adolescente. Dentro dos modos de apreensão consideramos importante a presença de respostas globais (G), devendo estas encontrar-se dentro dos valores considerados normativos para a população de referência entre os 20 e os 30%. Para traduzir a relação continente-conteúdo consideramos que os G's devem ser simples, ou seja, devem ser aqueles que realizam uma leitura fácil do material, o que surge com uma maior facilidade nos cartões compactos, através das respostas banais (Ban), dando conta de uma boa adaptação perceptiva e de uma capacidade do sujeito de abordar o mundo socializado. Esta capacidade de adaptação só é possível através da associação a um determinante de boa qualidade formal (F+).

Tal como foi descrito anteriormente, uma das características que define o *campo* é o espaço, pelo que consideramos fundamental pensar esta condicionante no Rorschach, onde os modos de apreensão se revestem de uma particular importância, por serem aqueles que nos dão conta do lugar onde o adolescente percebeu o objeto e os determinantes formais, por serem aqueles que delimitam e qualificam a imagem, em função de uma referência para a população e não apenas para o sujeito.

Quando temos em conta os G's simples para a análise do organizador *campo*, devemos ter em atenção a capacidade do sujeito se adaptar a uma percepção dominante, sem esforço pessoal de elaboração ou de construção. Este tipo de resposta, quando aparece em número suficiente e associada a percepções adequadas, reflete o caráter adaptativo do funcionamento psíquico. No entanto, se este tipo de resposta for maioritário, poderá evidenciar uma atitude defensiva, que consiste em não se aplicar numa procura mais profunda ou pessoal, evidenciando uma falta de curiosidade em relação ao objeto externo, o material, como contraponto à ausência de curiosidade pelo objeto interno (Chabert, 1983/1998).

Ainda dentro dos modos de apreensão, as respostas de grande detalhe (D), que se referem a uma localização parcial do cartão, deverão encontrar-se dentro dos valores considerados normativos para a população de referência entre os 60 e os 80%. Consideramos que as respostas de grande detalhe devem ser simples, ou seja, devem revelar uma abordagem descritiva de uma leitura imediata do material, apresentando um significado socializante e adaptativo, evidenciando uma curiosidade face aos objetos externos que constituem a realidade interna do sujeito (Chabert, 1983/1998). Aqui, os modos de apreensão expressam a existência de uma boa relação continente-conteúdo, reveladora do processo de transformação e de construção em curso no tornar-se adolescente.

No que diz respeito aos determinantes, consideramos a análise do F% dentro dos valores normativos entre os 50 e os 70% como revelando a existência de um continente bem delimitado, com fronteiras permeáveis e flexíveis, permitindo a elaboração dos conteúdos, facilitando a comunicação entre o mundo interno e o externo. No mesmo sentido, o F+% dentro dos valores normativos entre os 80 e os 85% dá conta da boa permeabilidade do funcionamento mental, ou seja, da existência de um continente, com uma função alfa operante, facilitadora da transformação dos elementos beta em alfa, revelando uma boa circularidade do pensamento através da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva (Ps ↔D).

A presença de determinantes duplos é outro procedimento importante que se encontra diretamente relacionado com o modo de apreensão, em particular com as respostas de grande detalhe, já que são os determinantes que lhe estão associados que lhe conferem sentido e significado. Aqui, importa-nos a associação aos determinante sensoriais, ou seja, à cor, que pode ser cromática (C) e/ou acromática (C') e ao esbatimento (E). Esta ligação encontra-se diretamente ligada ao modo como consideramos ser possível aceder à dimensão de tempo, como parte integrante do *campo*. Quando é feita uma associação a imagens corretamente percebidas, estas atestam a boa integridade do continente psíquico. Caso se tratem de respostas com má qualidade formal estas irão revelar a incapacidade de contenção, revelando uma falha ao nível da função alfa e as formas imprecisas irão traduzir a porosidade dos limites entre o dentro e o fora.

No organizador *campo*, importa-nos ter em conta o esbatimento de textura e de difusão, dada a sua importância na subtileza precetiva com que o sujeito percebe a mancha. O esbatimento de textura, por ser aquele que reativa uma sensibilidade precoce no tocar e ser tocado, encontra-se ligado a uma procura de um apoio, ou seja, de um continente. O seu aparecimento remete para as necessidades fundamentais que são evidentes e que remetem para carências ou, pelo contrário, para o valor restaurador que permite a satisfação do desejo, acalmando a angústia. O esbatimento de difusão tem um valor defensivo, desempenhando um papel de ecrã relativamente às emergências fantasmáticas, podendo estar ligado a mecanismos de recalçamento, revelando-nos uma falha ao nível do continente, levando a uma confusão entre o dentro e o fora.

No Rorschach de adolescentes encontramos presente a substituição da função desempenhada pelo objeto de dependência, pelo privilégio dado aos modos de apreensão

global, ou pelo maior aparecimento de esbatimentos de textura (Marques, 1999). Neste sentido, para Linhares & Pinheiro (2004/2009), as respostas de apreensão global estariam ao serviço da delimitação e as de esbatimento na procura regressiva de contacto com uma superfície continente. Neste estudo, na descrição realizada sobre os vários elementos da cotação, consideramos a importância do esbatimento numa articulação com a falha na relação continente-conteúdo, levando a uma confusão entre o interno e o externo, impossibilitando a comunicação, estando subjacente uma falha ao nível da função alfa, impedindo a transformação dos elementos beta.

No *campo*, tal como no Rorschach, importa-nos aceder ao modo como as dimensões de espaço e tempo se articulam, numa relação de tipo continente-conteúdo. Consideramos que as grandes cinestésias (K) são respostas importantes para acedermos a esta dimensão psíquica. Neste sentido, procuramos através destas respostas aceder à qualidade da relação, ou seja, à dinâmica que se estabelece entre Un(s) e Outro(s), procurando qualificá-la em termos das suas características, procurando descrever o que surge, podendo esta inscrever-se em dinâmicas de tipo funcional, lúdico, cooperativo.

As cinestésias de objeto (kob) tendem a aumentar na adolescência, como resultado do desequilíbrio pulsional introduzido pelos rearranjos pubertários, antes da organização genital ser a dominante. Na análise destas respostas devemos ter em atenção o seu carácter sexual, expresso através de imagens simbólicas, ou a sua valência destrutiva, que põe em causa a integridade psíquica ou corporal, suscitando uma degradação pouco reversível na qualidade das produções (Chabert, 1983/1998). Mas, o movimento de objetos também traduz a necessidade de comunicação entre espaços, desempenhada pela função contentora (Linhares & Pinheiro, 2004/2009).

Segundo Godinho, Marques & Pinheiro (2009), as cinestésias de objeto percecionadas em movimento e as cinestésias de partes do corpo percecionadas em movimento dizem respeito à mobilização das pulsões, não comprometendo a adaptação à realidade, traduzindo o compromisso entre a percepção e a projeção. É neste sentido que no *campo* irão traduzir a incapacidade em organizar o caos, podendo suscitar o aparecimento de um intenso movimento de identificação projetiva.

Nos conteúdos, para além da importância do seu valor simbólico, procuraremos ter em conta o tipo de objetos referidos pelo sujeito, tendo em atenção o seu carácter íntegro ou a presença do dano, através da referência a estar partido ou estragado, numa associação direta a

um continente suficientemente íntegro e pouco estável porque danificado. Teremos ainda em conta a forma como os objetos podem ser colocados uns dentro dos outros, numa representação direta da relação continente-conteúdo, permitindo desta forma dar conta da circularidade entre o espaço e o tempo, numa passagem de um lugar a outro, onde o espaço surge representado pelos modos de apreensão e pelos determinantes formais, numa procura de delimitação, enquanto o tempo pode ser pensado com recurso aos determinantes sensoriais, através da cor e do esbatimento. Nos conteúdos, a presença de uma identificação massiva será revelada através do valor agressivo ou pela permanência no caos sendo a sua valência positiva revelada através das temáticas.

Linhares & Pinheiro (2004/2009) referem a definição bipartida de Anzieu (1985/1995), relacionada com o conceito de continente (envelope, recipiente ou limite) e com o conceito de “contentor” (reportando para a *função α* tal como foi descrita por Bion). Assim, pressupõe que os conteúdos sejam neutralizados e conservados por um recetáculo “continente”, sendo depois elaborados e transformados por um contentor que os torna mais representáveis. Segundo Chabert (1983/1998) encontramos uma boa capacidade de delimitação dos engramas, sendo o envelope psíquico eficaz na sua função continente, quando os conteúdos referentes a pele, membrana ou superfície protetora se encontram associados a determinantes de boa qualidade formal.

O processo de tornar-se caracteriza-se pela presença de oscilações e pela necessidade consecutiva de realizar integrações, fazer escolhas, o que só é possível consolidar através de um processo intersubjetivo em permanente (re)organização.

Na análise dos protocolos de Rorschach importa-nos ainda ter em atenção a forma como decorre a passagem entre um e outro momento do crescimento, ou seja, o que é que ocorre entre dois momentos do desenvolvimento adolescente, para podermos explicitar as transformações que têm lugar na passagem de um momento para outro, pelo que vamos ter em atenção o conteúdo simbólico das respostas, em particular o movimento progressivo ou regressivo, presente no decurso natural do crescimento. As respostas irão traduzir a circularidade psíquica inerente ao tornar-se, numa oscilação que pode ir no sentido da integração e do avanço no crescimento ($K \rightarrow K+$), ou pelo contrário, numa impossibilidade de transformação ($K \rightarrow K-$) (Bion, 1965/1982).

O quadro 4 reúne as várias categorias de análise para a *techne* e para o *campo*, atendendo aos elementos qualitativos, aos modos de apreensão, aos determinantes e aos conteúdos.

Uma vez descritos os procedimentos de análise, no próximo capítulo será realizada uma interpretação das várias respostas Rorschach, dadas nos protocolos dos adolescentes, a cada um dos cartões, nos dois momentos do desenvolvimento em estudo, tendo presente a dinâmica intra e intercartão, o simbolismo latente de cada um dos cartões, os elementos da cotação e os dados do psicograma. Deste modo, procuramos aceder às transformações que decorrem em cada um dos momentos do desenvolvimento, mas também, ao processo inerente ao crescimento, na passagem dos 13 para os 16 anos. Depois da análise dos protocolos segue-se a discussão dos resultados, onde procuramos encontrar os elementos que convergem e os que divergem, de modo a ser possível acedermos e compreendermos as transformações psíquicas presentes durante o processo de tornar-se adolescente.

QUADRO 4 – Resumo dos procedimentos de análise no Rorschach

Organizadores	Elementos qualitativos	Modos de apreensão	Determinantes	Conteúdos
<i>Techné</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação continente-conteúdo: movimento que vai da dispersão à integração e da integração à dispersão, surgindo o objeto interno e o externo ligados e recriados através de um processo criativo de simbolização; - Resposta-imagem-símbolo como reveladora do processo de simbolização e de co-construção; - Movimento presente na sucessão das respostas no protocolo. 	<ul style="list-style-type: none"> - G e D nas suas variações; - Dbl associado a uma boa qualidade formal. 	<ul style="list-style-type: none"> - K e Kan: interação ativa/passiva/agressiva entre fig. Humanas/Animais/irreais ou de lenda; - C, C' e E perspectiva; - Clob. 	<ul style="list-style-type: none"> - H% (12-18%) - A% (35-50%) - Valor simbólico: sexual, agressivo, regressivo.
<i>Campo</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação continente-conteúdo visível nas respostas, reveladoras da comunicação entre o mundo interno e o externo; - Processo de transformação presente nas respostas-imagens-símbolos, surgindo a recusa como a expressão da incapacidade de elaboração transformativa; - Circularidade entre: espaço e tempo numa relação delimitadora e (re)significadora. 	<ul style="list-style-type: none"> - G simples associados a Ban; - G% dentro dos valores normativos (20-30%); - D% simples dentro dos valores normativos. 	<ul style="list-style-type: none"> - F% (50-70%); - F+% (80-85%); - Determinantes duplos (C, C' e E); - E (textura e/ou difusão); - K e kan: dinâmica relacional de tipo funcional, lúdico e/ou cooperativo; - kob e kp. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetos inteiros vs. partidos ou danificados; - Conteúdos com valor agressivo.
<i>Techné-Campo</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Circularidade psíquica presente no conteúdo simbólico das respostas. 	<ul style="list-style-type: none"> - G's e D's nas suas variações. 	<ul style="list-style-type: none"> - K; - C e E. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetos em relação continente-conteúdo.

8. ANÁLISE DOS DADOS RORSCHACH

*“Às vezes digo – neste mundo.
Porquê neste
É para dizer que há mais
De quem se diga: noutra? (...)*

*Ainda que haja outro
parece a alguém
que há lá coisas diferentes?
Como se os mundos
não fossem sempre iguais!...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 200) Vol. I

De seguida realizamos a análise dos protocolos de Rorschach dos adolescentes que participaram nesta investigação. A cada um deles foi atribuído um nome fictício, o nome de uma divindade. A mitologia foi utilizada neste estudo como um lugar de inspiração, trata-se de um pensamento rico, com inúmeras expressões do feminino e do masculino que possibilitam uma infinidade de complementaridades, através das quais nos foi possível pensar os processos de crescimento com recurso a outros cenários repletos de simbolismo. Para a compreensão de cada uma das divindades baseámo-nos em especial no trabalho desenvolvido por Pinheiro (2011) *“Mitos e Lendas da Grécia Antiga”*.

Começamos a análise dos protocolos com **Afrodite**, que nasceu da luta entre Cronos e Úrano, Deusa da fecundidade, conhecida pelo que mais tarde se transformou, na Deusa do amor. **Apolo**, Deus do sol, o harmonizador dos contrários, a ele compete a reprodução das grandes antíteses universais. **Artémis**, a Deusa da caça e das florestas, também conhecida pela divindade da máscara, aquela que se posiciona nas zonas limítrofes. **Atena**, Deusa da inteligência, conhecida como a divindade que emerge da montanha sagrada. **Deméter**, conhecida como a Deusa da agricultura que reina nos campos cultivados. **Gaia** nasceu do

caos, é considerada a mãe universal através da qual o espaço encontrou o início de orientação e de estabilidade. **Hera**, a Deusa das sandálias douradas é conhecida por abençoar os matrimónios e presidir os nascimentos, contudo nunca é evocada como mãe, nem representada com um filho ao colo. **Sémele**, considerada a Deusa da fertilidade, perde o seu estatuto de divindade tornando-se mortal. E por fim, **Zeus**, o Deus dos deuses, cujas boas ações em prol da humanidade e da vida civilizada são conhecidas e veneradas (Pinheiro, 2011).

A análise dos protocolos Rorschach será realizada separadamente para cada um dos cartões do Rorschach, primeiro aos 13 e depois aos 16 anos, procurando descrever o processo de resposta Rorschach, fazendo uma articulação do movimento presente nas respostas. Segue-se uma leitura do que teve lugar entre os dois momentos do processo de tornar-se para cada um dos cartões. No fim da análise do protocolo de cada uma das divindades será realizada uma análise atendendo aos elementos do cartão, descritos para a *techne* e para o *campo*, assim como uma leitura integrativa dos elementos qualitativos presentes no protocolo. Ao longo da análise e sempre que se justifique iremos recorrer à mitologia como um lugar inspirador para descrever as transformações que decorrem durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Depois de terminada a análise dos protocolos, no ponto seguinte será realizada uma análise em separado para cada um dos organizadores: *techne* e *campo*, destacando o que de mais relevante surgiu, em cada um dos momentos do desenvolvimento e para o feminino e para o masculino.

8.1. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH

8.1.1. Afrodite: a (re)criadora

Afrodite de estatura média, olhos e cabelos castanhos, possui um corpo bem definido, fruto da prática de natação, o que lhe dá o porte elegante e singelo. No primeiro momento da avaliação tem 13 anos e 4 meses e no segundo 16 anos e 4 meses (ver protocolos – Anexo A). É filha única e tem tido um percurso escolar sem sobressaltos e com boas notas. Na mitologia Afrodite, inicialmente, é conhecida como sendo a deusa da fecundidade, cuja ação se estendia

a toda a natureza, às plantas, aos animais e aos humanos, tornando-se Deusa do Amor com as suas conversas sedutoras, os risos graciosos, as doces mentiras, os encantos e as doçuras do amor (Guirand, 1996/1999).

Na entrada na situação Rorschach, o cartão I põe em jogo o contacto com o desconhecido e a sua recriação com e pelo conhecido. A *techne* revela o movimento de construção interna, o processo criativo e o *campo* a organização do desconhecido e enigmático numa figura que revela o processo de transformação realizado. Afrodite no primeiro contacto com a prova agita-se e inquieta-se. Dá como resposta: “*É um monstro?!... Não faço a mínima ideia do que é isto.*” (Um monstro por causa dos quatro olhos, do seu ar, das orelhas, pela forma da cara do monstro – Gbl FClob H/(Hd)). Apesar de ser evidente a capacidade de figurar que impôs uma atividade de ligação entre o interior e o exterior reveladora da ação da *techne* – o conteúdo, o *campo* – continente – apresenta uma falha ao nível da capacidade de transformação, pela inquietação e disforia que contém.

No primeiro contacto com a situação desconhecida Afrodite teve a necessidade de realizar um movimento de afastamento. No entanto, no inquérito existe a capacidade de se aproximar, de explorar a mancha e de encontrar pontos de contacto, ver e ouvir o mundo, pelos olhos e pelas orelhas, canais de comunicação facilitadores das trocas entre o dentro e o fora, o interno e o externo.

No segundo momento de avaliação, aos 16 anos, o confronto com o cartão I leva-a a dar a resposta “*Um gato*” (Os olhos, as orelhas e o focinho – Dbl F+ A/Ad). Investe a mancha que deste modo perde o carácter de estranheza. Evoca um animal que oscila entre poder ser dócil e afável ou esquivo. A entrada na situação, no desconhecido à procura de um significado, mostra a capacidade de dar um nome e um sentido à mancha, revelando a *techne* o seu processo de criação interno e o *campo* uma imagem estruturada, delimitada, mesmo que parcializada, mas com uma aproximação ao mundo vivencial e experiencial.

Na passagem de um momento a outro, assistimos a um processo de transformação que opera de forma diferente: do inquietante, distante e desconhecido, num primeiro momento, passa-se, no segundo momento, à expressão de uma melhor capacidade de aceder a um verdadeiro símbolo, a uma imagem-continente, reveladora de uma maior organização no mundo interno.

No cartão II, aos 13 anos, entre risos, dá a resposta: “ $\vee \wedge$ Um animal, qual, desconheço...” (os bigodes, as orelhas, aqui parece os olhos e o nariz – Gbl F± A). A resposta de “um animal...” revela-nos um movimento de unificação, uma vez que os vários elementos se reúnem, configurando o que parece constituir um rosto, numa procura da sua identidade, deixando de lado o caráter bilateral do cartão e a possibilidade de aceder a uma relação intersubjetiva. Afrodite está atenta ao que confere um significado, aos conteúdos, sem que ainda exista um continente, existindo uma certa porosidade. Neste cartão, a *techne* traduz a transformação em curso no tornar-se através de uma imagem-símbolo que revela ainda a procura do Eu, do seu rosto, numa espécie de mapeamento identitário. O *campo* traduz a permanência na posição esquizoparanóide (Ps) e uma incapacidade em aceder à posição depressiva (D), na sua qualidade contentora e transformadora.

Aos 16 anos dá como resposta: “ $\vee \wedge$ É um bicho qualquer, aqui os olhos e aqui o nariz. Não sei...” (Os olhos, o nariz e o corpo – Gbl F± A). Na resposta dada por Afrodite a este cartão, existe uma necessidade de unificação do relacional, que lhe é proposto (re)criar, mas que aqui, mais uma vez, surge sob a forma de um rosto evidenciando uma dificuldade ao nível da integração da bissexualidade psíquica, revelando-nos a *techne* a existência de uma imagem unificada e pouco criativa. O *campo* traduz a falta de um continente que permita delimitar os movimentos de oscilação presentes neste cartão.

As respostas dadas ao cartão II, nos dois momentos do desenvolvimento revelam-nos a existência de uma impossibilidade de transformação e de (re)significação dos opostos, revelando-nos a procura de uma unicidade e de uma integridade do Eu, evidenciando uma dificuldade ao nível da representação da relação intra e intersubjetiva que se estabelece na relação com o Outro.

O cartão III apela à representação de si e da relação intersubjetiva Eu-Outro. Aos 13 anos surge como resposta: “Um gato.” (As orelhas, o nariz – D bl F– A/Ad). Apesar da capacidade de evocar uma imagem símbolo que traduz o movimento presente no mundo interno, a imagem revela-nos que existe uma incapacidade em lidar com o relacional solicitado pelo cartão. Afrodite dá uma imagem unitária parcial, de má qualidade formal e com integração do branco, num cartão bilateral, o que nos traduz uma falha no processo criativo de simbolização, uma procura de representação do Eu, ainda sem a capacidade de aceder à dinâmica Eu-Outro. O seu interesse parece estar na construção do Eu e na construção

de vias de comunicação interna, que no futuro poderão vir a permitir o desenvolvimento da relação Eu-Outro.

No fim do protocolo, no inquérito dos limites, já encontramos presente um esboço desta dinâmica, quando Afrodite é questionada sobre a possibilidade de imaginar duas figuras humanas no cartão III responde: “*Sim. Parece e não parece, só parece na parte superior.*”, numa clara referência à parte feminina do cartão, numa ancoragem perceptiva com o que é familiar e conhecido.

Aos 16 anos, no cartão III é dada a resposta: “*Dois empregados de mesa.*” (os empregados parece que estão a levar uma bandeja – G K H Ban). Esta resposta mostra a possibilidade de aceder a uma representação de relação, embora banalizada, funcionalizada e em espelho, traduzindo a *techne* um esboço de interação, que não o é na sua aceção plena, dado o desdobramento do Eu num outro igual, revelando o *campo* a existência de um Eu bem definido e bem delimitado.

Através das respostas dadas a este cartão podemos observar a passagem de uma representação de Si fragilizada, para uma representação da relação do Eu-Outro, que aqui se apresenta entre o servir e o ser servido, uma lógica que nos remete para a questão da autonomia vs. dependência, revelando-nos a existência de um espaço de co-construção intersubjetivo, também representado pela “bandeja”, lugar para o transporte inerente a esta interação fundamental durante o processo de tornar-se adolescente.

O cartão IV sugere uma imagem de força e de potência que convida a tomar uma posição de domínio ou de submissão. Aos 13 anos Afrodite diz: “*Não sei...*” dando uma recusa, revelando-nos desta forma uma incapacidade em elaborar e transformar a dor mental. Aos 16 anos diz: “*Só me vem à cabeça aquelas peles, tipo de vaca, que ficam abertas ao meio. Agora só vejo isto.*” (Está espalmadinha e pelos contornos, aqui parece a cabeça ao meio parece a cabeça aberta ao meio e aqui parece uma perna para cada lado – G FE A). Apesar da falha ao nível do processo de simbolização, a *techne* revela-nos a procura de um animal contentor, a vaca, que aqui é colocada no limite, entre o dentro e o fora, pela pele, revelando-nos a falha ao nível do continente-*campo* surgindo uma resposta de má qualidade formal que dá conta da presença de um forte movimento de identificação projetiva.

No primeiro momento do desenvolvimento do processo de tornar-se adolescente Afrodite vê-se confrontada com o paterno/masculino existindo ainda neste momento uma incapacidade de lhe conferir um significado. Mas, no segundo momento, já não fica impotente face a uma imagem de força e de dominação, ocorrendo a transformação no sentido de a aproximar de uma lógica mais diminuída, pelo que menos potente.

O cartão V é o mais unitário, quer pela sua forma, quer pela sua cor, levando a um reconhecimento de uma unidade corporal, apelando assim, para a integridade psíquica. Aos 13 anos é dada a resposta “*Um morcego.*” (Pela aparência dele – G F+ A Ban), mantendo-se a mesma resposta aos 16 anos, “*Um morcego.*” (No negro – G F+ A Ban). A imagem do morcego surge como um símbolo revelador da existência de longevidade e da expressão de bons desejos, que vive nas cavernas, consideradas como a passagem para o domínio dos imortais, como o lugar onde se alimenta de concreções vivificantes (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Na resposta dada ao cartão V, no primeiro momento do desenvolvimento Afrodite ainda não apresenta um continente suficientemente estável, emergindo o símbolo-morcego sustentado “pela aparência”, revelando-nos a *techne* pouca criatividade no início do processo de tornar-se adolescente. Na passagem para o segundo momento do desenvolvimento, o *campo* traduz a capacidade de (re)significar as transformações psíquicas em curso na constituição da sua integridade psíquica. A *techne* surge como o elemento revelador do próprio processo de crescimento, através de uma resposta/símbolo delimitadora do mundo interno e do externo, reveladora da integridade do Eu.

Neste cartão, a passagem do primeiro momento do processo de tornar-se para o segundo momento, revela-nos uma transformação que decorre do nível de captação do objeto, inicialmente pelas suas qualidades externas, passando depois para o que o sustenta e suporta, o negro da mancha, revelando-nos uma sensibilidade às características sensoriais da mancha.

No cartão VI, aos 13 anos, surge a resposta: “*A pele de um bicho.*” (Está assim espalmado, os bigodes e aqui parecem estar umas patas – G EF A). A “*pele*” constitui-se como o delimitador entre o dentro e o fora, conferindo um corpo a um “*...bicho*”, ou seja, a um animal indefinido, que aparece espalmado, menos definido, mais frouxo e desvitalizado, num movimento onde domina claramente a passividade. Na resposta dada a este cartão, Afrodite não consegue evocar um continente delimitador e transformador do simbolismo contido na mancha, revelando a *techne* uma falta ao nível do processo criativo de co-

construção e o *campo* uma falha da função alfa, na sua qualidade delimitadora e (re)significadora.

Aos 16 anos surge a resposta: “*√ Dois ursos, assim virados ao contrário.*” (Pelo recorte da mancha – D F+ A). Ao procurar conciliar os opostos apresentados neste cartão, Afrodite opera um desdobramento em dois ursos, dois animais que reúnem em si a atividade, são caçadores ágeis e a passividade, dada a sua inércia quando hibernam. Para Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), o urso simboliza as forças suscetíveis de evolução progressiva, mas capazes de terríveis regressões. Nesta resposta a *techne* revela-nos a capacidade de Afrodite em evocar de uma forma criativa um animal bem definido, dotado de características de força e de potência, evidenciando o *campo* uma co-construção facilitadora da integração do simbolismo sexual, do masculino, que já pode ser integrado neste momento do desenvolvimento.

Nas respostas dadas ao cartão VI por Afrodite, denota-se um movimento evolutivo no processo de tornar-se adolescente, dada a passagem que se opera entre a resposta “*...pele...*” vaga e dispersa, no primeiro momento, ainda sem a presença de um continente, integrador e unificador, e a de “*...dois ursos*” que se apresentam “virados ao contrário”, numa representação da relação Eu-Outro, aqui explicitada na dinâmica *techne-campo*, entre a força do masculino (re)criada na *techne* e o esboço da relação que emerge no *campo*.

O cartão VII suscita a necessidade de pensar no relacional materno, apelando a uma relação dinâmica e de co-construção. Aos 13 anos Afrodite dá a resposta: “*Dois crianças.*” (D F+ H), uma resposta que reflete a capacidade de aceder a uma relação interpessoal, aceitando e integrando o mundo infantil, evidenciando a *techne* uma capacidade para elaborar e integrar o simbolismo materno, elaborando-o através de uma resposta reveladora do crescer, de aceitar ter sido um dia uma criança. No *campo* denota-se a existência de uma boa capacidade ao nível da circularidade dos processos do pensamento, ou seja, existe uma boa relação continente-conteúdo.

Aos 16 anos dá a resposta: “*Dois anjos, o que nós pensamos que existe, mas que não existe, que nos definiram uma imagem.*” (D K (H)). A *techne* nesta resposta traduz uma boa integração do simbolismo materno numa co-construção criativa e (re)significadora, que apela para um mundo mágico de proteção através dos “*...anjos...*”, revelando-nos o *campo* a existência de uma boa relação continente-conteúdo, transformadora e apaziguadora das tensões vividas internamente, na delimitação dos espaços psíquicos internos e externos, presentes durante o processo de tornar-se adolescente.

Os “...anjos...” reportam-nos para o mundo irreal, da fantasia, para o imaginário, para o que sabemos que não existe, mas em que acreditamos porque nos é transmitido, numa passagem geracional que nos constrói e enriquece, tal como acontece no próprio processo de crescimento, no que nos dizem de nós, que nos define na nossa imagem, mas que com o tornar-se adolescente se transforma, levando a um encontro entre o Eu e o Outro, que constitui o Eu, mas também o Outro na sua singularidade.

Neste cartão, na passagem de um momento do desenvolvimento para outro, Afrodite opera um movimento de elaboração e de simbolização, dotado de uma maior capacidade de abstração, na medida em que se opera uma passagem da resposta: “*Duas crianças*”, para “*Dois anjos...*”, que são muitas vezes representados por crianças, pela sua inocência e pelas suas virtudes, crianças imortalizadas, sem corpo e sem sexo, que permanecem idealizadas, podendo constituir-se uma ligação com o que de arcaico é despertado no simbolismo deste cartão, diretamente ligado ao relacional materno.

O cartão VIII introduz as cores pastel, permitindo-nos a *techne* aceder ao movimento de construção interna e o *campo* à dinâmica relacional que se estabelece entre a procura de novos sentidos e significados e o fechamento ao conhecimento, através do qual decorrem as transformações essenciais para o crescimento mental.

Aos 13 anos, Afrodite, depois de rodar lateralmente o cartão e o voltar a colocar na posição inicial diz: “*Aqui parecem-me duas iguanas em cima de qualquer coisa.*” (Aqui uma pedra ou uma montanha – D F+ A). No primeiro impacto com os cartões coloridos evoca uma imagem/símbolo que dá conta de um animal ectotérmico, um animal que não possui temperatura corporal constante, o que o leva a habitar terras quentes. Embora pertença à classe dos vertebrados trata-se de um réptil, o que o coloca numa linha primitiva do desenvolvimento da espécie. Contudo, a resposta dada a este cartão revela uma capacidade de construção interna, revelando a *techne* o processo criativo de simbolização e traduzindo o *campo* uma relação entre o animal e a natureza, numa procura de apoio e de suporte, o que nos remete para a forma como no tornar-se adolescente existe uma progressiva conciliação entre lugares de naturezas distintas que se procuram conciliar e integrar promovendo o crescimento.

Aos 16 anos, Afrodite dá a mesma resposta “*Iguanas.*” (D F+ A) não se verificando uma transformação na forma como é (re)significado o conteúdo latente deste cartão, limitando-se a evocar a imagem de um réptil, com a pele queratinizada, muitas vezes sob a forma de escamas, com capacidade pulmonar e um esqueleto interno ossificado com crânio.

Apresenta-se como um animal primitivo, mas dotado de algumas características que lhe permitem uma desenvoltura mais evoluída. Nesta resposta, a *techne* continua a traduzir o processo criativo, embora se verifique uma construção insipiente e rudimentar dos afetos. No *campo* é visível a capacidade de organizar a mancha, através da construção de uma imagem que permite o acesso ao conhecimento, dada a maior estabilidade do continente.

A análise das respostas dadas ao cartão VIII, nos dois momentos do desenvolvimento, revela-nos que Afrodite denota uma capacidade em elaborar a transformação que ocorre na mudança do estímulo, funcionando este como um organizador, permitindo-lhe falar do interior da mancha, o que não tinha acontecido nos cartões anteriores. No primeiro momento ainda necessita de apoio, as iguanas estão em cima de qualquer coisa, dado o rudimento do continente. No segundo momento este movimento deixa de ser necessário, porque ao estar constituído o continente podem ser apenas “*Iguanas.*”, animais reveladores na *techne* de um bom processo criativo de simbolização.

No cartão IX aos 13 anos dá a resposta: “*Aqui parecem-me ramos de uma árvore e o resto não sei.*” (D CF Nat.), uma resposta que contém um simbolismo que dá conta da perpétua regeneração, uma vez que os “*ramos de uma árvore...*” dão-nos conta de uma ascensão aos céus, assim como do caráter cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração, evocando um ciclo, uma vez que se despojam e se cobrem todos os anos de folhas (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nesta resposta a *techne* traduz a oscilação presente entre a vida e a morte, constituindo-se como um elemento de dispersão do caos, enquanto o *campo*-continente aqui representado pela árvore, anunciada pelos seus ramos, os quais funcionam como o lugar revelador das transformações psíquicas em curso durante o processo de tornar-se adolescente. À semelhança do que acontece na natureza, os ciclos renovam-se, os “*...ramos...*” são o que sai do interior, mas são ao mesmo tempo um equivalente dos braços humanos, que abraçam o céu e que são acariciados pelo vento.

Aos 16 anos diz: “*Uma bruxa*” (D F- (H)), uma imagem que apela para um mundo da fantasia, surgindo a *techne* ligada a um imaginário mágico, místico, mas inquietante, dada a dificuldade de evocar um *campo* delimitador, entre o real e a fantasia, aparecendo estes dois mundos ligados, numa resposta que atendendo à sua inadequação formal revela na *techne* uma falha na co-construção, embora inscrita no mundo irreal, sobrenatural ou de lenda.

O cartão IX apela para uma dimensão mais arcaica, favorecendo os movimentos mais regressivos, o que acontece nos dois momentos do desenvolvimento de Afrodite, suscitando-lhe uma grande dificuldade em circunscrever e (re)significar o caos, dada a falta de um

continente transformador e (re)significador e dada a falha dos conteúdos-*techne*, que traduzem a falha do processo criativo de simbolização.

O cartão X, é o último e o mais disperso entre os coloridos, o que anuncia a chegada ao fim da prova e da relação. No primeiro momento são dadas as respostas: “*Parece um caranguejo.*” (D F+ A), “*Aqui aquelas algas do mar.*” (D F± Bot) e “*Isto aqui não sei bem o que é...*” No inquérito diz: “*um bicho do mar*” (D F± A). Neste cartão, Afrodite revela uma incapacidade em lidar com a dispersão, evidenciando o *campo*-continente uma falha na sua função delimitadora e transformadora da angústia sentida com a chegada ao fim da prova. Os conteúdos aqui explicitados contrastam entre si, entre o “*caranguejo*”, com uma carapaça dura de proteção; as “*algas*” que simbolizam a vida sem limite, que nada pode aniquilar, a vida elementar, o alimento primordial (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). No inquérito acrescenta “*Um bicho do mar...*” (D F± A), uma resposta que acentua o caráter indefinido que funciona como um rudimento de um continente, ainda muito incipiente porque em transformação e construção.

Aqui a *techne* revela-nos o movimento do tornar-se entre a abertura ao mundo e o seu fechamento e retraimento, através de uma dinâmica que se estabelece entre o frágil e o desprotegido, presente no caos, ao qual é necessário dar um sentido e um significado e a necessidade de proteção, que leva à evocação de imagens-símbolos contentoras, mas que ao mesmo tempo traduzem um fechamento no acesso ao mundo. Este movimento, presente nas respostas dadas por Afrodite a este cartão, reporta-nos para o mito das origens, descrito por Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), segundo o qual, as relações do um e do múltiplo, do indeterminado e do definido, geram o conflito e a união dos opostos, em que a sua mistura e possível equilíbrio, geram o contraste entre a permanência da ordem divina e a efemeridade da vida terrestre.

No segundo momento Afrodite dá as respostas: “*Aqui algas.*” (D F± Bot), “*Aqui lagostas.*” (D F+ A), “*Aqui caranguejos.*” (D F+ A) e “*Sei lá... o fundo do mar.*” (Gbl CF Nat) acrescentando como resposta adicional “*Aqui também parecem dois cavalos-marinhos*” (D F+ A). Através da sequência das respostas é possível observar um movimento progressivo de transformação e de crescimento, traduzindo a *techne* os limites Eu-Outro, aqui visível nas referências feitas a animais, dotados de uma boa qualidade formal, com limites bem definidos e demarcados entre o dentro e o fora. No *campo* estas respostas dão conta da capacidade de conter e de transformar o clima imposto pelo fim da prova. Assistimos a um movimento de

ligação e de reunião dos vários elementos dispersos através da evocação de um *campo-continente* “...o fundo do mar”; no qual se inscrevem os conteúdos-*techne* reveladores do processo de transformação, que aqui expressam uma oscilação entre a necessidade de proteção, com a evocação de animais com uma carapaça mais dura “...caranguejo...”, “...lagostas” e a dispersão, representada através da resposta “...algas”.

No cartão X, aos 13 anos, Afrodite dá um conjunto de respostas que nos remetem para o universo da fantasia, para uma alusão ao fundo do mar. Porém, só aos 16 anos, no final do processo de tornar-se é que lhe foi possível evocar um continente, sob a forma da resposta: “...o fundo do mar”, na qual foi possível delimitar e separar o dentro e o fora, integrando e unificando a diversidade, ilustrando as transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente.

Ainda dentro dos elementos que definimos para a análise da *techne* importa salientar: Aos 13 anos apenas a presença de um G impressionista, no cartão IX (“ramos”). Aos 16 anos mantém-se a presença do G impressionista, mas existem também G elaborados, reveladores de uma boa circularidade do pensamento.

Nos elementos que definimos para o *campo*, aos 13 anos, Afrodite apresenta os pequenos detalhes dentro dos valores normativos e surge apenas um G simples associado a uma banalidade no cartão V (“morcego”), verificando-se um aumento neste tipo de associações no segundo momento, com as respostas dadas no cartão III (“dois empregados”) e V (“morcego”). Os valores do F% encontram-se dentro dos valores normativos, existindo determinantes duplos e respostas de esbatimento nos dois momentos da avaliação: “...pele de um bicho” no cartão VI, aos 13 anos “...peles, tipo de vaca...” no cartão IV, aos 16 anos. A presença de respostas onde se verifique a existência de objetos colocados na relação continente-conteúdo é visível apenas no segundo momento de passagem da prova, no final da adolescência, no cartão X, na resposta “...o fundo do mar”.

Na passagem que decorre entre o primeiro momento e o segundo da sua adolescência, Afrodite revela-nos a beleza do seu tornar-se, permitindo-nos aceder às transformações psíquicas em curso no seu desenvolvimento. Através da análise da sucessão das respostas dadas aos dois protocolos verificamos na *techne* um aumento da capacidade de transformação e de elaboração do desconhecido, uma emergência da possibilidade de expressar o Eu que permite uma passagem para a interação Eu-Outro, com a criação de um espaço de co-construção e de uma relação intersubjetiva. Assim como o acesso a movimentos de integração e de unificação do que inicialmente surgia de uma forma vaga e dispersa. Decorrem passagens

no sentido da elaboração transformativa, em particular na articulação, com o simbolismo arcaico no cartão VI e com a representação dos afetos no VIII, onde Afrodite passa a poder revelar a sua construção sem a necessidade de um apoio.

No *campo* é visível, do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, um aumento da estabilidade do continente, o que permite um aumento da capacidade de abstração e do espaço interativo e co-constutivo. Apenas no final do processo de desenvolvimento adolescente, aos 16 anos, foi possível encontrarmos uma maior circularidade na dinâmica espaço-tempo, dada a presença de cinestésias nos cartões III e VII, reveladoras de um aumento do dinamismo psíquico.

A dinâmica *techne-campo* pode aqui ser compreendida numa lógica transformacional, através da ligação e da integração dos contrários. Nos dois protocolos é visível a circularidade psíquica presente na dinâmica *techne-campo*, em particular no cartão VI e no X, nos quais assistimos, por um lado, a um aumento da abstração e, por outro, à evocação de um continente estável e (re)significador. Numa analogia como Afrodite, Deusa do Amor, que preside à união sexual, às forças do acordo e da harmonia (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008).

Na luta em que Cronos enfrentou o seu pai Úrano, para o destronar, cortou-lhe os genitais, lançando-os ao mar, foi da espuma aí gerada que nasceu Afrodite, dando a castração lugar à criação. Durante o processo de tornar-se, o adolescente confronta-se com a sua própria castração, dada a desidealização, que impõe a necessidade de integração, do novo e do desconhecido, através de uma (re)criação que permite a construção de um espaço intersubjetivo, no qual é possível (re)simbolizar e de (re)significar os processos de transformação.

8.1.2. Apolo: o errante

Apolo tem 13 anos e 11 meses no primeiro momento em que participa neste estudo, apresenta uma estatura baixa, um corpo bem definido, fruto da prática desportiva, uma pele muito morena, o cabelo e os olhos cor de mel (ver protocolos – Anexo B). Tal como Apolo, Deus Oracular, do seu corpo atleta transborda uma energia que se reflete na intensidade do

seu olhar. Tímido e venerado é ao mesmo tempo, o mais grego dos Deuses. Irmão gêmeo de Artémis é o Deus do sol, das artes, da medicina, da música, da poesia e da eloquência (Pinheiro, 2011).

Aos 13 anos, na entrada da prova, ao cartão I dá a resposta: *“Isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.”* (Esta cara... as orelhas todas defeituosas, os olhos e isto deve ser o nariz – Gbl FClob (H)). A entrada no novo e no desconhecido suscita a necessidade de elaboração da mudança catastrófica, mobilizando um processo criativo de simbolização que possibilita através da *techne* a elaboração do desconhecido. A evocação da imagem de *“...um monstro...”* que simboliza o guardião de um tesouro da imortalidade, das dificuldades que importa vencer (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984), levando a que surja no *campo* um continente delimitador para o que de assustador foi despertado com a entrada na prova.

No segundo momento em que participa tem 16 anos e 11 meses, ao cartão I dá a resposta: *“Isto parece-me, um inseto esquisito. Parece meio mosca, meio borboleta.”* (Isto aqui parece o corpo de uma mosca e isto as asas de uma borboleta – G F+ A). O Deus Apolo é por excelência o grande harmonizador dos contrários, por ele assumidos e integrados numa nova totalidade (Pinheiro, 2011). A resposta dada a este cartão condensa dois animais, como que numa procura de conciliação de duas lógicas opostas, a mosca ligada ao que está em deterioração e putrefação e a borboleta com toda a sua leveza e fragilidade. Nesta resposta, o *campo* revela-nos um continente poroso, com os limites pouco definidos. Contudo, a *techne* revela-nos a existência de uma boa capacidade de simbolização.

Na passagem dos 13 para os 16 anos assistimos a uma mudança que nos dá conta da capacidade de elaborar o desconhecido, constituindo-se um continente capaz de dar um sentido e um significado aos conteúdos. Assim, opera-se uma passagem do monstro para o inseto, do irreal passamos para o real, para um reino animal mais conhecido pelo que menos temido. Enquanto no primeiro momento do desenvolvimento existe uma menor distância em relação à projeção, pelo que o desconhecido invade, levando à construção de uma resposta na totalidade da mancha, é o todo que é desconhecido, pelo que estranho. No segundo momento do crescimento Apolo centra-se no eixo corporificando-o, dando uma resposta que condensa dois animais, o que fica estranho, refletindo ainda uma dificuldade na elaboração do processo de simbolização.

No cartão II, aos 13 anos, dá a resposta: *“Costelas. Mais nada.”* (Porque isto tem uns

traços – diferentes tonalidades no negro, que parecem as costelas e aqui um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio – D F– Anat.). As “*Costelas*” são ossos que sustentam um corpo, ainda em construção, aqui considerado “anormal” com elementos fora do sítio, como os “pulmões”, órgão que se encontra protegido pelas costelas, numa relação continente-conteúdo/ *techne-campo*, mas que ao estar “fora do sítio” impossibilita as trocas entre o mundo interno e o externo, inviabilizando a circularidade psíquica. Face a um cartão onde é convidado a articular os elementos mais evoluídos com outros mais primários surge uma resposta reveladora de um movimento mais arcaico, onde a falha da *techne* na elaboração criativa deste cartão revela no *campo* uma falha na incapacidade em passar da posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

Perante o convite para significar o relacional, numa relação intra e intersubjetiva com o Outro, Apolo faz um investimento no seu interior, o que nos leva a equacionar que, face à dificuldade em aceder a uma dinâmica relacional, ocorre a passagem para um outro lugar, no qual é possível falar de uma forma indireta do processo de troca, lá no interior, nos pulmões, numa analogia direta a este processo que antes de ser externo e com o Outro é interno ao adolescente.

Aos 16 anos, no mesmo cartão, Apolo dá as respostas: “*Isto parece-me uma caixa torácica. Parecem-me as costelas.*” (Isto tem os efeitos de umas linhas que me faz lembrar os efeitos das costelas – D F– Anat.) e “*O vermelho parecem órgãos por baixo daquilo. Mais nada.*” (E isto dá a entender que parece um órgão, não sei bem qual, mas parece – D CF Anat.). No primeiro contacto com o cartão, surge uma imagem contentora, a “...*caixa torácica*”, o lugar que contém as costelas, num jogo entre o lugar que protege e o que é protegido, numa ligação direta com a resposta seguinte, “...*órgãos por baixo daquilo...*”. Aparece assim o esboço de um continente, de um lugar separador e delimitador entre o mundo interno e o externo.

Através desta sequência de respostas a *techne* revela-nos uma impossibilidade em aceder a uma relação intersubjetiva, na qual possa ter lugar a dinâmica relacional suscitada, evidenciando-se uma falha ao nível do processo criativo de simbolização, impedindo uma integração da bissexualidade psíquica. No *campo*, assistimos à procura de um continente, capaz de conter e transformar a falta, ou seja, existe uma falha ao nível da função alfa, a qual impede a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

Neste segundo momento do desenvolvimento, verificamos que existe uma maior capacidade em articular os vários elementos perceptivos presentes no cartão, permitindo aceder a uma relação Eu-Outro. Inicialmente, aos 13 anos, Apolo esboça esta dinâmica, mas o processo de tornar-se adolescente possibilita o encontro de um lugar, mas que ainda não está suficientemente interiorizado, impedido o estabelecimento de uma verdadeira relação Eu-Outro.

No cartão III, aos 13 anos dá a resposta: “*A cara de um sapo.*” (Os olhos nesta forma, ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz, o nariz do sapo – D bl F– Ad). Perante a necessidade de dar conta da relação intersubjetiva Eu-Outro, Apolo reúne os vários elementos, dando conta de uma representação de si através da imagem de “*...um sapo*”, um animal muito presente no universo infantil, afinal os príncipes são transformados em sapos, um animal conhecido pela sua falta de jeito, tal como os rapazes na entrada da adolescência. Na resposta de Apolo não foi possível (re)significar a dinâmica Eu-Outro de uma forma criativa, na medida em que no *campo* falha a evocação de um continente, que favoreça a dinâmica entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, numa relação de comunicação entre o Eu e o Outro.

Importa referir que no inquérito dos limites Apolo dá a resposta “*Podem ser duas pessoas a tocar tambor*” evidenciando a *techne*, desde logo, uma capacidade em aceder a uma dinâmica relacional, a uma interação ativa, dado que estão envolvidas numa tarefa, em conjunto, permitindo-nos o *campo* revelar o seu carácter lúdico, uma vez que os tambores se encontram normalmente associados a cenários de festa.

Aos 16 anos, no cartão III surge a resposta: “*Isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso.*” (Isto parecem as pernas, o corpo e a cabeça – G K H Ban). Aqui é dada a resposta banal, revelando-nos a *techne* o processo criativo de co-construção, através do qual podemos aceder à simbolização, mobilizadora da construção dos processos psíquicos e da dinâmica relacional Eu-Outro. Por sua vez, no *campo* podemos aceder à interação presente na relação Eu-Outro, na qual está subjacente uma dinâmica, mas desprovida de um tipo de interação que possa ser qualificado.

Na passagem dos 13 para os 16 anos passa a estar presente e funcionante uma relação *techne-campo*, inscrita numa relação do tipo continente-conteúdo, com base na qual é possível passarmos de uma representação de si ainda pouco estruturada, para acedermos a uma

dinâmica intersubjetiva e de co-construção, ou seja, para a representação da dinâmica Eu-Outro.

No cartão IV, aos 13 anos, dá a resposta: “*Dois pinguins de costas um para o outro.*” (Esta cara tem a forma do pinguim com o bico branco, só que estão para baixo. O bico não parece assim tanto, parece de abutre – D bl F– A). Aos 16 anos diz: “*Parecem dois pinguins encostados a uma parede de costas um para o outro.*” (Esta parte aqui com a mancha branca, faz lembrar a cabeça de um pinguim, o corpo – G kan A). As respostas são muito similares nos dois momentos do desenvolvimento, ainda que com pequenas especificidades, inerentes a cada um dos momentos do processo que é tornar-se adolescente.

Neste cartão, Apolo parece ter assumido uma posição de submissão, ao dar uma imagem de dois pinguins, ou seja, de duas aves marinhas, dois animais típicos da Antártida e das regiões polares, que têm as asas atrofiadas para desempenhar o papel de barbatanas e as penas impermeabilizadas através da secreção de óleos. Na resposta dada aos 13 anos, Apolo centra-se na particularidade do bico, um elemento fálico e de poder, aqui representado no lugar da falta, mas é com base nesse detalhe que elabora uma imagem que conjuga dois, no lugar onde existe um, procurando separar para aquietar a angústia sentida face a uma imagem de força e de potência, impedindo o processo de simbolização, ocorrendo uma falha na relação *techne-campo*/continente-conteúdo que possibilite a elaboração do que é solicitado neste cartão. Mas, o bico é de outra ave, de um abutre, uma das aves consagradas ao Deus Apolo, porque o seu voo é considerado um presságio (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Aos 16 anos, a resposta dada por Apolo ao cartão IV passa a comportar o todo, revelando-nos a *techne* a criação de uma imagem símbolo que opõe, em si mesma, duas figuras: “*...dois pinguins encostados a uma parede...*”. A parede surge no eixo do cartão, pelo que parece constituir-se como o lugar de suporte, que sustém e estrutura as transformações que estão em curso durante o processo de tornar-se, a partir do qual Apolo organiza uma imagem-símbolo desdobrando-a em “*...dois pinguins...*”; numa lógica onde o inteiro é desdobrado e passam a estar dois no lugar de um, mas ao mesmo tempo amalgamados, num processo confabulatório, que traduz no *campo* a falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos.

O cartão IV apresenta como característica importante o confronto com a força e com a potência, com as quais Apolo apresenta dificuldade em lidar no seu processo de tornar-se

adolescente, no início incidindo a representação no lugar da falta e no final podendo sustentar a falta evocando um objeto de suporte.

No cartão V, aos 13 anos dá a resposta: “*Dois crocodilos.*” (D F+ A) e acrescenta no inquirido a resposta adicional “*A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água.*” (D EF Elem.). Para Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), o crocodilo é um animal que revela uma posição intermediária entre os elementos terra e água, tornando-o o símbolo das contradições fundamentais, uma vez que, “*ele agita-se na lama, donde sai uma espécie de vegetação luxuriante: neste aspeto, ele é o símbolo da fecundidade. Mas ele devora e destrói, saindo de repente das águas e dos juncos: sob este aspecto, ele é o demónio da maldade, o símbolo de uma natureza viciosa.*” (op. cit; pp. 244). Na resposta dada por Apolo, a representação realizada na *techne* é geradora de uma co-construção, (re)significadora do desconhecido suscitado por este cartão, onde mais uma vez, surge a representação de dois no cartão onde era esperado o reconhecimento da unidade corporal, num apelo à integridade psíquica. No *campo* a imagem dada traduz a existência de um continente, com uma função alfa operante.

Aos 16 anos, no cartão V dá a seguinte sequência de respostas: “*Isto parece-me uma borboleta.*” (G F+ A Ban) e “*Aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um jacaré.*” (A cabeça do jacaré parece aqui nas duas asas – D F+ Ad). No primeiro momento é dada uma banalidade, revelando-nos Apolo a sua integridade psíquica, movimento que se perde na resposta seguinte, na evocação da “*...cabeça de um jacaré*” operando um movimento mais regressivo, através da passagem para um meio aquático. Assistimos a uma mudança de elementos, do ar onde se situa a borboleta, para a água onde vive o jacaré, numa procura de ligação entre um lugar e outro, numa dinâmica integrativa e co-constructiva.

Na mitologia, Apolo é considerado o grande harmonizador dos contrários, por ele assumidos e integrados numa nova totalidade, permitindo-lhe reproduzir as grandes antíteses universais, numa conciliação entre tensões opostas, como o arco e a lira (Pinheiro, 2011). Tal como acontece no mito, nas respostas dadas ao cartão V por Apolo, no segundo momento do desenvolvimento, encontramos presente esta procura de conciliação entre diferentes realidades, o que nos faz pensar na conciliação entre tensões diferentes, por vezes até mesmo contraditórias, as quais parecem traduzir a inquietante estranheza de estar a crescer e a constituir-se, não sendo ainda possível, através da sua resposta, aceder a um símbolo

revelador da consolidação deste processo intrapsíquico.

Entre os 13 e os 16 anos, Apolo revela no cartão V uma maior capacidade em aceder às transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente, operando uma passagem entre o dentro e o fora, ou seja, o estar e o não estar dos 13 anos, leva-o a evocar um símbolo mais definido aos 16 anos, o qual nos revela uma maior capacidade de representar a sua integridade psíquica.

Aos 13 anos, no cartão VI dá a resposta “*Esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.*” (O corpo dos ursos, esta parte pode ser a cara deles – G F– A) acrescentando no inquérito a resposta adicional: “*Mas também um tapete de urso.*” (G F+ A). Neste cartão em que existe um marcado simbolismo sexual é evocado um animal poderoso, violento, perigoso, incontrolado, uma força primitiva representante da selvajaria e da brutalidade. Mas, em contrapartida é um animal que pode ser domesticado, dançando e brincando. Desta forma, trata-se de um animal que representa as forças elementares susceptíveis de evolução progressiva, propícias a temíveis regressões (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Apolo, neste cartão realiza, mais uma vez, uma conciliação de opostos entre a avidez/oralidade representada nos “*...dois ursos de boca aberta*” e a desvitalização na passagem para o “*...tapete de urso*”, numa relação que ocorre entre um processo ativo e criativo, representado pela *techne* e uma passividade expressa no *campo*, inscrevendo-se aqui uma oscilação entre a dispersão e a integração.

Aos 16 anos, depois de uma tendência para a recusa “*Não faço a mínima ideia...*” dá a resposta: “*Parece aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes. Mais nada.*” (A cabeça, os bigodes, a cabeça aberta e isto parece o corpo, aqui as patas – G FE A). Apolo consegue evocar um continente, uma imagem que condensa em si mesma os opostos, é um tigre, um animal dotado de poder e de ferocidade, que aqui aparece desprovido dessa potência, sob a forma de um tapete, traduzindo a *techne* a passagem da força e de potência para a passividade.

Nas respostas dadas por Apolo ao cartão VI, consideramos importante sublinhar que o movimento que se esboçou aos 13 anos na resposta adicional ganhou uma maior expressão aos 16 anos, o que é revelador do processo de transformação presente no tornar-se adolescente, evidenciando-se aqui uma conciliação entre a atividade e a passividade.

No cartão VII, aos 13 anos dá a resposta: “*Dois caras, uma a olhar para a outra.*” (O formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras, isto é o pescoço,

e a saia – G K H). Perante a necessidade de pensar o relacional materno, Apolo evoca “*duas caras*” que traduzem, através da *techne*, a existência de uma relação passiva “...*uma a olhar para a outra*” revelando-nos o *campo* uma relação que se expressa através de uma lógica de espelho, na qual domina o igual.

Aos 16 anos, Apolo começa por dizer: “*Não me faz lembrar nada... Ah!*”. Introduzindo a procura de dar um sentido e um significado com uma tendência recusa. No movimento seguinte, surgem duas respostas: “*Isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos.*” (Esta parte parece uma rapariga – D F+ Hd) e “*Isto uma máscara de perfil.*” (Isto aqui em baixo tem umas manchas brancas que parecem uns olhos, parece uma máscara – D F+ Másc.). À medida que o processo de tornar-se adolescente avança e ocorre a consolidação do masculino, passa a ser possível designar de quem são as caras, que neste segundo momento do desenvolvimento surgem como sendo de raparigas, passando a ser possível designar e qualificar o outro, do sexo oposto. Mas, ao mesmo tempo que Apolo designa o outro sexo, existe a necessidade de se esconder, evocando a “...*máscara...*” como um objeto protetor, mas ao mesmo tempo, revelador de uma outra identidade.

Nas respostas dadas ao cartão VII no segundo momento do processo de tornar-se, a *techne* revela-nos a capacidade de Apolo em realizar um movimento integrador e conciliador do simbolismo materno, através de um processo criativo e co-construtivo. No *campo*, os objetos aparecem bem definidos e delimitados, o que nos revela a existência de uma boa capacidade de delimitar o interno e o externo, Eu-Outro. Na passagem que decorre entre o primeiro momento do processo de tornar-se e o segundo, Apolo realizou uma passagem do relacional, com uma incidência no igual, aos 13 anos, para a representação de uma figura, revelando uma consolidação psíquica da sua identidade.

No cartão VIII, aos 13 anos, Apolo dá as respostas: “*Dois hipopótamos.*” (Hipopótamos, este aspeto gordo, com a cara parecida com o formato dos hipopótamos – D F– A) e “*Com duas lagartixas em cima deles.*” (As lagartixas, por serem grandes e estarem a trepar – D F– A). Os hipopótamos são animais que vivem dentro de água para poderem manter baixa a sua temperatura corporal, ao contrário das lagartixas que necessitam de estar ao sol para se poderem aquecer. Os opostos unidos, ligados, numa representação que dá um sentido e um significado às cores pastel. A *techne* permite-nos aceder ao movimento de construção interna, que aqui se joga entre o hipopótamo que vive dentro de água e a lagartixa que vive fora, esticada ao sol, operando-se no *campo* uma mudança entre reinos, reveladora da procura de novos sentidos e de novos significados.

Aos 16 anos, no mesmo cartão diz: “*Estes dois parecem-me animais. E o do meio não me faz lembrar nada de especial.*” (Animais, não sei bem quais. Isto não identifiquei com nada – D F+ A Ban). Apolo vê-se confrontado com a necessidade de encontrar uma imagem símbolo que (re)cria o mundo interno através de um processo criativo e de simbolização que possa ser revelador da *techne* e que, ao mesmo tempo, no *campo* possa servir de continente (re)significador para os afetos desencadeados por este cartão, permitindo a sua comunicação. Dado o avanço no seu desenvolvimento, passa a ser possível dar respostas mais gerais “...*animais...*” sem ser necessário proceder a uma especificação, o que nos revela a presença de um continente com uma função alfa operante.

No processo de tornar-se adolescente de Apolo, naquele que é o primeiro impacto com as cores pastel, opera um movimento de reunião e de ligação dos vários elementos da mancha, sobrepondo-os e condensando-os na totalidade. Aos 16 anos centra-se nos elementos laterais do cartão, sem ter a necessidade de dar um sentido e um significado ao eixo, denotando a sua maior estabilidade psíquica.

No cartão IX, aos 13 anos Apolo diz: “*Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.*” (São dois: cara, os olhos aqui, aqui uma boina ou um chapéu levantado para cima. Isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo – Gbl F– Hd). Face à evocação de uma dimensão mais arcaica, Apolo procura uma representação feminina, que aqui emerge através da imagem de uma pessoa, procurando no *campo* encontrar um continente que seja delimitador e (re)significador do simbolismo que aqui é convidado a (re)criar. O processo criativo traduz as suas limitações através da *techne*, dado que a dificuldade na elaboração do processo criativo leva a um afastamento temporo-espacial, colocando a figura a que inicialmente acedeu no futuro, donde mais velha, ao mesmo tempo que a coloca no antigo, num outro lugar que não possibilita a comunicação e a partilha de experiência, o que seria expectável durante o processo de tornar-se adolescente, durante o qual o novo e desconhecido é de novo (re)significado e (re)criado, potenciando a criação de novos sentidos e de novos significados.

Aos 16 anos, no cartão IX dá a resposta: “*Isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra ou de uma coisa assim.*” (Os elefantes parece esta parte laranja, com a tromba mais para cima, e estas coisas verdes, fez-me lembrar um penedo, ou uma rocha, ou uma coisa assim – G F– A). A fragilidade despertada por este cartão é (re)criada através da imagem de “...*dois elefantes...*” símbolo da estabilidade e da imutabilidade (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Contudo, a estabilidade parece não estar

completamente adquirida o que o leva a procurar uma base de apoio “... *uma pedra...*”, o que nos reenvia diretamente para o jogo presente durante o desenvolvimento adolescente entre o desejo de crescer e de se autonomizar e o de permanecer criança, na dependência.

Os “...*dois elefantes...*” aparecem “...*com a tromba para o ar...*” ideia que é reforçada no inquérito “com a tromba mais para cima” o que se pode associar a uma representação com um marcado simbolismo sexual, em espelho, porque são dois, numa clara representação da força e da potência do Eu na relação com o Outro, presente durante o processo de tornar-se, no qual a *techne* traduz a dificuldade de Apolo em aceder a uma representação simbólica e o *campo* revela a dinâmica presente na relação.

À semelhança do que aconteceu no cartão VIII, aqui no cartão IX, na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de desenvolvimento adolescente, assistimos no primeiro momento a um movimento revelador de uma procura de um rosto, de uma identidade, em que só há lugar para o Eu numa procura identitária. E no segundo momento, uma vez encontrada a estabilidade ao nível da integridade, têm lugar a procura do masculino, da potência, num cartão que apresenta um marcado simbolismo materno.

Com o cartão X chegamos ao fim da prova. Aos 13 anos surgem as respostas: “*Duas aranhas a fazerem uma teia.*” (Isto parecem aranhas, estão com umas coisas na mão – D kan A) e “*Em cima do cabelo de um homem de bigode verde.*” (O cabelo do homem, isto são os olhos, o nariz e o bigode – Dbl F+ Hd). Face à necessidade de delimitar e de separar o dentro e o fora, bem como de unificar e de integrar a diversidade, surgem duas respostas que visam a ligação entre os vários elementos que aparecem dispersos no cartão. Nestas respostas, a construção é desde logo evidente na tarefa em que estão envolvidas as “*duas aranhas*”, estão a realizar uma teia, num processo criativo, mas também, numa interação ativa e dinâmica. O *campo* é o lugar onde é visível a dimensão relacional, aqui de tipo cooperativo. Na resposta seguinte, Apolo reúne os vários elementos que se encontram dispersos no cartão numa imagem que nos dá conta de um Eu em construção, num processo criativo, onde os vários elementos se articulam numa imagem reveladora do processo de construção identitário.

Aos 16 anos dá as respostas: “*Esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano.*” (Isto parece o corpo humano – D bl F– Anat.), “*Este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim. Mais nada.*” (D F+ A), acrescentando no inquérito a resposta adicional: “*Isto aqui a rosa parece uns cabelos, o amarelo os olhos e o verde uns bigodes. Parece um Sr. com bigodes.*” (Dbl F+ Hd). Na primeira resposta dada a este cartão, Apolo parece procurar conter a dispersão com que foi

confrontado evocando “...o corpo humano” procurando uma delimitação do seu mundo interno. Na resposta seguinte surge “...uma lagosta...”, um animal que se encontra revestido por uma grande couraça de proteção. Em ambas as respostas assistimos a um movimento em que Apolo procura proteger a fragilidade que existe no seu mundo interno do que o envolve na realidade externa.

Ainda no inquérito é dada uma resposta, muito similar à que havia sido dada no mesmo cartão aos 13 anos, “...um Sr. com bigodes”, num movimento de procura da representação de si, de uma identidade agora em consolidação com a chegada ao fim do processo de tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto. Na sequência das respostas dadas a este cartão, a *techne* reflete um progressivo aumento da capacidade de ligação e (re)significação dos vários elementos da mancha, o que só é possível dada a existência no *campo* de um continente em construção e consolidação.

Nas respostas dadas ao cartão X, no primeiro momento do processo de tornar-se adolescente, aos 13 anos, Apolo expressa um movimento que oscila entre estar na relação com e estar na construção de si, revelando ainda uma falta de estabilidade ao nível da sua consolidação interna, mas procurando ligar os vários elementos dispersos num continente que lhe possa conferir um sentido e um significado. Na passagem para os 16 anos centra-se no dentro, no “*corpo humano*” um corpo em crescimento e em transformação que aqui aparece representado numa relação entre o dentro e o fora, o frágil e o rígido, o que é protegido e o que protege.

No inquérito, o movimento que já havia sido explicitado no primeiro momento do processo de tornar-se (re)emerge, através da resposta de um “...homem de bigode...” mostrando uma maior capacidade de delimitar o dentro e o fora, acedendo a uma representação mais coesa e unitária do Eu.

Através dos elementos agrupados no psicograma, para a análise da *techne* importa destacar: aos 13 anos a presença de respostas reveladoras da existência de uma boa relação continente-conteúdo, em especial, nos cartões IX e X, onde encontramos presente uma procura do Eu, ao mesmo tempo que procura uma contenção da dispersão, surgindo nas respostas dadas a estes cartões G’ s e D’ s elaborados reveladores de um dinamismo mental. É ainda de referir no cartão VII uma resposta cinestésica, dada pela postura, uma vez que as figuras estão a olhar uma para a outra, revelando-se a interação de tipo passivo. Aos 16 anos existe uma menor revelação da *techne*, aparecendo esta apenas na convenção do cartão III, onde “...duas pessoas” aparecem sem estarem em interação. No entanto, na sucessão das

respostas existe um movimento de procura de um sentido, embora este seja menos criativo do que no primeiro momento do desenvolvimento adolescente. Nos conteúdos destaca-se o valor dos conteúdos humanos dentro dos valores normativos.

No *campo*, aos 13 anos as respostas mais reveladoras da circularidade psíquica encontram-se nos cartões pastel, à semelhança do que acontecia com a *techne*. Encontramos os D's simples dentro dos valores considerados normativos, mas com a particularidade da integração do branco se encontrar muito presente na construção destas respostas, revelando uma certa fragilidade no processo de tornar-se, ainda em construção. A resposta cinestésica que aparece é a do cartão VII “*Dois caras, uma a olhar para a outra*”, em que as figuras humanas aparecem numa relação de tipo especular. Aos 16 anos os G's simples associados a banalidades aparecem no cartão III “*...duas pessoas*”, no V “*...uma borboleta*” e no VIII “*...animais*”. O F% aparece no limite superior do intervalo e a única cinestesia referida é a convenção no cartão III “*...duas pessoas...*” que aparecem sem qualquer tipo de qualificação da dinâmica relacional.

Na mitologia, Apolo também é conhecido como o Deus Oracular. No processo que se instaura em Atenas ele é, ao mesmo tempo, testemunha e parte, tal como acontece com as Erínias. Em duas das personagens de Ésquilo essa fusão entre a qualidade de adivinho e a de personagem trágica é retratada através de uma mulher, Cassandra (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Esta mulher foi um dos amores fracassados de Apolo, o deus seduziu a jovem troiana com a promessa de a instruir na arte da profecia, a troco de ela ceder à sua paixão. Só que, uma vez recebido o dom, ela rejeitou-o, recusando-se a cumprir a promessa. Não lhe podendo tirar o dom divinatório, Apolo puniu-a, lançando-lhe uma maldição: doravante, as suas profecias nunca seriam levadas a sério por ninguém (Pinheiro, 2011).

No primeiro momento do desenvolvimento de Apolo encontramos presente uma maior dispersão, aliada ainda a uma incapacidade em reunir, a uma certa errância, revelando-nos a *techne* uma grande dificuldade na elaboração do processo criativo e o *campo* a impossibilidade de aceder a um continente estável. No segundo momento do desenvolvimento, a dispersão ainda se apresenta em algumas respostas, revelando-nos um processo que se encontra ainda em aberto, evidenciando-se no *campo* uma exploração ativa de várias possibilidades que ainda terão de ser (re)criadas na e pela *techne*. A circularidade psíquica *techne-campo* surge apenas aos 16 anos no cartão III, onde é possível acedermos a uma dinâmica intersubjetiva e co-constitutiva.

8.1.3. Ártemis: a conciliadora

Ártemis é muito alta, o seu ar esguio dá-lhe um porte magro e elegante. É a filha mais nova de uma fratria de três raparigas. É boa aluna, gosta de estudar e tem tido um percurso escolar sem problemas. No primeiro momento da realização deste estudo Ártemis tem 13 anos e 9 meses e no segundo momento 16 anos e 9 meses (ver protocolos – Anexo C). Na mitologia, Ártemis é a irmã gémea de Apolo, pelo que tem as mesmas atribuições dele, é considerada a Deusa da caça e das florestas. Armada com a aljava e com o arco é aquela que oprime os mortais com as suas flechas temíveis, mas também, é aquela que cumula prosperidade junto dos que a veneram (Guirand, 1996/1999).

O cartão I convida Ártemis à entrada na prova, colocando-a em contato com o desconhecido da situação Rorschach. Aos 13 anos dá como resposta: *“Parece-me uma borboleta, mas assim com uma cara feia, muito esquisita, uma borboleta um bocado sinistra.”* (Aqui o corpo, e depois assim com as asas, um bocado esquisitas, por isso é que eu disse que era sinistra – G F+ A Ban). A entrada no desconhecido da prova leva-a a recorrer a uma imagem símbolo que se posiciona entre o animal e a intenção do humano, com uma atribuição de uma intenção humana a um animal, revelando-nos a *techne* um movimento de (re)significação com a atribuição de intenções e o *campo* a existência de um continente delimitador do caos e da instabilidade suscitados pelo início da prova.

Aos 16 anos, no cartão I surge a resposta: *“Isto parece-me uma traça de asas abertas. Daquelas traças gordas.”* (Aqui o corpo, aqui a cabeça do inseto e as asas. As traças gordas costumam ter umas pintinhas, que podem ser estes espaços brancos – Gbl F+ A). A análise da *techne*, na entrada da prova, permite-nos explicitar a existência de uma imagem/símbolo que elabora o desconhecido, ao mesmo tempo que faz emergir o dano, através da referência a *“uma traça”*. No *campo* existe a procura de um continente para delimitar e conter o impacto gerado pelo início da prova, mas que ao mesmo tempo (re)significa a falta. A resposta de Ártemis integra o eixo do cartão, tornando o núcleo central muito denso, operando um movimento de procura de um corpo, ainda em transformação, entre o pequeno e o grande.

No primeiro momento do processo de tornar-se, Ártemis consegue encontrar um continente para conter a dispersão do processo de tornar-se, contudo os conteúdos ainda são estranhos, existe *“...uma borboleta...”* mas esta é *“...sinistra”*. Enquanto no segundo

momento do seu crescimento é o próprio continente que apresenta uma certa estranheza, dada a maior proximidade entre o continente-*campo* e os conteúdos-*techne* surgindo a resposta símbolo como um movimento que condensa em si mesmo as transformações presentes no processo de desenvolvimento em curso.

O cartão II é o primeiro que coloca em evidência o relacional, apelando para uma relação intra e intersubjetiva com o Outro. Aos 13 anos, depois de uma hesitação inicial com um “*Não sei...*” depois de algumas manipulações do cartão surge a resposta: “*Isto parece-me a cabeça de um inseto e aqui umas pinças. Não faço a mínima ideia.*” (As pinças, a cabeça do inseto, um escaravelho talvez – D F– A) explica no inquérito, referindo-se apenas à parte superior da mancha. Colocada perante a necessidade de integrar os opostos, numa dinâmica relacional, Ártemis evoca a imagem de um escaravelho, um animal que é conhecido como símbolo egípcio, símbolo cíclico do sol que representa o dia e a noite; considerado ainda como um símbolo da ressurreição (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Esta representação condensa os opostos, permitindo representar a *techne* de uma forma criativa. Contudo, a impossibilidade de aceder a uma imagem de boa qualidade formal revela uma falha no continente, que se traduz no *campo* pela impossibilidade em aceder a uma elaboração e a uma integração da temática proposta por este cartão.

Aos 16 anos dá três respostas: “*Parece ridículo, mas esta parte parece-me a parte da bacia.*” (A bacia é esta parte preta porque parece ter a forma de uma bacia – D F+ Anat.), “*A parte de cima parece um escaravelho.*” (O escaravelho porque tem umas antenas – D F– A) e “*A parte de baixo fez-me lembrar uma santola.*” (Aqui faz-me lembrar uma santola, porque são assim todas pintadinhas e têm antenas – D FC A). Através da sequência de respostas dadas, por Ártemis a este cartão, verificamos que permanece uma dificuldade em aceder à dinâmica relacional e em poder conciliar e integrar os opostos de uma forma equilibrada, surgindo elementos muito distintos e contrastados, numa oscilação entre o dentro e o fora, do endosqueleto para o exosqueleto, verificando-se uma evolução ainda que dotada de uma parcialização.

As análises das respostas dadas a este cartão, nos dois momentos do desenvolvimento revelam-nos no segundo momento do processo de torna-se adolescente a existência de uma dificuldade em conciliar elementos mais evoluídos, com outros de cariz mais primitivo. É o duro que é fixado, numa procura de reforço dos elementos protetores face à agressividade.

O cartão III apela à representação de si e à representação da relação intersubjetiva Eu-

Outro. As respostas dadas por Ártemis ao cartão III são similares nos dois momentos do seu desenvolvimento. Aos 13 anos dá as respostas: “*Um escaravelho.*” (O corpo, a cabeça, os bracinhos – D F– A) e “*>√Um lacinho. É só.*” (D F+ Obj.). Aos 16 anos diz: “*√ Um escaravelho. Aqui as patas e a boca > Λ.*” (As patas, a cabeça e o corpo – D F– A) e “*Aqui está um lacinho.*” (D F+ Obj. Ban).

A resposta do “*...escaravelho*” parece ser um arrastamento do objeto percebido no cartão anterior, inscrevendo-se numa representação de si precária, revelando-nos a *techne*, num primeiro momento, uma dificuldade ao nível da simbolização e o *campo* a existência de uma falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos. Na resposta seguinte, procura dar conta de um movimento mais evoluído de ligação, aos 13 anos “*Um laço*” ou mais tarde, aos 16 anos “*Um lacinho*”, uma representação que resulta da ligação entre duas pontas soltas, que têm de se unir para ter um sentido, que na forma como se ligam revelam em si mesmo a criatividade da ligação, que aqui se revela através da *techne*, constituindo-se o *campo* como o lugar contendor, para o processo intersubjetivo em curso no tornar-se.

Através da análise das respostas dadas a este cartão, nos dois momentos do desenvolvimento, é possível compreendermos a inexistência de uma dinâmica relacional na *techne*, assim como a presença de uma falha no *campo*, ao nível dos processos intra e intersubjetivos que se constituem como fundamentais para a estruturação do processo de tornar-se adolescente. Contudo, devemos ter presente a sua capacidade interna em aceder a estas dimensões no fim do protocolo, no inquérito dos limites, onde aos 13 anos responde: “*Sim, posso imaginar duas figuras humanas*” e aos 16 anos “*Sim, as cabeças, as pernas, parece um sapato e um corpo, parece que estão inclinados para a frente. As mãos e os braços*”.

A solicitação simbólica do cartão IV reenvia para uma imagem de força e de potência, até mesmo de autoridade, levando o adolescente a adotar uma posição de domínio ou de submissão. Aos 13 anos, no primeiro contacto com o cartão surge a incapacidade em dar um sentido e um significado com a expressão “*√Não faço a mínima ideia do que seja isto*”, embora num segundo momento, no inquérito, tenha sido possível dar duas respostas adicionais: “*Isto parece um pato com um bico esquisito negro*” (D F– A) e “*Um brasão de família*” (G F± Simb.). Face ao primeiro impacto com o conteúdo latente deste cartão, Ártemis revela-nos a sua impossibilidade em elaborar a dor mental que lhe foi suscitada,

evidenciando-se uma falha ao nível da relação continente-conteúdo, aqui representada pela circularidade *techne-campo*. Através das respostas adicionais existe uma tentativa de elaboração da dor mental, no entanto, verificamos uma falha ao nível do processo criativo.

Aos 16 anos dá a resposta: “∨ *Aqui parece a cabeça de um pato. Um pato com asas, assim, tipo morcego.*” (Eu disse morcego porque quando olhei da primeira vez fez-me lembrar um morcego. E a cabeça do pato – D F– A) acrescentando no inquerito uma resposta adicional (Agora fez-me lembrar um frango, as asas e as pernitas – G F– A). Neste cartão Ártemis falha no processo de co-construção dada a contaminação presente na resposta dada, entre o “...pato...” e o “...morcego”, animais opostos, de reinos e lugares distintos, que nos permitem revelar através da *techne*, a dificuldade em elaborar a dor mental, ligada à necessidade de integração dos opostos proposta pela solicitação simbólica deste cartão. O *campo* revela uma falha na circularidade dos processos psíquicos, levando ao aparecimento de um movimento de identificação projetiva muito massiva.

As respostas dadas ao cartão IV por Ártemis revelam-nos a existência de uma grande dificuldade em aceder a uma imagem de força e de autoridade, no seu tornar-se, surgindo imagens contaminadas, não permitindo aceder a um continente transformador e (re)significador da dor mental, não se verificando uma circularidade na relação *techne-campo*.

O cartão V é o mais unitário na cor e na forma, apelando para um reconhecimento da unidade corporal, ou seja, para a integridade psíquica. Aos 13 anos Ártemis dá a resposta: “*Isto parece um morcego, um bocado esquisito mas...> sim.*” (∨ A posição das asas em forma de “V”, assim muito esquisita – G F+ A Ban). Nesta resposta a *techne* é reveladora do processo criativo de simbolização, da subjetividade presente no processo criativo que é tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto. No *campo* está presente uma relação de comunicação e de transformação entre o mundo interno e o externo, entre o Eu e o Outro.

Aos 16 anos diz: “∨ *Faz-me lembrar uma borboleta.*” (As antenas e as asas – G F+ A Ban). A *techne* traduz o processo criativo de simbolização, revelando-nos a subjetividade presente na relação Eu-Outro, numa circularidade que (re)cria o *campo*, ao mesmo tempo que define e delimita o mundo interno do externo.

Nos dois momentos do tornar-se são dadas respostas ao cartão V que traduzem as transformações em curso durante este período do desenvolvimento, no início da adolescência o “*morcego*” que vive de noite e nos lugares húmidos e escuros, no interior da terra. No fim

da adolescência “...uma borboleta”, dotada de uma beleza extrema e de uma fragilidade podendo ser descrita como estando entre o céu e a terra. Ártemis, a Deusa, reina sobre as praias e orlas marinhas, nos limites entre a terra e o mar, onde a lenda a faz às vezes aparecer, situando-se o seu lugar nas planícies interiores, na beira dos lagos, dos terrenos pantanosos e na margem de alguns rios, onde as águas estagnadas, as inundações sempre possíveis, criam um espaço meio aquático, maio terreno, onde entre o seco e o húmido, entre o líquido e o sólido, a demarcação fica difusa (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008). A dinâmica *techne-campo* pode aqui ser compreendida numa relação transformacional, através da ligação e da integração dos contrários, numa lógica de conciliação.

O cartão VI apresenta um marcado simbolismo sexual, suscitando a necessidade de elaborar a inquietação que é sentida face à lógica dos opostos. Aos 13 anos, no primeiro contacto com o cartão, Ártemis é incapaz de dar uma resposta, diz apenas: “*Este é difícil. Não sei.*”. Expressando a sua impotência face à necessidade de conciliar os movimentos opostos solicitados por este cartão, revelando-nos a *techne* uma falha ao nível da construção dos processos psíquicos presentes no tornar-se e o *campo* uma impossibilidade de circulação do pensamento, na medida em que não se verifica a existência de uma função alfa transformadora e (re)significadora. No inquérito, surge a resposta “*Parece só uma mancha*” (G F± Mancha) que dá conta da dificuldade em encontrar uma imagem estabilizada, com limites bem definidos entre o mundo interno e o externo.

Aos 16 anos, depois de um momento inicial de choque “*∨∧ Não faço a mínima ideia... Não me faz lembrar nada*” dá a resposta “*Talvez uma folha de um plátano*” (Os plátanos têm esta folha tipo picotada – G F– Plat.) uma resposta que não traduz a conciliação dos opostos a que este cartão convida, verifica-se antes uma insistência nos limites, no recorte perceptivo, o que traduz a existência de um processo interno ainda rudimentar, em construção, expressando a *techne* a incapacidade em fazer face às transformações presentes no tornar-se, não sendo possível através do *campo* acedermos a um processo de co-construção dinâmico, como seria desejável neste momento do desenvolvimento, verificando-se uma falha ao nível do processo criativo de simbolização.

Nos dois momentos do tornar-se, encontramos presente uma dificuldade em conciliar os opostos, o feminino e o masculino, o que nos coloca, de novo, perante a descrição de Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), sobre o mundo da Deusa Ártemis ser o dos confins, o

das zonas limítrofes em que o Outro se manifesta no contacto que com ele é mantido, selvagem e civilizado, colocado lado a lado, para se oporem, mas também, para se interpenetrarem. Tal como acontece nas respostas dadas a este cartão, onde não se operou uma integração.

No cartão VII, aos 13 anos, dá a resposta: *“Isto parece uma estátua aqui com duas caras. Só.”* (É tipo um busto. Isto é a base, aqui o corpo, um bocado esquisito, e elas estão aqui, parece que se estão a querer juntar, parece que estão a dar um beijinho – G K H). Perante a necessidade de dar um sentido e um significado ao relacional materno, Ártemis apresenta uma capacidade de organização deste simbolismo, através de uma resposta/símbolo *“estátuas”* que pode apresentar vários significados, reveladora de um conhecimento progressivo que segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), pode estar relacionado com as etapas de uma iniciação que vai até à morte. Nesta resposta, a *techne* traduz a capacidade de elaboração e de integração do simbolismo materno e no *campo* é possível encontrarmos uma função alfa operante, (re)significadora, da relação dinâmica que tem lugar entre o Eu e o Outro, explicitada no inquérito com a expressão *“estão a dar um beijinho”*.

Aos 16 anos dá duas respostas: *“Faz-me lembrar uma sebe, mas cortada, com o objetivo de fazer um desenho”* (A sebe – D F– Nat.) e *“Duas caras, que parece que têm no cabelo aquelas coisas das espanholas ∨∧.”* (As caras e o cabelo – D F+ Hd). O movimento de entrada neste cartão revela, através da *techne*, a dificuldade no acesso ao processo criativo presente no tornar-se adolescente, *“...uma sebe, mas cortada...”* ao mesmo tempo que evidencia a impossibilidade de delimitar o mundo interno do externo, revelando o *campo* a falta de um continente transformador. A resposta seguinte revela a subjetividade presente no tornar-se, *“duas caras...”*, uma procura em espelho do Outro, do diferente, *“... espanholas”*, uma procura de colocar distante o próximo, o igual a si mesmo, emergindo um movimento no *campo*, contentor e delimitador dos processos psíquicos em construção no processo ativo de crescer e Ser.

No cartão VII, ao longo do processo de tornar-se adolescente, surge um movimento de progressiva diferenciação do Eu face a um Outro, decorrendo uma progressiva integração dos movimentos relacionais, inicialmente estáticos, petrificados na resposta *“...estátua aqui com duas caras...”*. Uma relação que tem de se manter estática de modo a possibilitar que o processo interno de tornar-se adolescente possa ocorrer, uma rigidez do continente-*campo*,

onde os conteúdos-*techne* podem permanecer. No final da adolescência encontramos presente uma construção mais dinâmica, através da resposta “...duas caras...”, reveladora de uma procura de si na relação com o Outro, revelando-se a relação *techne-campo* mais dinâmica.

O cartão VIII introduz as cores pastel, permitindo-nos a *techne* aceder ao movimento de construção interna e o *campo* à dinâmica relacional que se estabelece entre a procura de novos sentidos e significados e o fechamento ao conhecimento, através do qual podemos aceder às transformações presentes no tornar-se adolescente. Aos 13 anos diz: “> ^ Parece uma estátua assim muito original, com dois animais de lado.” (Isto aqui não faço a mínima ideia, mas isto aqui parecem dois animais, com as patinhas e com a cauda – G F– Obj.). Ártemis teve dificuldade em lidar com os afetos introduzidos por este cartão, o que a levou, de novo, tal como aconteceu no cartão III a arrastar o objeto do cartão anterior para este cartão, dando a resposta “...uma estátua...” uma imagem símbolo que (re)cria o mundo interno, revelando a *techne* a falha ao nível do seu processo criativo de simbolização e o *campo* a existência de uma função alfa a operar num continente transformador e (re)significador.

Aos 16 anos dá a resposta: “Aqui, parece um animal um bocado esquisito, tipo lontra ou uma coisa assim.” (Animais, as patinhas, o focinho, até parece que se vêem as orelhas, os olhos e os bigodes – G F+ A Ban). A resposta dada por Ártemis a este cartão “...lontra...” traduz a sua hesitação em representar os afetos, já que este é um animal que aparece e desaparece da superfície da água (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nesta resposta, a *techne* dá-nos conta da capacidade em aceder e comunicar os afetos, através de um processo criativo e dinâmico, enquanto o *campo*-continente permite uma abertura aos afetos desconhecidos, podendo ser conhecidos e integrados, dado o bom funcionamento da função alfa.

No movimento presente entre o momento inicial da adolescência e o momento final, nas respostas dadas a este cartão, assistimos a um movimento de “descongelamento” afetivo, a uma diminuição de rigidez do *campo-techne*, na passagem das “estátuas” para animais, “lontras”, permitindo-nos, mais uma vez, ter presente a demarcação difusa dos limites, entre o seco e o húmido, o líquido e o sólido, por onde a Deusa Ártemis se movimenta, entre zonas fronteiriças (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008).

O cartão IX favorece o aparecimento de movimentos mais regressivos, dado o apelo que faz a uma dimensão mais arcaica, convidando o adolescente a evocar um continente.

Ártemis aos 13 anos é incapaz de aceder ao conteúdo latente proposto pelo cartão, dizendo “*Não sei, este é muito confuso √^*”. Existe uma incapacidade de dar um sentido e um significado à dimensão arcaica deste cartão, revelando-nos a *techne* a incapacidade de elaboração simbólica e o *campo* a falha do continente para conter o caos apresentado que não pôde ser significado.

Aos 16 anos surgem as respostas: “*√ Esta parte vermelha parece a cabeça de uma mosca.*” (A mosca é pelos olhos grandes – D F– A) e “*^ Isto tudo parece um ET com uma máscara de gás.*” (O ET é porque tem uma forma esquisita, as narinas, e a parte rosa parece uma máscara de gás – G F– (H)). A evocação de uma dimensão arcaica suscita, ao nível da *techne*, o aparecimento de uma falha ao nível da elaboração do processo criativo de simbolização, dada a dificuldade que emerge na elaboração do desconhecido, com referência a um universo inquietante, presente nas respostas “*...mosca*” e “*...ET...*”, passando depois para uma “*...máscara de gás*”, que parece servir de proteção para os elementos tóxicos desencadeados no contacto com este cartão. No *campo* encontramos presente a impossibilidade de evocação de um continente, delimitador e (re)significador do simbolismo arcaico, uma falha da função alfa, que aqui emerge apenas de uma forma rudimentar, através da evocação da “*máscara de gás*” que funcionaria como um elemento desintoxicador, para o que de inquietante foi sentido e que ainda não pode ser pensado.

Através da análise das respostas dadas ao cartão IX foi possível assistirmos a uma transformação no tornar-se de Ártemis, entre o primeiro momento do tornar-se em que não era possível encontrar um sentido e um significado para o caos sentido internamente e o segundo momento da adolescência, onde já foi possível designar o desconhecido, com referência a elementos de cariz bizarro e inquietante, evidenciando ainda a pouca capacidade para lidar com o simbolismo arcaico presente neste cartão.

A apresentação do cartão X anuncia o fim da prova. Aos 13 anos dá as respostas: “*√ Parece uma cara, com umas antenas, uns olhos, o nariz e uma boca e com umas pintinhas de tinta à volta.*” (Os olhos, o nariz e uma boca em forma de “O” – Dbl F+ Hd) e “*Uma máscara de Carnaval.*” (Uma máscara de Carnaval porque tinha muitas cores e coisas ao lado, manchinhas que não me dizem nada – Gbl F+ Másc.). O primeiro contacto com o cartão suscita uma procura de integração dos vários elementos que se apresentam dispersos, uma representação do Eu, “*...uma cara*” desenhada através dos seus recortes perceptivos, numa procura de manter a sua integridade, a sua estabilidade psíquica. A resposta seguinte apresenta um movimento entre o revelar e o esconder, “*uma máscara de Carnaval*”, aquela que oculta

o próprio, ao mesmo tempo que o revela ao Outro, como um diferente, oferecendo-nos a *techne* um processo criativo e co-constutivo. No *campo* a dispersão oferecida neste cartão é contida e (re)significada através das respostas/símbolos encontrados que traduzem a existência de um continente delimitador e contentor da dispersão, promovendo uma boa delimitação Eu-Outro.

A resposta dada aos 16 anos: “*∨ Isto faz lembrar uma máscara de Carnaval. A boca, o nariz e os olhos e tem umas antenas ^∨^.*” (Porque é colorida, faz lembrar o Carnaval. Tem aqui aquela parte preta, faz lembrar aquelas partes de segurar, a boca, o nariz, os olhos e as antenas – Gbl FC Másc.). A máscara revela e esconde, tal como o movimento presente na relação Eu-Outro, aqui revelado pela *techne*, ao mesmo tempo que no *campo* se desenha um continente delimitador e contentor para o caos sentido com a chegada ao fim da prova. No último cartão da prova, Ártemis revela-nos a sua capacidade em dar um sentido e um significado à dispersão, revelando uma capacidade de encontro na relação o Eu-Outro, *techne-campo*. Na passagem de um movimento a outro do desenvolvimento, assistimos a um aumento da função de (re)significação.

Na mitologia, Ártemis é usualmente descrita como a “*divindade da máscara*”, como uma virgem caçadora, com o arco na mão, escoltada pelos seus cães ou rodeada de animais. É conhecida como a divindade das margens e das transições, parece situar-se entre a confusão e o caos e a fusão com o divino, numa relação entre o tempo e o espaço, pontuando passagens, espaços e lugares que se estendem desde a cidade até às zonas longínquas das montanhas e dos mares, do coração da cultura às margens da selvageria (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008).

Ao longo dos protocolos de Ártemis vamos encontrando alguns movimentos no sentido da integração e da conciliação, mas aquele que melhor traduz o movimento de construção do processo criativo de simbolização da *techne*, é aquele que está presente no cartão V, onde foi possível realizar uma transformação integrativa do crescimento mental. A passagem para o segundo momento do desenvolvimento possibilitou um aumento da função de contenção, sendo visível no *campo* o aumento da estabilidade do continente, em particular nos cartões compactos I e V que se encontram relacionados com a identidade, assegurando este movimento a existência de uma maior estabilidade interna. Este movimento surge ainda no cartão X, através da evocação de uma “*máscara*”, um continente, para a dispersão apresentada no fim da prova, um objeto que esconde revelando e que a identifica na qualidade

de divindade.

Ainda dentro dos procedimentos de análise do Rorschach para a *techne*, no início do processo de desenvolvimento adolescente importa referir a presença de uma resposta cinestésica, no cartão VII, que nos dá conta da existência de uma interação ativa “*duas caras*” que no inquérito são descritas como “*parece que estão a dar um beijinho*”. A presença de objetos reveladores de criatividade, presente na resposta dada no cartão X “*...máscara...*”. Aos 16 anos, mantém-se a presença deste tipo de respostas reveladoras do processo criativo do tornar-se, aliadas à presença de um G impressionista e as respostas de conteúdos animais e humanos encontram-se dentro dos valores normativos.

No início da adolescência, para os procedimentos que dão conta do *campo*, encontramos apenas a associação entre os G's simples e as banalidades. As respostas dadas ao cartão I (“*borboleta*”) e ao cartão V (“*morcego*”) são reveladoras da existência de uma boa delimitação entre o mundo interno e o externo, evidenciando a existência de um continente estável e de uma boa delimitação Eu-Outro. Este movimento mantém-se no final da adolescência, mas nas respostas dadas ao cartão V (“*borboleta*”) e ao cartão VIII (“*um animal...*”), assim como os valores das respostas de apreensão em G e em D encontram-se dentro dos valores considerados normativos.

8.1.4. Atena: a deambulante

Atena, de estatura média, os seus olhos são muito expressivos e contrastam com um corte de cabelo e um conjunto de acessórios na moda. Tem 13 anos e 11 meses no primeiro momento deste estudo e 16 anos e 11 meses, no segundo momento em que é realizada a prova (ver protocolos – Anexo D). É a filha mais nova, tem uma irmã com 20 anos. Gosta de estudar e tem tido um percurso escolar com boas notas. As características da jovem Atena fazem jus ao nome da Deusa de olhos glaucos que brotou luminosa e triunfante da cabeça de Zeus, conhecida como a Deusa da inteligência, preside às artes, à literatura, à filosofia e à música (Pinheiro, 2011).

O cartão I coloca Atena perante a situação nova e desconhecida de dar um nome e um significado ao que lhe é apresentado, recriando-o com recurso ao que já lhe é familiar e conhecido. Aos 13 anos dá as respostas: “*Parece um pássaro, com mais uma asa, em vez de ter duas tem três.*” (Pássaro porque parecem-me as asas – G F+ A) e “*> √∧ Uns dentes,*

parece umas moscas que há. Tem uns dentinhos à frente, uma cauda. É só.” (Mosca porque vi esta zona, vejo as moscas, elas têm umas antenas à frente e fez-me lembrar – G F– A). O primeiro contacto com o desconhecido da prova remete-a para uma imagem próxima da banalidade, “...um pássaro...”, mas que aqui é apresentado de uma forma estranha, com três asas, o que afasta esta resposta da banalidade, mas aproxima-a de um processo criativo, que se perde na resposta seguinte, “...umas moscas...”, um animal que se apresenta a zunir, em remoinhos, um ser insuportável, que se multiplica sobre o apodrecimento e a decomposição, que transporta os piores germes de doenças, desafiando qualquer proteção, simbolizando uma busca incessante (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

A mosca apresenta ainda a particularidade de ser definida pelos “...*dentos*...” e por “...*uma cauda*”. Atena procura as saliências que delimitam a mancha nas suas extremidades, conferindo-lhe ao mesmo tempo, uma delimitação, o esboço de um continente, no qual se inscrevem conteúdos de cariz agressivo, reveladores da inquietação sentida com o desconhecido suscitado pelo início da prova, revelando-nos a *techne* a dificuldade em aceder ao processo criativo e o *campo* a falha na representação de um continente, transformador e revelador do processo de tornar-se.

Aos 16 anos dá a resposta: “*Um morcego. Um morcego com quatro asas e umas anteninhas. É só.*” (Esta zona aqui são as asas e estas coisas aqui, as anteninhas. O que me fez pensar no morcego foi a cor escura – G F+ A Ban). O símbolo encontrado para dar um sentido e um significado ao desconhecido, desencadeado pela entrada na prova, suscitou em Atena a construção de um bom processo criativo de simbolização, aqui revelado pela *techne*, sob a forma de uma banalidade, ao mesmo tempo que no *campo*, encontramos presente a existência de um continente, delimitador e transformador do desconhecido sentido com a entrada na situação de teste, o que se reflete na formulação das “...*quatro asas*...” o que surge como um elemento revelador de uma certa estranheza relativamente ao perceto.

Neste cartão, nos dois momentos do desenvolvimento, Atena revela o seu tornar-se de uma forma criativa, evidenciando a sua sabedoria em lidar com o desconhecido, operando no início da adolescência, uma transformação entre o estranho e o inquietante, dando lugar, no final da adolescência, à expressão de um símbolo que traduz de uma forma mais evoluída o seu amadurecimento.

O cartão II trata-se do primeiro cartão que coloca a questão do relacional, apelando para os movimentos de proximidade ou de afastamento, numa articulação entre os opostos, onde a *techne* e o *campo* se interligam num processo criativo e dinâmico. Aos 13 anos dá a

resposta: “A cabeça de um bicho. Um rato, dois olhos e aqui os bigodes (aponta), aqui parece os pés ao contrário, parece que foram espalmados, um rato que tem pés e asas, resumindo e concluindo é só.” (A cabeça do rato, olhinhos e os bigodes, os pés, e as asas. Um rato com umas asas e uns pés, um animal um bocado esquisito – Gbl F– A). No primeiro contacto com o relacional, Atena tem a necessidade de dar uma resposta unitária, não conseguindo aceder à integração dos opostos. A *techne* revela-nos uma falha ao nível do processo criativo e de simbolização, traduzindo o *campo* a falta de um continente delimitador e transformador das angústias que aqui foram desencadeadas e que emergiram na referência a um “...rato...”, um animal temível, muito associado a um papel destruidor e propagador da peste, mas também, ao de ladrão e de veículo da alma de excisadas, ou seja, da parte masculina do sexo feminino (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). No entanto, não nos podemos esquecer do simbolismo deste animal no contexto psicanalítico, na obra de Freud (1909/1953) “O Homem dos Ratos”, onde é considerado impuro, escava as entranhas da terra, apresenta uma conotação fálica e anal, o que o liga a uma noção de riqueza.

Aos 16 anos o movimento inicial é de choque “Neste não vejo nada...” dando em seguida as respostas: “> Assim, parece que vejo aqui uns ratinhos.” (Parecem umas patinhas e vi aqui uma orelha algures no negro – D F– A). “v Aqui em baixo parece que vejo uma borboleta.” (A borboleta, quando a viro ao contrário tem umas antenas – D F+ A Ban). Inicialmente existe a capacidade de dar um sentido e um significado ao relacional, embora este ainda não apareça com uma qualificação. Porém, num segundo momento centra-se no pulsional para designar “...uma borboleta”, animal que representa a ligeireza e a subtileza da mulher, cujo simbolismo está diretamente relacionado com as metamorfoses, simbolizando o renascimento (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Na análise deste cartão, a *techne* indica-nos a capacidade de Atena em (re)significar os opostos, ocorrendo no *campo* o acesso a um continente facilitador da integração e da circularidade do pensamento.

O movimento que se esboçou aos 13 anos, na capacidade de integrar os opostos, ainda de uma forma rudimentar, numa apreensão unitária, ganha consistência durante o processo de desenvolvimento adolescente, passando no fim deste período a ser possível aceder ao relacional, a um movimento de transformação revelador do tornar-se.

O cartão III apela para a intersubjetividade presente na interação entre sujeitos. Atena aos 13 anos dá as respostas: “Uma borboleta aqui no meio.” (D F+ A Ban); “Aqui olhando parece um sapo, aqui com uns dentes à frente.” (Dentes e uns olhos – D F–A) e “Aqui parece qualquer coisa salpicada, uma bebida qualquer. É só.” (D CF Obj.). No primeiro contacto

com o cartão, Atena revela-nos uma boa capacidade de simbolização, através do recurso à banalidade “*Uma borboleta*”, um animal frágil e delicado que contrasta com “*um sapo*”, um animal desajeitado, muitas vezes considerado um símbolo dos mortos. Termina esta sequência com uma referência a “... *qualquer coisa salpicada*,...” o que de seguida ganha a forma de uma imagem: “...*uma bebida*”, como se se tratasse da procura de um néctar dos Deuses, que revela através da *techne* a perda de sentido no processo de simbolização. No *campo*, inicialmente existe uma boa capacidade de delimitação entre o mundo interno e o externo, mas que se perde, verificando-se uma grande incapacidade em conter o forte movimento de identificação projetiva.

Aos 16 anos dá as respostas: “*Parece umas avestruzes aqui de lado.*” (Porque são altas e parece que têm um bico e as patas – D F– A) e “ $\vee \wedge$ *Uma borboleta aqui. E pronto, não vejo mais nada.*” (A borboleta porque se virarmos tem mesmo o formato da borboleta – D F+ A Ban). Face ao relacional dá uma resposta que evoca um símbolo de justiça, “... *umas avestruzes...*”, dando em seguida a banalidade “*Uma borboleta...*” revelando a capacidade de organizar o caos através de uma resposta com um sentido e com um significado. Aqui a *techne* revela-nos uma capacidade em aceder a um processo criativo de simbolização, embora ainda sem a presença de uma dinâmica relacional, enquanto o *campo* transmite a capacidade de aceder a um continente transformador e (re)significador.

No cartão III, Atena apresenta no primeiro momento da sua adolescência uma incapacidade em aceder a uma representação intersubjetiva da relação Eu-Outro. O seu processo de tornar-se vai permitir que, no segundo momento deste processo, já seja possível encontrarmos um esboço desta interação, presente através da utilização de uma confabulação, realizando um distanciamento face ao reino humano, evidenciando a dificuldade que ainda existe na dinâmica Eu-Outro, aqui explicitada pela relação dinâmica que se estabelece entre a *techne* e o *campo*. Despertou-nos a atenção o facto de no inquérito dos limites este movimento estar desde logo presente aos 13 anos, na resposta: “*Sim, de lado, estão de perfil*” e aos 16 anos “*Sim, aqui de lado*” evidenciando a capacidade de aceder a uma representação íntegra e estável.

No primeiro momento da adolescência, ao cartão IV, Atena dá a resposta: “*Aqui parece uma pessoa, um gigante e eu estou a vê-lo de baixo para cima, então parece muito grande. Aqui tem os pés, aqui parece os braços, aqui parece a cara. Depois parece que está a despir qualquer coisa. É um gigante mesmo.*” (Parece uns pés, os braços – G KClob (H)). Nesta resposta, a *techne* revela-nos a reunião dos opostos evidenciando a existência de um

dinamismo mental. No *campo*, encontramos a oscilação entre o negativo “... *um gigante...*” e o facto selecionado “...*está a despir qualquer coisa...*”, revelando-nos uma boa relação continente-conteúdo, na medida em que é possível conter o que de inquietante foi despoletado, aqui circunscrito na imagem do gigante que de acordo com Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), simboliza a predominância das forças saídas da terra pelo seu gigantismo material e pela sua indigência espiritual, ele representa tudo o que o homem deve vencer para libertar e expandir a sua personalidade.

No segundo momento do desenvolvimento, surgem duas respostas: “*Isto parece um urso.*” (Parece porque quando uma pessoa olha parece que é alto e associei o ser alto a um urso – G F+ A) e “*Aqui a cabeça, parece daqueles bichos, de um guaxini* $\vee > \wedge$.” (A cabeça parece mesmo porque tem aquele formato, e tem o mais claro e o mais escuro – D FE Ad). Nesta sequência de respostas os opostos aparecem integrados entre o “*urso*”, que simboliza a força e a potência, considerado o símbolo da classe guerreira e o “*guaxini*”, um animal mais frágil, aqui descrito através de uma resposta de esbatimento de textura, reveladora da incapacidade de elaboração do desconhecido presente na relação precoce e que aqui se traduz por uma falha ao nível do processo criativo, ou seja, da existência de uma falha ao nível da relação continente-conteúdo, aqui *techne-campo*, na sua qualidade contentora e (re)significadora.

Na passagem de um momento a outro do desenvolvimento, nas respostas dadas a este cartão, assistimos a um aumento da capacidade de elaboração da dor mental. No primeiro momento, a evocação da imagem do gigante surge como inquietante e ameaçadora, mas no segundo momento, os opostos aparecem (re)criados, através de imagens com sentidos opostos, entre o “*urso*”, forte e potente e o “*guaxini*”, frágil e submisso.

No cartão V aos 13 anos dá as respostas: “ \vee *Aqui* \wedge *parece uma borboleta. Mais nada.*” (As asas, as antenas – G F+ A Ban). Uma resposta que traduz a subjetividade inerente ao processo de tornar-se, revelando a *techne* a existência de um bom processo criativo de simbolização e o *campo* a existência de uma boa circularidade ao nível dos processos psíquicos, uma boa delimitação do interno e do externo, ou seja, da relação Eu-Outro.

Aos 16 anos dá as respostas: “*Parece um canguru, não sei como mas parece-me.*” (As orelhas lembram-me as deles e como estão assim esticadinhas – G F– A) e “ $\vee \wedge$ *Parece umas patinhas de coelho.*” (Eu olho aqui para o lado e esticado parecem umas patinhas de coelho – Do F+ Ad). Ainda antes de entregar o cartão comenta: “*Não sei porquê mas só vejo animais*

nisto ∨Λ.” Aqui, o contacto com a mancha convida a uma representação de si, o que leva à evocação de uma imagem símbolo de um marsupial, “...um canguru...” seguida da perda de referência do objeto total, com uma resposta de detalhe oligofrénico, reveladora da restrição presente ao nível dos seus processos psíquicos. Nesta resposta, a *techne* revela-nos a incapacidade em (re)significar os elementos tóxicos e o *campo* a inexistência de um continente com uma função alfa a funcionar.

A transformação presente nas respostas dadas ao cartão V, na passagem dos 13 para os 16 anos evidenciam, desde logo, a existência de um movimento regressivo, uma vez que existe uma melhor capacidade de dar um sentido e um significado ao que é solicitado por este cartão no primeiro momento do processo de tornar-se, quando comparado com o segundo momento do tornar-se. Este movimento parece estar diretamente relacionado com a existência de algumas falhas ao nível do continente-*campo* em particular quando é solicitada a representação direta de si.

Aos 13 anos na resposta ao cartão VI diz: “Aqui... (*divide com a mão o cartão*)... Parece que é a cabeça de um animal qualquer, aqui tem pêlo como os gatos, os bigodes, aqui a pele de um animal qualquer. Mais nada.” (Aqui, visto metade, parece os gatos persas que têm pêlo mas só vendo metade – G FE A). Perante um cartão que apresenta um marcado simbolismo sexual, Atena sente a necessidade de o tapar, numa procura de evitamento do que de inquietante lhe foi solicitado. A sua resposta situa-se entre o vago e o concreto, entre o “gato” e a “pele do gato”, entre ter um corpo ou ter uma pele que delimita o corpo, que o envolve, conferindo-lhe uma identidade própria, tal como acontece com os gatos persas que se definem pelas características e pelas qualidades do seu pêlo, daquela que é a sua pele. A *techne* revela-nos a sua capacidade integrativa da atividade vs. passividade e o *campo* o processo co-constutivo e integrativo do tornar-se.

Aos 16 anos dá a resposta: “Isto parece mais uma vez animais. Parece aqueles tapetes que há em casa das pessoas, de animal. A cabeça parece de um bicho qualquer que eu não sei qual é.” (É o tal guaxini, agora é que me veio à cabeça, como tem estas linhas aqui, parece aqueles tapetes que as pessoas têm em casa, quando estão aqueles animais mortos, esticados, parece mesmo – G F+ A). Nesta resposta, o animal passa a tapete, numa procura de desvitalização do que de inquietante foi despertado no contacto com este cartão, o simbolismo sexual. A *techne*-conteúdo traduz a integração da passividade, no *campo*-continente capaz de

(re)significar o que de inquietante foi gerado pelo conteúdo latente do cartão.

A análise do cartão VI dá-nos conta de um movimento de maior dispersão e de uma maior dificuldade de contenção no início do processo de desenvolvimento adolescente, passando a ser possível uma maior capacidade de integração e de conciliação dos opostos no final deste período.

No cartão VII, aos 13 anos surgem como respostas: “*Parece a cabeça de uma pessoa*” (Cara da pessoa – D F+ Hd) e “*Aqui o que é que parece >∨^... parece que tá com... parece a cara de uma pessoa, mas quando eu olho parece um coelho com as orelhas, só que em vez de estar com as patas para a frente, está com as patas para trás. Aqui parece o corpo. Parecia um coelho mas com a cara de uma pessoa.*” (Cara pessoa/coelho, o corpo de coelho se estivesse virado para o outro lado, a continuação do corpo do coelho – G F+ A). Num cartão que convida a uma interpretação bilateral, Atena dá inicialmente uma resposta que comporta apenas uma parte da mancha, uma representação de uma imagem de si, de uma cabeça, procurando no momento seguinte encontrar um rosto, juntando um corpo de coelho de um animal dócil. Estas respostas revelam-nos, através da *techne*, uma capacidade em aceder a um processo criativo de simbolização e, no *campo*, a passagem de um movimento mais regressivo para outro mais evoluído, revela-nos a existência de um continente com uma função alfa operante.

Aos 16 anos Atena não consegue elaborar a temática que lhe é proposta por este cartão, limita-se a dizer: “*∨^ Este não me parece nada... Não me parece mesmo nada.*” Acrescentando depois no inquérito a resposta adicional: “*Agora olhando melhor parece aqui a cara de uma pessoa*” (D F+ Hd). A necessidade de pensar o relacional materno suscita a incapacidade em aceder na *techne* a um processo criativo de construção e no *campo* está presente uma dificuldade de elaboração transformativa. Contudo, no inquérito, existe a possibilidade de aceder à imagem de um rosto, no que parece ser a procura da sua identidade.

Uma das características da Deusa Atena é a sua virgindade, que não se perde com um desejo inconsciente de Zeus, mas com o seu estatuto de divindade guerreira. Segundo Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), nos ritos da adolescência, o casamento e a guerra aparecem como duas instituições complementares, o casamento está para a rapariga como a guerra está para o rapaz, o que marca para a adolescente a saída da infância, a realização normal do seu sexo, o acesso à plena feminilidade. Deste modo, qualquer adolescente deverá confrontar-se

com esta divisão para atingir a plena feminilidade que o casamento representa, para quem passa o limiar da puberdade.

Através da análise das respostas dadas ao cartão VII, no primeiro momento do desenvolvimento, é possível compreendermos a existência de um esboço de um continente, delimitador e organizador para o que de inquietante está em curso durante este momento do desenvolvimento. No segundo momento, dada a falta de estabilidade que o continente ainda parece apresentar, as transformações em curso levam a uma maior desorganização psíquica, não sendo possível encontrar uma resposta símbolo no processo associativo da resposta.

Aos 13 anos, ao cartão VIII foram dadas as seguintes respostas: “*Aqui parece, parece que cortaram qualquer coisa ao meio, um bicho qualquer e depois espalmaram. Parece um bicho com três patas e uma cauda.*” (O desenho está um bocado confuso. O bicho – D F± A); “*Aqui parece uma borboleta. Aqui não me parece nada.*” (D F+ A). Com a entrada nas cores pastel acentua-se a dificuldade de Atena em encontrar uma imagem, um símbolo que delimite o mundo interno do externo. Evoca a imagem de um bicho que aparece espalmado, dando conta de um forte movimento de aniquilação. Segue-se a imagem de uma borboleta, um ser frágil, cheio de graça e de leveza. Através destas respostas é possível observarmos na *techne* a procura de uma construção interna, embora no *campo* se denote uma falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos.

Aos 16 anos, as respostas ao cartão VIII foram: “*Parece que tem uns camaleões de lado.*” (Camaleões – D F+ A Ban) e “*Parece uma árvore ∨∧.*” (D FC Nat.). A entrada nos pastel permite a evocação de uma imagem símbolo que revela a necessidade de transformação, uma vez que o camaleão é conhecido pela sua mudança de cor, pela sua capacidade de se camuflar de modo a passar despercebido aos seus predadores. A resposta seguinte “*...uma árvore*” parece dar conta da necessidade de configurar um suporte para o camaleão, um habitat, tal como durante o processo de tornar-se adolescente constitui-se como fundamental a necessidade de elaborar as emoções conferindo-lhe novo(s) sentido(s) e significado(s). A *techne* revela-nos a capacidade de Atena em construir, enquanto o *campo* dá conta da constituição de um continente, uma árvore, símbolo da vida em perpétua evolução e regeneração.

Na passagem de um momento a outro do crescimento denota-se um aumento da capacidade de construção, da criatividade inerente ao processo de simbolização. Num

primeiro momento domina a incoerência, surgindo, num segundo momento, a capacidade em fazer face ao desconhecido introduzido pelos afetos, representado pela árvore que suporta os camaleões, numa relação dinâmica de transformação, reveladora do crescimento e do dinamismo mental.

No cartão IX, aos 13 anos, dá as respostas: “*Aqui...∇ ... Aqui parece. Aqui parece uma cabeça de um elefante vista de cima, depois parece a tromba, mas vai mudando de cor conforme a imagem que se vê.*” (A cabeça de um elefante visto de cima e com as orelhas e a tromba vai vindo para aqui, as cores vão alterando e a tromba vai mudando de cores – Dbl F– Ad); “*Aqui parecem umas nuvens.*” (D F± Nat.) e “*Aqui parecem dois bichos.*” (D F– A). No primeiro contacto com a dimensão mais arcaica a que reenvia o cartão IX surge como resposta a “*...cabeça de um elefante...*”, um animal de grande porte ao qual lhe é retirado grandiosidade quando surge apenas a cabeça. O movimento seguinte revela-nos, ao nível da *techne*, uma falha ao nível dos processos de simbolização, dada a dispersão presente na resposta “*...nuvens*” e “*...bichos*”. As diferentes imagens/símbolos evocadas evidenciam no *campo* uma grande dificuldade em lidar com o simbolismo arcaico, apresentando uma grande dificuldade em constituir um continente delimitador e (re)significador, pelo que são evocados os conteúdos, apoiando-se Atena na forma e na cor da mancha.

Aos 16 anos, no cartão IX as respostas foram: “*São umas lagostas aqui em cima.*” (Lagosta foi pelo facto de ser cor-de-laranja, e destas linhas parecerem as patas delas – D FC A) e “*∇ Aqui parece um cão, uma cabeça de um cão.*” (O cão foi pelo formato destes círculos, que me fazem lembrar uma cabeça – D F– Ad). A dimensão arcaica solicitada por este cartão leva à evocação de um animal com uma carapaça dura, com pinças que aqui são designadas por patas, numa tentativa de aliviar a carga agressiva contida nestes elementos. No momento seguinte, surge “*...uma cabeça de um cão*”, a representação de um animal considerado o fiel amigo do Homem, mas que aqui se constitui como uma resposta de má qualidade formal. Num primeiro momento, verifica-se uma boa capacidade em aceder e transformar, o que de inquietante foi transmitido pelo contacto com a mancha, contudo, no momento seguinte este movimento perde-se, revelando-nos o *campo* uma falha ao nível da capacidade de contenção presente na relação continente-conteúdo.

No cartão IX verificamos que aos 13 anos existe uma maior dispersão e uma incapacidade em aceder a um processo criativo de construção, de modo a ser possível elaborar

o que de regressivo foi solicitado com a entrada neste cartão. Com a passagem para os 16 anos esboça-se um continente, contentor e transformador dos diferentes processos psíquicos em curso durante este período do desenvolvimento, mas que ainda não consegue conter toda a dispersão a que a solicitação regressiva deste cartão reenvia.

O cartão X anuncia o fim da prova e nele, aos 13 anos, foram dadas as seguintes respostas: “*Aqui parece uma flor.*” (D F– Bot.); “*Aqui parece uma cenoura.*” (D F– Alim.); “*∨ Se virar ao contrário parece que tenho umas bochechas, parece que tenho uns olhos. O nariz, a boca.*” (Olhos, nariz, boca – D bl F– Hd) e “*Aqui parece uns caranguejos.*” (D F+ A Ban). O primeiro contacto com o cartão suscita a evocação de “*...uma flor*”, uma referência de cariz narcísico que dá conta da existência de uma sensibilidade ao estético e ao belo. Segue-se a referência a “*...uma cenoura*”, a um alimento, para em seguida ser representado um rosto, ainda que dado parcialmente, uma evocação que procura uma congregação de vários elementos da mancha. Para terminar, “*...uns caranguejos*”, uma imagem que evoca uma carapaça rígida, a qual pode funcionar como uma proteção para o que de inquietante é sentido com a dispersão que aqui é apresentada com a chegada ao fim da prova. As respostas apresentadas neste cartão revelam-nos na *techne* a existência de uma sequência de imagens de universos completamente distintos: reino vegetal, alimentos, animais e um esboço humano; que não se encontram ligados e integrados, revelando o *campo* a existência de conteúdos sem um continente que os contenha e (re)simbolize.

Aos 16 anos, no cartão X diz: “*Só vejo aqui bichos. Aqui parece uns caranguejos.*” (Caranguejos, por causa das linhas faz-me lembrar as patas – D F+ A Ban); “*Aqui uns camarões.*” (D F– A) e “*∨ Aqui umas plantas. Isto aqui a vermelho não sei explicar o que é que é.*” (D F± Plat.). Depois de circunscrever a dispersão, enunciando que “*Só vejo aqui bichos*”, estes ganham consistência, primeiro na resposta “*...caranguejos*”, um animal de meio aquático, um espírito das águas ao qual se associa o valor interno e íntimo, fazendo lembrar os esboços e as prefigurações da vida renascente, rodeados por um invólucro destinado a abrigar o poder da ressurreição encerrado nas suas couraças (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

A resposta seguinte: “*...uns camarões*” evidencia uma diminuição da proteção anteriormente evocada, o que se acentua no movimento seguinte com a evocação de “*...umas plantas...*”. Deste modo, a *techne* revela-nos ainda a existência de pouco alargamento no

conhecimento do mundo e o *campo* um esboço rudimentar para a integrar a dispersão vivida por Atena com a chegada ao fim da prova.

Nas respostas dadas ao cartão X, aos 13 anos, encontramos presente uma maior dispersão e uma maior dificuldade de reunião dos vários elementos, o que se altera na passagem para os 16 anos, onde as respostas apresentadas parecem seguir uma sequência que nos reenvia para uma cena marítima, com caranguejos, camarões e plantas. Aqui, as imagens evocadas apresentam uma certa harmonia entre si, como se se tratasse de um bordado que liga os vários elementos entre si, originando uma tela, um esboço de um continente.

Dentro dos parâmetros que definimos para a análise da *techne*, aos 13 anos, importa ainda destacar dois aspetos: por um lado, a presença de uma resposta cinestésica no cartão IV, reveladora de força e de dinamismo mental. Por outro lado, apesar de não se tratar de uma interação, a ação é realizada pelo próprio “*despir qualquer coisa*”; e as respostas de conteúdos humanos apresentam-se dentro dos valores considerados normativos. No *campo*, encontramos um G simples associado a uma banalidade no cartão V, o valor dos pequenos detalhes dentro dos valores considerados normativos, a existência de determinantes duplos, no cartão III “*...qualquer coisa salpicada, uma bebida*” e no cartão IX “*...cabeça de um elefante...*” e a resposta cinestésica dada no cartão IV apresenta uma dinâmica relacional eminentemente funcional.

Aos 16 anos Atena não revela outros elementos complementares para a análise da *techne*, mas para a análise do *campo* importa destacar a presença de um G simples no cartão I, com a resposta “*...morcego...*”, a presença de um determinante duplo no cartão VIII, “*...árvore*” e um esbatimento de textura na segunda resposta dada ao cartão IV “*...guaxini.*”.

Na análise qualitativa da *techne* encontramos presente nos protocolos de Atena um movimento que vai da dispersão para a integração, aos 13 anos, mais visível nos cartões compactos (IV, V e VI) e aos 16 anos, mais evidente nos cartões bilaterais (II) e nos pastel (VIII e IX), verificando-se um aumento das respostas que traduzem a co-construção, ou seja, a transformação em curso. No *campo* o movimento é similar, no primeiro momento a relação continente-conteúdo está mais presente nos cartões compactos (IV e V) enquanto os processos de transformação são mais evidentes no segundo momento, nos cartões bilaterais, embora se mantenha em alguns cartões compactos e no VIII onde se destaca o aumento da capacidade transformativa.

Atendendo aos dois momentos do desenvolvimento, verificamos que existe um movimento diambulante entre o primeiro e o segundo momento do tornar-se, no que diz respeito aos processos psíquicos em curso, o que inviabiliza a boa circularidade psíquica entre a *techne* e o *campo*. Este movimento pode ser explicitado através da descrição de Pinheiro (2011), sobre a controvérsia da Deusa Atena, cujo nascimento é tão popular quanto enigmático, levando a que a interpretação simbólica da sua saída da cabeça de Zeus seja vista como a de uma divindade emergindo de uma montanha sagrada, o que marca a mudança na história do mundo da Humanidade. Atena guarda no olhar o segredo de uma espécie de magia guerreira, tal como a coruja que a segue para todo o lado, a ave noturna de olhos enormes e expressão meditativa, que amedronta os outros animais pelo brilho do olhar e pelas modulações do seu canto. Triunfa os inimigos com o seu olhar penetrante e com a voz das suas armas de bronze, as quais, segundo a tradição épica, cintilavam como o luar do relâmpago e o ribombar do trovão.

8.1.5. Deméter: a sonhadora

Deméter tem 13 anos e 8 meses quando aceita participar pela primeira vez neste estudo (ver protocolos – Anexo E). Estatura média, pele morena, cabelo e olhos castanhos compõem o rosto que se junta a um corpo bem esculpido. Tem uma irmã mais velha, com 19 anos. Na mitologia, Deméter é a Deusa maternal da Terra, divindade da terra cultivada, também conhecida como a Deusa do trigo. A sua história está estritamente ligada à da sua filha Perséfone, com quem as suas aventuras constituem o mito central da sua lenda, aquela cujo significado profundo era revelado pela iniciação aos mistérios de Elêusis, aquele que tentava tornar imortal mergulhando-o no fogo (Grimal, 1951/2009).

No primeiro contacto com a prova, aos 13 anos, no cartão I, Deméter dá a resposta: “*Um morcego.*” (Parece que tem aqui umas asas e o corpo aqui no meio – G F+ A Ban). Aos 16 anos, surge a mesma resposta, mas com uma explicação diferente: “*Um morcego.*” (As asas e porque é preto – G F+ A Ban). O confronto com o desconhecido suscitou a evocação de um símbolo associado à banalidade, “*Um morcego.*”, um animal que reina na noite, que se esconde em locais frios e húmidos. No primeiro momento, Deméter insiste no corpo e nas

asas, procurando como que uma sustentação, já no segundo momento do desenvolvimento, aos 16 anos, a imagem é apenas suportada pelas asas e pela cor, parecendo existir uma maior leveza, o que poderá estar associado ao processo criativo de simbolização, presente na construção da resposta, aqui revelada através da *techne*. No *campo* encontramos desde logo estruturado um continente, delimitador do caos e da falta, introduzido pelo início da prova, no qual está presente uma função alfa, transformadora e (re)significadora.

Na passagem de um momento do desenvolvimento a outro, no cartão I, é possível salientar uma maior abertura do pensamento, embora a resposta seja a mesma. A forma como a adolescente acedeu à mesma revela-nos a existência de uma transformação interna, reveladora da capacidade de ir aprendendo com a experiência, libertando-a do eixo do cartão, podendo utilizar os elementos sensoriais da mancha.

Aos 13 anos, no cartão II, depois de um movimento inicial que parecia ser de recusa, Deméter dá uma resposta em espontâneo: “*Não sei... Parece uma cara.*” (Parece que tem dois olhos, o nariz no negro, a boca – D bl F– Hd). No inquérito acrescenta a resposta adicional: “*Uma coisa de precipício, faz lembrar qualquer coisa que não tem fundo.*” (Gbl EF Nat.). Este é o primeiro cartão que põe em jogo o relacional, levando Deméter a dar uma resposta global, unificando a mancha em vez de usar o seu carácter bilateral. A evocação de “*...uma cara*” coloca-nos perante uma representação do próprio, revelando-nos a *techne* uma dificuldade em conciliar os movimentos opostos, dada a dificuldade presente no *campo* em evocar um continente contendor e transformador.

Na mitologia, Deméter é conhecida pelo rapto da sua filha Core, também conhecida por Perséfone. Depois de ter sido raptada sua mãe vagueou pela terra para a encontrar, revoltada com o seu raptor e com Zeus, que permitiu o sequestro, pensou não regressar ao Olimpo e continuar as buscas errantes pela Terra, que entretanto, com a sua dor se tinha tornado estéril, comungando do pesar da deusa inconsolável que se metamorfoseou numa velha mulher, para que ninguém a reconhecesse e empreendeu uma errância dolorosa que a conduziu à cidade de Ática (Pinheiro, 2011).

Na resposta adicional evoca um “*...precipício...*”, um lugar perigoso, reforçado na continuação da resposta “*...não tem fundo*” o que nos faz pensar no próprio processo de tornar-se adolescente, um momento do desenvolvimento que se caracteriza por uma turbulência, no qual é fundamental o adolescente ser capaz de se “*construir no escuro*”

(Caper, 2009), acreditando na sua capacidade de chegar a um fim, mesmo quando não se consegue ver como vai decorrendo o caminho. Nesta resposta está presente um esbatimento de perspectiva, revelador do processo criativo de construção na falta, que não havia sido possível na resposta dada inicialmente, evidenciando uma compensação narcísica através da articulação perceptivo-sensorial.

Aos 16 anos, no cartão II, Deméter começa por comentar “*Ai que esquisito!*” seguindo-se a resposta: “*Parece uma cara. Aqui os dois olhos, o nariz e a boca aberta.*” (Os olhos, o nariz, a boca, parece que está a gritar. Parece que tiraram uma fotografia de baixo para cima – D bl kp Hd). A evocação de uma cara leva a uma representação direta de si, dada a dificuldade de representação da relação Eu-Outro solicitada pelo conteúdo latente do cartão. No “gritar” temos implícito o movimento de comunicar, uma relação com o Outro, ainda que apenas em pré-conceção, não sendo ainda um movimento integrado e consolidado. Nesta resposta encontramos presente na *techne* uma capacidade de conciliar os opostos, ligando e integrando os vários elementos da mancha. No entanto, no *campo*, existe uma maior dificuldade em aceder a uma posição elaborativa e integradora, dada a incapacidade de representar a falta.

Neste cartão, tal como tinha acontecido no cartão anterior, as respostas dadas por Deméter nos dois momentos do desenvolvimento são muito semelhantes. Contudo, importa salientar o processo de transformação em curso, na passagem de um momento a outro, em que no primeiro momento a perspectiva é colocada no inquérito num “*...precipício...*”, revelando uma dimensão de inquietação, movimento que no momento seguinte do desenvolvimento passa a estar integrado, através da evocação de “*...uma cara*” que “*...parece que está a gritar...*”, numa referência direta a uma expressão do dentro que é projetado no exterior, com a particularidade de estar a ser vista em perspectiva, de baixo para cima, do pequeno para o grande, o que nos faz pensar na transformação de criança em adolescente, a caminho de vir a ser adulto.

No cartão III, aos 13 anos, surge a resposta: “*Parecem dois seres não definidos.*” (Parece que eles estão a agarrar qualquer coisa. Tem corpo, mas não é humano, não parece – G K (H)). A evocação de dois seres, revela-nos um processo de procura da representação do próprio que no primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente ainda está em curso, surgindo a necessidade de sustentação e de apoio, o “*...agarrar qualquer coisa*” numa

procura de apoio, para o que de inquietante é sentido no contacto com a dinâmica Eu-Outro. A *techne* revela-nos uma procura de co-construção que traduz o relacional, permitindo-nos compreender a relação Eu-Outro que aqui revela uma interação de tipo ativo. O *campo* revela-nos o intrapsíquico, a subjetividade que está presente na relação continente-conteúdo, aqui *techne-campo*, onde está presente uma relação dinâmica de tipo cooperativo.

Aos 16 anos dá a resposta: “*Parecem duas pessoas a tocarem em alguma coisa que têm em comum.*” (As cabeças, o corpo e as pernas e como isto parecem os braços parece que estão a agarrar alguma coisa – G K H Ban). Deméter acede à dinâmica relacional presente na interação Eu-Outro, organizadora da sua estrutura psíquica e reveladora de uma interação ativa e dinâmica, tal como o processo de crescer e de tornar-se adolescente. Aqui a *techne* traduz a existência de uma procura de encontro e de proximidade ao Outro, revelando-nos o *campo* a existência de uma relação continente-conteúdo, com uma função alfa a funcionar, permitindo que se estabeleça uma dinâmica relacional de tipo cooperativo.

Na passagem dos 13 para 16 anos Deméter, no cartão III, apresenta um aumento da capacidade de simbolização. Assistimos a uma transformação psíquica que decorre da maior indiferenciação Eu-Outro, no início do processo de desenvolvimento adolescente; para uma maior diferenciação e humanização, associada a uma dinâmica relacional mais estável, no final do processo de tornar-se adolescente.

As respostas dadas por Deméter ao cartão IV nos dois momentos do desenvolvimento são muito similares. Aos 13 anos dá a resposta: “*Um gigante qualquer.*” (Eu vi de baixo para cima. As botas, a cabeça, os ombros e os braços – G FClob (H)). Aos 16 anos, diz: “*Isto parece-me um gigante, isto são as botas dele, os braços e a cabeça.*” (Aqui estão as pernas grandes, aqui estão os braços e aqui a cabeça, parece que tem um gorro. Ele está virado de costas para mim – G FClob (H)).

Nos dois momentos do seu desenvolvimento, Deméter evoca a imagem de um gigante, uma referência a uma figura imaginária ou de lenda, com um carácter inquietante e assustador que através da *techne* traduz a sua capacidade de fazer face à dor mental suscitada pelo cartão, através de um processo elaborativo e integrativo. O *campo* traduz a existência de um continente delimitador da oscilação presente no simbolismo evocado por este cartão.

Na passagem de um momento a outro do processo de tornar-se adolescente, no cartão

IV, assistimos a uma descrição diferente do “...gigante...” que no início do desenvolvimento é visto em perspectiva, insistindo Deméter numa delimitação dos limites do corpo. Enquanto no momento seguinte do desenvolvimento, parece existir uma maior capacidade em integrar o corpo, o que leva ao aparecimento de uma imagem de costas, o que retira o caráter inquietante da imagem evocada, tornando o gigante menos inquietante e assustador, humanizando-o, descrevendo-o como sendo uma figura humana.

Tal como acontecia no cartão IV, as respostas dadas no cartão V também são muito similares nos dois momentos do processo de tornar-se adolescente. Aos 13 anos dá a resposta: “*Um morcego.*” (Por causa das asas e porque é pequenino e preto – G F+ A Ban) e aos 16 anos diz: “*Parece-me um morcego.*” (As asas, as pernas, e a cabeça dele aqui – G F+ A Ban).

No cartão que apela para a unidade corporal, Deméter evoca, nos dois momentos do seu processo de tornar-se, uma imagem íntegra, construindo a sua resposta com base numa procura de delimitação do corpo, ainda em transformação. Aqui a *techne* convoca uma imagem que revela a sua capacidade de dar um sentido e um significado ao desconhecido do cartão. O *campo* apresenta um continente bem definido, uma vez que a imagem dada é íntegra e encontra-se bem definida e delimitada, revelando uma boa capacidade de delimitação entre o mundo interno e o externo. No movimento de passagem, entre um momento e outro do processo de tornar-se adolescente, Deméter revela uma maior capacidade em aceder a um símbolo, sem necessitar de suportar o corpo, limitando-se Deméter a delimitar percetivamente o objeto.

O movimento de proximidade presente nas respostas dadas entre o primeiro momento e o segundo momento do processo de tornar-se mantém-se no cartão VI, o último dos cartões compactos. Aos 13 anos Deméter dá a resposta: “*Um gato.*” (Parece que está com o focinho para cima, com os bigodes e as orelhas – G F+ A) e aos 16 anos “*Parece-me um gato esticado. Estão aqui os bigodes e as orelhas...*” (Parece que ele tem aqui as patas inferiores, aqui são as superiores, parece que está esticado. Aqui são os bigodes – G F+ A).

A evocação de “*Um gato*”, um animal dócil e ágil, que permite ligar e integrar os opostos solicitados neste cartão, revelando-nos a *techne* uma boa capacidade de simbolização e o *campo* a existência de uma boa circularidade psíquica. Na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de tornar-se adolescente importa destacar a passagem de uma centração no rosto, no focinho, no primeiro momento, para o corpo, para o esticado, no

segundo momento, num movimento mais integrador e unificador, da totalidade do objeto, revelador do crescimento, uma vez que esticar tem implícito aumentar, crescer.

No cartão VII, aos 13 anos, Deméter dá a resposta: “*Parecem duas pessoas, de frente uma para a outra.*” (Aqui, parece que tem a forma da cara, aqui, o corpo, parece que tem o corpo de algum animal – D K H). A necessidade de dar um sentido e um significado ao simbolismo materno leva Deméter a evocar “...*duas pessoas...*” colocando-as numa espécie de confronto, num “frente a frente” presente na transformação do tornar-se. A *techne* revela-nos a sua capacidade em aceder a uma interação, enquanto o *campo* traduz a existência de um continente, delimitador e (re)significador, onde a dinâmica presente é de tipo especular.

Aos 16 anos, ao cartão VII dá a resposta: “*Parecem-me dois duendes virados um para o outro.*” (Isto fez-me lembrar o *Peter Pan* por causa do chapéu do 1.º terço e o recorte fez-me lembrar a cara deles de perfil – D K (Hd)). No segundo momento do desenvolvimento, Deméter evoca “...*dois duendes...*”, que são figuras do imaginário infantil, muito associadas ao mundo mágico, tal como o personagem *Peter Pan*, conhecido por ser a eterna criança, que sonha acordado, e que voa realizando os seus sonhos na Terra do Nunca. Nesta resposta, a *techne* revela uma boa capacidade de elaboração do simbolismo materno, numa articulação muito rica com o mundo da fantasia, que possibilita uma integração do movimento de dispersão introduzido pelo cartão, num movimento ativo e co-constutivo, que só é possível porque no *campo* existe uma boa delimitação e uma boa comunicação entre o mundo interno e o externo.

Na passagem de um momento a outro, do processo de desenvolvimento adolescente, no cartão VII, encontramos presente uma transformação entre uma relação ancorada na realidade e a capacidade de operar uma passagem para o mundo da fantasia, sem que se verifique, neste momento, a perda da integridade psíquica, operando-se uma organização ao nível do seu mundo interno.

No primeiro dos cartões pastel Deméter, aos 13 anos, dá a resposta: “*Aqui só consigo ver, mais ou menos, dois animais, um género de felino.*” (Animais, as patas e o focinho – D F+ A Ban). Ao ser convidada para designar os afetos aqui expressos, Deméter revela a capacidade de os recriar, acedendo a uma banalidade, os “...*dois animais...*”, pertencentes a “...*um género de felino*” numa evocação de algum perigo, mas também numa inscrição numa filiação, o que lhe dá um estatuto, uma pertença, traduzindo o *campo* a existência de um

continente.

Aos 16 anos, no cartão VIII Deméter dá as seguintes respostas: “*Isto parece-me uma rocha.*” (D F± Nat.), “*Isto são árvores.*” (D CF Bot.) e “*E isto são dois animais, dois lobos.*” (Os lobos estão a andar – D F+ A Ban). A estranheza suscitada pela mudança do estímulo convoca a necessidade de constituir uma base, um apoio, seguindo-se a construção de um cenário com árvores e animais, através das respostas seguintes. Deméter convoca a imagem de “*...dois lobos*” animais que se associam à selvajaria mas que têm a particularidade de ver de noite, sendo por isso considerados como um símbolo da luz solar, como um herói guerreiro ou um antepassado mítico (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

No primeiro momento do processo de tornar-se Deméter situa-se apenas na parte externa da mancha, designando “*...dois animais...*”, mas com a transformação em curso, durante o processo de tornar-se, passou a ser possível aceder à representação da totalidade da mancha, na composição de um cenário, onde se conjugam diferentes reinos, o que nos revela uma maior capacidade de integração dos afetos, numa circularidade entre a *techne*, como processo criativo e o *campo*, como revelador do conhecimento do próprio, mais integrado e evoluído, respeitando a diferenciação.

Aos 13 anos, no cartão IX surgem as respostas: “*Água ...*” (Água, porque aqui parecia uma cascata – Dbl kob Elem.) e “*Género de uma floresta.*” (O resto a floresta – D CF Nat.). A dimensão arcaica que está presente neste cartão evoca um dos elementos da natureza, “*Água...*” cujo simbolismo pode remeter para a vida, para um meio de purificação ou para um centro de regenerescência. Nesta resposta, este último simbolismo parece ser aquele que mais se destaca, através de uma procura de reconstrução daquele que é o conteúdo subjacente a este cartão. Segue-se “*...uma floresta*” um lugar cheio de encantos, mistérios e perigos. A floresta é um verdadeiro santuário em estado natural sendo considerada um símbolo de vida, geradora ao mesmo tempo, de angústia e de serenidade, de opressão e de simpatia, tal como acontece com as manifestações poderosas da vida. Fechada, enraizada, silenciosa, verdejante, sombria, nua e múltipla, secreta, surge por vezes, associada à representação do inconsciente (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Aos 16 anos, no cartão IX, dá as seguintes respostas: “*Isto parece-me água, uma cascata.*” (A cor clarinha parece água que está a cair, fez-me lembrar uma cascata – Dbl kob Elem.), “*Aqui rochas*” (D F± Nat.) e “*Aqui árvores.*” (As árvores, troncos – D CF Bot.).

Neste momento do desenvolvimento, Deméter convoca um cenário que procura ser tranquilo e apaziguador para o que de inquietante foi evocado no convite a designar este cartão. O movimento interno encontra-se muito próximo do que está presente no primeiro momento do processo de tornar-se, revelando-nos a *techne* a capacidade de elaboração da dimensão arcaica deste cartão, através de um processo de co-construção que procura colmatar a falta através da subjetividade presente na interação, mas onde falta a constituição de um continente-*campo* suficientemente contentor e delimitador para as transformações psíquicas em curso.

Na passagem de um momento a outro do seu desenvolvimento, no cartão IX verificamos que existe um clima de menor inquietação e perigosidade, atendendo à evolução que está em curso. Contudo, a transformação psíquica ainda é pouco reveladora da capacidade de elaboração da dimensão arcaica deste cartão.

O movimento presente nestas respostas leva-nos até à mitologia, onde Deméter tinha um grande orgulho pelo seu bosque de frondosas árvores, no qual abundavam os pinheiros, enormes olmeiros, belas macieiras, pereiras verdejantes. Erisícton que tinha uma índole ímpia e violenta, atravessou o bosque de Deméter e cortou à machadada, um enorme álamo que quase tocava o céu. Era à sombra dessa árvore que as ninfas costumavam brincar nas horas de maior calor. Deméter ficou irada ao ver que mãos criminosas maltratavam as suas árvores e apareceu junto de Erisícton envergando insígnias sacerdotais, falou-lhe com palavras brandas, mas ele não se demoveu e ainda teve a audácia de a ameaçar com o seu machado, levando-a a condená-lo a sofrer de fome permanente, a nunca se saciar, nem de comida, nem de bebida (Pinheiro, 2011).

No último cartão, aos 13 anos Deméter começa por dar apenas uma resposta: “*Aqui faz-me lembrar o fundo do mar.*” (Mais por causa dos desenhos animados – Gbl CF Nat.). Mas, no inquérito acrescenta mais cinco respostas adicionais: “*O castelo*” (D F– Obj.); “*Aqui algas*” (D F± Bot.); “*Um caranguejo*” (D F+ A); “*Dois sereias*” (D F– (H)); “*Dois cavalos-marinhos*” (D F+ A). O último cartão leva Deméter a evocar no *campo* um continente, delimitador e contentor da dispersão sentida com a chegada ao fim da prova, no entanto, existe ainda uma dificuldade em conseguir aceder aos conteúdos. Só no inquérito é que são enunciados elementos que conferem um sentido e um significado à resposta, colorindo “...o fundo do mar” com um universo de animais que no mundo infantil nos fazem pensar na história da “*Pequena Sereia*”.

Nesta fábula, a pequena sereia, adolescente, está insatisfeita com a vida no mar e muito curiosa para saber como é o mundo humano, ignora os avisos do seu pai de que o contacto entre sereias e seres humanos é proibido. Certa noite, ao vir à superfície apaixona-se por um príncipe e resolve dar a sua bela voz, em troca, à bruxa, para se transformar em mulher, devendo ser beijada pelo príncipe ao fim de três dias para não desfazer o feitiço. Entre muitos encontros e desencontros, acaba por ser ajudada pelo seu pai e ter um final feliz com o seu príncipe. Parece-nos ser este o universo que está presente na construção desta resposta, reveladora de toda uma riqueza de simbolismo, traduzido pela *techne*, que nos explicita a subjetividade presente na relação Eu-Outro.

Aos 16 anos, quando vê o cartão X Deméter comenta: “*Eu lembro-me deste!*” respondendo: “*Aqui duas sereias.*” (D F- (H)); “*Dois algas.*” (D F± Bot.); “*Dois caranguejos.*” (D F+ A) e por fim, “*Parece-me o fundo do mar.*” (Gbl CF Nat.). Nesta resposta existe desde logo uma capacidade de enunciar um conjunto de elementos, os conteúdos que são depois reunidos no continente: “*...o fundo do mar*”. A *techne* revela-nos a existência de uma boa capacidade de aceder a um processo criativo e de simbolização e o *campo* à existência de um espaço delimitador do mundo interno e do externo.

Na passagem de um momento a outro do desenvolvimento, no último cartão, assistimos a uma transformação reveladora de uma maior capacidade de contenção dos conteúdos, na medida em que o continente passa a estar mais apto a conter os processos psíquicos em curso durante o processo de tornar-se adolescente.

Dos elementos que nos permitem descrever a *techne* importa destacar ainda, aos 13 anos, a presença de um G impressionista dado na resposta ao cartão X “*...o fundo do mar*”, as respostas de conteúdo animal dentro dos valores considerados normativos e a presença de respostas cinestésicas, elemento presente nos dois momentos do processo de tornar-se, no cartão III na resposta “*...dois seres...*”, com a referência a uma interação ativa e no cartão VII “*...duas pessoas...*” revelando uma interação passiva. Nos protocolos de Deméter encontramos presente uma grande consistência ao nível da capacidade de integração da dispersão que é sentida, mas que é (re)criada através do processo criativo de simbolização, numa lógica de reunião reveladora da transformação da criança na agora jovem mulher, o que é também visível na presença das respostas de conteúdo animal dentro dos valores normativos, nos dois momentos do processo de tornar-se.

A leitura dos elementos do *campo* pode ainda ser reforçada através da presença de G's simples associados às banalidades nos cartões I e V com a resposta: "...*morcego*", nos dois momentos do desenvolvimento, acrescendo aos 16 anos a banalidade do cartão III "...*duas figuras humanas*". Aos 13 anos encontramos presente o F+% dentro dos valores normativos; já aos 16 anos só os valores de F% é que se encontram dentro dos valores normativos. Nos dois momentos do desenvolvimento encontramos presente determinantes duplos sensoriais, no cartão X, na resposta "...*o fundo do mar*", reveladora de uma relação de tipo continente-conteúdo e apenas aos 16 anos, nos cartões VIII e IX na resposta "...*árvores*". Importa ainda destacar a presença de respostas cinestésicas nos dois momentos do processo do tornar-se, de grandes cinestésias no cartão III "...*duas pessoas...*" reveladora de uma dinâmica relacional de tipo cooperativo e no cartão VII "...*dois duendes...*", onde está presente uma lógica de maior funcionalidade e, no cartão IX na resposta "...*água, uma cascata*", a presença de um objeto percecionado em movimento.

A relação continente-conteúdo que caracteriza o *campo* é particularmente visível nos protocolos de Deméter no cartão V, nos dois momentos do seu desenvolvimento, revelando-nos uma representação de si íntegra e estável, facilitadora da boa circularidade psíquica que emerge em algumas das respostas dadas ao longo do protocolo, mas que se destaca no cartão VII, no segundo momento do desenvolvimento, na resposta que a faz lembrar-se do *Peter Pan* e no cartão X, na cena que a leva ao universo infantil da Pequena Sereia, possibilitando que o mundo infantil e o adulto, ainda em construção e transformação, emergjam ligados, integrados pelo que (re)criados.

A circularidade psíquica é notória ao longo dos protocolos, encontrando-se particularmente presente nos cartões bilaterais (II e VII), revelando-nos uma boa capacidade de aceder à relação Eu-Outro. Na mitologia, Deméter reina no mundo dos campos cultivados, aquele que permanece separado do território da cidade, do território dos homens, introduzindo na vida destes o que os fez passar da vida selvagem à vida cultivada, inventando o trigo e o pão (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008). No processo de tornar-se, Deméter oscila entre o vir e ser e o não ser ainda capaz de suster os movimentos psíquicos em curso, mas alimenta-os de uma forma sonhadora e criativa.

8.1.6. Gaia: a persistente

Gaia, no primeiro momento da realização deste estudo tinha 13 anos e 6 meses e no segundo momento, 16 anos e 6 meses (ver protocolos – Anexo F). É uma adolescente alta, de cabelo castanho, tem a pele salpicada por pequenas sardas que contrastam com os seus olhos cor de esmeralda escondidos atrás de umas longas pestanas e de uns óculos que lhe dão um ar intelectual, permitindo disfarçar alguma timidez presente no contacto inicial. Na mitologia, Gaia nasceu do Caos e representa a personificação da Terra, mãe de todos os seres vivos e, por isso, a força procriadora da natureza (Pinheiro, 2011).

No primeiro contacto com a prova, no cartão I dá como resposta: *“Parece uma cara... Parece assim uma coisa assustadora com asas. Não vejo assim mais nada.”* (É assim preto, tem aqui estas partes brancas, parecem uns olhos e uma boca e tem estas partes que parecem umas asas – D bl Fclob (Hd)). No inquérito acrescenta ainda a resposta adicional: *“Parece mais propriamente um morcego”* (G F+ A Ban).

O desconhecido da entrada na prova, leva Gaia a procurar uma imagem familiar, um rosto, uma identidade, face ao desconhecido que é convidada a (re)significar. No entanto, a sua resposta condensa um movimento de estranheza, pois a cara *“...Parece uma coisa assustadora com asas...”*, numa articulação entre uma imagem familiar com um elemento bizarro, mas que pode simbolizar o próprio processo de tornar-se adolescente, o ganhar asas e poder voar sobre o desconhecido de crescer e de ser, aqui, de dar sentido e significado à mancha Rorschach.

Quando analisamos a relação entre *techne-campo* encontramos presente uma falha no processo criativo de simbolização, levando ao aparecimento da angústia, presente na resposta através da descrição *“...uma coisa assustadora...”* numa emergência direta da dor mental, ou seja, da impossibilidade de transformação dos elementos beta, revelando-nos o *campo* a falta de um continente, delimitador e transformador do desconhecido. No inquérito, na resposta adicional, Gaia consegue chegar à banalidade, o que revela já no início do processo de desenvolvimento adolescente, o esboço de um continente, capaz de transformar a mancha que lhe é apresentada, desprovida de qualquer sentido e significado, numa imagem-símbolo, *“...um morcego”* um animal alado que vive nas cavernas, considerado por Chevalier & Gheerbrant (1982/1984) como o símbolo da existência de longevidade e da expressão dos

bons desejos. Esta representação veio integrar as asas que tinham sido dadas na primeira resposta, conferindo-lhes um corpo, ou seja, uma integridade psíquica.

Aos 16 anos, no cartão I a primeira resposta dá-nos conta da consolidação do movimento que havia sido anunciado no protocolo anterior “*Um morcego.*” (O morcego porque isto... faz-me lembrar as asas – G F+ A Ban). Seguem-se mais duas respostas: “*Uma máscara.*” (A máscara por causa dos olhos – Gbl F+ Másc.) e “*Um inseto. Acho que é só.*” (O inseto porque parece que tem umas patas – D F+ A).

Na primeira resposta Gaia revela uma boa capacidade de fazer face ao desconhecido do cartão, acedendo a uma representação simbólica contentora e transformadora do caos que é convidada a significar. A banalidade parece refletir uma consolidação dos processos psíquicos que estavam em construção no início do processo de desenvolvimento adolescente e que agora emergem mais consolidados. Este movimento é confirmado pela sequência de respostas apresentadas, surgindo na resposta seguinte um movimento mais defensivo com a resposta “*Uma máscara*”, um objeto que esconde o rosto, mas que ao mesmo tempo lhe dá um outro rosto, conferindo-lhe uma identidade.

Para Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), as máscaras que se vão humanizando progressivamente, não são um sinal de civilização, mas sim, um esquecimento crescente do valor do símbolo. Mas, nas tradições gregas, as máscaras surgem associadas ao teatro, onde o ator que usa a máscara se identifica com a personagem representada, funcionando a máscara como um importante símbolo de identificação.

Na última resposta a este cartão, evoca “*Um inseto...*”, um ser que voa no céu, numa busca errante e algo incerta. No tornar-se adolescente de Gaia, no cartão I, assistimos a uma passagem do inquietante, do estranho e do desconhecido, no início do tornar-se adolescente, para um progressivo aumento da capacidade de simbolização, a “*...cara...*” que no primeiro momento aparecia como “*...uma coisa assustadora...*”, perde o seu caráter assustador quando se transforma numa “*...máscara*”, numa segunda pele conferindo-lhe uma identidade. No segundo momento do desenvolvimento, passa a ser possível encontrarmos verdadeiros símbolos dispostos de uma forma equilibrada, permitindo que os vários objetos possam coexistir entre si.

No cartão II, aos 13 anos dá a resposta “*Parece que não é bem duas pessoas, mas é assim umas cabeças esquisitas. Parece que estão a tocar mão com mão.*” (Estão juntos. Têm uma cabeça em bico – D K H). O convite para encontrar uma resposta que articule os elementos mais evoluídos e os mais primários neste cartão deu lugar a um movimento inicial

de reconhecimento das figuras humanas, num movimento adaptado, revelando-nos a *techne* a possibilidade de evocação de uma relação intersubjetiva presente no processo criativo de simbolização. No entanto não chegamos ainda a ter uma verdadeira interação entre as figuras humanas. Deste modo, no *campo* não é possível qualificar a dinâmica relacional, mas dada a existência de um continente facilitador da circularidade do pensamento, podemos fantasiar que o toque de mão com mão pode remeter-nos para o esboço de uma relação.

Aos 16 anos, Gaia respondeu ao cartão II dizendo: “*Duas pessoas, um contacto físico... acho que é só.*” (Duas pessoas, o contacto, parece que estão a tocar com os pés e com as mãos – G K H). Aqui o movimento anunciado na resposta dada aos 13 anos ganha consistência, revelando-nos esta resposta uma proximidade presente no encontro Eu-Outro, embora não fique claro qual o tipo de interação que está presente na relação Eu-Outro, no *campo* encontramos presente um continente capaz de representar a falta, ou seja, de simbolizar os conteúdos.

No primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente Gaia agarra-se aos vários elementos percetivos do cartão, esboçando uma dinâmica relacional. Aos 16 anos, existe a capacidade de aceder a uma representação de um continente dotado de uma maior estabilidade, o que aumenta a capacidade de representar e qualificar a dinâmica relacional.

No cartão III, aos 13 anos Gaia deu as respostas: “*Isto parece... Parece aqui umas plantas.*” (Plantas – D F± Bot.) e “*Parece tipo uns peixes aqui. Não vejo assim mais nada.*” (Uns peixes porque isto parece umas barbatanas, parece que estão no fundo do mar – D F– A). Face à necessidade de representar o Eu na relação com o Outro, Gaia defende-se desta incapacidade, do que de inquietante foi suscitado por este cartão, num movimento regressivo, não humano, claramente defensivo e protetor.

A primeira resposta “*...plantas*” reenvia-nos para o nascimento perpétuo, o fluxo incessante da energia vital, uma vez que as plantas captam as forças da terra e recebem a energia solar, acumulando esse poder, que por sua vez lhes confere propriedades curativas ou venenosas. Enquanto manifestações da vida, as plantas são inseparáveis da água, bem como do Sol. As águas são portadoras de todos os germes, levando a que as plantas exprimam a manifestação do cosmos, o que é expresso na flor de lótus a sair da água. As águas representam os germes, as latências e as plantas representam a criação cósmica (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

A segunda resposta mergulha-nos no fundo do mar, um cenário com peixes, animais que por norma nunca andam sozinhos, aparecem sempre aos pares sendo por isso designados

símbolos da união (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nos “...peixes...” Gaia destaca ainda um elemento “...umas barbatanas...”, o elemento que assinala a mobilidade dos peixes, o que nos dá conta da existência de um movimento interno do tornar-se adolescente. O conteúdo relacional deste cartão, é aqui recriado através de uma alusão à natureza, numa articulação entre o reino vegetal e o animal, entre a terra e o mar, conduzindo-nos para uma associação direta com Gaia, a representante do princípio feminino, criador e reprodutor, da mãe natureza (Pinheiro, 2011).

Importa ainda referir que no inquérito dos limites, Gaia consegue aceder às duas figuras humanas, respondendo: “*Sim no negro. Aqui as cabeças, a cara, o corpo, as pernas é que não parece muito.*” sendo possível constituir um esboço da relação Eu-Outro, ainda desprovida de uma dinâmica relacional. Na sequência de respostas dadas por Gaia, aos 13 anos no cartão III a *techne* revela-nos uma falha ao nível do processo criativo de simbolização. E o *campo* uma oscilação entre lugares, revelando-nos uma falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos, sendo apenas no inquérito dos limites que existe o reconhecimento do Eu e do Outro, ainda sem a presença de uma interação.

Aos 16 anos, no cartão III dá as respostas: “*Peixes talvez.*” (Peixes foi porque isto faz lembrar barbatanas e isto faz lembrar algas – D F– A) e “*O fundo do mar.*” (Gbl CF Nat.). As respostas dadas neste segundo momento do desenvolvimento vão ao encontro do último movimento expresso no primeiro momento do processo de tornar-se adolescente. Gaia, Terra, contém o “...mar”, um lugar continente-*campo*, que por sua vez contém de uma forma criativa os “*peixes...*”, os conteúdos-*techne* que lhe conferem sentido e significado, embora ainda falhe o processo de co-construção.

Quando questionada no inquérito dos limites Gaia responde: “*Sim. Mas não parecem muito humanos, porque a cabeça tem um bico e as pernas também não parecem.*” Embora seja capaz de aceder à representação Eu-Outro existe uma tendência para a desumanizar, colocando-a num lugar mais infantil, mais familiar.

Na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de desenvolvimento adolescente, no cartão III, Gaia não consegue aceder a uma dinâmica relacional entre humanos, no entanto, recorre à natureza, aos peixes, ao mar, inscrevendo-se as suas respostas numa dinâmica continente-conteúdo, onde o mar-continente-*campo* contém simbolicamente os peixes-conteúdo-*techne*.

No cartão IV, aos 13 anos dá a resposta: “*Este parece tipo um bicho grande com os pés grandes. Parece que tem assim, cara de texugo.*” (Esta parte aqui parece um texugo, aqui

parecem uns braços, tem aqui as patas grandes e aqui um rabo – G F+ A). Perante a necessidade de evocar uma imagem de força e de potência, Gaia evoca um texugo, um animal de pernas curtas e um pouco atarracado; contrastando com o movimento inicial da resposta “*um bicho grande com os pés grandes*”. Neste cartão, a articulação entre a *techne*-conteúdo revela-nos um bom processo criativo, enquanto o *campo*-continente permite integrar os opostos, aqui inscrita numa dupla violência: pequeno, grande; explicitado através da evocação de uma figura potente vs. a evocação de um animal frágil e indefeso.

No mesmo cartão, aos 16 anos, dá a resposta: “*Faz lembrar a pele de um animal. Acho que mais nada.*” (Por estar assim estampada. Por aparecer aqui uma cabeça e umas patas – G FE A). Na resposta dada a este cartão, a força e a potência surgem ligadas e integradas na mesma resposta, revelando-nos a *techne* a capacidade de Gaia em conciliar os opostos, revelando o *campo* a inexistência de um continente transformador e (re)significador dos processos psíquicos em curso no tornar-se adolescente.

Na mitologia, Gaia é considerada a mãe universal, através da qual o espaço encontrou um início de orientação e de estabilidade. A separação do céu e da terra inaugurou um universo, onde os seres se engendram por união dos contrários, num mundo pautado pela lei da complementaridade entre os opostos, que ao mesmo tempo se afrontam e se harmonizam (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Aqui, no cartão IV, na passagem dos 13 anos para os 16 anos, assistimos a um aumento da capacidade de simbolização. No início do processo de tornar-se o masculino/paterno emerge dotado de uma dupla valência, potente vs. frágil, que durante o processo de crescimento pode ser integrado dando lugar a um apaziguamento que emerge sob a forma de uma “*...pele de animal...*”, num movimento de maior passividade.

No cartão V, aos 13 anos, Gaia dá a resposta: “*Parece uma borboleta.*” (Por causa das asas, os corninhos e aquela parte de baixo das borboletas – G F+ A Ban). A “*...borboleta*” é considerada um símbolo da ligeireza e da inconstância, uma das características que melhor a definem é a metamorfose, sendo por vezes considerada um símbolo do renascimento (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nesta resposta, a *techne* revela-nos a existência de uma relação (re)significadora em curso no tornar-se, enquanto o *campo* revela o próprio processo de transformação, presente na evolução da lagarta até chegar a borboleta.

Aos 16 anos, no cartão V, Gaia dá a resposta: “*Este faz-me lembrar um inseto.*” (Por causa das asas e aqui é como se fossem umas antenas – G F+ A). A resposta dada a este cartão revela-nos uma maior flexibilidade do continente-*campo* passando a ser possível um maior equilíbrio no processo de construção da resposta ao nível da *techne*. O animal evocado

“...um inseto” parece revelar-nos uma certa acomodação realizada por Gaia face à estranheza do próprio material, não perdendo a unidade corporal. Não devemos esquecer que os insetos são seres que vão mudando, contudo apresentam uma grande capacidade em se regenerar, recuperando o seu equilíbrio, o que nos pode revelar a capacidade de Gaia em preservar a sua identidade e a sua integridade.

Quando comparamos o movimento de tornar-se adolescente, no cartão V, entre os 13 e os 16 anos é notória uma perda ao nível do processo de simbolização. Passamos da imagem de “...uma borboleta” um animal singelo e gracioso, para “...um inseto”, um animal irritante e incomodativo, o que nos revela uma falha no processo co-constutivo.

No cartão VI, aos 13 anos, é dada a seguinte resposta: “*Isto parece alguma coisa com uns bigodes... talvez um bicho com umas patas pequeninas e o focinho assim largo.*” (Parece que tem uns pêlos aqui, os bigodes, o focinho. É largo – G F± A). Acrescentou depois no inquérito a resposta adicional: “*Também me faz lembrar tipo peles de caça*” (G FE A Ban). Progressivamente a imagem vai emergindo, ainda que com dificuldade Gaia lá consegue chegar ao que nos parece ser um animal, revelando-nos a *techne* uma grande dificuldade em aceder ao processo criativo e de simbolização, não se verificando no *campo* uma circularidade do pensamento, dada a falha presente na relação continente-conteúdo. A capacidade de conciliação entre os opostos é conseguida no inquérito, quando pensamos na passagem do animal para a sua “*pele*”, operando-se uma desvitalização, uma passagem do ativo para o passivo.

Aos 16 anos, dá a resposta “*Um animal.*” (Um animal porque parece que tem a cabeça e as patas – D F+ A). Gaia dá um símbolo que nos traduz na *techne*-conteúdo um bom processo integrativo e de co-construção, evidenciando o *campo*-continente a existência de uma boa capacidade de integração da inquietação que foi convidada a elaborar, uma vez que o símbolo aqui evocado, podendo ser suficientemente vago, encontra-se repleto de simbolismo.

Para Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), “*o animal, como arquétipo, representa as camadas profundas do inconsciente e do instinto. (...) O animal, que é no homem a sua psique instintiva, pode tornar-se perigosa, quando não é reconhecido e integrado na vida do indivíduo*” (op. cit; pp. 69). Na passagem dos 13 para os 16 anos, no cartão VI, assistimos a um aumento da capacidade de simbolização e de transformação. Inicialmente, encontramos presente alguma estranheza, os elementos são vagos e dispersos e só no inquérito, na resposta adicional consegue fazer uma integração dos elementos. No final do processo de tornar-se

adolescente, ocorre uma diminuição da estranheza e uma maior consistência, reveladora de uma maior flexibilidade ao nível dos processos psíquicos.

No cartão VII, aos 13 anos, Gaia deu a resposta: “*Parecem duas raparigas, assim com uns totós. Parece que tão a dançar, mais ou menos.*” (A cara e o cabelo, as mãos parece que estão para o lado. Parece que estão a mexer as ancas, a olhar uma para a outra – G K H). Aos 16 anos, surge a resposta: “*Dois raparigas, como numa dança.*” (A face é feminina, os cabelos compridos, o corpo, parece que estão com saias – G K H). Nos dois momentos do processo de tornar-se de Gaia encontramos presente uma capacidade de organizar o simbolismo materno, num movimento unificador e integrador, onde a *techne* se traduz pela interação dinâmica que se estabelece no encontro entre as “*...duas raparigas*” e pela atividade por elas realizada: dançar. O *campo* apresenta-nos uma atividade de caráter lúdico, através de um brincar com o corpo, que vai muito para além das palavras.

Entre os dois momentos do processo de tornar-se adolescente verificamos uma maior harmonia psíquica, existindo a descrição de um corpo estranho, ainda próximo do infantil que amadurece e ganha formas, aproximando-se do de mulher/mãe, mas sem colocar em perigo a sua estrutura psíquica, mais segura e estável no final da adolescência.

No cartão VIII, aos 13 anos, Gaia deu as seguintes respostas: “*Parecem dois bichos.*” (Aqui parece dois camaleões – D F+ A Ban); “*Umas árvores e umas plantas aqui...*” (Árvores – D CF Bot.) e “*Parece que tem aqui duas cabeças.*” (Parecem duas cabeças tipo de uns ursos, mas não dá para perceber bem – D F– Ad). A introdução das cores pastel desencadeia em Gaia alguma dificuldade em conseguir conter e transformar o caos, suscitado pela mudança do estímulo.

Inicialmente são evocados “*...dois bichos*”, que no inquérito se clarificam, tratando-se de dois camaleões, animal que se caracteriza por mudar de cor. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), a mudança de cor encontra-se relacionada com a capacidade de adaptar-se a qualquer tipo de circunstância, de adequar os seus costumes a qualquer meio. Crescer, tornar-se adolescente, suscita uma adaptação constante entre a realidade externa e a interna, numa articulação entre diferentes realidades intra e inter subjetivas.

A resposta seguinte parece compor um cenário, com “*...árvores...*” e “*...plantas...*”, numa articulação com o reino vegetal, menos evoluído, numa diminuição da capacidade de dar um sentido e significado. Esta progressiva incapacidade de significar surge com a última resposta a este cartão “*...duas cabeças*” que no inquérito passam a ser de ursos, animais

conhecidos pela sua potência, mas que ao ser só a cabeça ficam parcializados, diminuídos na sua força.

Neste cartão Gaia teve uma grande dificuldade em comunicar os afetos de uma forma criativa, pelo que a *techne* traduz a incapacidade de elaboração do processo criativo. No *campo* não se opera uma transformação que possibilite uma abertura ao conhecimento, ficando fechada a circularidade psíquica.

Aos 16 anos, ao mesmo cartão, surge a resposta: “*Talvez uns camaleões a treparem alguma coisa.*” (Os camaleões, a trepar porque eles estão na vertical – D F+ A Ban). Na passagem para o segundo momento do tornar-se, o movimento que já havia sido anunciado aos 13 anos, ganha uma maior intensidade, revelando-nos a *techne* uma capacidade de elaboração dos afetos através do processo criativo de simbolização e o *campo* uma capacidade de conter e delimitar a falta. A diminuição da produtividade nas respostas, apenas uma resposta, parece evidenciar uma maior acalmia face à capacidade de simbolizar os afetos. Neste cartão assistimos a uma transformação que decorre do aumento da capacidade de Gaia em conter e transformar a afetividade, mais contida aos 13 anos e com uma maior expressão aos 16 anos, dada a proximidade com a idade adulta.

No cartão IX, aos 13 anos, deu as seguintes respostas: “*Isto parece fogo.*” (Fogo – D kob Elem.), “*As árvores.*” (As árvores assim robustas – D CF Bot.) e por último “*E tipo umas rochas.*” (Umas rochas em tons de rosa – D F± Nat.). Perante o convite para significar uma dimensão mais arcaica, emerge o pulsional através da resposta “... *fogo*”, um elemento da mãe natureza. O símbolo do fogo purificador e regenerador, simboliza com as suas chamas, a ação fecundante, purificadora e iluminadora (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Na resposta seguinte evoca um símbolo da vida “...*árvores*”, estas simbolizam a verticalidade, mas também o caráter cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração; na natureza todos os anos se renovam as folhas, estas crescem e caem, a cada novo ciclo. São ainda consideradas como o símbolo que se estabelece nas relações entre a terra e o céu (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). As árvores estão em perigo porque há fogo. Gaia termina o processo de resposta a este cartão ainda com a referência à natureza: “...*umas rochas*” numa clara procura de apoio, dado o caráter imóvel e imutável das rochas, que aqui servem de suporte para o que de inquietante e instável este cartão lhe suscitou. Deste modo, o *campo* traduz-nos a falta de um continente transformador e delimitador para as angústias mais arcaicas evocadas pelo cartão, revelando a *techne* a capacidade de as (re)criar num cenário da natureza onde emergem com todo o seu esplendor.

Aos 16 anos, Gaia deu as seguintes respostas: “*O fogo.*” (O fogo porque é laranja e amarelo – D kob Elem.), “*A natureza.*” (A natureza é esta parte verde – D C Nat.) e “*A água.*” (A água porque tem o azul – Dbl C Elem.). No inquérito dá ainda a resposta adicional: “*Aqui faz-me lembrar um órgão, os rins.*” (D F– Anat.). Na sequência das respostas dadas a este cartão, a *techne* revela-nos a subjetividade de Gaia, a sua capacidade de elaboração, embora no *campo* seja evidente a falha na delimitação entre o mundo interno e o externo.

As duas primeiras respostas dadas por Gaia, aos 16 anos, são muito semelhantes às que havia dado aos 13 anos, o que nos coloca perante uma estabilidade do processo de tornar-se que já estava presente no primeiro momento e que agora se consolida. A resposta “*...fogo*” é claramente dada a partir da cor, ou seja, do elemento percetivo do cartão, numa evocação pulsional que contrasta com a resposta seguinte “*A natureza*” levando-nos a pensar que é a natureza que está a ser consumida pelo fogo. Mas, logo se fecha o ciclo com a resposta “*...água*”, considerada como fonte de vida, meio de purificação e de regeneração, aquela que apaga o fogo. Encontramos aqui presentes dois elementos da natureza, fogo e água, em oposição, mas também em equilíbrio, numa ligação harmoniosa dos contrários presentes na natureza.

No inquérito a resposta adicional reenvia-nos para o interior do corpo, “*...os rins*” o órgão cuja principal função é a de purificar, libertando o corpo das toxinas, mas que segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984) simbolizam muitas vezes a força, quer a força genésica, quer a força de resistência a qualquer adversidade. Gaia procura fazer face ao processo de tornar-se, o que implica um balanceamento entre ter força e ser forte, entre o fogo e a água, duas forças opostas da natureza que se complementam, traduzindo-nos a relação *techne-campo* essa possibilidade de ligação, numa co-construção cheia de novos sentidos e significados.

Na passagem dos 13 para os 16 anos, no cartão IX, assistimos desde logo a um processo criativo e co-constutivo que se aperfeiçoa e se estabiliza no segundo momento do desenvolvimento, com um aumento da capacidade de ligação entre o mundo interno e o externo, mas ainda com alguma dificuldade em encontrar um sentido e um significado para os elementos arcaicos que foi convidada a (re)significar, permanecendo uma falha ao nível da capacidade de contenção.

No cartão X, aos 13 anos, deu as respostas: “*Estes parecem dois insetos.*” (Aqui, dois insetos, parece que andam à luta por uma coisa – D F– A); “*Aqui parecem uns cavalos-marinhos.*” (Cavalos marinhos – D F+ A); “*Uns peixinhos.*” (Uns peixes pequeninos com uns

olhos – D F– A) e “*Aqui parece que tem uns caranguejos.*” (Os caranguejos por causa das perninhas – D F– A). Face ao final da prova são revelados símbolos que evocam a subjetividade presente na relação de encontro gerada na passagem da prova, mas também a dificuldade de manter um processo criativo de simbolização constante ao longo da sequência das respostas. Neste sentido, no *campo* verifica-se uma grande dificuldade em integrar o caos imposto pelo fim da prova, pelo que muitas das representações revelam uma falha ao nível da dinâmica interna.

A primeira resposta “*...dois insetos*” situa-nos no elemento fálico do cartão, numa “luta” que podemos fantasiar que se trava face à necessidade de conciliar os vários elementos dispersos do cartão. Com as respostas seguintes passamos do ar para o mar, num colorido de diferentes animais que culmina com os “*...caranguejos*”, numa clara evocação de uma proteção, na última resposta dada à prova.

As respostas dadas aos 16 anos, ao cartão X, são muito similares às que Gaia deu no primeiro momento do processo de tornar-se adolescente. “*Dois cavalos-marinhos.*” (Cavalos-marinhos, devido à forma arredondada – D F+ A); “*Peixes.*” (Peixes, porque parece que têm barbatanas – D F– A) e “*Insetos.*” (Os insectos porque aqui parecem dois na parte cinzenta – D F– A). Assistimos a uma consolidação do tornar-se que já se evidenciava no primeiro momento e que agora, no final do desenvolvimento, ganha mais consistência, traduzindo a *techne* uma capacidade de simbolização e o *campo* a falta de um continente, capaz de conter e de transformar a dispersão anunciada com a chegada ao fim da prova.

No universo, antes do aparecimento de Gaia só existia o caos, mas com o seu aparecimento, uma vez por ano, no princípio do Outono, o céu fecunda a terra com a chuva do seu sémen, gerando a terra a vegetação. Os homens devem celebrar a união sagrada das duas potências cósmicas, sua união à distância num mundo aberto e ordenado onde os contrários se unem, permanecendo distintos um do outro. A separação do céu e da terra inaugura um universo onde os seres se engendram por união dos contrários, num mundo pautado pela lei da complementaridade entre os opostos, que ao mesmo tempo se afrontam e se harmonizam (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008). Mas, Gaia também representa o princípio feminino, criador e reprodutor, da natureza. Esta divindade não encarna apenas a fertilidade feminina, mas também a dos campos e a dos animais. Os rituais, cuja origem se perde no tempo, dão lugar à continuidade do ciclo reprodutor, de modo a que os campos continuassem a produzir novas colheitas, as crias dos animais continuassem a nascer e as mulheres continuassem a dar à luz (Pinheiro, 2011).

Numa análise dos restantes elementos que nos permitem explicitar a *techne* importa salientar, aos 13 anos, no cartão II “...duas pessoas...”. Esta resposta dá-nos conta de uma interação ativa “...tocar com os pés e com as mãos”. A percentagem das respostas humanas encontra-se dentro dos valores considerados normativos. Na passagem para os 16 anos, o número de elementos que nos permite aceder à *techne* aumentou. Para além dos já referidos, que se mantêm, importa ainda destacar a presença de um G impressionista no cartão III, na resposta “O fundo do mar” e as respostas ao cartão IX, onde o elemento cor é usado isoladamente.

O *campo* traduz uma boa circularidade na dinâmica espaço-tempo, presente nas respostas dadas aos cartões II e VII, em ambos os momentos do desenvolvimento, através da procura de uma estabilidade ao nível da representação de si, uma vez que as respostas apresentam uma clara alusão ao feminino. Do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, verifica-se no *campo* uma capacidade em aceder a um continente capaz de conter, transformar e (re)significar as transformações psíquicas em curso no processo de crescimento mental, encontrando-se presente na passagem do primeiro para o segundo momento do tornar-se um processo intersubjetivo e transformativo.

Na análise do *campo*, aos 13 anos, importa salientar o aparecimento de uma resposta global associada à banalidade no cartão V “borboleta”, a presença dos valores de G%, de D% e de F% dentro dos valores normativos, a existência de determinantes duplos presentes nas respostas dadas aos cartões VIII e IX, e a existência de uma resposta kob no cartão IX (“Isto parece fogo”). Aos 16 anos, o G associado a uma banalidade aparece no cartão I “Um morcego”, o F% apresenta-se dentro dos valores considerados normativos e encontramos um determinante duplo na resposta “O fundo do mar” dada ao cartão III, e ainda um esbatimento de textura, no cartão IV, na resposta “...pele de um animal” e tal como aos 13 anos, a resposta “O fogo” no cartão IX.

Nos protocolos de Gaia a *techne* reflete um movimento de integração da dispersão, com uma maior incidência nos cartões pastel, verificando-se do primeiro para o segundo momento do tornar-se uma maior incidência do processo criativo e co-construtivo, nos cartões bilaterais, um movimento que traduz a sua persistência aliada à capacidade de união e de consolidação.

8.1.7. Hera: a planificadora

Hera tem 13 anos e 1 mês quando aceita participar pela primeira vez neste estudo e aos 16 anos e 1 mês no segundo momento da recolha do protocolo de Rorschach (ver protocolos – Anexo G). Apresenta uma estatura magra, tem um porte muito delicado, que combina com o seu cabelo loiro e com o seu ar singelo. Tem um irmão com 25 anos. Na mitologia, Hera é considerada a Deusa das sandálias douradas, que abençoa os matrimónios e preside aos nascimentos (Pinheiro, 2011).

Na entrada da prova, ao cartão I dá a seguinte sequência de respostas: “*Isto parece-me... tipo uma borboleta.*” (Borboleta com asas – G F+ A Ban); “*Ao mesmo tempo um morcego... (faz caretas)... Uma borboleta.*” (Ao mesmo tempo parece um morcego por causa destes corninhos – G F+ A) e “*Um vampiro... Um morcego. Não me vem mais nada à cabeça.*” (Um bicho com asas é a melhor coisa que eu sei dizer – G FClob (A)). A entrada no novo e no desconhecido da situação Rorschach suscitou em Hera uma certa estranheza, faz caretas, embora revele uma abertura ao processo criativo, revelando-nos a *techne* a capacidade em aceder a novos sentidos e significados, através da sequência das respostas e o *campo* a capacidade de evocar um continente delimitador e transformador do caos suscitado pelo início da prova.

Num primeiro momento, Hera oscila entre a borboleta e o morcego, num claro movimento entre o dia e a noite, entre a delicadeza da borboleta e a densidade do morcego negro. Numa articulação entre o que não sendo se vai tornando, tal como acontece no processo de tornar-se adolescente, a larva vai-se revelando borboleta, a menina vai-se tornando mulher, num processo de construção ativo e dinâmico que suscita, por vezes, uma retirada aqui representada pelo “*...morcego*”, um animal que vive escondido, retirado em locais frios e escuros, em cavernas, onde se alimenta de petrificações vivificantes (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). As cavernas são ainda consideradas como o local de passagem para o domínio dos imortais, o que se liga à resposta seguinte de Hera: “*Um vampiro*”, operando uma passagem do reino animal para o mundo da fantasia, através de uma designação condensada em que o objeto vai perdendo o seu carácter vital.

No segundo momento do desenvolvimento, aos 16 anos, Hera ao cartão I dá as seguintes respostas: “*Parece uma borboleta...*” (A forma como ela está, pequenina aqui, e depois as asas – G F+ A Ban), “*Ou um morcego. Não sei, é uma imagem esquisita.*” (O

morcego por causa da cor negra, ele é um bicho que vive no escuro – G F+ A). Neste momento do desenvolvimento, o movimento já passa a ser mais claramente entre a “...borboleta...” e o “...morcego...”, numa articulação entre o feminino e o masculino, entre a beleza e a leveza da borboleta e o “esquisito” que representa o masculino, o Outro diferente, aquele que vive no escuro e que contrasta com a borboleta colorida e que vive na claridade. Dois mundos distintos, opostos, ligados e (re)criados na mesma resposta, reveladores da criatividade da *techne* e da existência de um continente, no *campo*, que funciona como delimitador e transformador do caos suscitado pelo início da prova.

Na passagem de um momento a outro do desenvolvimento, no cartão I assistimos a um aumento da capacidade de Hera em dar um sentido e um significado ao desconhecido do cartão, verificando-se no segundo momento um aumento da capacidade em aceder à sua fragilidade, o qual se traduz na forma como os objetos podem ser explorados, permitindo uma maior estabilidade psíquica.

No cartão II, aos 13 anos, Hera começa por se rir, evidenciando desde logo um desconforto face à solicitação latente deste cartão, que coloca em evidência o relacional. Seguidamente, com um ar sério e depois de muito manipular o cartão diz: “*Não me vem nada à ideia.*” Hera apresenta-se mais defendida, dá uma recusa, um movimento que impede a exploração, mas que nos traduz a impossibilidade em aceder a uma relação intersubjetiva, não apresentando ainda o *campo* um continente que possibilite uma elaboração transformativa.

Esta incapacidade mantém-se no segundo momento do tornar-se, conseguindo apenas fazer um comentário: “*Isto vai de mal a pior... são tão esquisitas as imagens... agora de relance não me lembro de nada... as cores são tão esquisitas.*” No inquérito consegue explicar: “*Estas cores muito escuras, o contraste entre o preto e o vermelho, tem um contraste de morte e de medo, a mim lembra-me isso.*” Para Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), a morte designa o fim absoluto de qualquer coisa positiva, é um aspeto perceptível e destruidor da existência que também se encontra ligado à simbologia da terra, na medida em que nos indica o que desaparece na evolução das coisas. Mas, também é introdutora do desconhecido ligado ao inferno ou ao paraíso, o que nos traduz a sua ambivalência e a aproximação aos ritos de passagem. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de estar aberto o acesso a uma nova via.

Este comentário parece traduzir a inquietação de Hera face à solicitação do relacional, o que nos leva a pensar que a relação Eu-Outro, tal como a relação entre o preto e o vermelho, se encontra pontuada pela morte e pelo medo, aparecendo os opostos reunidos de uma forma

intensa e inquietante. Neste sentido, atendendo ao avanço do processo de tornar-se, verificamos que ainda não existe um continente estável que permita elaborar as transformações psíquicas em curso, o que leva a uma permanência na posição esquizoparanóide, ou seja, na dispersão, no caos.

Na passagem de um momento para outro do processo de tornar-se adolescente, no cartão II, Hera apresenta uma grande dificuldade em aceder e representar o relacional, embora seja possível operar uma passagem entre o vago e o disperso, presente no primeiro momento do tornar-se, para a expressão do medo no segundo momento do tornar-se, traduzido pela incapacidade em aceder ao processo de resposta Rorschach.

No cartão III, aos 13 anos dá a resposta: *“Parecem duas pessoas, ou um animal a fazer qualquer coisa. Parece mesmo qualquer coisa que pertence às duas pessoas, que não sabem mas que estão a tentar descobrir. Não me vem mais nada à ideia.”* (Duas pessoas por causa da forma da cara e do corpo em si. As mãos. Estão a olhar muito fixamente um para o outro – G K K Ban). Hera hesita entre *“...duas pessoas, ou um animal...”*, entre uma aproximação ao relacional, solicitada pelo conteúdo latente deste cartão e a evocação de um animal, num movimento claramente mais regressivo, unificador da mancha, retirando-lhe o que de inquietante lhe possa ter sido suscitado.

As *“...pessoas...”* tem algo que lhes pertence e que se vai revelando, o que podemos associar ao próprio processo de crescimento em curso, à descoberta relacional, revelada pelo processo de tornar-se, aqui traduzido pela *techne* reveladora da construção intrapsíquica que tem lugar no *campo*, o que Ogden (1994) designa pelo terceiro analítico, evidenciando-se uma relação de tipo especular, onde o Eu e o Outro não se encontram ainda diferenciados, ou seja, numa verdadeira relação de troca e de partilha.

Aos 16 anos, Hera dá a resposta: *“Aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente. Parece que algo está a separá-las. É muito esquisito.”* (Da forma como elas estão frente a frente parece que elas estão a ver quem é que vai ficar – G K H Ban). Agora já podem surgir muito claramente *“...duas pessoas...”* envolvidas numa dinâmica relacional de tipo agressivo, envolvidas num confronto Eu-Outro, inerente à constituição do processo de tornar-se, aqui explicitado através da dinâmica *techne-campo*, onde é possível identificarmos, através da *techne*-continente, uma dinâmica relacional e no *campo*-conteúdo a presença de uma tensão, subjacente à relação que ainda se apresenta em transformação.

Nas respostas dadas ao cartão III, nos dois momentos do desenvolvimento do processo de tornar-se adolescente, encontramos presente uma interação relacional, que no primeiro

momento aparece com menos intensidade, mas que no segundo momento revela a presença de uma maior tensão.

Hera é considerada na mitologia como Deusa da fecundidade, tem a particularidade de nunca ser evocada como mãe e nunca é representada com um filho ao lado. Ela é a que dorme nos braços de Zeus, é na condição de esposa, co-protagonista do casamento sagrado, que repousa a sua autoridade e o respeito que os outros deuses lhe atribuíram. A sua existência como mulher-deusa está restringida ao limitado círculo familiar, à relação com o marido (Pinheiro, 2011).

No cartão IV quando aos 13 anos é convidada a dar uma resposta, começa por abrir muito os olhos, numa expressão direta do desconforto causado pelo impacto da mancha que convida à elaboração da potência e da autoridade. De seguida, dá as seguintes respostas: “*Parece uma pessoa muito alta.*” (G F+ H); “*Parece um animal deitado.*” (G F+ A) e “*Uma pele de um animal estendida no meio de uma sala. É estranho. É só.*” (A minha mãe tem um cobertor que é de um leão. Como o leão tá em ponto grande fez-me lembrar por causa da cara e por causa da cauda – G FE A).

A primeira resposta “... *uma pessoa muito alta*” remete-nos para a capacidade de dar conta de uma representação de si íntegra, dotada de força e de potência, o que contrasta com a resposta seguinte “...*um animal deitado*”, numa passagem do alto para o baixo, para a passividade que continua na resposta seguinte “...*pele de um animal...*” ocorrendo uma desvitalização, uma retirada da força e da potência, que podem ser ameaçadoras durante este período do crescimento. Nestas respostas, a *techne* revela-nos uma capacidade de elaboração dos opostos que aqui são (re)criados através de um processo criativo, que favorece a simbolização. No *campo*, nas duas primeiras respostas encontramos presente a capacidade de oscilação entre a capacidade negativa e o facto seleccionado, numa articulação entre o alto e o baixo, o que se perde na resposta seguinte, dada a falha do continente, incapaz de conter a tensão gerada pelos contrários.

Aos 16 anos, Hera dá apenas uma resposta: “*Aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, o mostrar a sua grandeza, mas ao mesmo tempo transmite um bocado de medo. Não sei.*” (É a forma como está colocado, é a cor, é grande e transmite medo ou receio – G ClobF Abst.). Na resposta dada por Hera, a *techne* transmite-nos a dificuldade em elaborar a dor mental dado o impacto ansiogénico e a dispersão do pensamento suscitado pelo simbolismo do cartão, relevando-se o *campo*-continente incapaz de conter a intensidade dos movimentos psíquicos em transformação.

No primeiro momento do processo de tornar-se, Hera apresenta uma sequência de respostas, na qual é visível a exploração da mancha, numa procura de conciliação dos vários movimentos internos em curso na sua transformação. No segundo momento, parece existir uma maior flexibilidade psíquica na forma como esta temática é traduzida numa resposta-símbolo, evidenciando-se uma certa ambiguidade, um movimento interno que contém um duplo registo, ativo e passivo, reunido no mesmo símbolo.

A ambiguidade é uma característica inscrita no simbolismo de Hera, quando gera um mostro com a colaboração de Cronos e dos Titãs com o objetivo de se vingar de Zeus, por este ter dado à luz, sozinho, a Deusa Atena, sem sua intervenção. Para conseguir este filho, Hera golpeia a terra, fonte de vida, depois de invocar a ajuda dos Titãs e, assim, vários meses depois, dá à luz um monstro, não sendo este facto contraditório com o seu carácter de esposa de Zeus e rainha do Olimpo. A ambiguidade presente no comportamento de Hera constitui-se como um elemento essencial do mito da origem do monstro (Pinheiro, 2011).

No cartão V, aos 13 anos Hera dá a resposta: *“Tá-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta, é uma espécie de borboleta mais esquisita. Resumindo, é um bichinho com asas da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género.”* (As asas, aquelas borboletas que se encontram nas histórias de princesas e nos contos de fadas e nessas tretas todas – G F+ A Ban). Mais uma vez Hera dá uma resposta onde está presente a ambivalência entre *“...um bichinho com asas...”* e *“...uma borboleta...”* um animal que simboliza a ligeireza e a inconstância, é leve e frágil, mas dotado de uma extrema beleza. As suas várias espécies traduzem a diversidade das suas formas e cores, revelando a criatividade da *techne* e caracterizando a circularidade psíquica do *campo*, presente no primeiro momento do processo de tornar-se.

Aos 16 anos, no cartão V, dá a resposta: *“Aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está-se a mostrar grandioso talvez.”* (A forma, parece que tem um corpo pequenino, uma coisa frágil, mas ao mesmo tempo parece que ele está a abrir as asas e é grande – G F± A). Esta resposta é reveladora da transformação em curso no processo de tornar-se, da passagem de *“...um ser pequenino...”* para algo *“...grandioso...”*, o que simbolicamente se pode associar ao próprio processo de crescimento, à transformação que vai ocorrendo através do tornar-se aqui revelada pela *techne*, através da abertura ao crescimento e na amplificação do simbolismo presente na resposta. O *campo* emerge aqui como o lugar onde ocorre a transformação do pequeno em grande, revelando uma dúvida sobre a qualidade do objeto, o que implica uma perda do objeto para a passagem para o seu interior, para o que

o designa, operando-se um movimento muito contrastado, que dá conta de uma falha de um continente delimitador e (re)significador.

Na passagem dos 13 para os 16 anos, assistimos a um movimento de uma maior abstração, processo este que já havia sido enunciado no segundo momento do desenvolvimento no cartão IV, mas que agora se consolida no cartão V, através do apelo ao reconhecimento da unidade corporal e ao sentimento de integridade, que ao estarem mais consolidados, no final do tornar-se, permitem a evocação de uma resposta mais abstrata.

No cartão VI, aos 13 anos, Hera ri-se muito, demonstrando desde logo o seu desconforto face ao simbolismo sexual que é convidada a elaborar. A este cartão dá duas respostas: “*Ai estou-me a lembrar... a pele de um felino estendida no chão.*” (G FE A Ban) e “*∇^ Parece um gato ou um tigre, ou lá o que é, tá-me a lembrar o Silvester.*” (Se olhar para o focinho do *Silvester* faz lembrar com os bigodes – G F+ (A)). No primeiro momento Hera realiza uma desvitalização da dimensão fálica deste cartão, dando a resposta “*...a pele...*” o que reveste, delimita e separa o dentro e o fora. No segundo momento volta a estar presente a ambivalência, um movimento que lhe vai sendo característico, oscilando entre o gato, dócil e meigo, e o tigre, ágil e hábil, dada a sua natureza selvagem. Mas, não é um gato/tigre qualquer é o *Silvester*, um personagem de uma série americana de desenhos animados, um gato preto, com um nariz de palhaço, que se diverte a perseguir os seus alvos, uma imagem que condensa o dócil, o perigoso, o meigo e o lúdico, vários elementos reunidos e ligados numa mesma imagem.

Na articulação entre o masculino e feminino, entre a atividade e a passividade, Hera depois de um momento passivo inicial acaba por aceder ao mundo da fantasia, revelando-nos a *techne* o seu processo criativo, numa articulação entre o real e o fantasmático, ou seja, o mundo adulto e o imaginário infantil. No *campo*, a sequência das respostas revela-nos a procura de um continente, delimitador e transformador dos processos psíquicos em curso no tornar-se.

Aos 16 anos Hera mostra-se incapaz de encontrar um sentido e um significado para o cartão VI, limitando-se a comentar “*Esta não me diz grande coisa.*” Aqui a *techne* revela-nos a impossibilidade de conciliação dos opostos, num processo integrativo e co-constutivo e o *campo* traduz a incapacidade de elaboração transformativa, através da falha de um continente. Na passagem de um momento a outro do desenvolvimento, no cartão VI, Hera demonstra-nos uma diminuição da sua capacidade de transformação e de simbolização, o que nos leva a

pensar que o seu processo interno ainda está em curso, não se tendo realizado ainda uma integração.

No cartão VII, aos 13 anos depois de uma expressão facial de revirar o nariz e de contornar com o dedo a mancha, dá a seguinte resposta: “*Parece uma ilha deserta cheia de mistérios ou onde há alguma coisa a ser destruída, onde não vive ninguém, está mesmo deserta, antes podiam viver ali pessoas, mas como foi destruída está deserta.*” (A ilha, aqui à volta é o mar, a forma faz-me lembrar uma ilha. Podia ser um continente destruído, por causa das formas, isto encaixava em qualquer sítio, mas foi destruído pela natureza em si – Gbl EF Geog.).

Face ao carácter inacabado e desarticulado deste cartão, Hera evoca “...*uma ilha deserta...*”, o que nos remete para o deserto do processo de tornar-se, tão vazio e tão cheio de sentidos e de significados, envolto em lendas e mistérios, tal como acontece com o processo de crescer e de tornar-se mulher, igual à mãe, com tudo o que tem de diferente, num processo de construção e de diferenciação Eu-Outro. Existe ainda uma particularidade, este lugar foi destruído pela natureza, numa clara alusão à erosão provocada pelo passar do tempo, o que se assemelha ao processo de crescimento, uma vez que a entrada na adolescência suscita transformações no ser, que levam a uma “destruição” de um universo infantil, pois só desta forma é possível dar lugar a novas (re)construções.

Nesta resposta, a proximidade com o simbolismo materno suscita uma maior desorganização, traduzindo a *techne* uma falha ao nível do processo criativo, e o *campo* a falha de um continente delimitador entre o mundo interno e o externo, impossibilitando a comunicação, a circularidade psíquica.

Aos 16 anos, ao cartão VII dá a resposta: “*Esta aqui parece que há um vazio dentro de algo, falta aqui qualquer coisa, parece que algo foi retirado e agora faz falta, talvez.*” (Aqui no meio falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado – Dbl F± Vazio). Hera centra-se na mancha intramacular do cartão, no “...*vazio...*”, que representa a ausência para a qual procura encontrar um significado. A *techne* revela-nos aqui a impossibilidade de dar um sentido e um significado ao simbolismo materno, falhando o processo de simbolização, o que no *campo* se traduz pela incapacidade em evocar um continente, delimitador e contentor da falta, existindo, ainda assim, uma pré-possibilidade, algo que falta.

Na passagem dos 13 para os 16 anos, Hera, no cartão VII opera uma passagem entre os mistérios e os segredos de uma “...*ilha deserta...*”, num movimento de retirada para um

lugar externo onde possa ocorrer a transformação e o “...vazio dentro de algo...” numa alusão ao lugar interno onde têm lugar as transformações presentes no tornar-se.

Ao cartão VIII, Hera aos 13 anos deu as seguintes respostas: “*Tá-me a fazer lembrar uma colina com dois... > ^ < parece que estão a subir uma espécie de um vale, de uma montanha.*” (D F± Nat.) e “*Dois animais que se querem encontrar, mas não sabem como, como se fossem almas gémeas. É só.*” (Dois irmãos, dois leões, um à procura do outro, isto tem esta separação, uma parte era de um e outra era de outro e quando chegassem ao cimo do ponto mais alto, pudessem encontrar-se, por isso é que eu pensei que pudessem ser familiares ou amigos – D F+ A Ban).

No primeiro momento, Hera parece estar à procura de uma base, de um suporte, para lidar com a mudança que foi introduzida neste cartão com as cores pastel, impondo a necessidade de lidar com as emoções, aqui numa procura ativa de encontro e de ligação entre dois lugares “...uma colina...” e “...um vale”, entre o alto e o baixo, entre o antigo e o novo. No momento seguinte, existe uma procura ativa de encontro e de ligação entre “*Dois animais...*” duas “*almas gémeas*”, “dois irmãos, dois leões...”, uma co-construção reveladora na *techne* de uma transformação que se opera entre dois mundos, entre ser criança e vir a ser adolescente a caminho de ser adulto. No *campo* é visível uma falha de circularidade inicial, na primeira resposta, mas que é reparada na resposta seguinte, gerando-se uma progressão do conhecimento.

Aos 16 anos, dá a resposta: “*Aqui parecem-me dois animais a subirem para um topo, para atingirem uma meta, um fim, um destino.*” Comentando logo de seguida: “*As cores são mais vivas, transmitem mais vida.*” (Tá pequeno aqui, mas depois começa a aumentar as figuras de lado e no fim tem um topo, um biquinho, parece que estão os dois a lutar por essa meta, por esse fim – G F+ A Ban). Nesta resposta, Hera explicita um movimento de crescimento, “...são dois animais a subirem...” numa analogia ao caminho de tornar-se adolescente, que contém em si mesmo “...uma meta, um fim, um destino”. Mas, este processo é também dotado de fortes tensões, de lutas, para se conseguirem atingir novo(s) objectivo(s). Nesta resposta de Hera, a *techne* revela-nos os afetos ligados e integrados, numa resposta que cria e (re)cria o processo de simbolização. O *campo* revela-nos a presença de um continente delimitador e transformador que possibilita a circularidade do pensamento inerente ao crescimento.

Na passagem de um momento para outro do processo de tornar-se adolescente, no cartão VIII, assistimos a uma transformação que vai no sentido da dispersão para o da

integração. No início do processo de tornar-se, Hera procura a (re)união de espaços diferentes, procurando uma proximidade e uma familiaridade entre o novo e o estranho. Este movimento, no segundo momento do processo de tornar-se, dá lugar ao aparecimento de uma maior estabilidade, uma vez que o turbilhão interno já é mais conhecido, permitindo-lhe explorar novas características do objeto.

Aos 13 anos, no cartão IX, Hera dá a resposta: “*Faz-me lembrar um E.T., por ter estas partes assim, a cor da face, um ser de outro mundo, de outra dimensão.*” (A forma da cara, a parte dos olhos, isto sobe para cima e faz lembrar fumo. A boca, o corpo e os braços, está vestido com qualquer coisa – Gbl K (H)). O convite feito à regressão neste cartão, leva Hera a evocar um ser de um mundo irreal, sobrenatural ou de lenda, “...um E.T. ...”, um ser muito próximo do universo infantil, mas que está numa outra realidade, que é “...de outra dimensão” e que nos transporta na fantasia, para um outro lugar. Contudo, não deixa de ser uma referência identitária, uma procura de um outro ser, dotado de características alienistas, diferentes. Nesta resposta, a *techne* traduz a falha ao nível do processo de simbolização, enquanto o *campo* expressa o próprio simbolismo arcaico, através da referência a um continente, pouco delimitador e transformador, que aqui não consegue ainda sustentar os elementos arcaicos que é convidada a (re)significar.

Aos 16 anos, Hera dá a resposta: “*Aqui esta parece uma cara, ou assim alguma coisa, parece que está a ser escondida, por medo, talvez, não sei.*” (Parece que está aqui uma pessoa ou um ser que tem a cara tapada, talvez o que as outras lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei – Dbl kp Hd). Apesar do avanço no processo de tornar-se Hera continua a sua procura identitária, associada a um sentimento de retirada, como se a sua singularidade e a sua individualidade não pudessem ainda existir, ter um lugar. É curioso o movimento presente no inquerito, uma vez que não se trata de um cartão relacional, mas onde se evidencia um jogo relacional, na explicação dada que traduz um movimento de identificação projetiva, onde o Outro, e o dizer do Outro, mais não é do que o que o próprio pensa e sente sobre si mesmo, traduzindo-nos este movimento uma espécie de caleidoscópio que reflete o movimento presente entre a *techne* e o *campo*.

Em ambos os momentos do processo de tornar-se de Hera, as respostas dadas ao cartão IX refletem a procura de uma identidade, inicialmente com mais distância através de uma imagem-símbolo de um ser de outro planeta, e à medida que o processo avança encontramos presente uma referência direta a esta procura ainda em curso, em transformação, para posterior integração. Em ambos os momentos, a *techne* revela-nos uma falha ao nível da

expressão da contenção da tensão em curso na transformação, e o *campo* uma falha ao nível da elaboração da identificação projetiva. O ciclo não se renova, permanece fechado, ao contrário do que acontece na mitologia onde a Deusa Hera é conhecida por renovar anualmente a sua virgindade, banhando-se na fonte de Câneve, local que lhe estava consagrado e que representa o arquétipo da eterna renovação, traduzido na natureza pelo ciclo da lua nas suas várias fases (Pinheiro, 2011).

No cartão X, aos 13 anos, Hera dá a resposta: “*Está-me a fazer lembrar aranhas, muitas aranhas. É só.*” (Aranhas – D F+ A). Com a chegada ao fim da prova é evocado um animal com características de tipo fóbico. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), a aranha pode conter várias interpretações, podendo surgir em muitos povos, na figura de uma criadora cósmica, de uma divindade superior.

A imagem símbolo que foi convocada revela-nos na *techne* a inquietação sentida com a dispersão que foi convidada a integrar com a chegada ao fim da prova, o que no *campo* pode ser pensado através da dimensão simbólica contida entre a aranha e a sua teia, numa relação continente-conteúdo, dada a ligação que realiza entre as várias manchas, que permite sustentar perceptivamente a representação projetiva.

Aos 16 anos, no cartão X, Hera dá a resposta: “*Esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa, está tudo disperso. Muita vida.*” (A forma como a imagem está colocada, as cores utilizadas são vivas, transmitem cor e alegria. Parece que algo aconteceu – Gbl CF Abst.). Com o chegar ao fim do processo de tornar-se adolescente, passa a ser possível aceder a pictogramas, que traduzem a subjetividade presente na relação Eu-Outro, mas que ao mesmo tempo traduzem na *techne* o processo criativo e co-constutivo, predominando no *campo* a dispersão que fica contida sob a forma de uma festa, uma referência ainda que abstrata é reveladora da constituição de um lugar de contenção interno.

Na passagem de um momento a outro do processo de tornar-se adolescente, no cartão X, assistimos a uma passagem do concreto com ancoragem no perceptivo, para uma abertura à dispersão e à abstração, num colorido simbólico que (re)cria e transforma a inquietação vivida com a chegada ao fim da prova.

Nos elementos do psicograma que nos permitem um aprofundamento da *techne*, aos 13 anos, destacamos a presença de G’s elaborados, em particular na resposta dada ao cartão III “*...duas pessoas... a fazer qualquer coisa...*” reveladora de uma aproximação relacional Eu-Outro. Esta resposta comporta, ao mesmo tempo, a presença de uma interação entre duas figuras humanas, ainda sem uma definição do tipo de ação que estão a realizar. Ainda dentro

das respostas de grande cinestesia devemos ter em conta a resposta “...E.T. ...” dada ao cartão IX, onde a relação ocorre entre dois mundos distintos que ficam ligados através desta resposta, e a presença de respostas de conteúdo animal dentro dos valores considerados normativos.

Ainda aos 13 anos, no *campo*, destaca-se a presença de vários G’s simples associados à banalidade do cartão: I e V “...borboleta.”, III “...duas pessoas...”, VI “...pele...” e VIII “...dois animais”. Existem ainda dois esbatementos: um de textura na resposta dada ao cartão VI “...pele de um felino.” e um de difusão, no cartão VII “...ilha deserta.” Importa ainda qualificar o tipo de interação presente na dinâmica relacional, dada na resposta ao cartão III “...duas pessoas...” que no inquérito se esclarece que “Estão a olhar muito fixamente um para o outro”, numa lógica especular. E os valores do F% dentro dos valores normativos.

Nos elementos do psicograma que nos possibilitam ilustrar a *techne*, aos 16 anos importa destacar a presença de G’s elaborados, no cartão III “...duas pessoas a lutarem...” e no VIII “...dois animais...”. Uma particularidade de um G impressionista no cartão X mas onde a resposta construída engloba o branco (Gbl) “...alegria... festa...”. A presença de uma resposta cinestésica ao cartão III “...duas pessoas a lutarem” que nos dá conta de uma interação de tipo agressivo. E a presença das respostas animal dentro dos valores considerados normativos.

No *campo*, aos 16 anos, destacam-se os G’s simples associados a banalidades no cartão I, na resposta “...borboleta”; no cartão III “...duas pessoas...” e no cartão VIII “...dois animais...”. O F% encontra-se dentro dos valores considerados normativos. E a resposta cinestésica dada no cartão III revela a presença de uma forte tensão, numa lógica de movimentos opostos muito contrastados.

Segundo Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), Hera concebe Hefesto sem pai, querendo que Zeus pagasse pelas suas aventuras, mas tal acontecimento não nos permite supor na deusa um desejo de falo, nem o desejo de instalar o filho no lugar do pai. Ao procurar defender a mãe contra o pai este atirou-o do céu, mas, noutras versões é Hera quem lança a sua progênie sobre a terra. Na mitologia, tal como nos protocolos de Rorschach, Hera procura manter a unicidade, numa lógica planificadora, que revela uma grande dificuldade em aceder à representação da relação Eu-Outro. A cada novo convite que lhe é feito para dar um sentido e um significado emergem a procura de novos elementos de qualificação, revelando-se muito permeável às características do objeto. Neste sentido, é o objeto que impõe as suas

qualidades externas, verificando-se uma submissão ao objeto, mais do que um movimento interno de co-construção e de simbolização.

Este processo é visível através da *techne*, nos dois momentos do seu desenvolvimento, em particular nas respostas dadas aos cartões diretamente relacionados com a identidade (I e V), nos quais Hera consegue aceder a uma maior estabilidade psíquica e, na entrada nos cartões pastel, onde lhe é possível integrar a mudança do estímulo perceptivo, revelando-nos a existência de um bom processo criativo.

No *campo*, a relação continente-conteúdo encontra-se particularmente presente no cartão I que dá início à prova e que a coloca perante a necessidade de dar um sentido e um significado ao desconhecido. No entanto, a sua capacidade de dar respostas reveladoras do processo interno de transformação aumenta do primeiro para o segundo momento do crescimento, culminando na contenção da dispersão presente no último cartão. A boa circularidade psíquica do *campo* é particularmente revelada nos cartões III e IX, num movimento que traduz a construção identitária.

8.1.8. Sémele: a mística

Sémele é alta e morena, tem uns olhos castanhos muito expressivos e os cabelos da mesma cor, encaracolados nas pontas, o que lhe dá um ar de menina, num corpo que já se anuncia ser de mulher. No primeiro momento desta avaliação tem 13 anos e 8 meses e no segundo momento, 16 anos e 8 meses (ver protocolos – Anexo H). A Deusa Sémele é também conhecida como a Deusa da fertilidade, filha de Cadmo, rei de Tebas e de Harmonia (Pinheiro, 2011). Numa das versões do mito foi amada por Zeus de quem concebeu Dionísio, mas Cadmo encerrou a criança e a mãe num cofre, lançou-o ao mar, tendo sido levado pelas vagas para a costa da Lacónia, onde Sémele foi sepultada e Dionísio foi criado (Grimal, 1951/2009).

No cartão I, aos 13 anos, dá a seguinte sequência de respostas: “*Uma aranha acho eu...*” (Por causa desta parte superior; e o centro, as costas – D/G F– A); “*√ Uma mosca.*” (Parece o que tem à frente – G F+ A) e “*> Um monstro.*” (Porque é preto, é mal feito. Tem quatro olhos, é esquisito, as asas e as mãos – Gbl FClob (H)). No primeiro momento, Sémele evoca “*Uma aranha...*”, um animal inquietante, primitivo, pré-genital, que constrói a sua teia para aprisionar as suas presas. Segue-se “*Uma mosca.*”, uma presa possível para uma aranha,

um animal insuportável, irritante, sempre a zunir. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), as moscas multiplicam-se sobre o apodrecimento e sobre a decomposição, transportam os germes das doenças, desafiando qualquer proteção, simbolizando a busca incessante.

Termina a sequência de respostas a este cartão com a referência a “> *Um monstro*” explicitando o que de inquietante foi evocado, mas recorrendo a um símbolo muito associado aos ritos de passagem, uma vez que é o monstro que devora o velho para dar lugar ao aparecimento do novo, aqui muito ligado à capacidade de crescer e de se tornar adolescente, fazendo face ao desconhecido da prova, mas também, ao seu próprio processo de transformação e de crescimento, revelador de um certo mal-estar e de toda uma inquietude.

A entrada no desconhecido da prova suscita em Sémele uma elaboração catastrófica, evidenciando-se através da *techne* uma falha ao nível do processo de simbolização, dada a impossibilidade de transformação da dor mental, suscitada pelo conteúdo latente deste cartão. O *campo* revela-nos a falha ao nível da estruturação de um continente capaz de conter e de (re)significar.

No segundo momento do desenvolvimento, aos 16 anos dá duas respostas: “*Isto parece uma joaninha preta... sei lá...*” (A joaninha é por causa destas bolinhas em preto mas que aqui são em branco – Gbl F– A) e “*∨ Um escaravelho... Mais nada.*” (O escaravelho é por causa da forma e porque tem aqui estas coisinhas, as antenas – D F+ A). Sémele começa por evocar um animal muito presente no universo infantil, “...*uma joaninha...*” conhecida pelo seu contraste de cores, é um animal frágil que contrasta com o “...*escaravelho...*” um animal de carapaça dura, que se mistura com a lama na terra. Neste cartão, na primeira resposta, o contato com o novo e com o desconhecido reporta-nos para o universo infantil, mas na resposta seguinte Sémele já se consegue organizar melhor, embora não adjective nem qualifique, apenas descreva e delimite a mancha, revelando-nos a *techne* a sua progressiva capacidade de transformação e de simbolização e o *campo* a estruturação da função alfa.

No cartão I, no primeiro momento do desenvolvimento, Sémele apresenta uma maior dificuldade em aceder à transformação do que de inquietante lhe foi suscitado, pelo que aparecem animais de tipo invertebrado e de tipo fóbico. A passagem para o segundo momento do desenvolvimento revela-nos uma maior estabilidade psíquica, o que reflete a existência de um continente mais estável com a função alfa a operar.

Ao cartão II, nos dois momentos do desenvolvimento, dá respostas muito similares. Aos 13 anos dá a resposta: “*Uma cara. ∨ Mais nada ∧...*” (Os olhos, o nariz, a boca. A parte preta é o resto da cara – Gbl F– Hd). Aos 16 anos dá a resposta: “*Oh! Uma cara. ∨ Mais nada >∧...*” (Uma cara. Isto parece o bigode, os olhos, o nariz – Gbl F– Hd). Dada a dificuldade de integração dos opostos, nos dois momentos do processo de tornar-se, parece existir no processo associativo a necessidade de reunião e de integração de toda a mancha, o que leva a que a *techne* revele uma falha ao nível do processo associativo de simbolização e o *campo* uma incapacidade em aceder ao relacional, solicitado por este cartão, permanecendo a unicidade, revelando-nos um Eu ainda em transformação, sem existir a capacidade de elaborar a relação Eu-Outro. O mesmo se verifica no cartão I, em que foi possível encontrar objetos bem definidos, embora reveladores de uma inquietude que aqui é revelada pela procura de um rosto, de uma identidade, sendo Sêmele incapaz de aceder a uma representação relacional onde a dimensão pulsional se encontre presente.

No cartão III, as respostas também são muito similares nos dois momentos do processo de tornar-se adolescente. Aos 13 anos, surge como resposta: “*∨ Um sapo (morde o lábio) ∧∨. Só um sapo.*” (Os olhos, as patas – D bl F– A). Acrescenta no inquérito a resposta adicional: “*Aqui tem um lacinho nas costas*” (D F+ Obj. Ban). Aos 16 anos, dá a resposta: “*Um sapo ∨∧. Mais nada. Um sapo com um lacinho.*” (O sapo por causa da forma e depois vi o lacinho aqui em cima – D bl F– A). O apelo do cartão, para a representação do Eu na relação com o Outro, leva Sêmele a evocar “*um sapo*”, unificando a imagem, não conseguindo aceder a uma representação da relação, mas procurando uma representação de si através da referência a um animal que se caracteriza pela sua falta de jeito, o que nos faz pensar no próprio processo de tornar-se adolescente, disforme, descontínuo, com sobressaltos. Este movimento aparece mais estruturado e estabilizado no inquérito dos limites, onde aos 13 anos se limita a responder “*Sim*”, mas aos 16 anos responde “*Sim, no negro, de lado, estão numa posição um bocadinho estranha.*”.

Nestas respostas, a *techne* revela-nos que o processo de co-construção está em curso, não existindo ainda uma consolidação dos processos psíquicos, que se encontram em transformação e no *campo* a falta de um continente estável, o que nos traduz a incapacidade de operar uma boa ligação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. A passagem de um momento a outro do processo de tornar-se revela-nos a incapacidade de Sêmele em transformar os movimentos presentes na dinâmica Eu-Outro, aqui traduzidos pela dinâmica

techne-campo.

A história de Sêmele na mitologia dá-nos conta desta dimensão, não só pela sua morte trágica, mas principalmente, por ter gerado uma divindade, Dionísio, cuja essência se confunde com a vida que brota das entranhas da terra, numa união entre duas entidades primordiais: o céu e a terra. O princípio essencial da sua história é o de que todo o mortal que ousa passar além dos limites, que a sua condição humana lhe impõe, acaba por ser severamente castigada (Pinheiro, 2011).

No cartão IV, aos 13 anos dá as respostas: “*Um monstro. ∨^*” (Um monstro, porque parece ter braços, pernas e uma cabeça pequena. Esta parte não sei o que é – G FClob (H)) e “*∨^ Uma nuvem de fumo, acho eu. (rói a unha). Mais nada.*” (G EF Nat.). No inquérito, quando explica a segunda resposta acrescenta ainda uma resposta adicional “*A nuvem de fumo, porque pareceu-me aqui uma chaminé e depois deitava fumo*” (D F+ Obj.). A necessidade de dar um sentido e um significado ao estímulo que se apresenta como uma imagem de força e de potência suscita a evocação de “*Um monstro*” evidenciando o carácter inquietante do estímulo que se perde na resposta seguinte com a referência a “*Uma nuvem de fumo...*”, uma resposta de esbatimento de difusão, reveladora da incapacidade em elaborar a dor mental produzida pelo contacto com este cartão, numa interpenetração dos espaços e dos limites. A potência evocada sob a forma de um monstro esfuma-se, esbate-se numa nuvem de fumo. A *techne* permite-nos aceder à (re)criação que foi feita dos opostos numa passagem que se opera entre a força e a potência, do monstro, e o vago e o disperso, das nuvens. O *campo* revela-nos uma incapacidade em aceder a um continente, transformador da inquietação sentida, numa passagem entre o negativo e o facto seleccionado, ou seja, entre o acesso a uma posição de domínio versus a permanência numa posição de submissão.

Aos 16 anos, no cartão IV, Sêmele dá a resposta: “*Um monstro. ∨ Mais nada.*” (Um monstro, aqui os pés grandes e o corpo grande – G FClob (H)). Mantém-se o mesmo movimento que estava presente aos 13 anos, mas que agora aparece mais consistente, revelando a *techne* a capacidade de fazer face à dor mental, dando conta da existência de um *campo* mais estável que possibilita a evocação de uma posição de domínio, ilustrando a capacidade de transformação psíquica que ocorre entre o primeiro e o segundo momento do processo de tornar-se, através da passagem do vago e do disperso, aos 13 anos para a resposta dada aos 16 anos, reveladora da força e da potência.

As respostas dadas por Sémele ao cartão V são muito similares nos dois momentos do desenvolvimento, variando apenas a forma como descreve o objeto. Aos 13 anos dá as respostas: “*Uma borboleta.*” (A borboleta, porque tem as antenas e as patas parecidas – G F+ A Ban) e “ \vee *Um morcego. \wedge Mais nada.*” (O morcego, porque é preto e tem as asas abertas – G F+ A). E aos 16 anos dá as respostas: “*Uma borboleta.*” (A borboleta, por causa das asas – G F+ A Ban); “ \vee *Ou um morcego. \wedge Mais nada.*” (O morcego é assim por causa das antenas e das asas – G F+ A).

Os contrastes operam entre o feminino e o masculino, o dia e a noite, entre a beleza da borboleta que voa no céu e o caráter inquietante do morcego que vive em grutas, escondido no escuro. No primeiro momento, Sémele opera um movimento onde procura dar consistência ao objeto, dotá-lo de um corpo, o que passa a estar menos presente no segundo momento, uma vez que já existia uma maior estabilidade ao nível das suas funções psíquicas.

No cartão V, nos dois momentos do desenvolvimento, a *techne* revela-nos uma boa capacidade de simbolização, permitindo o acesso a novos sentidos e novos significados, num processo criativo e co-construtivo, onde Sémele aceita perder a forma para de novo a voltar a encontrar de um modo coeso e coerente. Enquanto no *campo* está presente uma transformação que possibilita explicitar a maior estabilidade do continente, com a função alfa a operar, permitindo uma maior estruturação no final do processo de tornar-se adolescente.

No cartão VI, aos 13 anos, Sémele começa por se rir, seguindo-se a resposta: “ $\vee \wedge$ *Um vulcão. Mais nada.*” (Esta parte aqui parece o vulcão e esta parte aqui parece lava – G kob Geo.). O vulcão é um símbolo de força e de potência, que reúne a atividade pela saída da lava, com a passividade, com o adormecimento da mesma no seu interior. Nesta resposta, a *techne* evidencia a capacidade de integrar estas dimensões num processo construtivo e integrativo, enquanto o *campo* traduz a existência de um forte movimento de identificação projetiva, onde aparecem os opostos ligados e integrados na resposta símbolo – “...*vulcão*...”.

Aos 16 anos Sémele não consegue dar uma resposta no cartão VI, referindo apenas: “*Não sei ... Não faço ideia... $\vee \wedge$ Não sei...*” revelando a recusa, na *techne*, uma falha no movimento de co-construção dos opostos e traduzindo no *campo* a incapacidade de elaboração transformativa. Mas, no inquérito consegue dar como resposta adicional: “*Aqui parece-me os bigodes de um gato, mas depois não vejo o gato*” (D F+ Ad) uma referência a um elemento com características fâlicas, um esboço de um continente mas que não o chega a

ser na sua verdadeira acepção.

No cartão VI, no primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente, encontramos presente um movimento pulsional primitivo, muito intenso. Porém, com a passagem para o segundo momento deste processo, assistimos a uma perda deste movimento, o que pode ser devido ao esboço de um continente ainda rudimentar, que possibilita uma maior elaboração e o aparecimento de um movimento psíquico mais intrincado, ainda que apenas no inquérito.

No cartão VII, aos 13 anos, dá a resposta: “> ^v *Duas pessoas. Gémeos. Mais nada.*” (Parece que elas estão ligadas pela cabeça e são idênticas – G K H). Os gémeos representam a dualidade de todo o ser, o dia e a noite, em termos internos podem representar a oscilação entre uma abnegação, da destruição ou da submissão, do abandono de uma parte de si mesmo, para o triunfo do outro (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nesta resposta, Sémele apela para o igual, a *techne* faz a ligação ao feminino e ao materno numa procura de integração onde falha o processo criativo e de simbolização. O *campo* traduz a dificuldade de integração dos espaços psíquicos, que se interpenetram, levando ao aparecimento de um espelhamento na relação Eu-Outro.

Aos 16 anos, no cartão VII, Sémele dá duas respostas: “v *Duas pessoas.*” (Aqui parece o eixo de simetria e aqui parecem duas pessoas horrorosas, dois gémeos siameses ligados pela cabeça – G K H) e “*Uma árvore aqui no meio. Mais nada.*” (Vejo a árvore aqui no branco – Dbl F– Nat.). A primeira resposta mantém o movimento psíquico que estava presente no primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente, os gémeos, numa referência ao igual, à simetria da mancha. No movimento seguinte, surge a representação de uma árvore no branco, no vazio, no lugar da falta. Neste cartão, a *techne* revela-nos uma procura de integração, mas falha o processo criativo de simbolização, dada a dificuldade de integração dos espaços psíquicos que no *campo* se interpenetram revelando uma dificuldade do Eu existir separado e diferenciado do Outro.

No cartão VII, nos dois momentos do processo de tornar-se assistimos a uma dificuldade em aceder e transformar o simbolismo presente neste cartão, o relacional materno, falhando a estruturação da função de *rêverie*, gerando uma dificuldade na circularidade *techne-campo*, reveladora de uma dificuldade ao nível da diferenciação presente na relação Eu-Outro.

No cartão VIII, aos 13 anos, Sémele dá duas respostas: “∨∧∨ *Um monstro.*” (O monstro, é tudo, mais por causa do cinzento e do verde; parece que está desconfiado – Gbl K (H)) e “> ∧∨ *Uma cara. Mais nada.*” (Parece que tem dois olhos, tem o cabelo, tem género um chapéu na cabeça e tem um queixo muito fininho – Gbl F– Hd). O primeiro impacto com a mudança do estímulo suscita uma certa inquietação representada na figura do “...*monstro*”, um ser inquietante e disforme, que dá lugar ao aparecimento de uma segunda resposta “*Uma cara...*” que nos dá conta de uma procura da representação direta de si, de uma identidade. No entanto o investimento é parcializado, fica vago, a cara é pouco definida, revelando um movimento interno onde a *techne* traduz a falha de criatividade e o *campo* a falta de circularidade dos processos psíquicos.

Aos 16 anos, o movimento psíquico aparece mais unificado na resposta: “∨ *Parece-me um palhaço. Mais nada.*” (Os olhos grandes, o cabelo às cores – Gbl FC (H)). O palhaço é tradicionalmente a figura do rei assassinado e simboliza a inversão das propriedades reais, nas suas palavras e atitudes (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Trata-se, por excelência, de uma figura que representa os contrários, traduzindo a *techne* a procura elaborativa do processo criativo e o *campo* a procura de um continente capaz de conter e transformar o que de inquietante foi produzido pelo estímulo cor, pelos afetos. Para Soulé (1980), o espetáculo dos palhaços no circo permite juntar 3 gerações: avós, pais e crianças; sendo possível através da troca que se estabelece entre o público e estas personagens acedermos aos conflitos intrapsíquicos que estão a ser encenados.

Na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de tornar-se adolescente assistimos a um progressivo aumento da capacidade de simbolização, dada a maior estruturação do continente, ao nível do *campo*, embora ainda pouco operante leva a que a *techne* seja incapaz de traduzir as transformações ainda em curso. Importa ainda salientar uma particularidade, presente nos dois momentos do desenvolvimento, que se prende com as várias respostas terem sido dadas com o cartão invertido, o que faz pensar na necessidade de Sémele em afastar o que de ansiogénico lhe foi suscitado pela mancha.

No cartão IX, aos 13 anos são dadas duas respostas: “∨ *Uma árvore.*” (Na árvore, parece que tem um caule e ramos – Gbl FC Nat.) e “∨∧∨ *Uma pessoa. Mais nada.*” (Parece uma mulher zangada, com os braços na cintura, a saia laranja, os braços e a cabeça que não é muito normal, mas pronto – G K H). No primeiro contacto com o cartão, Sémele centra-se no

interior da mancha, num apelo à natureza, “*Uma árvore*” que dá lugar à análise da mancha na sua totalidade com a representação de “*Uma pessoa*”, uma representação direta de si, dada a explicitação no inquérito “...uma mulher zangada...”, numa referência à tensão relacionada com o simbolismo arcaico. A necessidade da sua elaboração, revelando-nos a *techne* uma simbologia que falha na transformação da dor mental, enquanto no *campo* não se encontra ainda estabilizado um continente delimitador e (re)significador para o simbolismo arcaico.

Aos 16 anos, no cartão IX, são dadas três respostas: “√ *Uma árvore.*” (Uma árvore por causa do tronco e do verde – D bl FC Nat.); “*Um vulcão.*” (O vulcão é tudo sem o cor-de-rosa, é esta parte laranja e a lava – D kob Geo.) e “*Um gafanhoto. E é só.*” (O gafanhoto é aqui por causa dos olhos grandes e o corpo do gafanhoto é o resto – D/G F– A). A primeira resposta é similar à que tinha sido dada aos 13 anos, embora aqui a mancha seja utilizada apenas parcialmente, dando lugar ao segundo movimento através da resposta “*Um vulcão*” revelador de toda uma energia pulsional, ou seja, da existência de um dinamismo mental. Por fim, a partir de um detalhe extrapola para o resto da mancha, dando a resposta “*Um gafanhoto...*”, um animal que segundo Chevalier & Gheerbrant (1982/1984), representa a praga da pululação devastadora. Nesta sequência de respostas assistimos a um movimento contrastado, que se traduz pela mudança constante de reinos. Aqui, a *techne* traduz-nos a dificuldade em elaborar internamente um processo co-constutivo, uma vez que no *campo* falha a estabilidade de um continente, pelo que existe uma maior dificuldade em estabilizar os limites.

Na passagem de um momento a outro do processo de desenvolvimento adolescente, através das respostas dadas ao cartão IX, assistimos a um movimento inicial de procura de uma identidade, num apelo a uma representação de si mais estável, para um movimento de maior dispersão, onde coexistem elementos de diferentes realidades, num movimento harmonioso, alusivo à natureza, o que pode traduzir a existência de um maior dinamismo pulsional, acompanhado por um aumento da flexibilidade psíquica.

No cartão X, aos 13 anos são dadas as seguintes respostas: “√ *Flores.*” (Flores, porque é muito colorido – G CF Bot.); “√ *Um monstro.*” (O monstro, porque parece que tem aqui uma cara no meio – G F– (H)) e “√ *Aranhas. Mais nada.*” (D F+ A Ban). Com o fim da prova chega a dispersão, pelo que Semele dá a resposta “*Flores.*”, evocando uma sensibilidade à cor, seguindo-se uma procura de uma representação de si, através da evocação

de “...uma cara...”, aqui associada ao que de inquietante este cartão despertou, por ser “*Um monstro*” um ser assustador e terrífico. Como última representação surgem “*Aranhas...*” um animal que se caracteriza por tecer a sua teia, o que aqui pode ser compreendido como a necessidade de ligar os vários elementos dispersos apresentados neste cartão.

A sequência de respostas dada a este cartão, no primeiro momento do processo de tornar-se adolescente revela-nos uma falha ao nível do processo de simbolização, ao nível da *techne*. O caos imposto pelo fim da prova necessita de ser (re)significado, pelo que Sémele procura no *campo* encontrar símbolos que traduzam a sua transformação interna, que aqui aparecem dispersos, pouco integrados e ligados.

Aos 16 anos, Sémele dá as seguintes respostas ao cartão X: “*√ Tem muitas flores.*” (As flores é tudo, é uma flor grande no meio e depois tem florzinhas aqui à volta – G CF Bot.) e “*Isto parece-me um bode no meio. Mais nada, é só.*” (Um bode porque me faz lembrar os cornos do bode e a cara feia – D F– A). O movimento de entrada no cartão é similar ao do início do processo de desenvolvimento adolescente, a evocação de “*...muitas flores*” o que nos faz pensar num jardim, embora no *campo* não seja possível ainda encontrar presente um continente, suficientemente transformador da dispersão apresentada neste cartão. A segunda resposta: “*...um bode...*” coloca-nos perante um animal que simboliza a força vital, a libido, a fecundidade. Trata-se de um animal que para uns é santo e divino enquanto para outros é um animal trágico que simboliza a força do impulso vital, ao mesmo tempo generoso e facilmente corruptível (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). As imagens símbolo evocadas por Sémele neste cartão são pictogramas que nos dão conta, na *techne*, da falha ao nível da elaboração do caos imposto com a chegada ao fim da prova, numa separação de reinos, pouco ligados e integrados.

Entre um e outro momento do processo de tornar-se, nas repostas dadas ao cartão X, encontramos presente uma grande dispersão, aliada a uma incapacidade transformativa, o que pode ser devido à dificuldade de constituir um continente, com uma função alfa a operar no sentido de permitir a integração e a (re)significação. Sémele anda à procura de integrar o feminino e o masculino, mas estes ainda não podem estar juntos, oscilando entre a capacidade de se organizar e a perda dos limites, numa procura ativa de se (re)organizar.

Com base nos elementos do psicograma que nos permitem pensar a *techne*, aos 13 anos importa destacar a presença de um G impressionista no cartão X, na resposta

“...Flores”; três grandes cinestésias nomeadamente no cartão VII “...Duas pessoas. Gémeos...”, no cartão VIII “...Um monstro” com a atribuição de uma intenção “está desconfiado” e no cartão IX “...Uma pessoa...” que é descrita como “uma mulher zangada”. Nas cinestésias encontramos presente uma interação passiva, destacando-se a atribuição de uma intenção através da postura. Os conteúdos animais apresentam uma percentagem próxima do limite superior do intervalo normativo e os valores das respostas humanas encontram-se dentro dos valores normativos.

No *campo*, aos 13 anos importa destacar a presença de um G associado a uma banalidade no cartão V “Uma borboleta”; o F% dentro dos valores normativos; respostas com determinantes sensoriais no cartão IX “...Uma árvore” e no cartão X “...Flores” e as respostas cinestésicas presentes nos cartões VII, VIII e IX, descritas anteriormente para a *techne* e que no *campo* revelam a falta de qualificação relacional, uma vez que ainda não é possível aceder a uma verdadeira relação Eu-Outro.

Aos 16 anos os elementos do psicograma reveladores da *techne* encontram-se nos G’s impressionistas dados nas respostas aos cartões VIII “...Um palhaço”, IX “...Uma árvore” e X “...flores”. Na resposta cinestésica dada ao cartão VII “...Duas pessoas” que são designadas no inquérito por “gémeos siameses”, uma observação de ligação. E os valores das respostas de conteúdo animal encontram-se dentro dos valores considerados normativos. Nos elementos que explicitam o *campo*, aos 16 anos, encontram-se presentes na resposta ao cartão V “... borboleta” que reúne a apreensão do grande detalhe com a banalidade. O F% dentro dos valores normativos, a presença de determinantes duplos nas respostas dadas aos cartões VIII “...Um palhaço”, IX “...Uma árvore” e X “...flores”. A grande cinestesia dada no cartão VII “...Duas pessoas” onde não existe uma verdadeira relação mas onde esta está subentendida no inquérito com a explicação de “gémeos” e a pequena cinestesia presente na resposta ao cartão IX “Um vulcão”.

Nos protocolos de Sémele é visível a perda dos limites, ou seja, a sua capacidade em se perder para depois se conseguir encontrar e (re)organizando-se numa oscilação entre imagens de cariz mais ansiogénico e outras mais pulsionais, a partir das quais é possível operar uma transformação no sentido do crescimento. Este movimento é particularmente evidente no jogo presente no cartão IV entre o vago e o disperso do primeiro momento do desenvolvimento e, o da força e da potência presentes no segundo momento do tornar-se.

Assim como, na passagem que decorre no sentido do aumento da abstração no cartão V, diretamente relacionado com a maior estabilidade da sua construção interna, no fim da adolescência. Este movimento só é possível atendendo ao bom funcionamento da relação continente-conteúdo, a dinâmica que aqui se revelou através da *techne* e do *campo*.

Tal como no mito, Sémele apresenta-se envolvida numa enorme mística, nos seus protocolos, nos dois momentos do tornar-se encontramos uma dificuldade muito acentuada na reapresentação da dinâmica Eu-Outro em todos os cartões bilaterais. Assim como, uma dificuldade em aceder a uma circularidade psíquica, na sua qualidade delimitadora e (re)significadora da relação espaço-tempo. Na mitologia, Sémele é conhecida por ter perdido o seu estatuto divino, tornando-se uma simples mortal. Grávida de Zeus tornou-se numa das vítimas de Hera, que não se resignava a ceder o seu lugar no coração do pai dos Deuses. A sua condição de comum mortal não suporta a revelação de um Deus, levando-a a cair fulminada, devorada por um fogo celeste, tendo o seu filho sido salvo por Zeus que retirou o feto do ventre de sua mãe e o introduziu na própria coxa, até completar a gestação normal (Pinheiro, 2011).

8.1.9. Zeus: o guerreiro

Zeus, aos 13 anos e 7 meses, quando participa pela primeira vez neste estudo apresenta um porte bastante atlético, digno do nome escolhido, o Deus dos Deuses, aquele que ao engolir Eros e toda a geração anterior, dá origem a um novo mundo. Passa a ser conhecido e deificado devido às suas boas ações em prol da Humanidade, tornando possível a vida civilizada, com a agricultura, as leis e os costumes (Pinheiro, 2011). O último dos adolescentes que aceitou participar neste estudo é filho único e refere com alguma tristeza ter pena de não ter irmãos. No segundo momento da sua participação, aos 16 anos e 7 meses está muito alto e magro, a pele bastante morena e o cabelo castanho-escuro cortado muito curto, o que lhe dá um ar de tropa, que contrasta com os dois brincos que usa numa das orelhas, que lhe dão um ar irreverente (ver protocolos – Anexo I).

Aos 13 anos dá como resposta ao cartão I “*Um inseto.*” (O inseto, por esta forma que me faz lembrar aquelas coisas que as abelhas têm, o vespão. E pelas asas – G F+ A) e “*Uma*

máscara. Sei lá... mais nada.” (Uma máscara, por causa dos olhos e aqui as orelhas – Gbl F+ Másc.). A entrada no novo e no desconhecido da prova suscita a evocação de um animal pequeno e frágil “*Um inseto*” mas ao ser associado às abelhas ganha uma conotação agressiva, que aumenta com a especificação de se tratar de um vespão, o maior e o mais agressivo dentro da família das vespas. Perante a agressividade surge a necessidade de evocar uma proteção “*Uma máscara*”, o que esconde revelando, designando e qualificando, conferindo-lhe uma outra identidade. Nesta sequência de respostas, a *techne* revela uma transformação do desconhecido em símbolos criativos que traduzem a passagem da agressividade para a sua sublimação, através da evocação de um objeto de proteção. O *campo* revela a presença de um continente delimitador e (re)significador, que possibilita a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, elaborando a dor mental suscitada pelo desconhecido da entrada na prova.

Aos 16 anos Zeus dá apenas uma resposta ao cartão I “*Um inseto.*” (As asas aqui e as pinças – G F± A). Esta resposta é igual à que foi dada na entrada no desconhecido, no momento inicial do processo de tornar-se, embora aqui se esbata o caráter agressivo, presente no primeiro momento, uma vez que o símbolo é construído com base no recorte perceptivo da mancha. Nesta resposta, a *techne* reflete a incapacidade de fazer face ao caos imposto pelo início da prova, o que nos revela no *campo* a falta de um continente com uma função alfa operante.

Na passagem do primeiro para o segundo momento do tornar-se, encontramos presente uma maior estabilidade do *campo*-continente, o que possibilita uma maior liberdade de expressão dos conteúdos-*techne*, numa passagem que se opera entre a agressividade presente no momento inicial e a transformação que se opera, revelando o processo de sublimação, na passagem para o segundo momento do desenvolvimento.

O cartão II é o primeiro que coloca em evidência o relacional, o que suscitou em Zeus uma incapacidade em aceder ao processo de resposta Rorschach. Depois de olhar com muita atenção e de afastar o cartão limitou-se a dizer “*Sei lá... √ ∧ A mim não me diz nada.*”, uma recusa que revela na *techne* uma incapacidade em integrar a bissexualidade psíquica e os opostos num processo criativo e construtivo, enquanto o *campo* é o lugar da expressão da incapacidade da elaboração transformativa.

Aos 16 anos, ao cartão II, depois de um momento inicial em que hesita dizendo “*Para*

ser sincero não sei... Não tou a imaginar nada....”, acaba por dar a resposta: “*Uma flor.*” (Aqui as pétalas e aqui aqueles pozinhos, o pólen – D F– Bot.). Uma resposta cujo simbolismo está ligado à duplicidade de conter e de ser contido. Nas plantas, o cálice da flor é constituído pelo conjunto das sépalas, que apresenta a forma de uma taça, lugar que contém o aparelho reprodutor que se encontra protegido pelas pétalas. O pólen é usado como meio de reprodução, pelo que terá de ser contido. Nesta resposta, apesar de Zeus não conseguir aceder ao conteúdo que lhe é proposto no cartão, existe uma transposição para um outro reino, o vegetal, onde passa a ser possível explicitar a relação entre o masculino e o feminino, entre *techne-campo*, numa lógica de continente-conteúdo.

Na passagem dos 13 para os 16 anos assistimos a uma transformação reveladora do aumento da capacidade de aceder a um processo de simbolização e de criação. Da recusa dada no primeiro momento do desenvolvimento, passamos, no segundo momento, para uma transposição simbólica da relação entre o Eu e o Outro, entre o feminino e o masculino, entre a *techne-conteúdo* e o *campo-continente*.

O cartão III, aos 13 anos suscita desde logo um comentário revelador de alguma inquietação em abordar a temática proposta: “*Vai lá vai!*” seguindo-se a sequência de respostas: “*Um monstro por exemplo.*” (O monstro por causa dos olhos, o nariz e a boca, parecia cortado, aqui pinças e os dentes muito afiados – Gbl FClob (H)) e “*Duas pessoas. Agora lembrei-me parecem duas pessoas a agarrarem qualquer coisa. É só.*” (As pessoas, a cabeça, o tronco, os braços, as pernas, a agarrar – G K H Ban).

O convite a elaborar a dinâmica relacional suscita um forte impacto em Zeus, o que o leva a unificar a mancha, não respeitando a sua bilateralidade, dando uma resposta reveladora de uma forte componente agressiva “*Um monstro...*”, seguindo-se o acesso à banalidade, através da resposta “*Duas pessoas...*” onde a *techne* transmite uma relação ativa enquanto no *campo* está presente uma dinâmica relacional funcional e cooperativa, numa sequência onde é possível acedermos à passagem da relação subjetiva para uma relação intersubjetiva.

Aos 16 anos, entre risos, dá a resposta “*Duas pessoas. Mais nada.*” (As pessoas parece que estão a pegar em alguma coisa – G K H Ban). No segundo momento do processo de tornar-se, encontramos presente uma maior estabilização do relacional, pelo que este já pode ser representado na *techne* através de uma relação ativa reveladora do processo criativo e co-constutivo e, no *campo*, através de uma dinâmica relacional cooperativa, ainda que vaga

e pouco definida.

Na mitologia, Zeus é considerado o senhor do Olimpo, conhecido pela sua potência e pelo seu apetite sexual, não era um modelo de fidelidade. Mas, convém diferenciar que o sexo e o amor são coisas diferentes, porque o sexo nem sempre está ligado a um amor romântico ou a uma relação durável (Pinheiro, 2011). No cartão III, nos dois momentos do processo de tornar-se, Zeus acede à representação da relação, sendo possível num primeiro momento assistir a uma passagem do subjetivo para o intersubjetivo, encontrando-se presente no segundo momento uma maior estabilidade psíquica, permitindo desde logo uma referência à dinâmica presente na relação Eu-Outro.

No cartão IV, aos 13 anos dá as respostas: “*Uma planta. Uma folha destrozada rasgada.*” (A folha virada ao contrário, esta parte parece um pau, esta parte parece que estava rasgada – G EF Plt.) e “*Um animal com asas, esquisito.*” (O animal é assim √, a cabeça, as asas, os pés e o rabo e a cauda – G F± A). Zeus dá respostas que se situam entre dois reinos distintos, o vegetal e o animal. Na primeira resposta emerge o dano, “...*Uma folha destrozada...*” numa revelação da incapacidade de fazer face à solicitação simbólica proveniente de um estímulo negro, grande e denso. Na segunda resposta “*Um animal com asas...*” Zeus atenua o dano, mas permanece a imprecisão. Nesta sequência de respostas, a *techne* revela-nos a capacidade em aceder e integrar os opostos, revelando-nos o *campo* a capacidade de oscilar entre a capacidade negativa e o facto selecionado, ou seja, entre o dano e a impressão, dois lugares distintos que podem ser (re)unidos, contudo, ainda não está estabilizado o continente.

Aos 16 anos, no cartão IV dá a resposta “*Um morcego.*” (Aqui as asas, aqui as patas e a cabeça – G F+ A). Zeus refere-se a um animal que vive na noite, no escuro das cavernas, que se caracteriza por ser um animal impuro, símbolo do pavor; mas que representa ao mesmo tempo o ser imobilizado numa fase da sua evolução ascendente (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984). Nesta resposta, a *techne* revela um bom processo criativo, ou seja, uma relação (re)significadora da força e da potência, o que só é possível porque no *campo*-continente está em funcionamento uma função transformadora. No fim do processo de desenvolvimento adolescente, Zeus consegue ligar o masculino e a agressividade, o que parece suscitar uma acalmia no *campo*.

No processo de tornar-se, no cartão IV assistimos a uma passagem da dispersão e da

clivagem presentes no primeiro momento, para uma integração, no segundo momento, reveladora da transformação da estranheza e da angústia relacionada com a imagem de força e de potência, diretamente relacionada com a representação de si, ou seja, com uma maior consolidação do masculino. Zeus é considerado um Deus único, a sua evolução na qualidade de Deus sai da mitologia para pertencer à teologia e à filosofia. Na condição adulta, procura conquistar o poder, afirmando-se quer nas várias lutas que travou para destronar o seu pai, quer nas muitas uniões amorosas, com Deusas e com mulheres mortais (Grimal, 1951/2009).

No cartão V aos 13 anos, Zeus dá duas respostas: “*Um morcego.*” (Os pés, aqui as asas, a cabeça e as orelhas – G F+ A Ban) e “*Uma borboleta. É só.*” (É todo – G F+ A). As respostas a este cartão operam uma oscilação entre a noite e o dia, o masculino e o feminino, numa articulação reveladora da construção geradora de novos sentidos e significados, onde a *techne* nos traduz o processo criativo de simbolização e o *campo* a capacidade de operar uma transformação entre o que é inquietante e o belo e singelo.

Aos 16 anos, no cartão V, Zeus dá a resposta: “ $\vee \wedge$ *Uma espécie de ave.*” (Aqui as patas, aqui as asas e aqui a cabeça – G F+ A). Dada a maior estabilidade do continente a operar no *campo*, existe uma maior flexibilidade e um aumento da criatividade, revelados através da *techne*.

Entre os dois momentos do processo de tornar-se, no cartão V, verificamos que existe um aumento da abertura ao pensamento, dada a oscilação presente nos símbolos evocados no primeiro momento e a presença de um objeto íntegro e estável, na representação dada no segundo momento, o que permite descrever uma transformação que traduz uma abertura ao pensamento.

No cartão VI, aos 13 anos, dá as respostas: “*Sei lá... um pau com uma coisa em baixo.*” (O pau, aqui alarga-se, afasta-se, por isso é que pensava que tinha alguma coisa – D F– Obj.) e “*Uma pele de um animal aberta.*” (A pele, o focinho, as orelhas, o bigode, aqui as patas dianteiras e aqui as traseiras – G F+ A Ban). Neste cartão Zeus é colocado perante a necessidade de elaborar os opostos, numa actividade de reunião e de conciliação. Num primeiro momento evoca “*...um pau...*” o que parece ser uma referência fálica, dada a localização na parte superior da mancha. Passando, no movimento seguinte, para toda a mancha, situando-se no limite entre o dentro e o fora, na resposta “*Uma pele...*”, que apresenta uma particularidade, está “*...aberta*”, o que acentua a passividade, embora na

articulação a *techne* nos revele um bom processo integrativo e co-constutivo, num processo ativo de simbolização. Por sua vez, o *campo*-continente revela-nos a existência de uma boa delimitação entre o dentro e o fora.

Com a passagem para o segundo momento do processo de tornar-se assistimos no *campo a* uma incapacidade de elaboração transformativa. Ele não pode aceder, pelo que entre risos e com um certo ar de espanto limita-se a dizer “*Não sei... não consigo imaginar nada.*” revelando-nos a *techne* a incapacidade de conciliação dos processos integrativos e de co-construção. Entre um momento e outro do processo de tornar-se, verifica-se uma perda ao nível da capacidade de transformação, o que parece estar relacionado com a estruturação e a consolidação da articulação entre o masculino e o feminino, ou seja, entre a atividade e a passividade.

No cartão VII, aos 13 anos dá duas respostas: “*Dois pessoas ligadas uma à outra.*” (D K H) e “*Parecem duas caras e o cabelo em pé.*” (Uma cara aqui a trança um bocado defeituosa – D F+ Hd). O convite para aceder e representar o simbolismo materno suscita a procura de uma representação do próprio, levando Zeus a oscilar entre a evocação da figura humana ou de um rosto, numa procura identitária. Aqui, a *techne* traduz-nos a falha ao nível da elaboração da dor mental, suscitada pela evocação da dimensão arcaica solicitada pelo cartão, que ainda não é possível delimitar no *campo*, uma vez que se encontra em curso a estruturação da função alfa.

Na passagem para o segundo momento do processo de tornar-se, no cartão VII, Zeus dá a resposta “*Dois pessoas. Mais nada.*” (Aqui a cara com o cabelo, aqui os ombros – D F+ Hd), resposta que vai ao encontro do movimento que já havia sido esboçado anteriormente, mas que agora aparece mais sustentada, num movimento mais ligado e integrado, onde a *techne* revela o processo co-constutivo da procura da sua identidade, traduzindo o *campo a* transformação da falta evocada pelo cartão que aqui aparece representada. Na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de tornar-se assistimos a uma maior capacidade de elaboração mental, inerente à temática relacionada com o simbolismo materno.

O cartão VIII introduz as cores pastel e aos 13 anos Zeus dá a resposta: “*Dois lagartos a subirem um objeto qualquer.*” (D F+ A). Faz referência a dois animais que permanecem durante longas horas imobilizados ao sol, o que leva Chevalier & Gheerbrant (1982/1984) a considerar um símbolo do êxtase contemplativo. Zeus reflete sobre a necessidade de um

apoio, ao dizer “...a subirem um objeto qualquer”. No segundo momento do desenvolvimento, dá a resposta: “Dois répteis a subir uma árvore.” (Tronco e os répteis – D F+ A). Trata-se do mesmo movimento interno, agora mais estruturado atendendo ao final do processo de tornar-se, onde a *techne* se traduz por um símbolo que recria o seu mundo interno e o *campo* a abertura ao conhecimento, reveladora da existência de uma circularidade psíquica.

Na passagem de um momento para outro do desenvolvimento assistimos a uma transformação reveladora de uma maior abertura do pensamento, dado que o aumento da estabilidade psíquica possibilita uma diminuição na designação, permitindo que a imagem símbolo encontrada seja mais abrangente, referindo-se a toda uma classe de animais e não a um animal em particular.

As respostas dadas ao cartão IX são muito distintas nos dois momentos do desenvolvimento. Aos 13 anos dá a resposta: “Desenho colorido. Mais nada.” (Pelas cores – G CF Abst.) e aos 16 anos “Um tronco.” (G F– Bot.). Apesar da diferença presente nas respostas dadas nos dois momentos, ambas são reveladoras da dispersão que é sentida face à dimensão arcaica solicitada pelo cartão, revelando-nos a *techne* uma falha ao nível da elaboração da dor mental e o *campo* a falha de um continente, dada a massiva identificação projetiva, que inviabiliza o processo de co-construção.

Na passagem dos 13 para os 16 anos, no cartão IX, Zeus parece realizar um movimento de procura de um sentido e de um significado para o caos que lhe é apresentado, operando-se uma passagem da dispersão que no primeiro momento é descrita apenas percetivamente, numa referência vaga, que se suporta na cor do perceto, para uma procura de sustentação, o que só é possível atendendo à maior organização interna, emergindo um símbolo que traduz a estrutura de uma árvore, um ser vivo, uma representação do Eu.

O cartão X anuncia a chegada ao fim da prova e com ela impõe-se a necessidade de elaborar a subjetividade presente na construção da relação Eu-Outro. Aos 13 anos Zeus dá as respostas: “Uma árvore colorida com várias cores, ramos com folhas.” (Faz-me lembrar uns ramos e as folhas – D bl CF Bot.) e “Com insetos com cores diferentes.” (Os insetos – D CF A). Uma sequência de respostas que apresenta um colorido dinâmico, ou seja, existe uma relação direta entre a árvore-continente que contém os insetos-conteúdos, num processo ativo, criativo e co-construtivo.

Aos 16 anos diz: “*A copa de uma árvore com folhas.*” (A copa da árvore e o restante são as folhas – D bl CF Bot.) existindo uma procura em circunscrever a dispersão que lhe é apresentada no último cartão, Zeus organiza uma resposta com base no eixo do cartão, numa procura de sustentação através de uma árvore, um elemento da natureza com vida que traduz através da *techne* um processo criativo e co-constutivo, um rudimento de um continente, ainda em construção no *campo*, apesar da chegada ao fim do processo de desenvolvimento adolescente.

No primeiro momento do desenvolvimento, no último cartão do protocolo, Zeus oscila entre dois reinos, o vegetal e o animal, duas realidades distintas, que se complementam. Na passagem para o segundo momento, existe uma transformação reveladora de uma maior consistência interna, o que leva ao aparecimento de uma representação simbólica mais estável. O movimento aqui presente pode ser ilustrado através da referência feita por Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), à dupla entre Zeus-tirano e Prometeu-escravo, um par que se reencontra entre os deuses, levando a que no final Zeus seja consagrado como pai, tornando-o uma personagem trágica, onde o seu sofrimento se encontra diretamente ligado à rutura entre o passado e o presente, tal como acontece no processo de tornar-se adolescente.

Ao termos em atenção os elementos do psicograma, reveladores da *techne*, aos 13 anos importa referir: a presença de G's impressionistas no cartão IX, na resposta “*Desenho colorido...*”; as grandes cinestésias, a convenção no cartão III “*Dois pessoas...*” onde está presente uma relação ativa “*...a agarrarem qualquer coisa...*” e no cartão VII “*Dois pessoas ligadas uma à outra.*” onde está presente uma observação de ligação. Por fim, os valores das respostas de conteúdo animal encontram-se dentro dos valores considerados normativos. No *campo*, para o mesmo momento do desenvolvimento existem associações entre respostas globais e a banalidade nos cartões III, “*Dois pessoas...*”, V “*Morcego*” e VI “*Pele de animal*”. Importa destacar a presença de determinantes duplos nos cartões IX e X e um esbatimento de difusão no cartão IV (“*...Uma folha destrocada rasgada.*”). Aqui, as respostas de grande cinestesia já referidas anteriormente, no cartão III traduzem uma dinâmica relacional e cooperativa, enquanto no cartão VII revelam uma ligação sem a presença de uma relação Eu-Outro. Importa ainda referir a presença dos valores de F% e do F+0% dentro dos valores normativos.

Aos 16 anos surgem como elementos complementares da *techne* uma grande

cinestesia no cartão III “*Dois pessoas*”, que traduz uma relação activa e o valor das respostas de conteúdo animal dentro dos valores normativos. No *campo*, aos 16 anos, encontramos na mesma resposta dada ao cartão III a associação entre um G e uma banalidade, para além da cinestesia que aqui traduz a existência de uma dinâmica relacional de tipo cooperativo. Importa ainda destacar a existência de determinantes sensoriais na resposta ao cartão X “*A copa de uma árvore com folhas*”.

Zeus apresenta-se como um guerreiro perante o seu inimigo, nos seus protocolos encontramos presente um movimento de construção e de consolidação interna na passagem do primeiro para o segundo momento do processo de tornar-se, que se revela mais estável e com uma maior consolidação dos processos psíquicos em construção, aqui revelados através da *techne* pelo processo de simbolização, em particular nos cartões que nos dão conta da identidade (I e V), evidenciando uma consolidação da representação de si, ligada a um aumento da capacidade de organização da dispersão presente no último dos cartões pastel.

A boa delimitação entre o dentro e o fora é visível no *campo*, em especial no cartão VI, revelador da transformação do masculino e da capacidade de elaboração da falta. A circularidade presente no *campo*, entre o espaço e o tempo, como delimitadores, está presente na dinâmica que se estabeleceu na relação Eu-Outro, particularmente presente no cartão III, revelador da relação, mas ainda com dificuldade em aceder a um tipo de interação.

É com o protocolo de Zeus que acabamos a análise dos protocolos dos nove adolescentes que participaram neste estudo. Terminamos com a alusão a um Deus muito venerado, atendendo ao seu brilho e à sua luz, que irradia em todo o seu esplendor durante a sua mítica existência, cintilando em todas as manifestações divinas do seu poder (Pinheiro, 2011).

8.2. ANÁLISE DOS ORGANIZADORES PSÍQUICOS: *TECHNE* E *CAMPO*

Depois de termos realizado uma análise dos vários protocolos de Rorschach dos adolescentes que aceitaram participar neste estudo, passamos agora à sistematização dos vários elementos obtidos, tendo sempre por referência os organizadores *techne* e *campo* e as várias categorias anteriormente descritas na grelha de análise que construímos para o Rorschach. Neste sentido, procuraremos destacar as variantes e as invariantes que foram encontradas nos dois momentos do desenvolvimento, para o feminino e para o masculino, antes de procedermos à sua discussão e à interpretação dos resultados que será realizada no próximo capítulo.

A *techne* é o elemento que produz conhecimento e que possibilita a investigação. Trata-se de um conceito que se inscreve numa funcionalidade que utiliza a razão, constituindo uma teoria metodológica que permite pensar o funcionamento psíquico (Vassalli, 2001). Através da *techne* procuramos aceder ao processo ativo e dinâmico que é crescer e que está presente no tornar-se adolescente, o qual é revelado através do processo criativo de simbolização e dos processos de co-construção presentes nas respostas Rorschach.

A entrada na adolescência caracteriza-se pela necessidade de constituir uma relação dinâmica e intersubjetiva, que permita fazer face aos fortes contrastes e aos intensos movimentos de identificação projetiva, que tem lugar durante este momento do desenvolvimento e sem os quais o crescimento não é possível. O processo criativo de simbolização é aquele que nos permite dar conta da capacidade do adolescente em elaborar a dor mental, inerente ao crescimento, fazendo face ao desconhecido, designando as manchas Rorschach, criando símbolos através dos quais nos é possível compreender a subjetividade que está presente no seu processo de tornar-se adolescente.

No conjunto de todos os protocolos, no primeiro momento dessa investigação, existe uma maior dificuldade em realizar um bom processo de simbolização, verificando-se uma forte incidência na falha deste processo, invertendo-se esta lógica no segundo momento do tornar-se, ou seja, passa a existir uma maior capacidade de simbolização. Este movimento é mais evidente nas raparigas, que apresentam, desde do primeiro momento do desenvolvimento, uma maior capacidade de simbolização, em particular no cartão I, a entrada

na prova, verificando-se nos rapazes uma maior dificuldade ao nível da elaboração do processo criativo de simbolização, em ambos os momentos do seu desenvolvimento.

Aos 13 anos, o processo criativo de simbolização, surge com uma maior incidência nos cartões compactos, em particular no I e no V que segundo Marques (1993) são aqueles que mobilizam diretamente a expressão do corpo e da identidade. O cartão I coloca o adolescente em confronto com o desconhecido, levando-o a dar um sentido e um significado à mancha, o que acontece com maior incidência nos rapazes que participaram no estudo. No cartão V são mais as raparigas que dão conta da subjetividade presente no tornar-se, revelando a existência de uma relação (re)significadora, a qual evidencia a existência de um continente com uma função alfa a funcionar. Este é o segundo cartão mais escolhido favoravelmente pelos adolescentes, na prova das escolhas, muito pelas suas características percetivas.

No primeiro momento do desenvolvimento, o processo criativo de simbolização encontra-se muito associado ao aparecimento das banalidades, em especial nos cartões I e V. No geral, domina uma forte componente formal, sendo escolhidos animais ajustados percetivamente ao engrama. Nas raparigas existe uma maior capacidade de (re)significação, dominando as respostas-símbolo: “*borboleta*” e “*morcego*”. Os rapazes operam uma elaboração do desconhecido, onde as imagens evocadas dão conta da força e da potência. Ainda dentro dos cartões compactos, salienta-se a capacidade das raparigas fazerem face à elaboração da dor mental inerente ao simbolismo latente do cartão IV, recorrendo também elas a imagens de animais fortes e potentes.

Na passagem para o segundo momento do desenvolvimento existe um aumento da capacidade de elaboração do processo criativo de simbolização. Este movimento é mais evidente nos cartões compactos, em particular no cartão I, que introduz o desconhecido da prova, suscitando no adolescente a necessidade de mobilizar internamente a *techne*, procurando dar um sentido ao desconhecido suscitado pela mancha. As respostas dadas neste cartão oscilam entre as banalidades mais usuais e a presença de um conjunto de outros animais dotados de um simbolismo menos inquietante, quando comparado com o do momento anterior do desenvolvimento.

Ainda dentro dos cartões compactos, no cartão IV é feito o apelo a dar um sentido e um significado a uma imagem de força e de potência, o que suscitou em ambos os sexos a necessidade de elaborar a dor mental, surgindo uma resposta continente, na qual é evidente a procura de um suporte e que aqui é revelada através da *techne*. O cartão V apela à projeção da

imagem de si, o que suscita um aumento da diversidade das imagens, em particular nas respostas das raparigas.

O processo criativo de simbolização encontra-se muito pouco presente nos cartões bilaterais, no primeiro momento do desenvolvimento, encontrando-se presente apenas em três respostas dadas nos protocolos das raparigas que fazem referência a respostas frequentes: “*lacinho*” no cartão III e “*pessoas*” no cartão VII, revelando-nos uma capacidade de ligação e a existência de um bom processo de simbolização.

Nos cartões pastel, a capacidade de elaboração do processo criativo encontra-se presente em ambos os sexos, revelando-nos a sensibilidade dos adolescentes à mudança que se opera no estímulo, onde predominam os determinantes sensoriais, em especial a cor, numa adequação com a mudança do estímulo, em especial no cartão VIII, que atendendo às suas características apela ao aumento da criatividade, surgindo nas respostas uma maior capacidade de abstração.

Alguns dos elementos que reunimos no psicograma também nos permitem aceder ao processo criativo de simbolização, revelando-nos a subjetividade presente no tornar-se. No primeiro momento do desenvolvimento, destacam-se em ambos os sexos a presença de G’s elaborados e de G’s impressionistas, reveladores da existência de um bom processo criativo, no qual está presente uma tonalidade lábil, dada a presença de elementos sensoriais. Aos 16 anos, este tipo de G’s encontra-se presente com uma grande incidência, mas apenas nos protocolos das raparigas. Os D’s elaborados encontram-se presentes apenas num dos protocolos dos rapazes, desaparecendo por completo no segundo momento desta avaliação.

No primeiro momento do desenvolvimento, as cinestésias humanas ligadas a determinantes de boa qualidade formal encontram-se presentes nos rapazes e nas raparigas, mas a sua incidência diminui consideravelmente com a passagem para o segundo momento do tornar-se, dada a maior estabilidade mental que diminui o movimento projetivo. Verifica-se uma relação inversa a esta na percentagem normativa das respostas de conteúdos humanos, que aos 13 anos surge dentro dos valores normativos apenas nas raparigas e com uma baixa incidência e aos 16 anos surge dentro dos valores normativos, em ambos os sexos e com um aumento da sua presença na maioria dos protocolos.

Quando o adolescente falha a elaboração do desconhecido, emerge a dor mental que leva ao aparecimento da recusa ou surge nas respostas Rorschach através de uma forte

presença de determinantes formais, de má qualidade formal ou imprecisos, esbatimentos de textura e de difusão, apresentando os conteúdos um valor regressivo mais acentuado, com inscrições em temáticas mais ligadas à natureza, destacando-se a presença de um forte dinamismo pulsional, o que revela a inexistência de um continente delimitador e transformador.

A falha do processo criativo de simbolização, no primeiro momento do desenvolvimento é particularmente evidente nos cartões bilaterais por serem aqueles que mais facilmente mobilizam a representação de si face ao Outro, numa lógica de sexuação e de complementaridade (Marques, 1993). Em especial, no cartão III, cuja disposição espacial da mancha apela para a representação do Eu na relação com o Outro, verificando-se aqui que a *techné* impossibilita o acesso à dinâmica relacional, ou seja, a uma relação contentora e transformadora, em particular nos protocolos das raparigas.

No primeiro momento do desenvolvimento, dentro dos cartões compactos, nas raparigas é no cartão VI que aparece uma maior incidência ao nível da falha no processo criativo de simbolização, dada a dificuldade de evocar um símbolo suficientemente estável, através do qual seja possível ligar os opostos, numa resposta-imagem-símbolo.

Os cartões pastel são aqueles que apresentam uma menor incidência da falha no processo criativo. No entanto, destacam-se os dois últimos, o IX pela dificuldade de elaboração da dimensão mais arcaica e o X pela dispersão presente no fim da prova, com uma maior frequência nos protocolos das raparigas, onde encontramos presente uma maior dificuldade em lidar com a dispersão e o caos.

A falha, no processo criativo de simbolização, aos 16 anos, é muito menos acentuada do que no momento inicial do processo de tornar-se, encontrando-se a maior dificuldade relacionada com o acesso ao relacional, com uma particular incidência em ambos os sexos no cartão II, por ser aquele onde se joga uma articulação entre um movimento mais evoluído e outro mais primário, favorecendo a articulação dos opostos, num processo criativo e dinâmico.

Nos cartões compactos, a falha do processo criativo de simbolização é mais saliente no IV, apenas nos protocolos das raparigas, o que se compreende atendendo ao apelo feito pelo cartão, de dar sentido e significado a uma imagem de potência, de força, até mesmo de autoridade (Chabert, 1983/1998), o que suscita a necessidade de elaboração do seu

desconforto, dada a reação disfórica, de estranheza e de angústia, o que não sendo possível suscita uma falha na elaboração da dor mental. Dentro dos cartões pastel, o IX é aquele onde a falha do processo criativo de simbolização está presente em mais protocolos, de ambos os sexos, por ser aquele que convida os adolescentes à elaboração de uma dimensão mais arcaica, pelo que mais difícil de simbolizar durante o processo de tornar-se adolescente.

A relação de encontro e de partilha entre sujeitos tem por base uma relação intersubjetiva e de co-construção, que neste estudo definimos como sendo um dos elementos presentes na *techne*, na medida em que nas respostas Rorschach, dadas pelos adolescentes, é possível um desmultiplicar de encontros, ligações e transformações entre objeto(s) interno(s) e objeto(s) externo(s) (Marques, 1999).

No primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente, o processo de co-construção apresenta para ambos os sexos uma grande incidência na relação intersubjetiva, destacando-se uma interação criativa, ativa e lúdica, mais presente no cartão III. Ainda dentro dos cartões bilaterais, o cartão VII favoreceu nas raparigas o aparecimento de uma interação dinâmica, e por contraponto, nos rapazes revelou-nos a existência de uma interação passiva.

Nas raparigas, aos 13 anos, a entrada nos cartões pastel revela-nos um movimento de construção interna que aponta no sentido da passagem da infância para a idade adulta, movimento que aponta no mesmo sentido do que está presente em alguns dos cartões compactos, que atestam a existência de uma boa ligação entre o dentro e o fora, ou seja, entre o mundo interno e o externo. Por contraponto, os protocolos dos rapazes revelam-nos nos cartões pastel e nos compactos, uma boa capacidade de elaboração da mudança catastrófica, o que atesta a existência de uma boa construção interna.

Aos 16 anos, é nos cartões pastel que se destaca a maior visibilidade do processo de co-construção, onde apenas nos protocolos das raparigas é visível uma maior ligação entre o interno e o externo, surgindo em ambos os sexos a capacidade de ligação e de (re)significação do conteúdo solicitado pelo cartão, em particular no X, onde tem lugar a elaboração da dispersão que anuncia a chegada ao fim da prova. Este é o cartão mais escolhido positivamente pelos adolescentes, na prova das escolhas, nos dois momentos do desenvolvimento, mas em grande maioria no final do processo de tornar-se.

O processo de co-construção, no final da adolescência, revela-nos um aumento da interação na dinâmica Eu-Outro, com maior incidência para ambos os sexos no cartão III, por

ser aquele que apela para a representação do Eu na relação com o Outro, evidenciando-se um maior dinamismo pulsional. Importa ainda destacar que as respostas dadas aos cartões compactos atestam uma boa estabilidade da identidade, sendo evocados símbolos com uma boa qualidade formal, associados a pictogramas dotados de força e de potência.

No momento inicial do desenvolvimento encontramos presente uma maior dificuldade na integração dos opostos, o que se verifica com uma maior incidência no cartão II, devido ao relacional e dentro dos cartões pastel, dado o convite que é feito à regressão. Nas raparigas encontramos presente uma dificuldade em aceder a uma relação intersubjetiva, especialmente nos cartões bilaterais (II e III). Por contraponto, nos rapazes é notória a dificuldade de elaboração da dor mental, reveladora da existência de uma falha ao nível do processo de co-construção.

Mas, aos 16 anos as falhas no processo de co-construção encontram-se relacionadas com a existência, nas raparigas, de alguma dificuldade de estruturação ao nível dos afetos, solicitados pelos cartões pastel e, nos rapazes, com a dificuldade de estruturação do masculino, perante a necessidade de elaboração da inquietação sentida na lógica dos opostos, em particular entre a atividade e a passividade, solicitadas pelo cartão VI, sendo dadas mais recusas e respostas-símbolo reveladoras das dificuldade ao nível dos limites entre o mundo interno e o externo.

No primeiro momento deste estudo encontramos uma maior condensação dos opostos de uma forma criativa, revelando-se o cartão IV o mais fértil na elaboração dos contrários, revelando-nos a *techne* a existência de um bom dinamismo mental, em conjunto com os cartões pastel IX e X, nos quais os opostos surgem ligados, permitindo a integração de realidades distintas. Já no final deste período do desenvolvimento a (re)significação dos opostos surge com uma maior incidência para ambos os sexos, nos cartões bilaterais, em particular no II atendendo à solicitação para uma dinâmica relacional, na qual se inscreve o pulsional, levando à reunião de elementos distintos, o masculino e o feminino.

A dificuldade em ligar os opostos, no início da adolescência, apresenta uma maior incidência no cartão II, um dos cartões mais escolhidos pela negativa, na prova das escolhas. No final da adolescência, a dificuldade em ligar os opostos, reveladora da impossibilidade de transformação psíquica é mais evidente no cartão VI, motivo pelo qual é um dos cartões mais escolhidos negativamente pelos adolescentes, o que aponta no mesmo sentido da falha existente ao nível do processo de co-construção. Ainda dentro da dificuldade em ligar os

opostos existe uma particularidade que se prende com a dificuldade de integrar a bissexualidade psíquica, mais evidente aos 13 anos, para um dos rapazes e aos 16 anos para o outro rapaz, ambos no cartão II, um dos cartões mais escolhido negativamente, nos dois momentos do processo de tornar-se.

Na passagem dos 13 para os 16 anos, os elementos da cotação revelam-nos um aumento dos G's impressionistas, mantendo-se estável a presença dos G's elaborados, o que nos dá conta de um bom processo de simbolização e de co-construção. No entanto, os elementos da cotação que definimos para explicitar a falha no processo de co-construção, neste estudo, não se revelam nestes protocolos, embora possam ser reveladores deste movimento noutros protocolos de adolescentes.

No quadro que se segue realizámos uma sistematização dos principais resultados encontrados para a *techne* em função do sexo e do momento do desenvolvimento dos adolescentes.

QUADRO 5 – Resumo da análise da *Techne*

<i>Techne</i>		Raparigas	Rapazes
Processo Criativo de Simbolização	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior capacidade de simbolização (I); - Maior incidência de continente transformador (V); - (Re)significação (V); - Elaboração dor mental (IV); - H% valores normativos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Simbolização limitada; - (Re)significação do desconhecido (I); - D's elaborados.
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior capacidade de simbolização; - Maior diversidade de imagens; - G's elaborados e impressionistas; - K de boa qualidade formal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Simbolização limitada.
Falha no Processo Criativo de Simbolização	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Impossibilidade de aceder ao relacional (III); - Maior dificuldade na elaboração dos opostos (VI); - Dificuldade de elaboração da dimensão arcaica (IX), dispersão e caos (X). 	
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Falha na elaboração da dor mental (IV). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade no acesso ao relacional (II), dimensão arcaica (IX).
Processo de co-construção	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Interação dinâmica (VII); - Construção interna (IX). 	<ul style="list-style-type: none"> - Interação passiva (VII); - Elaboração mudança catastrófica (pastel e compactos).
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Ligação interno/externo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação intersubjetiva, interação criativa, ativa, lúdica (III). - (Re)significação da dispersão (X) e dos opostos (II); - Aumento da interação dinâmica Eu-Outro (III); - Símbolos de boa qualidade formal; - Boa estabilidade identidade.
Falha no processo de co-construção	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em aceder a uma relação intersubjetiva (II e III). 	<ul style="list-style-type: none"> - Falha na elaboração da dor mental (VII); - Dificuldade em conciliar a bissexualidade psíquica (II).
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de estruturação dos afetos (pastel). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de estruturação do masculino/passividade (VI) e na integração da bissexualidade psíquica (II).

O *campo* é o lugar de encontro e de partilha intra e intersubjetivo, compreendido como um continente, gerador de novos conteúdos, como um espaço de transformação revelador dos processos de crescimento em curso (Ferro, 2006/2009). No Rorschach, as respostas dadas pelos adolescentes são o resultado do movimento que teve lugar no seu interior. Trata-se de uma narrativa que é comunicada ao Outro, constituindo-se como fundamental o bom funcionamento de uma relação continente-conteúdo. Nas respostas dadas pelos adolescentes aos 13 anos já é possível encontramos um continente estabilizado, mas é aos 16 anos que ele se apresenta mais consolidado e com uma função alfa transformadora e (re)significadora a funcionar.

No primeiro momento do processo de desenvolvimento adolescente, é nos cartões compactos e nos cartões pastel que é mais evidente a existência de um continente delimitador do caos e da dispersão, presente no início e no fim da prova, respetivamente nos cartões I e X, para ambos os sexos. Dentro dos cartões compactos, a estabilidade do continente-*campo* é mais evidente no cartão V por ser aquele que promove a realização das transformações reveladoras do tornar-se adolescente, favorecendo o que Bion (1965/1982) designou pela passagem do conhecimento para o pensamento ($K \rightarrow O$), o que só é possível dada a boa relação que se estabelece entre continente-conteúdo e o bom funcionamento da função alfa, na sua capacidade transformadora, pelo que as banalidades dominam nas respostas. A entrada nos cartões pastel suscita a necessidade de uma maior estabilidade para fazer face ao novo estímulo que é apresentado, pelo que é no cartão VIII que os adolescentes, em particular as raparigas, mobilizam a evocação de um continente, dada a necessidade de integrar os diferentes níveis de solicitação da mancha.

Aqui, as respostas que são reveladoras da existência de um continente, bem definido e delimitado, apresentam-se com engramas bem definidos, dotados de uma boa qualidade formal, mas principalmente, de uma boa representação simbólica, capaz de conter o caos suscitado pela mancha. As respostas traduzem uma boa representação de si, dada a evocação de figuras humanas corretamente percecionadas e o deslocamento para os conteúdos animais, que aparecem bem definidos, dominando as banalidades e os conteúdos ligados à natureza, onde as imagens evocadas traduzem simbolicamente a contenção da dispersão.

No segundo momento do processo de tornar-se encontramos presente uma capacidade muito superior de evocar um continente delimitador, transformador e (re)significador. Nas raparigas é notória a delimitação e a capacidade de transformação do desconhecido, suscitado

pelo cartão I, revelando-nos o *campo*-continente a existência de uma função alfa apta a conter e a transformar o caos. No cartão V permanece a capacidade de transformação, para os rapazes e para as raparigas, tal como já acontecia anteriormente, evidenciando-se agora uma maior circularidade psíquica, ou seja, uma maior capacidade de transformar e elaborar o desconhecido. Dentro dos cartões pastel, no cartão VIII passa a ser possível, para a grande maioria dos adolescentes, de ambos os sexos, lidar com o convite que é feito à regressão, dada a luta que se estabelece entre a dependência e a regressão, evidenciando-se uma maior capacidade em aceder à dinâmica relacional, reveladora de uma maior abertura ao conhecimento.

Ao contrário do que acontecia no primeiro momento do processo de tornar-se adolescente, em que não era possível estabilizar um continente nos cartões bilaterais, no segundo momento já é possível, especialmente no cartão VII, que atendendo às suas características convida a uma maior regressão, obrigando a que o continente-*campo* funcione, ao mesmo tempo, como delimitador dos espaços psíquicos e como transformador da falta. E no cartão III, por ser aquele que possibilita um melhor acesso à dinâmica da relação Eu-Outro, está presente uma cooperação, surgindo agora a possibilidade de representar a tensão e o caráter lúdico presente na interação, agora mais evidente nas respostas dos protocolos dos rapazes, já que aos 13 anos era mais evidente nas respostas dadas pelas raparigas, que oscilavam entre uma relação de tipo especular e a presença de uma dinâmica de tipo cooperativo e funcional.

Nos dois momentos do desenvolvimento, também encontramos presente a falha de um continente transformador e (re)significador. Aos 13 anos essa limitação encontra-se presente em alguns dos protocolos, de ambos os sexos, logo na entrada do desconhecido gerada pelo cartão I, onde ainda não é possível operar um movimento de transformação do caos criado pelo início da prova, emergindo uma falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos, não permitindo o acesso a uma resposta que integre a transformação do desconhecido. É nos cartões pastel que existe uma maior dificuldade em estabilizar um continente, para ambos os sexos, em particular nos cartões IX e X, por serem aqueles que reenviam para um elemento sensorial externo, não sendo ainda possível realizar a sua integração. Nos cartões bilaterais, a maior dificuldade ocorre ao nível da estruturação da relação Eu-Outro, em particular no cartão II onde o adolescente é convidado a representar a falta, traduzindo o *campo* a incapacidade de se operar uma passagem da posição esquizoparanóide (Ps) para a posição depressiva (D) e, no

cartão III onde é convidado a revelar a dinâmica intersubjetiva presente na relação Eu-Outro, o que no momento inicial do tornar-se ainda não é possível, revelando-nos as respostas-símbolo uma dificuldade ao nível da qualificação da relação entre as figuras humanas, em particular nos rapazes.

Com a passagem para o segundo momento do desenvolvimento, passa a ser possível aceder a um continente no cartão III, contudo permanece a limitação no cartão II, o que poderá estar relacionado com a dificuldade em dar um significado a uma relação intersubjetiva com o Outro, onde é necessário proceder a integração dos opostos através de uma relação criativa e dinâmica. No geral, no segundo momento do processo de tornar-se, as respostas dadas pelos adolescentes apresentam uma maior riqueza simbólica, em especial as que dão conta da representação de si, onde passa a ser possível a evocação da figura humana, mas também, a de figuras irrealis, sobrenaturais ou de lenda, revelando uma maior capacidade de conciliação entre diferentes realidades.

Aos 16 anos, no segundo momento do desenvolvimento, a falha de um continente é mais evidente nos cartões compactos, para ambos os sexos, em especial no IV onde se evidencia um forte movimento de identificação projetiva, uma vez que é aquele que coloca o adolescente perante a difícil tarefa de integrar dimensões opostas, suscitando a necessidade de realizar um processo de construção e de transformação, que oscila entre a avidez, a procura, o desejo de explorar e o contrário, o retraimento e a incapacidade em transformar, pelo que aqui encontramos presente uma dificuldade de conciliação, ou seja, de encontrarmos respostas-símbolos onde estas dimensões surjam ligadas e integradas. Os adolescentes referem-se mais facilmente a engramas dotados de uma má qualidade formal, onde existe uma maior dificuldade de diferenciação dos limites psíquicos.

Nos cartões pastel, no segundo momento do desenvolvimento, já existe a capacidade para conter a dispersão apresentada no último cartão. Contudo permanece a falha de um continente, nas respostas dadas ao cartão IX por alguns dos adolescentes, em especial pelos rapazes, o que poderá estar relacionado com a temática arcaica que aqui é solicitada, surgindo nas respostas uma falha ao nível da circularidade dos processos psíquicos, com respostas de cariz mais regressivo, com conteúdos ligados à natureza, reveladores de um forte dinamismo pulsional.

Outra das características do *campo* é a existência de um movimento de identificação projetiva massiva, que surge da incapacidade em organizar o caos, gerado pelo confronto com

a mancha. Este movimento encontra-se mais presente no primeiro momento do processo de tornar-se nas raparigas, o que se encontra diretamente relacionado com a maior dificuldade em estabilizar um continente transformador, levando a uma menor contenção do movimento disruptivo inerente ao crescimento. No segundo momento do desenvolvimento, existe uma maior capacidade de transformação, diminuindo a presença do movimento de identificação projetiva, que ainda se mantém para algumas raparigas.

A identificação projetiva, ao ser compreendida como uma forma de comunicação (Bion, 1962/1991), permite-nos aceder às trocas que se estabelecem na relação, mas é a perspetiva intersubjetiva que permite compreender a interação que se estabelece entre os sujeitos, reconhecendo o papel constitutivo da relação, onde o intrapsíquico e o intersubjetivo se constituem mutuamente (Machado, 2007).

Nos protocolos dos adolescentes que participaram neste estudo a identificação projetiva surge diretamente ligada à capacidade em apresentar uma maior estabilidade do Eu, aqui veiculada pelas grandes cinestésias. No primeiro momento desta avaliação, este movimento encontra-se essencialmente presente nas raparigas, passando no segundo momento a ser mais igualitário em função do género, revelando-nos uma maior estabilidade ao nível dos processos psíquicos, o que se reflete nas temáticas apresentadas, inicialmente mais ligadas à natureza, numa dinâmica mais pulsional e posteriormente, numa lógica integrativa de conciliação e co-existência de diferentes realidades.

Nem sempre foi possível aos adolescentes acederem a uma imagem, pelo que a recusa surgiu como a incapacidade da elaboração transformativa, revelando-nos o *campo* a existência de áreas de resistência. Nos adolescentes que aceitaram participar neste estudo foram dadas algumas recusas pontuais, mas não significativas, da incapacidade de elaboração transformativa, o que poderá ser devido às suas características enquanto sujeitos escolhidos para participar neste estudo. As respostas Rorschach são reveladoras do processo interno do tornar-se, numa atividade de ligação entre o interno e o externo, surgindo no *campo* um aumento da capacidade de transformação porque existe uma maior capacidade da contenção da dispersão, atendendo ao facto do *campo* se constituir como um espaço interativo e co-construtivo.

No *campo* encontramos presente uma circularidade entre espaço e tempo, diretamente relacionada com a forma como os objetos se apresentam em relação, numa dinâmica continente-conteúdo, reveladora do aumento do dinamismo psíquico. No primeiro momento

do desenvolvimento este movimento encontra-se especialmente presente, para os dois sexos, nos cartões bilaterais (III e VII), por serem aqueles que melhor favorecem a expressão da relação dinâmica Eu-Outro, enquanto no segundo momento do desenvolvimento já aparecem ligados ao cartão III, quer nos rapazes, quer nas raparigas.

Dos elementos da cotação que definimos para a análise do *campo* importa destacarmos aqueles onde encontramos as diferenças mais significativas entre os dois momentos do processo de desenvolvimento adolescente, tendo em conta os vários elementos presentes no *campo*. Nos modos de apreensão, a maior diferença diz respeito à utilização dos grandes detalhes, encontrando-se uma maior incidência das respostas de D's dentro dos valores normativos no primeiro momento, em ambos os sexos, aparecendo apenas num protocolo de uma rapariga no segundo momento, o que consideramos que poderá estar relacionado com o aumento de capacidade de ligar os vários elementos da mancha, conferindo-lhe um sentido e um significado na sua totalidade, deixando de ser necessária a parcialização, pelo que este valor se apresenta abaixo da média, surgindo uma maior incidência em todos os protocolos dos G's simples associados às banalidades.

Relativamente à presença dos determinantes, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, existe um aumento do F% dentro dos valores normativos, o que revela a existência de um continente bem delimitado, com a permeabilidade necessária para que ocorra a comunicação entre o mundo interno e o externo. Em ambos os momentos do desenvolvimento e para ambos os sexos encontramos presente a existência de determinantes duplos, com a particularidade de existir uma maior incidência nos cartões pastel, o que significa que existe uma sensibilidade às características sensoriais da mancha. A maior diferença encontra-se ao nível da utilização do esbatimento. Aos 13 anos são dados esbatimentos de textura e de difusão, enquanto aos 16 anos são só dados esbatimentos de textura, pelas raparigas e apenas no cartão IV que é aquele que suscita ao nível do *campo*, uma maior dificuldade em conciliar a dispersão, o que se traduz no aumento deste tipo de respostas que segundo Marques (1999), estão diretamente relacionadas com a substituição da função do objeto de dependência.

As respostas de cinestésias humanas estão presentes nos dois momentos do desenvolvimento, sendo importante destacar, aos 13 anos, a existência de respostas que revelam o carácter especular, para ambos os sexos, as quais dão lugar ao aparecimento de respostas no segundo momento, onde passam a estar presentes movimentos mais contrastados

e uma maior tensão na dinâmica relacional, em especial nas raparigas. As pequenas cinestésias de objetos percebidos em movimento, aos 13 anos, são dadas apenas por raparigas, ao cartão IX, revelando-nos a presença de um forte dinamismo mental, com conteúdos que se inscrevem na natureza, revelando o que Linhares & Pinheiro (2004/2009) definiram pela comunicação entre espaços, a qual desempenha uma função contentora.

Dentro dos conteúdos é importante destacarmos, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, o aumento das respostas reveladoras de objetos colocados numa relação do tipo continente-conteúdo, como por exemplo, na resposta que foi dada por Afrodite ao último cartão “...o fundo do mar” depois de terem sido dadas uma sequência de respostas alusivas a este cenário, foi possível reuni-las num continente, suficientemente estável para conter a dispersão presente no fim da prova. Este tipo de respostas encontra-se presente para os dois sexos. Nos dois momentos do desenvolvimento, a falha na relação continente-conteúdo é visível nos conteúdos presentes nos protocolos que apresentam um valor mais regressivo.

No quadro 6 encontramos um resumo dos principais elementos da análise do *campo* atendendo ao sexo e às idades dos adolescentes.

QUADRO 6 – Resumo da análise do *Campo*

<i>Campo</i>		Raparigas	Rapazes
Relação continente-conteúdo	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior estabilidade face à mudança do estímulo (VIII); - Boa qualidade formal; - Contenção da dispersão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Continte estável (I, V e X); - Objetos colocados em relação continente-conteúdo (III e VII).
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior capacidade de transformação do desconhecido (I); - Relação Eu-Outro: especular, cooperativo e funcional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação Eu-Outro caráter lúdico (III). - Continte consolidado; - Função alfa transformadora (VII e III) e (re)significadora (I e V); - Capacidade de lidar com a regressão (VIII); - Objetos colocados em relação continente-conteúdo (III e X); - F% dentro valores normativos.
Falha na relação continente-conteúdo	13 anos		<ul style="list-style-type: none"> - Maior dificuldade na qualificação das figuras humanas. - Dificuldade integração do desconhecido (I); - Dificuldade na estruturação da relação Eu-Outro (II e III); - Conteúdos de valor regressivo.
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Esmatimento textura (IV). 	<ul style="list-style-type: none"> - Falha continente (IX), respostas mais regressivas com um forte dinamismo pulsional. - Dificuldade na relação Eu-Outro (II); - Falha continente (IV); - Dificuldade na diferenciação dos limites psíquicos; - Conteúdos valor regressivo.
Identificação projetiva	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior estabilidade do Eu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alguma dificuldade em manter a estabilidade psíquica.
	16 anos		<ul style="list-style-type: none"> - Maior estabilidade dos processos psíquicos.
Identificação projetiva massiva	13 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Maior dificuldade em enunciar um continente no confronto com a mancha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Determinantes duplos (pastel).
	16 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Forte dinamismo mental (IX). 	<ul style="list-style-type: none"> - E difusão; - Diminuição do movimento disruptivo; - Determinantes duplos (pastel).

9. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

*“Fazer alarde de uma dor
é reduzi-la a proporções exíguas,
é transformá-la num espantalho comovente
de quem nós vemos o reverso
mesmo quando ele não convence
nem interessa...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 225) Vol. I

É chegado o momento de realizarmos a discussão dos resultados encontrados na análise dos protocolos de Rorschach dos adolescentes que participaram neste estudo, através dos quais vamos procurar descrever as transformações psíquicas que se encontram a decorrer durante o processo de tornar-se adolescente. Para se poder aceder ao verdadeiro processo de transformação, é fundamental que o movimento de análise e de interpretação possa reunir o que Marques (1999) designou pelo espaço virtual e o espaço real, o espaço de expressão e o espaço de repressão, a ordenação, a separação, a transformação e a criação. Deste modo, torna-se possível aceder e compreender os processos psíquicos em curso durante o desenvolvimento adolescente, no feminino e no masculino. Os organizadores *techne* e *campo* encontram-se inscritos nos modelos do crescimento e da expansão mental, pelo que será recorrendo a eles que agora podemos aceder, compreender e descrever as transformações em curso no tornar-se.

Na análise realizada dos protocolos de Rorschach, na passagem que tem lugar entre o primeiro e o segundo momento do processo de tornar-se, constatamos a existência de dois tipos de movimentos, um no sentido progressivo e outro no sentido regressivo. Embora durante o processo de desenvolvimento adolescente estes dois movimentos façam parte de um todo, a sua separação permite-nos explicitar as particularidades presentes na dinâmica da relação *techne-campo*.

O movimento com características regressivas é mais evidente nas raparigas, especialmente nos cartões que, pelas suas características, convidam o adolescente a realizar uma conciliação entre elementos mais evoluídos e outros mais arcaicos, surgindo a dificuldade de integração das diferentes solicitações, verificando-se uma falha ao nível do continente-*campo*, impedindo que os conteúdos-*techne* possam ser transformados.

Nos dois momentos do processo de tornar-se, rapazes e raparigas realizam um bom movimento progressivo, revelador da existência de uma integração e de uma conciliação dos diferentes elementos, do mundo interno e do mundo externo, que surgem ligados e integrados nas respostas Rorschach, revelando-nos a existência de um dinamismo mental e de uma maior capacidade de abstração ao nível da representação simbólica, traduzindo-se num aumento da circularidade psíquica na relação *techne-campo*, facilitadora da integração do conhecimento, essencial para o crescimento.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente está em construção o Eu, um processo interno, que se revela externamente, através da capacidade de dar um sentido e um significado ao novo e ao desconhecido, (re)significando e integrando o velho e o novo, o conhecido e o desconhecido. Através da análise dos resultados conseguimos destacar a existência de dois tipos de transformações: as que estão diretamente relacionadas com o Eu e as que traduzem os movimentos presentes na relação Eu-Outro. Procurámos representar simbolicamente os vários tipos de transformações que encontramos neste estudo, pois ajudamos a compreender de que modo é que decorre o movimento transformativo em curso no tornar-se adolescente.

Durante o processo de tornar-se adolescente, nas transformações do Eu destacamos dois tipos de transformações: a operante e a inoperante, as quais estão diretamente relacionadas com os movimentos progressivos e regressivos que acabamos de descrever e que acompanham o processo de crescimento do adolescente.

A **transformação operante** é mais saliente e traduz a capacidade do adolescente de dar um sentido e um significado à inquietação presente na entrada deste período do desenvolvimento, existindo no final do tornar-se uma maior capacidade de organização psíquica. É ainda reveladora da existência de uma maior estabilidade psíquica, na medida em que as respostas Rorschach já apresentam uma maior capacidade de conciliação e de integração dos vários elementos que são convidados a significar, surgindo um conjunto de respostas mais evoluídas, onde os vários elementos surgem ligados e (re)criados.

Este tipo de transformação é mais evidente nos cartões compactos e nos cartões pastel. Dentro dos cartões compactos existe uma maior incidência no início da prova, no cartão I, por ser aquele que coloca o adolescente perante o desconhecido do início da prova, verificando-se em ambos os sexos, uma maior capacidade de elaboração do desconhecido, operando-se um processo criativo de simbolização. E no cartão IV, onde o adolescente se vê confrontado com a necessidade de elaborar o seu desconforto, dada a reação disfórica, de estranheza e de angústia com a qual é confrontado e que levou ao aparecimento, em ambos os sexos, de respostas de animais dotados de características de força e de potência.

Nos cartões pastel, verificou-se em todos os adolescentes a capacidade de transformação da entrada nos afetos com o cartão VIII. Aqui assistimos a uma capacidade de fazer face à regressão, dada a evocação de um continente-*campo* com uma função alfa a operar emergindo mais respostas com uma boa qualidade formal e com conteúdos mais evoluídos. Alguns dos adolescentes conseguem ainda aceder a esta transformação no cartão X, mas atendendo à sua maior dispersão existe uma maior dificuldade em realizar um processo criativo de simbolização, evocando um continente transformador e (re)significador.

O *campo* ao ser compreendido através da oscilação contínua entre a abertura de significados e o fechamento ao conhecimento (Ferro, 2007/2011), ao ser inscrito numa relação com a *techne*, esta irá ter como função revelar o objeto, tendo por base o seu comportamento (Vassalli, 2001). Deste modo, as respostas Rorschach irão permitir-nos aceder a objeto(s) símbolo(s), que irão ser reveladores da transformação que se operou no interior do sujeito. Tendo por base este processo, a transformação operante pode ser compreendida como um processo de ligação e de (re)construção do mundo interno, comunicado no mundo externo através das respostas reveladoras da transformação (re)significadora, pelo que poderá ser representada pelo sinal positivo $(T-C)^+$, cuja função é a de representar a capacidade de operar uma transformação dos movimentos disruptivos e descontínuos em movimentos dotados de uma maior estabilidade psíquica, através de um movimento integrativo e construtivo, gerador de crescimento mental.

Podemos dizer que a transformação operante $(T-C)^+$ resulta da junção de uma transformação positiva da *techne* (T^+), que revela a existência de uma boa capacidade de simbolização, aliada a uma estabilidade identitária com uma transformação positiva do *campo* (C^+), que revela a consolidação psíquica, dada a estabilidade do continente.

A transformação operante no feminino (T-C)⁺♀ traduz-nos a passagem do vago e do disperso para uma transformação reveladora de uma maior organização psíquica, onde encontramos presente uma maior flexibilidade dos processos do pensamento, passando a ser possível a conciliação e a integração do antigo e do novo, agora (re)criado, tornado conhecido. Por contraponto, a transformação operante no masculino (T-C)⁺♂ diz respeito à passagem de movimentos clivados de carácter disruptivo, onde dominam os movimentos de identificação projetiva, para um aumento da capacidade de simbolização dos diferentes conteúdos a que o adolescente é convidado a dar sentido nos cartões Rorschach.

Tomemos como exemplo de uma transformação operante, a que Atena realiza na passagem do primeiro para o segundo momento do seu desenvolvimento, no cartão I, aquele que por excelência confronta o sujeito com o novo e o desconhecido, convidando-o a dar um sentido e um significado à mancha. No primeiro momento surgem as respostas: *“Parece um pássaro, com mais uma asa, em vez de ter duas tem três”* e *“Uns dentes, parece umas moscas que há. Tem uns dentinhos à frente, uma cauda. É só”*. Começamos com uma imagem próxima da banalidade *“...um pássaro...”* mas que é construída de uma forma estranha, com três asas, o que nos revela a existência de um processo criativo. Passamos para *“...umas moscas...”*, uma resposta que se constrói com base no recorte perceptivo da mancha, encontrando-se presente apenas um rudimento de um continente. É na passagem para o segundo momento do desenvolvimento que o continente passa a apresentar uma maior estabilidade, através do aparecimento da banalidade: *“...Um morcego com quatro asas e umas anteninhas”*, aliando-se a criatividade com a estranheza do percepto.

No masculino escolhemos a transformação operante realizada por Zeus, no cartão IV, na passagem do primeiro para o segundo momento do seu desenvolvimento. Inicialmente refere *“Uma planta. Uma folha destroçada rasgada”* e *“Um animal com asas, esquisito”*, um movimento onde se apresentam dois lugares distintos, o dano e o desconforto gerado pela densidade do estímulo, mas que ainda não está estabilizado. No momento seguinte do seu desenvolvimento diz: *“Um morcego”* surgindo a capacidade de fazer face a um bom processo criativo, o que nos revela um aumento da sua capacidade de simbolização.

Quando a *techne* traduz a falha no seu processo criativo e co-construtivo, durante o tornar-se, significa que não foi possível *“construir-se um caminho no escuro”* (Caper, 2009) e que no *campo* a matriz de histórias suscitou a necessidade de permanecer na dúvida, dada a incapacidade de ligar a emoção (re)organizando-a a partir de um outro vértice facilitador da

alfabetização das proto-emoções (Ferro, 1999/2000). Quando durante o processo de tornar-se é este o movimento que está presente, entre os 13 e os 16 anos, encontramos-nos perante o que designamos por uma **transformação inoperante**, que pode ser representada pelo símbolo negativo, dada a incapacidade de transformação que está presente na relação *techne-campo* entre os dois momentos do desenvolvimento ($T-C^-$), existindo uma dificuldade em dar um sentido e um significado a algumas das temáticas propostas nos cartões Rorschach.

Esta dificuldade encontra-se diretamente relacionada com a presença de uma transformação negativa da *techne* (T^-), em conjunto com uma transformação negativa do *campo* (C^-), o que significa que existe uma impossibilidade da *techne*-continente poder conter e transformar os conteúdos-*campo*, assim como o *campo*-continente falha na sua função contentora dos conteúdos-*techne*, levando ao aparecimento de movimentos mais regressivos, embora de uma forma circunscrita, pois surgem particularmente ligados à dificuldade de simbolizar o desconhecido a as dimensões mais arcaicas, levando ao aparecimento de um forte mecanismo de identificação projetiva.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente são amplamente conhecidos os fortes contrastes e os intensos movimentos de identificação projetiva que nele estão contidos. Braconnier (1985) descreve-nos os movimentos que vão da desidealização à idealização e da clivagem à integração, movimentos que neste estudo podemos compreender através da oscilação que se opera entre as transformações operantes e as inoperantes, uma vez que existem processos que se estão a desenrolar, ao mesmo tempo que existem outros que ainda se estão a formar, o que significa que o crescimento decorre de uma forma progressiva, coexistindo movimentos mais regressivos com outros mais evoluídos que promovem e estruturam o crescimento.

É neste sentido, da progressiva estruturação dos processos psíquicos que consolidam o tornar-se, que as transformações operantes desempenham um papel muito importante, atendendo ao tipo de movimento progressivo subjacente às transformações psíquicas em curso. Através dos resultados obtidos neste estudo foi-nos possível destacar a existência de duas variantes neste tipo de transformações, que vamos designar por transformações da máscara e por transformações de mapeamento identitário, ambas diretamente relacionadas com a construção do Eu.

Escolhemos a designação de **transformações da máscara** porque na mitologia a máscara é concebida como um meio de exprimir a ausência na presença (Vernant & Vidal-

Naquet, 1981/2008). Através das transformações da máscara procuramos descrever os movimentos de ligação dos opostos presentes no tornar-se, uma vez que a máscara é um objeto que condensa uma dupla característica, esconde e revela, numa duplicidade carregada de simbolismo, podendo desmultiplicar-se em diferentes sentidos e significados, dependendo do contexto (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Nos protocolos utilizados para a realização deste estudo, encontramos várias referências a opostos, o que nos suscita uma necessidade de os agrupar, de modo a ser possível dar-lhes um sentido e um significado. A sua conciliação é um imperativo, sem o qual não é possível realizar integrações para poder avançar no crescimento, favorecendo a estruturação de uma boa circularidade psíquica. A necessidade de encontrarmos um sentido e um significado para a conciliação entre movimentos contrastados reporta-nos para a Grécia Antiga, onde a necessidade de designar o indizível, o impensável, o caos, aparece feita pela máscara monstruosa de Gorgó. Esta representa o nosso duplo, numa alteridade radical, conjugando-se no seu rosto: o masculino e o feminino, o jovem e o velho, o belo e o feio, o humano e o bestial, o celeste e o infernal, o alto e o baixo, o dentro e o fora (Vernant, 1958/1988).

Com base nos resultados obtidos podemos separar as transformações da máscara referentes à realidade externa, onde existe uma procura de conciliação de diferentes espaços; entre o alto e o baixo, o céu e a terra, entre a terra e a água, fora da terra e dentro de água, fora do corpo e dentro do corpo. E as transformações da máscara referentes à realidade interna, nas quais está presente uma conjugação das várias capacidades do próprio, entre o infantil e o adulto, o feminino e o masculino, o forte/potente e o fraco/frágil, o submisso/indefesso e o dócil/ágil.

Estes dois tipos de transformação podem ser pensados através da noção do “*conflito estético*” de Meltzer (1990), onde está presente uma relação entre o belo exterior e o enigmático interior, entre o conhecido e o desconhecido, que ao serem ligados e (re)criados permitem avançar no crescimento. Deste forma, as transformações da máscara referentes à realidade externa e à realidade interna deverão ser ligadas e (re)criadas pelo adolescente, tornando possível a elaboração do conflito psíquico e da dor mental inerente ao desenvolvimento.

Dentro das transformações da máscara referentes à realidade interna destacamos a importância do feminino e do masculino, na sua qualidade oposta, dado que no primeiro

momento do desenvolvimento encontramos presente apenas um esboço da separação entre estas duas dimensões, em dois dos adolescentes, uma rapariga e um rapaz. Mas, aos 16 anos, este movimento já é visível em quase todos os protocolos, traduzindo uma maior estabilidade destas duas dimensões psíquicas essenciais na construção identitária do adolescente.

Para Marques (1999), o feminino e o masculino são dois dos organizadores que fundam a identidade de cada sujeito. No Rorschach, o masculino e o feminino surgem ligados em cada uma das manchas, sendo pedido ao sujeito que realize um trabalho de ligação, mas ao mesmo tempo de separação, entre o masculino e o feminino, surgindo no final a resposta, como um produto final onde os elementos emergem (re)criados, dotados de novos sentidos e de novos significados.

As transformações da máscara vão permitir que ocorra o que Ferro (1999/2000) designou pela alfabetização das protoemoções, que são transformadas em narrativas fluidas, possibilitando a formação contínua de elementos alfa, os quais são comunicados através da(s) resposta(s)-símbolo(s), que visam dar um sentido à turbulência interna, e às quais podemos aceder através do processo de resposta Rorschach.

Nos vários protocolos observamos um aumento da capacidade de transformação e de elaboração do desconhecido, o que tem subjacente a existência de uma progressiva capacidade de integração e de unificação, reveladora da forma como os símbolos se apresentam na sucessão das respostas ao longo do protocolo. O processo de simbolização também nos revelou uma boa articulação dos opostos, em particular entre o presente e o ausente, uma procura ativa entre os movimentos de ligação e os de desligação, entre o familiar e o estranho, em passagens harmoniosas e conciliadoras, reveladoras da existência de um bom processo criativo durante o tornar-se adolescente.

Durante o processo de tornar-se adolescente encontramos presente uma oscilação entre o desejo ávido de explorar e de conhecer e o seu oposto, o retraimento e o fechamento, numa retirada da realidade envolvente, num quase alheamento a tudo e a todos. Na mitologia esta ambivalência é representada por Dionísio, um Deus com quem o homem só pode entrar em contacto cara a cara: sendo impossível olhá-lo sem cair imediatamente sob o fascínio do seu olhar, o qual nos arrasta para fora de nós mesmos, ele representa a condensação entre o presente e o ausente, porque quando está na terra também está no céu entre os deuses, mas quando está no céu, não deixa de estar na terra. É aquele que, unindo o céu e a terra,

normalmente separados, insere o sobrenatural em plena natureza (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008).

Os protocolos dos adolescentes são muito ricos em transformações da máscara referentes à realidade externa, o que se deve à necessidade de colocar fora, na realidade externa, o que é sentido como sendo da realidade interna, mas que dada a proximidade psíquica não facilita a sua elaboração. Na psicanálise, Ferro (2007/2011), explica este movimento que ocorre entre a abertura de significados e o fechamento ao conhecimento, através de várias noções, nomeadamente a da oscilação entre a capacidade negativa e o facto seleccionado (NC↔SF).

Quando o adolescente se vê confrontado com a necessidade de realizar uma conciliação entre realidades opostas, surge como fundamental a boa circularidade psíquica, o que significa que a *techne*-continente se liga a um *campo*-conteúdo, através de uma relação dinâmica onde a *techne*-conteúdo é significada pelo *campo*-continente. Inerente a esta dinâmica está a oscilação entre a capacidade negativa e o facto seleccionado. No primeiro momento do desenvolvimento que estudámos, já existe, para quatro dos adolescentes, a capacidade de elaborar esta oscilação, traduzindo-se nas respostas Rorschach através da relação dinâmica entre a capacidade negativa e o facto seleccionado (NC↔SF), ou seja, entre a capacidade de permanecer na dúvida (Ps) e a possibilidade de permitir uma abertura ao significado e à escolha de uma imagem símbolo que feche o significado, suscitando uma (re)organização do *campo* (Ferro, 1999/2000).

Na passagem para o segundo momento do desenvolvimento, este movimento esbate-se, o que consideramos que poderá estar relacionado com o aumento da capacidade de aceder a um símbolo, dotado de novas qualidades, capaz de dar um sentido e um significado ao que de inquietante foi despoletado pela mancha. Nas respostas dadas pelos adolescentes, assistimos a várias passagens que se operam entre o vago e o disperso, no primeiro momento do desenvolvimento, para a capacidade de separação e de delimitação, no segundo momento, denotando-se assim uma maior presença de facto(s) seleccionado(s), ou seja, de respostas-símbolo que ligam os vários elementos da mancha.

Quando o adolescente apresenta a capacidade de conciliar a “duplicidade da máscara”, ou seja, a articulação entre as transformações da máscara referentes à realidade externa e à realidade interna, constitui-se um movimento integrador da transformação operante durante o processo de tornar-se adolescente. Encontramo-nos perante uma relação dinâmica, continente-

conteúdo, *techne-campo*, na qual decorre um bom processo criativo de simbolização e de construção.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente existe a necessidade de estabilizar a representação do próprio, face ao novo e desconhecido, muitas vezes sentido como inquietante, que terá de ser transformado e integrado, passando a conhecido, permitindo que ocorra uma evolução e um crescimento. Estamos muito próximos da definição da *techne*, segundo a qual nada está construído à partida, mas emerge à medida que se vai formando (Vassalli, 2001). Assim, o tornar-se aproxima-se de uma produção artística que tem o propósito de comunicar e que se vai revelando, tal como acontece nos processos de criação artística (Caper, 2009). Dentro das transformações operantes, mas especificamente para dar conta desta particularidade do crescimento, ligada à construção dos processos identitários, estruturámos o que designámos por: **transformações de mapeamento identitário**.

As transformações de mapeamento identitário são mais evidentes nas raparigas, no primeiro momento do processo de tornar-se. As respostas reveladoras deste tipo de transformação têm a função de ligar os vários elementos da mancha, surgindo imagens definidas, ainda que por vezes incorretamente percebidas do ponto de vista formal. No segundo momento do desenvolvimento, esta procura esbate-se, torna-se menos evidente, mas nas respostas em que ainda está presente apresenta um simbolismo mais rico e dotado de uma maior abstração, através do qual nos é possível aceder a novas designações simbólicas, nomeadamente, a procura de um rosto e de atribuições que claramente estão conotadas com o feminino e/ou com o masculino.

Na literatura, está amplamente descrita a importância do materno na descoberta do caminho para o feminino e do paterno para o masculino (Birraux, 1988). É neste sentido que se constitui de extrema importância, durante o processo de tornar-se, a consolidação do relacional materno como um dos elementos fundamentais na passagem à idade adulta, no caminho de acesso ao feminino ou ao masculino.

Neste estudo, em ambos os momentos do processo de tornar-se são dadas respostas reveladoras da integração do materno, em particular no cartão VII, o que em muito se deve às características esbatidas da mancha e aos seus contornos pouco definidos que convidam à regressão, evidenciando a *techne*-continente a existência de uma capacidade de transformação do *campo*-continente, no qual está presente uma boa função *rêverie* e a *techne*-conteúdo, o aumento da capacidade de simbolização, revelando-nos o *campo*-conteúdo a existência de um

maior dinamismo mental, dado o aumento da significação. Aos 13 anos, as referências ao materno são feitas apenas nos protocolos das raparigas, essencialmente através de conteúdos humanos. Aos 16 anos já surgem em ambos os sexos, mantêm-se as referências às figuras humanas, mas assistimos a uma maior abertura às figuras irrealis, sobrenaturais ou de lenda.

A estabilidade da identidade tem subjacente o bom funcionamento de uma relação continente-conteúdo, sem a qual não é possível inscrever a infinidade de respostas possíveis suscitadas pelas manchas Rorschach. A *techne* é aqui o meio facilitador para a compreensão do processo que está a decorrer, a emergir no próprio processo de resposta Rorschach. Nos protocolos dos adolescentes foi possível encontrarmos, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, um movimento integrador da dispersão, o qual gera uma maior estabilidade e possibilita um aumento da capacidade de abstração, aquando da elaboração do processo de resposta Rorschach.

Este movimento conjuga-se com o aumento da relação, de encontro e de partilha durante o tornar-se adolescente, onde inevitavelmente está presente uma relação intersubjetiva e de co-construção. Está em funcionamento uma “*mudança catastrófica*” no sentido bioniano, geradora de desequilíbrios, geradores da procura de novos estados de equilíbrio, gerando o que Matha (2010) designou pela reorganização da identidade, o que só é possível através da negociação entre o antigo e o novo. No Rorschach, a tradução deste movimento é mais evidente, por exemplo, no cartão V por ser aquele que está diretamente relacionado com a representação do próprio, mas também, porque aqui a *techne*-continente tem como função a transformação dos elementos tóxicos do *campo*-conteúdo, gerando-se novos sentidos e significados com base na *techne*-conteúdo que será (re)significada pelo *campo*-continente, favorecendo a expressão da criatividade, no processo ativo e dinâmico que é crescer.

No protocolo de Gaia encontramos presente uma transformação de mapeamento identitário no cartão VII, que se caracteriza pela particularidade de colocar o adolescente perante a tarefa de pensar o relacional, inscrito numa relação direta com o simbolismo materno/feminino. Aos 13 anos dá a resposta: “*Parecem duas raparigas, assim com uns totós. Parece que tão a dançar, mais ou menos*” descrevendo no inquérito “A cara e o cabelo, as mãos...” uma procura ainda ténue de descrição e de circunscrição do feminino, que se estabiliza na passagem para o segundo momento do desenvolvimento, quando dá a resposta: “*Dois raparigas, como numa dança.*” Explicando no inquérito “A face é feminina, os cabelos compridos, o corpo, parece que estão com saias.” Gaia realiza uma reunião dos vários

elementos que constituem a mancha, numa resposta onde está presente um enaltecimento do feminino, sendo agora possível a integração da sua sensualidade, através da referência a uma dança, aqui entendida como um movimento de unificação e de integração das transformações que estão em curso durante o processo de desenvolvimento adolescente e que se traduzem no e pelo corpo.

Em síntese, podemos dizer que dentro das transformações do Eu, a transformação operante $(T-C)^+$ caracteriza-se pela passagem dos movimentos disruptivos e descontínuos para uma maior estabilidade psíquica. Este tipo de transformação no feminino $(T-C)^+♀$ caracteriza-se pela passagem do vago e do disperso para um movimento dotado de uma maior flexibilidade psíquica, no qual é possível conciliar o antigo e o novo. E no masculino $(T-C)^+♂$ revela uma passagem da clivagem para um progressivo aumento da capacidade de simbolização. A transformação inoperante $(T-C)^-$ decorre da passagem que se opera entre a incapacidade de transformação e a dificuldade em dar um sentido e um significado ao novo e ao desconhecido, não tendo sido possível apurar diferenças entre o feminino e o masculino.

Ainda dentro das transformações do Eu, as transformações da máscara são reveladoras da capacidade de ligar os opostos, com uma incidência na realidade externa, quando existe a conciliação de diferentes espaços, ou com uma incidência na realidade interna, quando a conciliação diz respeito às capacidades do próprio. E, por fim, as transformações de mapeamento identitário são reveladoras de uma procura identitária.

Tornar-se adolescente só é possível na relação que se estabelece com o(s) Outro(s). Trata-se de um processo ativo e dinâmico, no qual está presente uma relação intersubjetiva, que aqui procuramos compreender, para dar a conhecer os movimentos que lhe são inerentes e que são facilitadores de uma co-construção. A intersubjetividade é conhecida como um processo de comunicação inconsciente, no qual dois mundos são colocados em comunicação, suscitando o resultado uma alteração nos dois membros envolvidos na relação. Para podermos aceder às transformações que decorrem com base no processo intersubjetivo, baseamo-nos na teoria de Brown (2011), segundo a qual as duas partes envolvidas conhecem-se e comunicam entre si, criando um novo significado, que antes estava oculto, ao qual não era possível acedermos e que através da mudança passa a ser possível conhecer e compreender. Este processo tem subjacente a noção de encontro e de processos interativos entre sujeitos,

implicando o reconhecimento do outro, para que na sua presença o próprio possa experienciar a sua própria subjetividade (Stolorow & Atwood, 1996).

Entre os dois momentos do processo de desenvolvimento adolescente, uma das transformações que está em curso é a da relação Eu-Outro, na qual está presente um processo intra e intersubjetivo, aqui conceptualizado através da relação dinâmica do tipo continente-conteúdo, que se estabelece entre a *techne* e o *campo*, ou seja, entre a capacidade de simbolizar e a de conter para transformar, gerando-se um espaço interno que segundo Bollas (2011), constitui a imaginação privada, a criatividade, funcionando como uma fonte para as relações interpessoais. É neste espaço interno que encontramos presente a circularidade entre a *techne*-conteúdo vs. *campo*-continente e a *techne*-continente vs. *campo*-conteúdo, que tem na sua base o encontro entre o sujeito e o objeto, mas também entre o objeto e o sujeito, promovendo o crescimento mental.

Neste estudo, procurámos conceptualizar as transformações psíquicas presentes na dinâmica Eu-Outro, através da relação *techne-campo*, com base em três níveis de análise, procurando explicitar a especificidade dos processos que lhe estão subjacentes. Designamos o primeiro nível por transformação inconclusiva, o segundo por pré-transformação e o terceiro por transformação progrediente, procurando através desta sequência de transformações dar conta dos movimentos inerentes à relação intersubjetiva e co-constitutiva.

Na **transformação inconclusiva** do primeiro nível, encontramos presente uma ausência de relação entre a *techne* e o *campo*, o que significa que existe uma impossibilidade de transformação, ou seja, uma incapacidade em aceder à relação Eu-Outro na passagem que ocorre de um momento, para o outro momento do desenvolvimento. Aqui, encontramos uma saturação de transformações negativas: da *techne* (T^-) e do *campo* (C^-).

As transformações negativas da *techne* (T^-) traduzem-nos a falha ao nível do processo de simbolização, revelando-nos a incapacidade do adolescente em mobilizar um processo criativo e co-constutivo, permanecendo no caos, ou seja, na posição esquizoparanóide (Ps) numa incapacidade em aceder à posição depressiva (D). As respostas Rorschach traduzem a impossibilidade de elaboração e de integração dos vários elementos, dominando os elementos de má qualidade formal, reveladores da impossibilidade de elaboração do processo criativo.

No primeiro momento do desenvolvimento, as transformações negativas da *techne* (T^-) são mais evidentes nas raparigas, particularmente ao nível da falha no processo criativo

de simbolização, operando-se uma mudança na passagem para o segundo momento do desenvolvimento, onde a maior dificuldade para os rapazes é a integração da bissexualidade psíquica, ou seja, encontramos-nos perante a incapacidade de realizar uma integração do feminino e do masculino numa lógica de complementaridade, o que segundo Marques (2003) se apresenta com uma particular utilidade para a compreensão da bissexualidade psíquica.

E as transformações negativas do *campo* (C^-) surgem quando não se estabilizou um continente. Surge uma dificuldade ao nível da diferenciação dos limites psíquicos, inviabilizando o acesso a uma relação intersubjetiva, levando ao aparecimento de um forte movimento de identificação projetiva. À medida que avança o processo de tornar-se, verifica-se uma diminuição dos processos disruptivos no *campo*, permanecendo no entanto, a dificuldade ao nível da relação Eu-Outro.

No primeiro nível, na transformação inconclusiva, consideramos que domina o que Grotstein (2005) designou por “*transidentificação projetiva*”, ou seja, a identificação projetiva intrapsíquica, uma vez que ainda não existe uma barreira delimitadora e diferenciadora entre o que é projetado pelo sujeito e o objeto da projeção, ou seja, o adolescente ainda não consegue conter e elaborar as transformações que estão a decorrer no seu processo de crescimento, pelo que quando é convidado a dar um sentido e um significado às manchas Rorschach que se encontram, à partida, desprovidas de qualquer significado, não consegue manter a distância necessária para realizar o processo de simbolização. Deste modo, encontramos-nos perante a ausência de circularidade psíquica entre a *techne* e o *campo*, o que significa que ainda não existe um continente capaz de (re)significar o desconhecido, inviabilizando o acesso ao conhecimento e impedindo o crescimento mental.

Na transformação inconclusiva encontramos-nos perante uma díade *techne-campo* que não promove a circularidade psíquica, pelo que a representamos através da junção de uma transformação negativa da *techne* (T^-) com uma transformação negativa do *campo* (C^-), sem a presença de uma interação na díade (T^-C^-). A ausência de relação entre a *techne* e o *campo* leva a uma permanência na posição esquizoparanóide (Ps), impossibilitando que se realizem transformações, ou seja, sem que se opere uma passagem para a posição depressiva (D), onde decorre a introjeção do objeto, com as suas características boas e más, que antes estavam separadas e que agora passam a poder estar reunidas, favorecendo a sua integração (Klein, 1940/1996). Esta incapacidade inviabiliza o acesso a um processo criativo de simbolização, não se gerando novos sentidos e significados.

No *campo*, o que não pode ser pensado gera o aparecimento de baluartes, ou seja, áreas de resistência dupla que geram a necessidade de manter a distância, inviabilizando a sua interpretação e significação (Ferro, 1999/2000). Mas, no *campo*, o que não pode ser pensado e transformado, pode passar de uma mente para outra mente, especialmente quando as forças que o constituem pertencem aos que nele estão envolvidos (Ferro & Civitarese, 2015). Atendendo a estas concepções teóricas, a interpretação das respostas Rorschach reveladoras da transformação inconclusiva, deverá ser realizada não só pelo que contém, mas também pelo que não é referido e que se manifesta na sua ausência.

Algumas das respostas dadas pelos adolescentes são ilustrativas da transformação inconclusiva, uma vez que operam uma passagem entre um movimento de retirada e a expressão de um lugar interno, que revela a ausência, o vazio, revelando-nos a *techne* a incapacidade em mobilizar um processo criativo e co-constutivo (T^-) e o *campo* a falta de uma função alfa, dada a instabilidade do continente (C^-), o que inviabiliza a circularidade psíquica (T^-C^-).

A transformação inconclusiva tem uma maior incidência no feminino (T^-C^-) ♀ , pois quando ocorre no masculino (T^-C^-) ♂ , no protocolo de um dos adolescentes, refere-se justamente à incapacidade que ainda existe em estruturar o masculino. Deste modo, podemos designar este tipo de transformação no feminino como revelador, no primeiro momento do desenvolvimento, da existência de uma incapacidade em aceder à relação Eu-Outro, que na passagem para o segundo momento do desenvolvimento se encontra relacionada com a incapacidade em conter e transformar a dispersão psíquica, dada a dificuldade em simbolizar.

Nos protocolos de Hera, as respostas dadas nos dois momentos do seu desenvolvimento, ao cartão VII, são particularmente ilustrativas da transformação inconclusiva, uma vez que operam uma passagem entre um movimento de retirada para uma “...ilha deserta...” no primeiro momento do desenvolvimento e um “...vazio dentro de algo...”, no segundo momento do desenvolvimento, passando a ser possível a expressão de um lugar interno, onde a *techne* ainda não permite mobilizar um processo criativo e co-constutivo (T^-) e o *campo* não apresenta um continente estável (C^-), faltando-lhe a função alfa, para poder operar a transformação do vazio num processo criativo com sentido e significado (T^-C^-), o que permitiria passar para o nível seguinte de transformação.

Concebemos o segundo nível como uma **pré-transformação** da relação *techne-campo*, ou seja, um esboço da relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, na qual tem

lugar uma estruturação progressiva dos processos intersubjetivos presentes na interação, mas que ainda se encontram em construção. A pré-transformação, tal como o seu nome indica, procura dar conta de um processo que ainda não se realizou completamente, que está em curso, o que implica uma articulação entre uma transformação positiva e outra negativa, da *techne* e/ou do *campo*.

Na pré-transformação, as transformações negativas da *techne* (T^-) encontram-se relacionadas com a falha do processo criativo de simbolização. As transformações positivas da *techne* (T^+) são aquelas que estão relacionadas com a boa capacidade de construção do adolescente, revelando-nos o seu tornar-se um bom processo criativo de simbolização, aliado a uma boa co-construção para fazer face ao desconhecido, conferindo-lhe novo(s) sentido(s) e significado(s), revelando-nos o adolescente uma boa capacidade de elaboração da dor mental, subjacente ao seu processo interno de crescimento e de transformação. Nesta transformação, é a presença de uma relação de co-construção que nos permitirá aceder ao que Marques (1999) designou pelo desmultiplicar de encontros, ligações e transformações entre os objetos internos e externos que são revelados nas respostas Rorschach, permitindo-nos o acesso a um intrincado de significados, que ao serem ligados e integrados, passam a ser mobilizadores da riqueza e do dinamismo mental.

No processo de tornar-se, encontramos em ambos os sexos transformações positivas da *techne* (T^+). No feminino, as transformações positivas da *techne* revelam uma maior capacidade de simbolização e de (re)significação, permitindo o acesso a uma relação de ligação entre o interno e o externo. No masculino estas transformações traduzem a elaboração da mudança catastrófica, estruturando a base para a dinâmica relacional.

No *campo* é fundamental o espaço de transformação, para que deste modo emergjam os conteúdos, pois só desta forma pode funcionar como um continente, gerador de novos sentidos e significados (Ferro, 2006/2009). O Rorschach, lugar de encontro entre o sujeito e o objeto, gera as respostas em cada um dos cartões, que revelam a construção intersubjetiva inerente ao tornar-se, mas que ao mesmo tempo são a expressão do encontro que teve lugar naquele espaço-tempo onde ocorreu a turbulência emocional. Nos protocolos dos adolescentes verificamos que na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, existe um aumento da capacidade de exploração das novas possibilidades, o que só é possível dada a existência do um *campo* a funcionar, na sua capacidade contentora e transformadora.

As transformações positivas do *campo* (C^+) são aquelas que se encontram relacionadas com a capacidade do adolescente de aceder a um continente, suficientemente estável e delimitado, no qual possa operar a função alfa, na sua qualidade transformadora e (re)significadora. No início do processo de desenvolvimento adolescente já encontramos presentes estas transformações, mas é no segundo momento do desenvolvimento que assumem um maior relevo, permitindo uma maior estabilidade dos processos psíquicos.

No Rorschach, as transformações positivas do *campo* (C^+) são aquelas que nos permitem aceder a respostas-símbolos que ligam o interno e o externo, revelando-nos o trabalho de união, integração, comunicação, ligação e transformação (Marques, 1999), o que no *campo* nos é revelado através dos pictogramas, elementos alfa-conscientes, que transmitem o processo intersubjetivo (Ferro, 2002). As transformações positivas do *campo*, no feminino, apresentam uma dinâmica de tipo: especular, cooperativo e/ou funcional. No masculino, surgem apenas interações de tipo lúdico, o que poderá ser conotado com a presença de uma maior imaturidade e infantilidade.

Quando o adolescente, no seu processo de tornar-se, não consegue realizar o trabalho interno de ligação e de transformação, surgem as transformações negativas do *campo* (C^-) que veiculam a existência de baluartes, ou seja, de áreas de resistência (Ferro, 1999/2000), que traduzem a falha de contenção do *campo* e suscitam a necessidade de manter uma maior distância, dadas as dificuldades ao nível dos limites psíquicos. Estas transformações diminuem muito consideravelmente do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, são menos evidentes no feminino, o que significa que existe uma maior estabilidade das transformações positivas do *campo*, operando-se um movimento mais consistente psiquicamente, dada a maior capacidade de fazer face à identificação projetiva massiva. No masculino, caracterizam-se por apresentarem um maior dinamismo pulsional que não é contido e (re)significado, o que está diretamente relacionado com a maior dificuldade em fazer face à dinâmica relacional.

Para Bollas (2011), é a subjetividade que promove a construção de um espaço interno, capaz de conter os afetos inconscientes, as memórias e as perceções, e que constitui a imaginação privada, a criatividade, funcionando como um ponto de partida para as relações interpessoais. No processo de tornar-se, o adolescente pode ser confrontado com demasiada dor psíquica, podendo ser incapaz de a simbolizar, possibilitando a internalização dos diálogos intersubjetivos a aquisição de uma capacidade introspectiva. Porém, na pré-

transformação, tal como o nome indica, ainda não se encontram estabilizados os diálogos intersubjetivos, que posteriormente irão dar origem à capacidade introspectiva do adolescente.

A pré-transformação encontra-se ligada ao que Bion (1962/1991) designou por “*aprender com a experiência*”, no sentido em que se vão consolidando os movimentos psíquicos que fundam e estruturam o tornar-se adolescente, através de uma integração progressiva, que só a experiência pode ajudar a consolidar. Para Ferro & Civitarese (2015), primeiro ocorre um processo de mentalização e depois, um processo que leva ao desenvolvimento dos pensamentos, ou seja, à capacidade de os pensar. Este processo implica a necessidade de ter um complexo modelo mental, capaz de pensar os pensamentos, o que gera um aumento do nível de complexidade das narrativas, pessoalizando o conhecimento do sujeito, que aqui é transmitido através das respostas Rorschach.

Como nos encontramos perante uma pré-transformação, a circularidade psíquica ainda não se encontra estabilizada, pelo que existe um movimento linear na díade, o que significa que uma transformação positiva da *techne* (T^+) pode desencadear, ou estar ligada a uma transformação negativa do *campo* (C^-), dada a porosidade do continente e a falta de uma função alfa em pleno funcionamento ($T^+ \rightarrow C^-$). O mesmo pode acontecer com o *campo*, uma transformação positiva deste (C^+), pode ser conjugada com uma transformação negativa da *techne* (T^-), dada a falha ao nível dos processos psíquicos de simbolização ($C^+ \rightarrow T^-$).

Procuremos agora aprofundar um pouco melhor os movimentos psíquicos presentes na pré-transformação ($T^+ \rightarrow C^-$). Tomemos a título ilustrativo uma das transformações presentes no protocolo de Hera, no cartão V, por ser aquele que faz um apelo à projeção da unidade do Eu. Aos 16 anos, surge a resposta “*Aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está-se a mostrar grandioso talvez.*”. Uma resposta que expressa simbolicamente o próprio processo de crescimento de tornar-se adolescente, aqui explicitado por uma transformação positiva da *techne* (T^+), enquanto o *campo* é o lugar continente onde ocorre a passagem que é descrita, de pequeno a grande, num movimento muito contrastado, que traduz a falha da função contentora e (re)significadora (C^-), pelo que encontramos uma pré-transformação, ou seja, um esboço de uma transformação, dado que o movimento psíquico em curso ainda não se encontra completamente estabilizado.

Concentremo-nos agora nas pré-transformações que ocorrem no sentido de uma transformação positiva do *campo* para uma negativa da *techne* ($C^+ \rightarrow T^-$). Tomemos a título de exemplo a resposta dada por Zeus, aos 16 anos, no cartão II: “*Uma flor.*” No inquérito

explica: “Aqui as pétalas e aqui aqueles pozinhos, o pólen”. O cartão II é o primeiro cartão que coloca em evidência o relacional, apelando para o estabelecimento de uma relação Eu-Outro. Nesta resposta, Zeus não consegue aceder à relação, no entanto existe uma transposição para um cenário da natureza, repleto de simbolismo. Deste modo, o *campo* revela-nos a presença de um continente (C^+), um lugar para conter o pólen, contudo não existe um acesso a um processo criativo de simbolização, não se verificando uma transformação da *techne* (T^-).

Na pré-transformação constatamos uma particularidade que se prende com o facto das pré-transformações no feminino ocorrerem com uma maior incidência, no sentido de uma transformação positiva da *techne* para uma negativa do *campo* ($T^+ \rightarrow C^-$) \ominus , numa transformação que ocorre, por um lado, entre o esboço da relação e o verdadeiro acesso à relação Eu-Outro e, por outro lado, entre a produção de um bom processo criativo de simbolização e a dispersão, por vezes ligada à emergência fantasmática e à presença de movimentos de confabulação. Por contraponto, as pré-transformações que ocorrem no sentido de uma transformação positiva do *campo* para uma negativa da *techne* ocorrem mais no masculino ($C^+ \rightarrow T^-$) \oslash , verificando-se uma maior estabilidade na relação Eu-Outro, mas uma menor criatividade na sua elaboração, sugerindo as sucessões das respostas Rorschach alguma privação em termos simbólicos.

Os dois movimentos que ilustram as pré-transformações aproximam-se do que Bion (1965/1982) designou por pré-conceção e que pode passar a ser uma conceção quando se une a uma realização, tornando-se independente, ou seja, com um sentido próprio. No caso das pré-transformações a sua realização implica que se estabeleça uma boa circularidade psíquica reveladora dos movimentos intrapsíquicos e intersubjetivos, ou seja, a passagem para o nível seguinte, para a transformação progrediente.

O terceiro nível é aquele que nos dá conta da **transformação progrediente**, presente na dinâmica *techne-campo*, reveladora da capacidade de diferenciação Eu-Outro, dado o bom funcionamento da relação continente-conteúdo, na sua plena aceção contentora e transformadora, na qual está presente uma lógica de complementaridade e um processo intersubjetivo e co-constutivo. A relação transformadora decorre de uma oscilação dinâmica entre a transformação positiva da *techne* (T^+) e uma transformação positiva do *campo* (C^+).

Na relação *techne-campo*, na sua aceção transformadora e (re)significadora, tal como é expectável na transformação progrediente, encontramos presente um jogo de intrincações

recíprocas (Thomä & Kächele, 1989), entre o que não é conhecido, mas que pode ser revelado, dotado de um sentido e de um significado, produzindo um novo significado, o que só é possível tendo por base a noção de figurabilidade (Botella & Botella, 2005), a qual sustenta a estruturação dos novos processos psíquicos, com base nos que já se encontram estruturados, numa articulação entre o conhecido e o desconhecido, o velho e o novo, o Eu e o(s) Outro(s).

Aqui, a figurabilidade deve ser considerada como um processo instintivo cujas qualidades derivam do movimento intrapsíquico de convergência e de inteligibilidade alucinatória, o que significa que se trata de um processo similar ao trabalho que está presente durante outros momentos regressivos da vida psíquica. No entanto, trata-se de uma propriedade psíquica determinada por uma convergência de todos os constituintes, internos e externos, para um processo vincular que possibilita o trabalho dos fenómenos regressivos (Botella & Botella, 2005).

Na dinâmica Eu-Outro que se estabelece na transformação progrediente, encontramos presente um processo intersubjetivo, tal como foi descrito por Stolorow & Atwood (1996), onde é essencial o reconhecimento do Outro, da sua subjetividade, de modo a que durante o processo de tornar-se tenha lugar um conhecimento mútuo, de Um e do Outro, gerando uma partilha, que desenvolve a subjetividade através da intersubjetividade, que por sua vez estrutura a relação e dá origem ao que Ogden (1994) designou pelo terceiro analítico. Este conceito constitui-se como fundamental para pensar como é que uma pessoa participa no pensamento de outra pessoa, podendo ao mesmo tempo, pensar-se a si própria, numa relação dinâmica e co-constitutiva.

A intersubjetividade é um processo de comunicação inconsciente, gerador de crescimento (Brown, 2011), através do qual nos foi possível aceder às transformações em curso durante o processo de desenvolvimento adolescente, o que tornou possível produzir um conhecimento sobre o modo como decorre o tornar-se adolescente. Neste terceiro nível, nas transformações progredientes, já é possível encontrarmos um processo intersubjetivo bem constituído, compreendido como um *campo-contidente* no qual os conteúdos-*techne* se podem inscrever, e (re)significar, através de um processo de co-construção, gerador de uma narrativa própria, reveladora da singularidade de cada adolescente. Este processo pode ser representado através de uma oscilação dinâmica entre a *techne* e o *campo* ($T^+ \leftrightarrow C^+$), na qual está presente a capacidade de elaboração da “*mudança catastrófica*”, a qual tem subjacente o bom

funcionamento da “*barreira de contacto*” facilitadora das trocas entre o interno e o externo e entre os elementos do consciente e do inconsciente (Bion, 1970/1991).

É com base neste processo onde está presente a circularidade psíquica que é possível a compreensão dos processos psíquicos em desenvolvimento, numa passagem que decorre da significação para um nível mais elaborado de abstração. Neste sentido, podemos descrever um movimento da transformação progrediente no sentido de aceder à realidade última ($T^+ \leftrightarrow C^+$) → “O” (Bion, 1965/1982), num movimento que tem implícita a revelação do próprio adolescente, a partir do qual podemos aceder ao seu mundo interno, conhecendo-o e dando-o a conhecer ao(s) Outro(s).

Quando na *techne*-continente decorre um processo criativo de simbolização dos conteúdos-*campo*, ao mesmo tempo que o *campo*-continente está a operar a função alfa para transformar os conteúdos-*techne*, encontramos-nos perante o que Ferro & Civitarese (2015) descrevem como a atividade de sonho que está presente na parte consciente da mente, que implica, num primeiro momento, uma consciencialização, permitindo depois o desenvolvimento de pensamentos e, conseqüentemente, a capacidade de os pensar, através de um complexo modelo da mente que irá permitir conhecer “O”.

Deste modo, as transformações progredientes implicam o que Ferro (2007/2011) designou por um processo contínuo de co-narração, que tem como objetivo a alfabetização das protoemoções, o que implica a necessidade de estar em constante movimento, construindo uma narrativa que ativa a própria transformação e que se revela de formas diferentes consoante os seus derivados. Com esta conceção aproximamo-nos da teoria das transformações de Bion (1965/1982), com base na qual podemos pensar e descrever o crescimento mental.

As transformações progredientes apresentam uma particularidade relacionada com o aumento da diferenciação entre espaços e lugares, uma vez que o acesso à realidade última “O” irá traduzir-se num aumento da capacidade de simbolização e de abstração, traduzindo o que Marques (2003) designou por “*uma conciliação, uma união, um recolocar do lugar de Um e do Outro e de Um no/com Outro*” (op. cit., pp. 70). Estas transformações só são possíveis dada a existência de um espaço intersubjetivo, o qual implica a existência de uma tensão continua entre o que acontece dentro do sujeito e o que acontece fora do sujeito, na interação com o(s) Outro(s) (Ogden, 1994). E, a existência de uma co-relação, uma

experiência única, promotora do crescimento entre Un(s) e Outro(s), que potencia a (re)organização dos aspetos psíquicos inconscientes (Brown, 2011).

Nos vários protocolos do Rorschach é possível identificarmos sequências de respostas onde são nomeados os vários elementos que constituem a mancha, revelando-nos o adolescente a sua capacidade de aceder a um bom processo criativo de simbolização, ou seja, a uma transformação positiva da *techne* (T^+), a qual se articula com a evocação de um continente, que irá traduzir uma transformação positiva do *campo* (C^+), permitindo-nos enunciar uma transformação progrediente ($T^+ \leftrightarrow C^+$), que atendendo ao cruzamento de simbolismos entre os conteúdos latentes dos cartões e à sequência de respostas dadas, nos transporta para uma outra realidade, favorecendo um conhecimento mais abstrato sobre os processos psíquicos em construção durante o tornar-se ($T^+ \leftrightarrow C^+$) \rightarrow O.

Quando na transformação progrediente está presente um movimento para a realidade última “O” encontramos-nos perante o que Bion (1965/1982) designou por transformações em “O”, ou seja, transformações de conhecimento em realidade última ($K \rightarrow O$), as quais implicam “ir-se tornado O”. As transformações progredientes nas raparigas ($T^+ \leftrightarrow C^+$) $_{\text{♀}}$ revelam-nos uma relação Eu-Outro mais ligada à presença de movimentos passivos, com insistência em lógicas especulares, no olhar e no ser olhado, dominando os temas de colaboração e de reciprocidade. Nos rapazes, neste tipo de transformações ($T^+ \leftrightarrow C^+$) $_{\text{♂}}$, são mais evidentes os movimentos contrastados ligados à força, à potência e à agressividade.

No protocolo de Ártemis encontramos presente uma transformação progrediente nas respostas dadas ao cartão VII, através das quais assistimos a uma integração progressiva dos movimentos relacionais. Inicialmente dá a resposta: “*Isto parece uma estátua aqui com duas caras. Só.*” completando no inquérito “...parece que estão a dar um beijinho”, fazendo desde logo referência a uma representação da relação Eu-Outro, movimento que se prolonga na segunda resposta, dada aos 16 anos “*Dois caras, que parece que tem no cabelo aquelas coisas das espanholas*” um claro movimento de afastamento, através do qual Ártemis procura colocar próximo o distante, realizando uma procura do diferente, com tudo o que tem de igual, revelando-nos a leitura desta transformação no Rorschach o seu processo de construção interna, o acesso a uma realidade diferente, agora integrada no próprio acesso a “O”.

No masculino ilustramos a transformação progrediente através das respostas dadas por Apolo, no último dos cartões Rorschach, no primeiro momento do seu desenvolvimento: “*Dois aranhas a fazerem uma teia.*” e “*Em cima do cabelo de um homem de bigode verde.*”

É claro, desde logo, um movimento de procura de uma representação de si, onde a *techne* traduz a ligação dos vários elementos que constituem a mancha e o *campo* contém e consolida o processo de construção identitária que se encontra em curso no tornar-se, verificando-se uma consolidação do conhecimento do próprio no acesso à sua realidade.

O nome de transformações progredientes foi escolhido para refletir o aumento de intensidade presente na relação Eu-Outro, nos vários tipos de interação que se estabelecem entre a *techne* e o *campo*, durante o tornar-se. No primeiro momento do desenvolvimento domina a passividade, não sendo possível em muitas das respostas designar o que está a acontecer na interação, esta fica vaga e pouco definida. Com a passagem para o segundo momento do desenvolvimento, assistimos a uma clarificação do tipo de interação que se estabelece na relação Eu-Outro. Embora ainda se verifique, em algumas respostas, a presença de uma lógica passiva, onde domina a submissão ao Outro, surgem contudo, agora com mais intensidade, as interações com uma lógica ativa, que se caracterizam pela presença de movimentos mais intensos e contrastados, sendo dadas interações onde também passa a estar presente a agressividade.

Para ilustrarmos as transformações presentes na relação Eu-Outro recorreremos à mitologia e inspirámo-nos no mito da Perséfone. Na terra vivia com o nome Core, foi raptada por Hades, seu tio senhor do mundo inferior, que a levou para o seu domínio de nevoeiros e de sombras. Ao ser raptada deu um grito que ressoou desde do cimo das montanhas aos abismos do mar. A sua mãe ouviu-a e, de imediato, apoderou-se do seu coração uma angústia indizível. Muito angustiada empreendeu uma busca para encontrar a filha, vagueou pelo mundo inteiro, mas todos os seus esforços revelaram-se infrutíferos, o que a levou a retirar-se da terra para o Olimpo, lançando sobre a terra uma implacável seca, impedindo as árvores de dar frutos e as plantas de florescerem. Hades, antes de libertar a sua amada levou-a a comer um bago de romã, prendendo-a para sempre aos infernos, condenando-a a retornar ciclicamente. A alegria do reencontro com a sua mãe faz com que os grãos de trigo germinem dos torrões de terra lavrada, que as árvores se encham de rebentos e que toda a natureza renasça (Pinheiro, 2011).

O mito de Perséfone ilustra-nos a oscilação entre a presença e a ausência, ou seja, entre a germinação na Primavera e a desertificação no Inverno, uma renovação de ciclos. Nas transformações da relação Eu-Outro existe uma passagem entre o que não é possível transformar, na pré-transformação, para a capacidade de aceder à luz, decorrendo uma

passagem para a transformação progrediente, que gera a renovação dos ciclos através da passagem entre a *techne* e o *campo*, gerando crescimento no acesso a “O”.

Consideramos que a sequência das respostas dadas por Afrodite ao cartão X do Rorschach, no segundo momento do seu desenvolvimento, são reveladoras de um movimento progressivo de transformação e de crescimento, ou seja, de acesso a “O”. Os vários elementos da mancha vão sendo dotados de um sentido e de um significado, sucedendo-se as respostas “*Aqui algas*”, “*Aqui lagostas*”, “*Aqui caranguejos*” terminando com uma resposta que reúne os vários elementos enunciados anteriormente: “*...o fundo do mar*”, a evocação de um continente, contentor da dispersão sentida no contacto com o último dos cartões Rorschach e transformador do movimento interno de crescer e Ser.

Resumindo, as transformações da relação Eu-Outro encontram-se ligadas em níveis progressivos de transformação, existindo um movimento de ligação na passagem de um nível para outro. A transformação inconclusiva (T^-C^-) refere-se à impossibilidade de transformação da relação Eu-Outro surgindo no feminino (T^-C^-) ♀ através da incapacidade em aceder ao relacional, no primeiro momento do desenvolvimento, conduzindo a uma maior dispersão psíquica e a uma maior dificuldade em simbolizar, no segundo momento do processo de tornar-se. Encontrando-se no masculino (T^-C^-) ♂ ligada à incapacidade de estruturar o masculino neste momento do tornar-se.

A pré-transformação traduz a existência de um esboço da relação Eu-Outro que conduz a uma estruturação progressiva dos processos intersubjetivos. No feminino esta pré-transformação caracteriza-se pela passagem de um esboço da relação Eu-Outro para a emergência de confabulações de carácter fantasmático, encontrando-se mais presente a passagem de uma transformação positiva da *techne* para uma transformação negativa do *campo* ($T^+ \rightarrow C^-$) ♀ . No masculino, a pré-transformação revela-nos desde logo uma maior estabilidade ao nível da relação Eu-Outro que dá lugar a uma certa privação simbólica, o que significa que estamos perante uma transformação negativa da *techne* que dá lugar a uma transformação positiva do *campo* ($T^- \rightarrow C^+$) ♂ .

No último nível das transformações da relação Eu-Outro encontramos a transformação progrediente ($T^+ \leftrightarrow C^+$) \rightarrow O na qual é visível, desde logo, uma diferenciação presente na relação entre o Eu e o Outro, decorrendo o movimento no sentido do crescimento mental. Esta transformação no feminino ($T^+ \leftrightarrow C^+$) ♀ , caracteriza-se por apresentar movimentos passivos e

lógicas com um caráter especular, enquanto no masculino ($T^+ \leftrightarrow C^+$)♂, surge ligada a movimentos mais contrastados, ligados a temáticas de força, potência e agressividade.

As transformações do Eu e da relação Eu-Outro permitiram-nos destacar algumas diferenças no feminino e no masculino. As transformações do Eu no feminino são reveladoras de uma maior flexibilidade do pensamento, enquanto na relação Eu-Outro dão lugar a uma diferenciação progressiva, através de um movimento criativo, no qual se inscrevem movimentos passivos, numa lógica de tipo especular. Já as transformações da relação Eu-Outro no feminino, remetem-nos para a existência de uma oscilação, para a circularidade presente na natureza, onde os ciclos se renovam e (re)criam, numa sucessão que tende para o infinito.

O masculino apresenta uma maior capacidade de representação das transformações do Eu, contudo as transformações da relação Eu-Outro apresentam uma dinâmica mais contrastada, com a presença de movimentos opostos, ligados à força e à potência que caracterizam o processo de tornar-se adolescente no masculino. Na mitologia estes movimentos encontram-se amplamente descritos, nas passagens que se jogam entre movimentos contrastados, entre o jovem e o velho, o longínquo e o próximo, o selvagem e o civilizado (Vernant & Vidal-Naquet, 1981/2008).

Neste estudo procurámos discutir e interpretar os resultados obtidos a partir da análise dos protocolos, partindo da observação para uma melhor compreensão do processo de tornar-se, o que nos permitiu realizar uma análise sem ideias saturadas (Caper, 2009), descrevendo as várias transformações psíquicas que têm lugar na passagem entre os dois momentos do desenvolvimento, permitindo-nos compreender quais são os movimentos psíquicos que já se encontram estabilizados e os que ainda se encontram a decorrer, num movimento contínuo, onde cada ciclo que se fecha dá lugar à abertura de um novo ciclo.

A análise das transformações psíquicas, em curso no tornar-se, enriquece e alarga a compreensão do desenvolvimento que pode agora ser compreendido de uma forma dinâmica através de uma relação intra e intersubjetiva. Nesta dinâmica entretecem-se uma multiplicidade de transformações, positivas e negativas, do Eu no/e com o(s) Outro(s), porque só desta forma é que é possível compreender-se o tornar-se, como um processo ativo e dinâmico, a partir do qual se dão novos sentidos e significados ao desconhecido, (re)significando-o, tornando-o conhecido, para que de novo se possam realizar novas transformações, num contínuo que é o crescimento.

As várias transformações psíquicas que foi possível conceptualizarmos, com base na análise dos protocolos de Rorschach, durante o processo de tornar-se adolescente, a caminho de vir a ser adulto, encontram-se reunidas no Quadro 7 que procura ilustrar graficamente as várias transformações presentes na passagem de um momento a outro do desenvolvimento e sempre que se justifica a sua expressão no feminino e no masculino.

QUADRO 7 – Transformações da *Techne* e do *Campo*

TRANSFORMAÇÕES NO TORNAR-SE		DO PRIMEIRO PARA O SEGUNDO MOMENTO DO DESENVOLVIMENTO
Transformações do Eu	Transformação operante (T-C) ⁺	Movimentos disruptivos e descontínuos; → Maior estabilidade psíquica. ♀ Do vago e disperso; → Maior flexibilidade do pensamento, conciliação do antigo e do novo. ♂ Das clivagens e dos movimentos de identificação → Maior capacidade de projetiva; simbolização.
	Transformação da Mascara T. Mascara realidade externa T. Mascara realidade interna T. Mapeamento Identitário	Capacidade de ligar os opostos. Procura de conciliação de diferentes espaços. Procura de conciliação das capacidades do próprio. Procura ligar os vários elementos numa procura identitária.
	Transformação inoperante (T-C) ⁻	Incapacidade de transformação; → Dificuldade em dar um sentido e um significado.
Transformações da relação Eu-Outro	Transformação inconclusiva (T ⁻ -C ⁻)	Impossibilidade de transformação na relação Eu-Outro. ♀ Incapacidade relação Eu-Outro; → Dispersão psíquica, dificuldade simbolizar. ♂ Incapacidade relação Eu-Outro; → Incapacidade em estruturar o masculino.
	Pré-transformação (T ⁺ →C ⁻) e/ou (C ⁺ →T ⁻)	Esboço da relação Eu-Outro; → Estruturação progressiva dos processos intersubjetivos. ♀ Entre o esboço e a relação Eu-Outro; → Emergências fantasmáticas Confabulações. ♂ Estabilidade relação Eu-Outro; → Menos criatividade, privação simbólica.
	Transformação progrediente (T ⁺ ↔C ⁺)→O	Diferenciação Eu-Outro; → Movimento no sentido do crescimento. ♀ → Movimentos passivos, lógicas especulares. ♂ → Movimentos contrastados ligados a força, potência e agressividade.

10. CONCLUSÃO

*“O perigo que há
em não aproveitar a ocasião
mandada do infinito para nós...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 125) Vol. I

Este trabalho de investigação inscreve-se no âmbito da realização da dissertação do Doutoramento em Psicologia Clínica, um longo caminho de construção teórica, de análise e de reflexão do qual procuramos agora enunciar as principais conclusões a que chegamos com a sua realização, procurando clarificar o que emergiu de novo, não como um fim que encerra, mas antes como um novo princípio, um ponto de partida para novos trilhos de investigação. Antes de mais importa referir que este trabalho foi realizado com o(s) Outro(s), com os modelos e com os autores que neles se inscrevem, mas também com os adolescentes que aceitaram participar neste estudo, sem os quais nada teria sido possível. E é também um trabalho para o(s) Outro(s), para os adolescentes e para todos os que com eles trabalham e que possam beneficiar com esta investigação.

Com este estudo procurámos aceder e compreender o processo de tornar-se adolescente, explicitando as transformações psíquicas do Eu e da relação Eu-Outro que ocorrem na passagem da infância para a idade adulta. Deste modo, constituiu-se como fundamental a estruturação de um conjunto de teorias que descrevem os movimentos psíquicos presentes entre o *já não ser e o não ser ainda*, que nos traduzem as transformações tal como Capier (2009) enuncia, como um processo que se vai *“construindo no escuro”*.

Com este objetivo realizamos uma revisitação à teoria psicanalítica, procurando conceitos suficientemente abertos à significação, facilitadores da compreensão do desenvolvimento psíquico, permitindo-nos compreender os mecanismos presentes no encontro entre sujeitos, de modo a ser possível descrever de que forma é que se (re)constrói a

subjetividade através de uma relação intersubjetiva. O modelo das transformações de Bion (1965/1982) foi utilizado para acedermos à relação de encontro, de comunicação e ligação entre o sujeito e o objeto e o objeto e o sujeito, entre o interno e o externo, o passado e o presente, permitindo a (re)criação de novos objetos dotados de novas características e qualidades.

Para acedermos e compreendermos o processo de tornar-se adolescente recorreremos a dois organizadores: a *techne* e o *campo*. Através da noção de *techne* (Vassalli, 2001) foi possível pensarmos em algo que não está constituído à partida, mas que se vai alterando, se vai tornando, produzindo um efeito no Outro. O *campo* (Ferro, 1999/2000) foi utilizado por ser o lugar onde ocorre a alfabetização das proto-emoções, transformadas em narrativas fluídas, numa formação contínua de elementos com sentido. As narrativas são o veículo da transformação das emoções não representadas, através das quais é possível compreender o *campo* como o meio das operações de transformação, narrativas e pequenos *insights* sucessivos (Ferro, 2002). Trata-se de um lugar de encontro, de partilha intra e intersubjetivo, com características próprias, no qual está presente um jogo dinâmico ordenado pela identificação projetiva, que possibilita a constituição de um espaço de transformação, no qual emergem os conteúdos, funcionando como um continente, gerador de novos sentidos e significados, revelador do processo de crescimento em curso (Ferro, 2006/2009).

Durante o processo de desenvolvimento adolescente constituem-se novo(s) objeto(s) e objetivo(s), aos quais foi possível acedermos neste estudo através da relação dinâmica que se estabelece entre a *techne* e o *campo*, inscritos numa relação continente-conteúdo (Bion, 1970/1991), onde o novo e o desconhecido são continuamente (re)significados.

Nesta investigação procurámos dotar o Rorschach de novas conceções, alargando o seu âmbito de descrição e de compreensão dos processos psíquicos. Neste sentido e tal como Marques (1999) preconiza, colocamos o Rorschach mais próximo dos modelos de que a clínica dispõe, submetendo-o a novas conceções que se desenvolvem, suscitando a necessidade de um alargamento a novas referências, porque só desta forma é que consideramos ser possível a compreensão mais próxima do desenvolvimento e não apenas inscrita nas lógicas mais usuais da psicopatologia.

O Rorschach, ao ser compreendido como um método, permite-nos observar e compreender o sujeito. Brown (2011) defende a importância da comunicação inconsciente, que implica a construção de uma narrativa que permanece inconsciente, sendo necessária a função alfa para tornar essa experiência sensorial. Encontramo-nos ao nível dos pictogramas

descritos por Ferro (2002), elementos alfa, pré-conscientes, indicadores de que o processo intersubjetivo está em curso, revelado através das imagens, dos símbolos dados pelos adolescentes ao longo do protocolo. Por seu lado, Caper (2009) defende que quando a teoria e o método estão em uníssono, operaram no sentido de se obterem novas observações. A *techne* e o *campo* ao serem constituídos como organizadores para pensar as transformações durante o tornar-se, constituem-se como duas ferramentas essenciais para a observação, mas também para o alargamento do saber, possibilitando a construção de novas teorias baseadas no “*aprender com a experiência*” (Bion, 1962/1991) consagrando, consolidando e validando o método Rorschach.

Para a realização deste estudo usámos uma metodologia de tipo qualitativo por ser aquela que melhor nos permitiu aceder aos processos psíquicos dinâmicos e às transformações presentes no decurso da adolescência. Realizámos um estudo longitudinal de tipo explanatório e explicativo (Yin, 1994/2001), na medida em que este se constitui como fundamental para a melhor compreensão da singularidade do caso e da dinâmica intra e intersubjetiva de cada adolescente. A legitimidade desta nossa forma de proceder encontra acento no reconhecimento de que há muitas formas de fazer ciência, sendo fundamental a coerência e convergência entre objeto e método, que ordenaram a criação de novos conceitos e modelos (Marques 1999). Neste estudo, não nos esquecemos do imperativo pelo qual se deve reger qualquer investigação de inscrição psicanalítica, a utilização do inconsciente (do observador e do observado) tal como é bem discutido por Hollway & Jefferson (2000).

O Rorschach, ao ser constituído como um método de acesso ao sujeito psicológico, deixou de estar inscrito nos referenciais clássicos ligados à medida e à quantificação e passou a ter em conta uma relação de assimilação entre o sinal e o funcionamento do sujeito, pelo que recorreu aos modelos do funcionamento mental estabelecidos pela psicopatologia. No entanto, estes apresentam-se limitativos para o acesso à compreensão do funcionamento psíquico do sujeito e, neste estudo em particular, para acedermos ao processo de tornar-se adolescente, o que suscitou uma mudança, para os métodos consagrados pela interpretação, permitindo-nos operar uma passagem para uma dimensão qualitativa da avaliação, que se baseia no modelo do pensamento (Bion, 1962), uma vez que é aquele que nos permite pensar o desenvolvimento, o crescimento e a expansão mental.

Constitui-se como fundamental que os modelos metodológicos sejam submetidos aos modelos teóricos, para que exista uma convergência no processo de conhecimento, o que

possibilita inscrever os resultados encontrados no mesmo registo, ou seja, submetê-los às mesmas conceções teóricas, possibilitando a criação de novas premissas de leitura, que permitam alargar o conhecimento, permitindo o acesso ao que antes era desconhecido que agora pode ser comunicado através de novos conceitos e símbolos. Com esta finalidade, construímos procedimentos de análise que permitem aceder aos processos internos, o que coloca este estudo numa dupla incidência. Tal como defende Marques (1999) é fundamental que sobre o instrumento se estabeleça o que ele permite revelar e mobilizar, mas também, o que cada sujeito nele realiza e revela, assim como o que o intérprete faz dos dados encontrados.

O instrumento Rorschach, considerado dentro dos paradigmas consagrados pela significação, será usado para dar conta dos processos dinâmicos e transformacionais inerentes ao crescimento e à expansão mental no tornar-se adolescente (Marques, 1999). O processo-resposta Rorschach emerge num espaço ativo e dinâmico continente-*campo* no qual é possível dar sentido e significado aos conteúdos-*techne*, da mesma forma que o continente-*techne* irá possibilitar a criação de novos ciclos, gerando novos sentidos e significados, suscitando uma (re)criação do *campo*-conteúdo, levando a novas procuras e favorecendo o crescimento.

Na realização deste estudo participaram 9 adolescentes, em dois momentos distintos do seu desenvolvimento, primeiro aos 13 anos e mais tarde aos 16 anos, pelo que utilizámos um total de 18 protocolos de Rorschach, 14 de raparigas e 4 de rapazes. A sua interpretação foi realizada através de uma grelha de análise construída para o Rorschach, na qual se encontram descritos os vários procedimentos que explicitámos para os organizadores *techne* e *campo*, em conjunto com a articulação com o simbolismo inerente às respostas Rorschach, que nos transportou para outras dimensões simbólicas, em especial para a mitologia, onde desde há muito se encontra condensada a essência do humano.

A análise dos organizadores *techne* e *campo* permitiu aceder a um conjunto de elementos de leitura aos 13 e aos 16 anos, com algumas diferenças nos protocolos das raparigas e dos rapazes. No primeiro momento do desenvolvimento, a *techne* revela-nos uma maior estabilidade ao nível do processo criativo de simbolização nas raparigas, comparativamente ao dos rapazes, em especial nos cartões compactos. Mas, também é nas raparigas e no mesmo período do tornar-se que existe uma maior falha ao nível do processo criativo de simbolização, com uma maior incidência nos cartões bilaterais e nos pastel. O processo de co-construção ao qual a *techne* nos permitiu aceder, revelou uma maior sustentação, para ambos os sexos, no segundo momento do desenvolvimento. Por

contraponto, existe uma maior incidência ao nível da falha no processo de co-construção no primeiro momento do desenvolvimento, esbatendo-se na passagem para o segundo momento, permanecendo apenas uma ligeira dificuldade na estruturação dos afetos nas raparigas e uma dificuldade na estruturação do masculino e na integração da bissexualidade psíquica nos rapazes.

No *campo*, assistimos desde o primeiro momento do desenvolvimento, a uma maior estabilidade da relação continente-conteúdo, por parte das raparigas, revelando-nos os rapazes uma maior dificuldade em estabilizar esta dinâmica, que permanece na passagem para o segundo momento do desenvolvimento, surgindo ligada a temáticas regressivas portadoras de um forte dinamismo pulsional. A presença da identificação projetiva é uma constante no *campo*, durante todo o processo de tornar-se, revelando-nos um aumento progressivo da estabilidade ao nível dos processos psíquicos. O aparecimento massivo da identificação projetiva é mais evidente nas raparigas e acentua-se com a passagem para o segundo momento do desenvolvimento, o que consideramos estar relacionado com o progressivo aumento do dinamismo mental.

A análise da *techne* e do *campo* permitiu-nos aceder ao que diferencia o tornar-se no feminino e no masculino. As raparigas apresentam uma maior capacidade de simbolização, realizando uma ligação entre o mundo interno e o externo, de uma forma elaborada, revelando-nos uma representação de si íntegra e estável, evidenciando-se um processo de co-construção dinâmico e integrativo, que funda e estrutura a estabilidade do Eu e que se inscreve numa relação do tipo cooperativo e funcional. Os rapazes apresentam um processo de simbolização mais limitado, evidenciando-se um movimento mais regressivo que dificulta a constância da estabilidade psíquica. No masculino, os processos de co-construção caracterizam-se pela presença de uma interação passiva, surgindo uma grande dificuldade na qualificação das figuras humanas, que emergem com um carácter lúdico, tipicamente infantil.

A discussão e a interpretação dos resultados encontrados nos protocolos de Rorschach dos adolescentes, nos dois momentos do seu desenvolvimento permitiram-nos descrever um conjunto de transformações psíquicas presentes no tornar-se e que separámos em dois grupos: as transformações do Eu e transformações da relação Eu-Outro. Dentro das transformações do Eu encontramos a transformação operante $(T-C)^+$ e a transformação inoperante $(T-C)^-$. E nas transformações da relação Eu-Outro distinguimos três níveis de transformações a inconclusiva $(T^- - C^-)$, a pré-transformação $(T^+ \rightarrow C^-)$ e/ou $(T^- \rightarrow C^+)$ e a progrediente $(T^+ \leftrightarrow C^+) \rightarrow O$.

Dentro das transformações do Eu, a transformação operante $(T-C)^+$ caracteriza-se pela passagem dos movimentos disruptivos e descontínuos para uma maior estabilidade psíquica. No feminino $(T-C)^+ \text{♀}$ revela-nos a passagem do vago e do disperso para um movimento dotado de uma maior flexibilidade psíquica, no qual é possível conciliar o antigo e o novo. No masculino $(T-C)^+ \text{♂}$ revela-nos uma passagem da clivagem para um progressivo aumento da capacidade de simbolização. A transformação inoperante $(T-C)^-$ revela, em ambos os sexos, uma incapacidade de transformação e uma dificuldade em dar um sentido e um significado ao novo e ao desconhecido.

As transformações da relação Eu-Outro encontram-se ligadas em níveis progressivos de transformação, existindo um movimento de ligação na passagem de um nível para outro. A transformação inconclusiva (T^-C^-) refere-se à impossibilidade de transformação da relação Eu-Outro. No feminino $(T^-C^-) \text{♀}$ traduz a incapacidade em aceder ao relacional e à dificuldade em simbolizar. No masculino $(T^-C^-) \text{♂}$ encontra-se ligada à incapacidade de estruturar neste momento do tornar-se.

A pré-transformação traduz a existência de um esboço da relação Eu-Outro que conduz a uma estruturação progressiva dos processos intersubjetivos. No feminino encontra-se mais presente na passagem de uma transformação positiva da *techne* para uma transformação negativa do *campo* $(T^+ \rightarrow C^-) \text{♀}$. E no masculino revela-nos uma maior estabilidade ao nível da relação Eu-Outro, o que significa que estamos perante uma transformação negativa da *techne* que dá lugar a uma transformação positiva do *campo* $(T^- \rightarrow C^+) \text{♂}$.

Por fim, a transformação progrediente $(T^+ \leftrightarrow C^+) \rightarrow O$ revela uma diferenciação na relação entre o Eu e o Outro, tendo subjacente um movimento no sentido do crescimento mental. No feminino $(T^+ \leftrightarrow C^+) \text{♀}$ apresenta movimentos passivos e lógicas com um caráter especular e no masculino $(T^+ \leftrightarrow C^+) \text{♂}$ apresenta-se ligada a temáticas de força, potência e agressividade.

Tornar-se adolescente envolve todo um conjunto de transformações psíquicas que ocorrem de uma forma inconsciente, às quais foi possível acedermos através das respostas-símbolos Rorschach, pelo que consideramos fundamental poder descodificar, ou seja, olhar e ver, de modo a ser possível compreender os apelos que são feitos pelos adolescentes no decorrer do seu crescimento. Deste modo, torna-se possível ler e (re)significar os processos

em curso no tornar-se, com base na relação intersubjetiva onde se conjuga um Eu e Um Outro, numa articulação de sentidos e numa desmultiplicação de significados.

A realização de um trabalho longitudinal apresenta as suas limitações e dificuldades na sua realização, mas foi a possibilidade de as ultrapassar que permitiu um enriquecimento da ciência. Consideramos fundamental a continuação da realização deste tipo de investigações, junto de escolas, mas também junto de outras entidades que trabalhem direta ou indiretamente com jovens, de modo a promover um aumento dos cuidados ao nível dos serviços de saúde primários, constituindo estratégias de prevenção mais eficazes para lidar com o comportamento dos adolescentes, tantas vezes considerados em risco.

No fim deste percurso, importa referir os desenvolvimentos teóricos que enriquecem o conhecimento sobre a adolescência, através da utilização de modelos que dão conta do processo de transformação e beneficiam a prática clínica na medida em que permitem dotar o Rorschach de novos elementos de análise, mais sensíveis aos processos psíquicos em construção, proporcionando assim uma compreensão mais próxima da essência do processo que é tornar-se, constituindo-se como uma mais-valia para a prática clínica, podendo conduzir a práticas de acompanhamento mais centradas nos processos de transformação e menos inscritas na lógica clássica da psicopatologia. Deste modo, passa a ser possível um alargamento da clínica através da utilização de novos métodos “entretrecidos” com as teorias.

O processo de desenvolvimento adolescente decorre durante um espaço-tempo durante o qual o Eu se constrói e se (re)constrói na relação consigo Próprio e com o(s) Outro(s), numa procura do igual, na relação com o diferente e na integração das complementaridades. Constitui-se assim como um processo muito rico, um potencial objeto para a realização de novos estudos. Aliado à utilização do Rorschach, como instrumento privilegiado no acesso à natureza e ao funcionamento do sujeito, potencia a abertura na exploração destes organizadores psíquicos a adolescentes com outras características, por exemplo em famílias monoparentais ou com uma inscrição transcultural, que são cada vez mais uma constante na nossa sociedade. Estes são alguns dos desenvolvimentos possíveis de virem a ser realizados, e que irão proporcionar a aquisição de novos conhecimentos, mas também a consolidação dos resultados obtidos neste estudo.

As conclusões a que chegamos dizem respeito apenas aos resultados encontrados neste estudo e aos adolescentes que nele participaram. Dentro da psicologia as teorias encontram-se em constante renovação e construção, constituindo ferramentas que tornam possível sonhar, sentir e pensar (Ferro, 2015), suscitando a necessidade de que os instrumentos possam

acompanhar estes avanços, sendo sensíveis à singularidade do sujeito. Com esta investigação abre-se um caminho, não só a novas formas de pensar o tornar-se adolescente, na Psicologia Clínica, como também nas concepções metodológicas que ao poderem ser (re)inscritas em novos modelos conceituais, possibilitam um aumento do conhecimento dos processos psíquicos, pelo que um dos desenvolvimentos que se pode vir a realizar para dar continuidade a este trabalho incide no alargamento metodológico, na possibilidade de se constituírem elementos sensíveis ao singular, porque só desta forma é que é possível aceder e compreender à dinâmica dos processos de transformação em curso na adolescência.

Atendendo ao contexto da sociedade atual, consideramos que seria interessante o alargamento da faixa etária a estudar, podendo iniciar-se mais cedo, permitindo uma melhor compreensão dos processos envolvidos na transição da latência para a adolescência e no início da vida adulta, onde os jovens se deparam com novas dificuldades e com a necessidade de realizar novas escolhas.

A clínica recorre a vários modelos, com uma particular inscrição na Psicologia Clínica, pelo que se constitui como fundamental a conciliação do contexto paradigmático, no qual se destaca o aprofundamento do singular e do transformacional, com uma perspetiva longitudinal. Neste sentido, destaca-se a importância de que os instrumentos sejam renovados em função das teorias, conferindo-lhe novo(s) sentido(s) e significado(s), de modo a ser possível a compreensão dos processos psíquicos presentes no desenvolvimento mental.

Este trabalho constitui-se apenas como um ponto de partida, o que suscita a necessidade de retomar estas questões, (re)pensando-as a partir de novos prismas, constituindo novos organizadores psíquicos, de forma a ser possível afinar a leitura dos processos de construção e de significação, presentes nas transformações psíquicas, que têm lugar durante o tornar-se adolescente, conhecido como um processo ativo e dinâmico, intra e intersubjetivo que tende para o infinito, gerando uma multiplicidade de novas e possíveis possibilidades, que é importante irem sendo pensadas e dadas a conhecer ao(s) Outro(s).

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Alvarez, A. (2000). Discussion (II). In J. Sandler, A. Sandler, & R. Davies, (Eds). *Clinical and observational psychoanalytic research: Roots of a controversy*, (pp. 100-107). London: Karnac Books.
- Anzieu, D. (1985/1995). *Le moi-peau*. Paris: Dunod.
- Baranger, M. & Baranger, W. (1961). The analytic situation as a dynamic field. *International Journal of Psycho-Analysis*, 89, (4), 795-826.
- Breakwell, G.; Hammand, S. & Fite-Schow, C. (1995). *Research Methods in Psychology*. London: Sage Publications.
- Bion, W.R. (1962). Theory of Thinking. *International Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-310.
- Bion, W.R. (1962/1991). *Learning from experience*. London: Karnac.
- Bion, W.R. (1965/1982). *As transformações. A mudanças do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W.R. (1970/1991). *Atenção e Interpretação. O acesso científico à intuição em psicanálise e grupos*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Birraux, A. (1988). Présentation du «Masculin». *Adolescence*, 6, (1), 5-16.
- Braconnier, A. (1985). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3, (1), 5-19.

- Brown, L. (2011). *Intersubjective Processes and the Unconscious. An integration of Freudian, Kleinian and Bionian Perspectives*. London: Routledge.
- Bollas, C. (1983). Expressive Uses of the Countertransference – Notes to the Patient from Oneself. *Contemporary Psychoanalysis*, 19, 1-33.
- Bollas, C. (1989). L'objet Transformationnel. *Revue Française de Psychanalyse*, LIII, 1181-1199.
- Bollas, C. (2011). *The Christopher Bollas Reader*. London and New York: Routledge.
- Botella, C. & Botella, S. (2005). *The Work of Psychic Figurability. Mental States without Representation*. New York: Routledge.
- Caper, R. (2009). *Building out into the dark. Theory and observation in science and psychoanalysis*. London and New York: Routledge.
- Chabert, C. (1983/1998). *O Rorschach na clínica do adulto. Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1987/1998). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982/1984). *Dicionário dos Símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Lisboa: Teorema.
- Cortiñas, L.P. (2011). *Science and fiction in the psychoanalytical field*. In Mawson, C. (Ed). *Bion Today*. (pp. 121-152). London and New York: Routledge.
- Couto, L. F. (1996). Psicanálise, ciência natural ou paradigma? *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 15, 119-125.
- Dunn, J. (1995). Intersubjectivity In Psychoanalysis: A Critical Review. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76, 723-739.
- Eliade, M. (1969). *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70.

- Elliott, R. ; Fischer, C.T. & Rennie, D. (1999). Envolving guidelines for publication of qualitative research studies in psychology and related fields. *British Journal of Psychology*, 38, 215-229.
- Farate, C. (2012). *Psicanálise com Limites*. Lisboa: Fenda.
- Ferro, A. (1999/2000). *A Psicanálise como Literatura e Terapia*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Ferro, A. (2002). The Work of the Negative. *International Journal of Psycho-Analysis*, 83, (4), 974-982.
- Ferro, A. (2006/2009). *Mind Works. Technique and Creativity in Psychoanalysis*. London: Routledge.
- Ferro, A. (2007/2011). *Avoiding Emotions, Living Emotions*. London and New York: Routledge.
- Ferro, A. (2011). *Clinical implications of Bion's thought*. In Mawson, C. (Ed). *Bion Today*. (pp. 155-172). London and New York: Routledge.
- Ferro, A. & Civitarese, G. (2015). *The Analytic Field and its Transformations*. London: Karnac Books.
- Ferro, A. (2015). *Torments of the Soul. Psychoanalytic transformation in dreaming and narration*. New York: Routledge.
- Flick, U. (1998/2008). *An introduction to qualitative research: Theory, method and application*. London: Sage. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (Eds.). *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*, (pp. 219-257). São Paulo: Artmed Editora.
- Freud, S. (1900/1953). *The Interpretation of Dreams – Vol. IV e V*. The Standart Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.

- Freud, S. (1909/1953). *Two case Histories "Little Hans" and the "Rate Man"* – Vol. X. The Standart Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Gavanha, S. (2008). *Sobre o Conflito Estético na Adolescência através do Rorschach*. Dissertação do Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: ISPA.
- Godinho, M.Q., Marques, M. E. & Pinheiro, C. B. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, XXVII, (3), 349-363.
- Green, A. (2000). What kind of research for psychoanalysis? In J. Sandler, A. Sandler, & R. Davies, (Eds). *Clinical and observational psychoanalytic research: Roots of a controversy*, (pp. 21-26). London: Karnac Books.
- Green, A. (2005). The intrapsychic and the intersubjective: Drives and/or object relations. *Psychoanalytic Review*, 12, (1), 51-83.
- Grimal, P. (1951/2009). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel.
- Grotstein, J. (2005). Projective: An extension of the concept of projective identification transidentification: An extension of the concept of projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*, 86, (4), 1051-1069.
- Guirand, F. (1996/1999). *História das Mitologias I*. Lisboa: Edições 70.
- Gusdorf, G. (1952/1995). *A Palavra. Função – Comunicação – Expressão*. Lisboa: Edições 70.
- Heimann, P. (1950). On Counter-Transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 31, 81-8.
- Heimann, P. (1956). Dynamics of Transference Interpretations. *International Journal of Psychoanalysis*, 37, 303-311.

- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Different: free association, narrative and the interview method*. London: Sage.
- Klein, M. (1932/1969). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Klein, M. (1940/1996). *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*. In R. Money-Kyrle, B. Joseph, E. O'Shaughnessy & H. Segal, (Eds). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945 – Vol I*. (pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Klein, M. (1946/1985). *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. In R. Money-Kyrle, B. Joseph, E. O'Shaughnessy & H. Segal, (Eds). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963 – Vol. III*. (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Klein, M. (1952/1985). *As origens da Transferência*. In R. Money-Kyrle, B. Joseph, E. O'Shaughnessy & H. Segal, (Eds). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963 – Vol. III*. (pp. 70-79). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Klein, M. (1955/1985). *Sobre a Identificação*. In R. Money-Kyrle, B. Joseph, E. O'Shaughnessy & H. Segal, (Eds). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963 – Vol. III*. (pp. 169-204). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Korff-Sausse, S. (2006). Contre-transfert, cliniques de l'extrême et esthétique, *Revue Française de Psychanalyse*, 2, 507-520.
- Linhares, M. & Pinheiro, C. (2004/2009). O Eu-Pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes. *Análise Psicológica*, XXVII, (3), 307-318.
- Lombardi, R. (2005). From the eclipse of the body to the dawn of thought. *International Journal of Psycho-Analysis*, 86, (2), 579-585.
- Machado, C. (2007). A psicanálise enquanto relação intersubjetiva. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 27, (2), 39-62.

- Marques, M. E. (1993). L'Expression Féminine et Masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: le travail de transformation et de construction a l'adolescence. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 41-55.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. E. (2003). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio. Campos, sementes e sementeiras. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 23, 55-74.
- Marques, M. E. (2005). Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco. *Análise Psicológica*, XXIII, (1), 19-26.
- Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, XII, (4), 459-462.
- Matha, C. (2010). De L'inscription à la Représentation. Les Scarifications à l'adolescence comme recherche de symbolisation? *Psychiatrie de l'enfant*, LIII, (1), 255-283.
- Meltzer, D. (1990). O conflito Estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 5-30.
- Money-Kyrle, R. (1956). Normal counter-transference and some of its deviations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 37, 360-366.
- Nascimento, A. P. & Marques, M. E. (2009). Vazio que é vazio, vazio que é procura. (Des)encontros. Procurar o (no) vazio no e pelo Rorschach. *Análise Psicológica*, XXVII, (3), 365-373.
- Neves, T. (2008). Research in Psychoanalysis: An area of controversy. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28, (2), 33-59.
- Ogden, T. (1994). The Analytic Third: Working with Intersubjective Clinical Facts. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, 3-17.

- Packer, M. J. & Addison, R. B. (1989). Evaluating an interpretative account. In M. J. Packer & R. B. Addison (Eds). *Entering the circle: Hermeneutic Investigation in Psychology*, (pp. 275-292). Albany: University of New York Press.
- Pinheiro, M. (2011). *Mitos e Lendas da Grécia Antiga*. Lisboa: Clássica Editora.
- Racker, H. (1960). A Study of Some Early Conflicts Through their Return in the Patient's Relation with the Interpretation. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, (1), 47-59.
- Rapaport, D. (1952). Projective techniques and the theory of thinking. *Journal of Projective Techniques*, 16, 269-275.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970/1990). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e a actividade fantasmática no Teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções. *Análise Psicológica*, IV, (1), 17-21.
- Rausch de Traubenberg, N. & Boizou, M. F. (1984/1999). *O Rorschach na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Rausch de Traubenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M. & Poggionovo, M. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: La Clinique du Normal. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 7-39.
- Rorschach, H. (1947/1967). *Psychodiagnostic*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rosado, F.F., Neves, T.S. & Marques, M. E. (2015). Inquietante scientia: pensar o campo epistemológico da psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22, (1), 21-50.
- Rossi, J. P. (1999/2000). *Os métodos de investigação em psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, B. (1987). *Um Discurso sobre as Ciências*. Coimbra: Edições Afrontamento.

- Stolorow, R. & Atwood, G. (1992). Contexts of Being: The Intersubjective Foundations of Psychological Life. *The analytic press*: Hillsdale, NJ.
- Stolorow, R. & Atwood, G. (1996). The Intersubjective Perspective. *Psychoanalytic Review*, 83, (2), 181-195.
- Sena, J. (1985). *Post-Scriptum II* – Vol. I. Vila da Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Co-edição Moraes Editores.
- Sena, J. (1985). *Post-Scriptum II* – Vol. II. Vila da Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Co-edição Moraes Editores.
- Soulé, M. (1980). Edipe au Cirque Devant le Numéro de L'Anguste et du Clown Blanc. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 99-125.
- Thomä, H. & Kächele, H. (1989). *Teoria y practica del psicoanálisis y fundamentos*. Barcelona: Herder.
- Vassalli, G. (2001). The birth of Psychoanalysis from the spirit of Technique: what have we learned? How can we Apply it? *International Journal of Psycho-Analysis*, 82, (1), 3-23.
- Vernant, J.P. (1958/1988). *A morte nos olhos. Figuração do Outro na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vernant, J.P. & Vidal-Naquet, P. (1981/2008). *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Widlöcher, D. (2003) Foreword. In: Leuzinger-Bohler, Dreher, A. & Canestri, J. (2003). *Pluralism and unity? Methods of research in psychoanalysis*. London: The International Psychoanalytic Association.
- Yin, R. (1994/2001). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

ANEXO A – Afrodite

D.N. 31/01/1990

Protocolo do Rorschach da Afrodite aos 13 anos e 4 meses**I**

(Afasta-se e ri-se).

12''

1 – *É um monstro?!... Não faço a mínima ideia do que é isto.*

Gbl FClob (Hd)

(Um monstro por causa dos quatro olhos – Dbl, do seu ar, das orelhas – Dd lat., pela forma da cara do monstro).

27'

II

Risos.

18''

2 – *Um animal, qual, desconheço...* (afasta e aproxima o cartão).

Gbl F± A

(Os bigodes – vermelho inf., as orelhas – vermelho sup. aqui parece olhos – Dbl junto ao negro e vermelho sup. e o nariz – Dbl central).

39''

III

7''

3 – *Um gato* (aproxima o cartão).

D bl F– A

(As orelhas – D lat. inf. o nariz – Dbl inf. central).

19''

IV

11''

Não sei...

Recusa

17''

V

1''

4 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(Pela aparência dele).

5''

VI

4''

5 – *Parece-me a pele de um bicho.*

G EF A

(Está assim espalmado, os bigodes – D sup. e aqui parecem estar umas patas – D lat. inf.).

16''

VII

4''

6 – *Duas crianças.*

D F+ H

(No 1.º terço).

11''

VIII

9''

7 – > ^ *Aqui parecem-me duas iguanas em cima de qualquer coisa.*

D F+ A

(Iguanas – rosa lat., aqui uma pedra ou uma montanha – D central).

22''

IX

15''

8 – *Aqui parecem-me ramos de uma árvore e o resto não sei.*

D CF Nat.

(Ramos da árvore – laranja).

37''

X

10''

9 – *Parece um caranguejo.*

D F+ A

(Caranguejo – ciz. inf.).

10 – *Aqui aquelas algas do mar.*

D F± Bot

(Algas – azul lat.).

Isto aqui não sei bem o que é...

(R.A.: Um bicho do mar – cinzento sup. – D F± A).

38''

Prova das Escolhas+ V – *Parece uma coisa concreta.*VII – *Tá giro.*- II e III – *Porque não se percebe o que é.*

Inquérito dos Limites*Sim. Parece e não parece, só parece na parte superior.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Afrodite aos 13 anos e 4 meses

R	10	G	4	40 %	F	7	A	6	F%	70
		(Gbl)	(2)						F+%	71
T.T.	30'	D	6	60 %	+	4	H	1	A%	60
		(D bl)	(1)		-	1	(Hd)	1	H%	10
					±	2	Nat.	1	Ban	1
					FClob	1	Bot.	1		
					EF	1				
					CF	1				

TRI 0 Σ K : 1 Σ C Extroversivo

FC 0 Σ k : 1 Σ E Extroversivo

RC% 40

IA% 10

Elementos Qualitativos

Choque Clob (I), Recusa (IV).

Protocolo do Rorschach da Afrodite aos 16 anos e 4 meses

I

7''

1 – *Um gato.*

Gbl F+ Ad

(Os olhos – Dbl, as orelhas – D lat. sup. e o focinho – D inf. central).

15''

II

36''

2 – √∧ *É um bicho qualquer, aqui os olhos e aqui o nariz.* Gbl F± A

Não sei...

(Os olhos – Dbl junto ao negro com o vermelho sup. o nariz – bl central e o corpo – negro).

17''

III

4''

3 – *Dois empregados de mesa.*

G K H Ban

(Os empregados – negro, parece que estão a levar uma bandeja – D inf. central).

13''

IV

32''

4 – *Só me vem à cabeça aquelas peles, tipo de vaca, que ficam abertas ao meio. Agora só vejo isto.* G FE A

(Está espalmadinha e pelos contornos, aqui – D sup. central, parece a cabeça aberta ao meio e aqui – D lat. inf. parece uma perna para cada lado).

58''

V

2''

5 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(No negro).

7''

VI

15''

6 – √ *Dois ursos, assim virado ao contrário.*

D F+ A

(Pelo recorte da mancha – D inf.).

30''

VII

7''

7 – *Dois anjos, o que nós pensamos que existe, mas que não existe, que nos definiram uma imagem.* D K (H)

(Anjos – 1.º e 2.º terços).

34''

VIII

6''

8 – *Iguanas.* D F+ A

(Iguanas – rosa lat.).

11''

IX

7''

9 – *Uma bruxa.* D F- (H)

(Duas bruxas – no laranja).

13''

X

13''

10 – *Aqui algas.* D F± Bot.

(Algas – azul lat.).

11 – *Aqui lagostas.* D F+ A

(As lagostas – cinzento sup.).

12 – *Aqui caranguejos.* D F+ A

(Caranguejos – cinzento inf.).

13 – *Sei lá ... o fundo do mar.* Gbl CF Nat.

(Tudo).

(R.A.: Aqui também parecem dois cavalos-marinhos – verde inf. – D F+ A).

35''

Prova das Escolhas+ VII – *Está engraçado.*X – *Pelas cores.*- IV – *Porque a cor não ajuda, o que está lá também não se percebe.*I – *É praticamente o mesmo.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Afrodite aos 16 anos e 4 meses

R	13	G	6	46 %	F	9	A	7	F%	69
		(Gbl)	3				Ad	1	F+%	77
T.T.	20'				+	6				
		D	7	54 %	-	1	H	1	A%	62
					±	2	(H)	2	H%	23
					K	2	Nat.	1	Ban	2
					FE	1	Bot.	1		
					CF	1				

TRI 0 Σ K : 1 Σ C Extroversivo

FC 0 Σ k : 1,5 Σ E Extroversivo

RC% 46

ANEXO B – Apolo

D.N. 29/06/1989

Protocolo do Rorschach do Apolo aos 13 anos e 11 meses**I**

6''

1 – *Isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.* Gbl FClob (H)

(Esta cara... as orelhas todas defeituosas – D lat., os olhos – Dbl sup. e isto deve ser o nariz – Dbl inf.).

30''

II

4''

2 – *Costelas. Mais nada.* D F– Anat.

(Porque isto tem uns traços – diferentes tonalidades no negro, que parecem as costelas e aqui um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio – D vermelho sup.).

12''

III

5''

3 – *A cara de um sapo.* D bl F– Ad

(Os olhos nesta forma – vermelho inf., ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz – vermelho central, o nariz do sapo).

13''

IV

3''

4 – *Dois pinguins de costas um para o outro.* D bl F– A

(Esta cara tem a forma do pinguim com o bico branco – Dd lat. sup. só que estão para baixo. O bico não parece assim tanto, parece de abutre).

14''

V

3''

5 – *Dois crocodilos.* D F+ A

(R.A.: A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água – negro – D EF Elem.).

7''

VI

3''

6 – *Esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.*

G F– A

(O corpo dos ursos – D inf., esta parte pode ser a cara deles – D sup.).

(R.A.: Mas também um tapete de urso – G F+ A).

16''

VII

4''

7 – *Duas caras, uma a olhar para a outra.*

G K H

(O formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras – 1.º terço, isto é o pescoço – 2.º terço, e a saia – 3.º terço).

13''

VIII

5''

8 – *Dois hipopótamos.*

D F– A

(Hipopótamos – rosa inf., este aspeto gordo, com a cara parecida com o formato dos hipopótamos).

9 – *Com duas lagartixas em cima deles.*

D F– A

(As lagartixas – rosa lat., por serem grandes e estarem a trepar).

19''

IX

4''

10 – *Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.*

Gbl F– Hd

(São dois: cara – verde, os olhos aqui – Dbl do verde, aqui uma boina ou um chapéu levantado para cima – laranja. Isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo – rosa).

25''

X

4''

11 – *Dois aranhas a fazerem uma teia.*

D Kan A

(Isto parecem aranhas – azul, estão com umas coisas na mão – verde sup.).

12 – *Em cima do cabelo de um homem de bigode verde.*

D bl F+ Hd

(O cabelo do homem – rosa, isto são os olhos – amarelo, o nariz e o bigode – verde inferior).

26''

Prova das Escolhas

- + IV – *Está mais giro, dá para ter mais ideia do que é.*
X – *Dá para ter uma ideia do que poderá ser.*
 - I – *Porque não se tem nada a dizer. É bizarro.*
VIII – *É a mesma coisa, é um bocado bizarro, não dá para descobrir nada sobre isto.*
-

Inquérito dos limites

Podem ser duas pessoas a tocar tambor.

Psicograma do Protocolo do Rorschach do Apolo aos 13 anos e 11 meses

R	12	G	4	34 %	F	9	A	6	F%	75
		(Gbl)	(2)				Ad	1	F+%	22
T.T.	20'				+	2				
		D	8	66 %	-	7	H	1	A%	58
		(D bl)	(3)				Hd	2	H%	25
					K	1	(H)	1		
					kan	1	Anat.	1	Ban	0
					FClob	1				

TRI 1 K : 0 Σ C Introversivo

FC 2 Σ k : 0 Σ E Introversivo

RC% 42

IA% 25

Elementos Qualitativos

Choque Clob (I).

Protocolo do Rorschach do Apolo aos 16 anos e 11 meses**I**

6''

1 – *Isto parece-me, um inseto esquisito. Parece meio mosca, meio borboleta.* G F+ A

(Isto aqui parece o corpo de uma mosca – D central e isto – D lat., as asas de uma borboleta).

34''

II

6''

2 – *Isto parece-me uma caixa torácica. Parecem-me as costelas.* D F– Anat.

(Isto tem os efeitos de umas linhas que me faz lembrar os efeitos das costelas – no negro).

3 – *O vermelho parecem órgãos por baixo daquilo. Mais nada.* D CF Anat.

(E isto – D vermelho inf., dá a entender que parece um órgão, não sei bem qual, mas parece).

44''

III

10''

4 – *Isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso.* G K H Ban

(Isto parecem as pernas, o corpo e a cabeça – no negro).

27''

IV

6''

5 – *Parecem dois pinguins encostados a uma parede de costas um para o outro.* G kan A
→ Confabulação

(Esta parte aqui com a mancha branca, faz lembrar a cabeça de um pinguim – Dd lat., o corpo – D lat.).

26''

V

7''

6 – *Isto parece-me uma borboleta.* G F+ A Ban
(A borboleta é tudo).

7 – *Aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um jacaré.* D F+ Ad

(A cabeça do jacaré parece aqui nas duas asas).

33''

VI

10''

Não faço a mínima ideia...

→ Recusa

8 – *Parece aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes. Mais nada.*

G FE A

(A cabeça, os bigodes, a cabeça aberta – D sup. e isto, parece o corpo, aqui as patas – D inf.).

42''

VII

15''

Não me faz lembrar nada... Ah!

→ Recusa

9 – *Isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos.*

D F+ Hd

(Esta parte – 1.º terço, parece uma rapariga).

10 – *Isto uma máscara de perfil.*

D F+ Másc.

(Isto aqui em baixo tem umas manchas brancas que parecem uns olhos – 2.º terço, parece uma máscara).

53''

VIII

11''

11 – *Estes dois parecem-me animais. E o do meio não me faz lembrar nada de especial.*

D F+ A Ban

(Animais – rosa lat., não sei bem quais. Isto – mancha central, não identifiquei com nada).

38''

IX

16''

12 – *Isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra ou de uma coisa assim.*

G F- A

(Os elefantes parece esta parte laranja, com a tromba mais para cima, e estas coisas verdes, fez-me lembrar um penedo, ou uma rocha, ou uma coisa assim).

45''

X

12''

13 – *Esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano.*

D bl F- Anat.

(Isto parece o corpo humano – entre os rosas laterais e o cinz. sup.).

14 – *Este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim. Mais nada.*

D F+ A

(Lagosta – azul lat.).

(R.A.: Isto aqui a rosa parece uns cabelos, o amarelo os olhos e o verde uns bigodes. Parece um Sr. com bigodes – D bl F+ Hd).
58”

Prova das Escolhas

- + III – *Gostei da imagem.*
IV – *Achei engraçada, as parecenças com um pinguim achei giro.*
- VIII – *Porque isto não me diz quase nada. Não gostei assim muito do efeito do desenho.*
IX – *É a mesma coisa.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach do Apolo aos 16 anos e 11 meses

R	14	G	6	43 %	F	10	A	7	F%	71
T.T.	20'	D	8	57 %	+	7	Ad	1	F+%	70
		(D bl)	(1)		-	3	H	1	A%	57
							Hd	1	H%	14
					K	1				
					kan	1	Anat.	3	Ban	3
							Másc.	1		
					CF	1				
					FE	1				

TRI 1 Σ K : 1 Σ C Coartativo

FC 1 Σ k : 1,5 Σ E Introversivo

RC% 28

IA% 28

Elementos Qualitativos

Tendência: Confabulação (IV); Recusa (VI, VII).

ANEXO C – Ártemis

D.N. 18/10/1989

Protocolo do Rorschach da Ártemis aos 13 anos e 9 meses

I

2''

1 – *Parece-me uma borboleta, mas assim com uma cara feia, muito esquisita, uma borboleta um bocado sinistra.* G F+ A Ban

(Aqui o corpo – D central, e depois assim com as asas – D lat., um bocado esquisitas, por isso é que eu disse que era sinistra).

41''

II

8''

Não sei... ∨∧ ...

2 – *Isto parece-me a cabeça de um inseto e aqui umas pinças. Não faço a mínima ideia.* D F- A

(As pinças – vermelho sup., a cabeça do inseto – vermelho inf., um escaravelho talvez – tapa a parte inferior da mancha, é só a parte superior).

54''

III

4''

3 – *Um escaravelho (afasta o cartão).* D F- A

(O corpo – D lat., a cabeça – D inf. central, os bracinhos – D inf. negro).

4 – *→ ∨ Um lacinho. É só.* D F+ Obj. Ban

(Vermelho central).

28''

IV

4''

∨ Não faço a mínima ideia do que seja isto. Recusa

(R.A. Isto parece um pato com um bico esquisito negro – D inf. central – D F- A)

(R.A. Um brasão de família – G F± Simb.).

19''

V

1''

5 – *Isto parece um morcego, um bocado esquisito mas...>* G F+ A Ban
sim.

(V A posição das asas em forma de “V”, assim muito esquisita).

28''

VI

16''

Este é difícil. Não sei.

Recusa

(R.A. Parece só uma mancha – G F± Mancha).

17''

VII

21''

6 – *Isto parece uma estátua aqui com duas caras. Só.*

G K H

(É tipo um busto. Isto é a base – 3.º terço, aqui o corpo, um bocado esquisito – 2.º terço e elas estão aqui – 1.º terço, parece que se estão a querer juntar, parece que estão a dar um beijinho).

41''

VIII

21''

7 – *> ^ Parece uma estátua assim muito original, com dois animais de lado.* G F– Obj.

(Isto aqui não faço a mínima ideia – centro, mas isto aqui parecem dois animais, com as patinhas e com a cauda – rosa lateral).

42''

IX

4''

Não sei, este é muito confuso. V^

Recusa

15''

X

24''

Risos.

8 – *∨ Parece uma cara, com umas antenas, uns olhos, o* D bl F+ Hd*nariz e uma boca e com umas pintinhas de tinta à volta.*

(Os olhos – amarelo inf., o nariz – azul central e uma boca em forma de “O” – Dbl).

9 – *Uma máscara de Carnaval.*

Gbl F+ Másc.

(Uma máscara de Carnaval porque tinha muitas cores e coisas ao lado, manchinhas que não me dizem nada).

1'02''

Prova das Escolhas

+ VII – *É uma forma engraçada, uma coisa muito esquisita, mas que tem estas coisinhas, dá um ar engraçado.*

VIII – *Este porque tem cores e isto parece um animal muito esquisito, mas tem certos riscos, parece mesmo que tem umas carinhas.*

- II – *Não me diz nada.*

VII – *Não me diz nada.*

Inquérito dos Limites

Sim, posso imaginar duas figuras humanas.

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Ártemis aos 13 anos e 9 meses

R	9	G	5	56%	F	8	A	4	F%	89
		(Gbl)	(1)						F+%	63
T.T.	25'	D	4	44%	+	5	H	1	A%	44
		(D bl)	1		-	3	Hd	1	H%	22
					K	1	Obj.	2	Ban	3
							Másc.	1		

TRI 1 Σ K : 0 Σ C Introversivo

FC 0 Σ k : 0 Σ E Coartado

RC% 33

IA% 11

Elementos Qualitativos

Recusa (IV, VI, IX).

Protocolo do Rorschach da Ártemis aos 16 anos e 9 meses

I

2''

1 – *Isto parece-me uma traça de asas abertas. Daquelas traças gordas.* Gbl F+ A

(Aqui o corpo – D central, aqui a cabeça do inseto – D sup. central, e as asas – D lat. As traças gordas costumam ter umas pintinhas, que podem ser estes espaços brancos).

21''

II

8''

2 – *Parece ridículo, mas esta parte parece-me a parte da bacia.* D F+ Anat.

(A bacia é esta parte preta porque parece ter a forma de uma bacia).

3 – *A parte de cima parece um escaravelho.* D F- A

(O escaravelho porque têm umas antenas – vermelho sup.).

4 – *A parte de baixo fez-me lembrar uma santola.* D FC A

(Aqui faz-me lembrar uma santola – vermelho inf., porque são assim todas pintadinhas e têm antenas).

59''

III

10''

5 – *∨ Um escaravelho. Aqui as patas e a boca > ∧.* D F- A

(As patas – D lat. inf., a cabeça – D inf. central e o corpo – negro).

6 – *Aqui está um lacinho.* D F+ Obj. Ban

(Vermelho central).

44''

IV

4''

7 – *∨ Aqui parece a cabeça de um pato. Um pato com asas, assim, tipo morcego.* DG F- A
Contaminação

(Eu disse morcego porque quando olhei da primeira vez fez-me lembrar um morcego. E a cabeça do pato – D inf. central).

(R.A.: Agora fez-me lembrar um frango, as asas – D lat. inf. e as pernitais – D sup. lat. – G F- A).

43'

V

4''

8 – ∇ *Faz-me lembrar uma borboleta.*

G F+ A Ban

(As antenas e as asas).

16''

VI

19''

∇ ^ *Não faço a mínima ideia... Não me faz lembrar nada.*

Choque

9 – Talvez uma folha de um plátano.

G F- Plat.

(Os plátanos têm esta forma tipo picotada).

49''

VII

10''

10 – *Faz-me lembrar uma sebe, mas cortada, com o objetivo de fazer um desenho.*

D F- Nat.

(A sebe – 1.º e 2.º terços).

11 – *Duas caras, que parece que têm no cabelo aquelas coisas das espanholas* ∇ ^.

D F+ Hd

(As caras – 1.º terço, e o cabelo – 2.º terço).

52''

VIII

10''

12 – *Aqui (contorna os laterais), parece um animal um bocado esquisito, tipo lontra ou uma coisa assim.*

D F+ A Ban

(Animais – rosa lat., as patinhas, o focinho, até parece que se vêem as orelhas, os olhos e os bigodes).

49''

IX

9''

13 – ∇ *Esta parte vermelha parece a cabeça de uma mosca.*

D F- A

(A mosca é pelos olhos grandes – rosa).

14 – ^ *Isto tudo parece um ET com uma máscara de gás.*

G F- (H)

(O ET é porque tem uma forma esquisita, as narinas – Dbl central, e a parte rosa parece uma máscara de gás).

44''

X

10''

15 – √ *Isto faz lembrar uma máscara de Carnaval. A boca, o nariz e os olhos e tem umas antenas.* Gbl FC Másc. ^∨^

(Porque é colorida, faz lembrar o Carnaval. Tem aqui aquela parte preta, faz lembrar aquelas partes de segurar – cinz. sup., a boca – laranja inf., o nariz – azul central, os olhos – amarelo inf. e as antenas – verde inf.).

33''

Prova das Escolhas

- + VII – *Porque me faz lembrar uma sebe e está muito giro.*
X – *Porque tem cor e é mais gira do que as outras, mais apelativa.*
- IV – *Porque foi mais difícil de ver qualquer coisa.*
VI – *Porque foi mais difícil de ver qualquer coisa.*

Inquérito dos Limites

Sim, as cabeças, as pernas, parece um sapato e o corpo, parece que estão inclinados para a frente. As mãos e os braços.

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Ártemis aos 16 anos e 9 meses

R	15	G	5	33%	F	13	A	8	F%	87
		(Gbl)	(2)						F+%	46
T.T.	30'				+	6	Hd	1		
		D	10	67%	-	7	(H)	1	A%	53
		(DG)	(1)						H%	13
					FC	2	Anat.	1		
							Obj.	1	Ban	3
							Plat.	1		
							Nat.	1		
							Másc.	1		

TRI 0 Σ K : 1 Σ C Extroversivo

FC 0 Σ k : 0 Σ E Coartado

RC% 27

IA% 7

Elementos Qualitativos

Contaminação (IV), Choque (VI).

ANEXO D – Atena

D.N. 11/06/1989

Protocolo do Rorschach da Atena aos 13 anos e 11 meses**I**

3''

1 – *Parece um pássaro, com mais uma asa, em vez de ter duas tem três.* G F+ A

(Pássaro porque parecem-me as asas D lat.).

2 – $\rightarrow \vee \wedge$ *Uns dentes, parece umas moscas que há. Tem uns dentinhos à frente, uma cauda. É só.* G F- A

(Mosca porque vi esta zona – D sup. central, vejo as moscas, elas têm umas antenas à frente e fez-me lembrar).

55''

II

5''

3 – *A cabeça de um bicho. Um rato, dois olhos e aqui os bigodes (aponta), aqui parece os pés ao contrário, parece que foram espalmados, um rato que tem pés e asas, resumindo e concluindo é só.* Gbl F- A

(A cabeça do rato – vermelho inf., olhinhos e os bigodes – Dd inf. central, os pés – vermelho sup., e as asas – negro, contorna com o dedo. Um rato com umas asas e uns pés, um animal um bocado esquisito).

57''

III

4''

4 – *Uma borboleta aqui no meio.* D F+ A Ban

5 – *Aqui olhando parece um sapo, aqui com uns dentes à frente.* D F- A

(Dentes – Dd inf. central, e uns olhos – negro inf.).

6 – *Aqui parece qualquer coisa salpicada, uma bebida qualquer. É só.* D CF Obj.

51''

IV

1''

7 – *Aqui parece uma pessoa, um gigante e eu estou a vê-lo de baixo para cima, então parece muito grande. Aqui tem os pés, aqui parece os braços, aqui parece a cara. Depois parece que está a despir qualquer coisa. É um gigante mesmo.* G KClOb (H)

(Parece uns pés – Dd inf., os braços – D sup.).

1'03''

V

2''

8 – *∇ Aqui ∧ parece uma borboleta. Mais nada.* G F+ A Ban

(As asas – D lat., as antenas – Dd inf. central.).

17''

VI

5''

9 – *Aqui... (divide com a mão o cartão)... Parece que é a cabeça de um animal qualquer, aqui tem pêlo como os gatos, os bigodes, aqui a pele de um animal qualquer. Mais nada.* G FE A

(Aqui, visto metade, parece os gatos persas que têm pêlo mas só vendo metade – tapa a outra parte).

50''

VII

8''

10 – *Parece a cabeça de uma pessoa (contorna o 1.º terço)* D F+ Hd
(Cara da pessoa – 1.º terço tapando o Dd sup.)

11 – *Aqui o que é que parece > ∇ ∧ ...parece que tá com ... parece a cara de uma pessoa, mas quando eu olho parece um coelho com as orelhas, só que em vez de estar com as patas para a frente, está com as patas para trás. Aqui parece o corpo. Parecia um coelho mas com a cara de uma pessoa.* G F+ A

(Cara pessoa/coelho – 1.º terço, o corpo de coelho se estivesse virado para o outro lado – 2.º terço, a continuação do corpo do coelho – 3.º terço).

1'42''

VIII

4''

12 – *Aqui parece (contorna), parece que cortaram qualquer coisa ao meio, um bicho qualquer e depois espalmaram. Parece um bicho com três patas e uma cauda.* D F± A
(O desenho está um bocado confuso. O bicho – rosa lat.).

13 – *Aqui parece uma borboleta.* (Rosa inferior). *Aqui não me parece nada.* D F+ A

1'07''

IX

16''

14 – *Aqui ...∨ ... Aqui parece (aponta para o Dbl). Aqui parece uma cabeça de um elefante vista de cima, depois parece a tromba, mas vai mudando de cor conforme a imagem que se vê.* Dbl F- Ad
→C

(A cabeça de um elefante visto de cima – rosa, e com as orelhas e a tromba vai vindo para aqui – Dbl central, as cores vão alterando a tromba vai mudando de cores).

15 – *Aqui parecem umas nuvens.* D F± Nat.
(Verde).

16 – *Aqui parecem dois bichos.* D F± A
(Laranja).

1'27''

X

3''

17 – *Aqui parece uma flor.* D F- Bot.
(Rosa).

18 – *Aqui parece uma cenoura.* D F- Alim.
(Laranja inf.).

19 – ∨ *Se virar ao contrário parece que tenho umas bochechas, parece que tenho uns olhos. O nariz, a boca.* D bl F- Hd
(olhos – amarelo, nariz – azul central, boca – laranja sup.).

20 – *Aqui parece uns caranguejos.* D F+ A Ban
(Azul lat.).

1'09''

Prova das Escolhas

- + VIII – *Por causa das cores. Porque aqui parece uma borboleta. Aqui parece um bicho.*
 X – *Tem mais cores e porque se olhar parece mais real, parece a face de uma pessoa ou de qualquer coisa. Aqui parece que tem flores.*
- I – *Porque aqui parece que tem uns olhos e uma boca e parece que está a fazer uma cara má e é escuro o desenho, não tem cores.*
 VI – *Porque parece... porque também é escuro e eu não gosto de coisas escuras e parece um bicho, não é que eu não goste de bichos, mas gosto de os ver vivos.*

Inquérito dos Limites

Sim, de lado, estão de perfil.

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Atena aos 13 anos e 11 meses

R	20	G	7	35%	F	17	A	12	F%	85
		(Gbl)	(1)				Ad	1	F+%	50
T.T.	25'				+	7				
		D	12	60%	-	7	(H)	1	A%	65
		(Dbl)	(1)		±	3	Hd	2	H%	10
		(D bl)	(1)							
					K	1	Obj.	1	Ban	3
					Clob	1	Nat.	1		
							Bot.	1		
					CF	1	Alim.	1		
					(→C)	(1)				
					FE	1				

TRI 1 Σ K : 1 Σ C Coartativo

FC 0 Σ k : 1,5 Σ E Extroversivo

RC% 45

IA% 10

Elementos Qualitativos

Choque Clob (IV), Tendência C (IX).

Protocolo do Rorschach da Atena aos 16 anos e 11 meses

I

2''

1 – *Um morcego. Um morcego com quatro asas e umas anteninhas. É só.* G F+ A Ban
→C'

(Esta zona aqui – D lat., são as asas e estas coisas aqui – Dd sup. central as anteninhas. O que me fez pensar no morcego foi a cor escura).

22''

II

4''

Neste não vejo nada...

Choque

2 – > *Assim, parece que vejo aqui uns ratinhos.*

D F+ A

(Parecem umas patinhas e vi aqui uma orelha algures no negro).

3 – ∨ *Aqui em baixo parece que vejo uma borboleta.*

D F+ A

(A borboleta – vermelho inf. quando a viro ao contrário tem umas antenas).

40''

III

4''

4 – *Parece umas avestruzes aqui de lado.*

D F- A

(Porque são altas e parece que têm um bico e as patas – no negro).

→ Confabulado

5 – ∨ ∧ *Uma borboleta aqui. E pronto, não vejo mais nada.*

D F+ A Ban

(A borboleta porque se virarmos tem mesmo o formato da borboleta – vermelho central).

34''

IV

2''

6 – *Isto parece um urso.*

G F+ A

(Parece porque quando uma pessoa olha parece que é alto e associei o ser alto a um urso).

→ Confabulado

7 – *Aqui a cabeça, parece daqueles bichos, de um guaxini.*

D FE Ad

∨ > ∧

(A cabeça parece mesmo porque tem aquele formato, e tem o mais claro e o mais escuro – Dd sup. central).

29''

V

5''

8 – *Parece um canguru, não sei como mas parece-me.* G F– A

(As orelhas lembram-me as deles e como estão assim esticadinhas – Dd sup. central).

→ Confabulado

9 – $\vee \wedge$ *Parece umas patinhas de coelho.*

(Eu olho aqui para o lado e esticado parecem umas patinhas de coelho – D inf. central).

Do F+ Ad

Não sei porquê mas só vejo animais nisto. $\vee \wedge$

47''

VI

4''

10 – *Isto parece mais uma vez animais. Parece aqueles tapetes que há em casa das pessoas, de animal. A cabeça parece de um bicho qualquer que eu não sei qual é.* G F+ A

(É o tal guaxini, agora é que me veio à cabeça, como tem estas linhas aqui – D inf. lat., parece aqueles tapetes que as pessoas têm em casa, quando estão aqueles animais mortos, esticados, parece mesmo).

41''

VII

9''

 $\vee \wedge$ *Este não me parece nada ... Não me parece mesmo nada.* Recusa

(R.A.: Agora olhando melhor parece aqui a cara de uma pessoa – 1.º terço – D F+ Hd).

25''

VIII

6''

11 – *Parece que tem uns camaleões de lado.* D F+ A Ban

(Camaleões – rosa lat.).

12 – *Parece uma árvore.* $\vee \wedge$

(Verde).

D FC Nat.

25''

IX

4''

13 – *São umas lagostas aqui em cima.* D FC A

(Lagosta foi pelo facto de ser cor-de-laranja, e destas linhas parecerem as patas delas).

14 – √ *Aqui parece um cão, uma cabeça de um cão.* D F- Ad

(O cão foi pelo formato destes círculos – rosa, que me fazem lembrar uma cabeça).

27''

X

6''

15 – *Só vejo aqui bichos. Aqui parece uns caranguejos.* D F+ A Ban

(Caranguejos – no azul, por causa das linhas faz-me lembrar as patas).

16 – *Aqui uns camarões.* D F- A

(Amarelo inf.).

17 – √ *Aqui umas plantas. Isto aqui a vermelho não sei* D F± Plat.*explicar o que é que é.*

(Plantas – cinz. inf. + amarelo).

43''

Prova das Escolhas**+** VI – *Porque parece a cabeça de um guaxini e o guaxini é um dos meus animais favoritos.*X – *Por causa da cor, gosto muito de cores.***-** II – *Porque é escura e não consegui ver muita coisa, vi os ratinhos e a borboleta, mas não teve assim grande significado.*III – *Porque também não vi aqui grande coisa, é escura, vi as tais avestruzes mas não me chamaram a atenção.*

Inquérito dos Limites*Sim, aqui de lado.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Atena aos 16 anos e 11 meses

R	17	G	4	24%	F	14	A	12	F%	82
T.T.	20'	D	12	71%	+	9	Ad	3	F+%	68
		Do	1	5%	-	4			A%	88
					±	1			H%	0
					FE	1	Nat.	1	Ban	4
					FC	2	Plat.	1		
					(→C')	(1)				

TRI 0 Σ K : 0,5 Σ C Extroversivo

FC 0 Σ k : 0,5 Σ E Extroversivo

RC% 41

Elementos Qualitativos

Choque (II), Tendência confabulação (III, IV e V), Recusa (VII).

ANEXO E – Deméter

D.N. 20/09/1989

Protocolo do Rorschach da Deméter aos 13 anos e 8 meses**I**

6''

1 – *Um morcego.*

(Parece que tem aqui umas asas – D lat. e o corpo aqui no meio).

10'

II

6''

2 – *Não sei... Parece uma cara.*

D bl F– Hd

(Parece que tem dois olhos – vermelho sup., o nariz – Dd no negro sup. central, a boca – Dbl central).

(R.A.: Uma coisa de precipício, faz lembrar qualquer coisa que não tem fundo – Gbl EF Nat.).

14''

III

4''

3 – *Parecem dois seres não definidos.*

G K (H)

(Parece que eles estão a agarrar qualquer coisa – D inf. central. Tem corpo – negro, mas não é humano, não parece).

15''

IV

7''

4 – *Um gigante qualquer.*

G FClob (H)

(Eu vi de baixo para cima. As botas – D lat., a cabeça, os ombros e os braços – D lat. sup.).

14''

V

3''

5 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(Por causa das asas e porque é pequenino e preto).

7''

VI

3''

6 – *Um gato.*

G F+ A

(Parece que está com o focinho para cima, com os bigodes e as orelhas).

6''

VII

6''

7 – *Parecem duas pessoas, de frente uma para a outra.*

D K H

(Aqui – 1.º terço, parece que tem a forma da cara, aqui – 2.º terço, o corpo, parece que tem o corpo de algum animal).

18''

VIII

7''

8 – *Aqui só consigo ver, mais ou menos, dois animais, um género de felino.*

D F+ A Ban

(Animais – rosa lat., as patas e o focinho).

23''

IX

4''

9 – *Água ...*

Dbl kob Elem.

(Água, porque aqui parecia uma cascata – Dbl central).

10 – *Género de uma floresta.*

D CF Nat.

(O resto a floresta – mancha).

17''

X

4''

11 – *Aqui faz-me lembrar o fundo do mar.*

Gbl CF Nat.

(Mais por causa dos desenhos animados).

(R.A.: O castelo – cinz. sup. – D F– Obj.).

(R.A.: Aqui algas – azul lat. – D F± Bot.).

(R.A.: Um caranguejo – cinz. inf. – D F+ A).

(R.A.: Duas sereias – amarelo inf. – D F– (H)).

(R.A.: Dois cavalos-marinheiros – rosa – D F+ A).

16''

Prova das Escolhas

- + IX – *Por causa das cores.*
 X – *Porque me faz lembrar o fundo do mar.*
- I – *Porque me fazia lembrar um morcego.*
 II – *Porque parece que tem uma cara esquisita.*
-

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Deméter aos 13 anos e 8 meses

R	11	G	6	55 %	F	5	A	4	F%	45
		(Gbl)	(1)						F+%	80
T.T.	15'	D	4	36 %	+	4	H	1	A%	36
		(D bl)	1		-	1	Hd	1	H%	18
		Dbl	1	9%	K	2	Nat.	2	Ban	3
					kob	1	Elem.	1		
					FClob	1				
					CF	2				

TRI 2 Σ K : 2 Σ C Coartativo

FC 1 Σ k : 0 Σ E Introversivo

RC% 36

IA% 9

Elementos Qualitativos

Choque Clob (IV).

Protocolo do Rorschach da Deméter aos 16 anos e 8 meses**I**

1''

1 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(As asas – D lat. e porque é preto).

7''

II

8''

Ai que esquisito!

Choque

2 – *Parece uma cara. Aqui os dois olhos, o nariz e a boca aberta.*

D bl kp Hd

(Os olhos – vermelho sup., o nariz – Dd negro central, a boca – Dbl central, parece que está a gritar. Parece que tiraram uma fotografia de baixo para cima).

27''

III

5''

3 – *Parecem duas pessoas a tocarem em alguma coisa que têm em comum.*

G K H Ban

(As cabeças, o corpo e as pernas e como isto parecem os braços parece que estão a agarrar alguma coisa).

26''

IV

10''

4 – *Isto parece-me um gigante, isto são as botas dele, os braços e a cabeça.*

G FClob (H)

(Aqui estão as pernas grandes – D lat. inf., aqui estão os braços – D lat. sup. e aqui a cabeça – D sup. central, parece que tem um gorro. Ele está virado de costas para mim).

35''

V

2''

5 – *Parece-me um morcego.*

G F+ A Ban

(As asas, as pernas e a cabeça dele aqui – D sup. central).

12''

VI

4''

6 – *Parece-me um gato esticado. Estão aqui os bigodes e as orelhas...* G F+ A

(Parece que ele tem aqui as patas inferiores, aqui são as superiores – D inf., parece que está esticado. Aqui são os bigodes – D sup.).

45''

VII

4''

7 – *Parecem-me dois duendes virados um para o outro.* D K (Hd)

(Isto fez-me lembrar o *Peter Pan* por causa do chapéu – Dd do 1.º terço e o recorte fez-me lembrar a cara deles de perfil).

18''

VIII

7''

8 – *Isto parece-me uma rocha* D F± Nat.
(Rocha – rosa inf.).

9 – *Isto são árvores.* D CF Bot.
(Árvores – verde e o cinzento).

10 – *E isto são dois animais, dois lobos.* D F+ A Ban
(Os lobos – rosa lat., estão a andar).
30''

IX

11''

11 – *Isto parece-me água, uma cascata.* Dbl kob Elem.
(A cor clarinha – Dbl central, parece água que está a cair, fez-me lembrar uma cascata).

12 – *Aqui rochas.* D F± Nat.
(Rochas – rosa inf.).

13 – *Aqui árvores.* D CF Bot.
(As árvores – verde, troncos – laranja).
34''

X

6''

*Eu lembro-me deste!*14 – *Aqui duas sereias.*

(Sereias – amarelo inf. central).

D F– (H)

15 – *Dois algas.*

(Algas – azul lat.).

D F± Bot.

16 – *Dois caranguejos.*

(Caranguejos – cinzento inf.).

D F+ A

17 – *Parece-me o fundo do mar.*

(Tudo).

40''

Gbl CF Nat.

Prova das Escolhas+ VII – *Porque me faz lembrar duendes virados um para o outro e eu gosto de duendes.*X – *Porque tem muitas cores e parece-me o fundo do mar.*- II – *Porque parece-me uma cara assustadora. É obscuro este para mim.*VI – *Porque me parece um gato atropelado, coitadinho do animal.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach da Deméter aos 16 anos e 8 meses

R	17	G	6	35 %	F	9	A	5	F%	52
		(Gbl)	(1)						F+%	72
T.T.	20'	D	10	59 %	+	5	H	1	A%	29
		(D bl)	(1)		-	1	Hd	1	H%	12
					±	3	(H)	2		
		Dbl	1	6%			(Hd)	1	Ban	4
					K	2				
					kob	1	Nat.	3		
					kp	1	Bot.	3		
							Elem.	1		
					FClob	1				
					CF	3				

TRI 2 Σ K : 3 Σ C Extroversivo

FC 2 Σ k : 0 Σ E Introversivo

RC% 59

Elementos Qualitativos

Choque Clob (IV).

ANEXO F – Gaia

D.N. 16/11/1989

Protocolo do Rorschach da Gaia aos 13 anos e 6 meses**I**

5''

1 – *Parece uma cara... Parece assim uma coisa assustadora com asas. Não vejo assim mais nada.* D bl FClob (Hd)

(É assim preto, tem aqui estas partes brancas, parecem uns olhos – Dbl sup., e uma boca – Dbl inf., e tem estas partes que parecem umas asas).

(R.A.: Parece mais propriamente um morcego – G F+ A Ban).

52'

II

3''

2 – *Parece que não é bem duas pessoas, mas é assim umas cabeças esquisitas. Parece que estão a tocar mão com mão.* D K H

(Estão juntos. Têm uma cabeça em bico – vermelho sup.).

42''

III

10''

3 – *Isto parece... (olha de lado)... Parece aqui umas plantas.* D F± Bot.

(Plantas – vermelho sup.).

4 – *Parece tipo uns peixes aqui. Não vejo assim mais nada.* D F– A

(Uns peixes porque isto – D inf. lat., parece umas barbatanas, parece que estão no fundo do mar).

58''

IV

4''

5 – *Este parece tipo um bicho grande com os pés grandes. Parece que tem assim, cara de texugo.* G F+ A

(Esta parte aqui – Dd sup. central, parece um texugo, aqui parecem uns braços – D lat., tem aqui as patas grandes – D lat. e aqui um rabo – D inf. central).

42''

V

6''

6 – *Parece uma borboleta.*

G F+ A Ban

(Por causa das asas, os corninhos – D sup. e aquela parte de baixo das borboletas – D inf. central).

15''

VI

4''

7 – *Isto parece alguma coisa com uns bigodes... talvez um bicho com umas patas pequeninas e o focinho assim largo.*

G F± A

(Parece que tem uns pêlos aqui – D sup., os bigodes, o focinho. É largo).

(R.A.: Também me faz lembrar tipo peles de caça – G FE A Ban).

42''

VII

2''

8 – *Parecem duas raparigas, assim com uns totós. Parece que tão a dançar, mais ou menos.*

G K H

(A cara e o cabelo – 1.º terço, as mãos parece que estão para o lado. Parece que estão a mexer as ancas – 3.º terço, a olhar uma para a outra).

40''

VIII

7''

9 – *Parecem dois bichos.*

D F+ A Ban

(Aqui parece dois camaleões – rosa lat.).

10 – *Um as árvores e umas plantas aqui...*

D CF Bot.

(Árvores – verde).

11 – *Parece que tem aqui duas cabeças.*

D F– Ad

(Parecem duas cabeças tipo de uns ursos – rosa inf., mas não dá para perceber bem).

36''

IX

4''

12 – *Isto parece fogo.*

(Fogo – o amarelo e o laranja).

D kob Elem.

13 – *As árvores.*

(As árvores assim robustas – verde).

D CF Bot.

14 – *E tipo umas rochas.*

(Umas rochas em tons de rosa – rosa inf.).

D F± Nat.

28''

X

4''

15 – *Estes parecem dois insetos.*

(Aqui – cinz. sup., dois insetos, parece que andam à luta por uma coisa).

D F– A

→ kan

16 – *Aqui parecem uns cavalos-marinhos.*

(Cavalos-marinhos – rosa).

D F+ A

17 – *Uns peixinhos.*

(Uns peixes pequeninos com uns olhos – amarelo inf.).

D F– A

18 – *Aqui parece que tem uns caranguejos.*

(Os caranguejos por causa das perninhas – cinz. inf.).

D F– A

46''

Prova das Escolhas+ IX – *Porque parece-me uma paisagem.*X – *Porque parecem assim o fundo do mar.*- I – *Parece ser assim uma coisa assustadora.*VIII – *Parecem assim uns bichos.*

Inquérito dos Limites*Sim, no negro. Aqui as cabeças, a cara, o corpo, as pernas é que não parece muito.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Gaia aos 13 anos e 6 meses

R	18	G	4	22 %	F	12	A	9	F%	67
T.T.	23'				+	4	Ad	1	F+%	46
		D	14	78 %	-	5	H	2	A%	56
		(D bl)	(1)		±	3	(Hd)	1	H%	11
					K	2	Bot.	3	Ban	2
					(→kan)	(1)	Nat.	1		
					kob	1	Elem.	1		
					FClob	1				
					CF	2				

TRI 2 Σ K : 2 Σ C Coartativo

FC 1 Σ k : 0 Σ E Introversivo

RC% 56

Elementos Qualitativos

Choque Clob (I).

Protocolo do Rorschach da Gaia aos 16 anos e 6 meses

I

4''

1 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(O morcego porque isto – D lat., faz-me lembrar as asas).

2 – *Uma máscara.*

Gbl F+ Másc.

(A máscara por causa dos olhos – Dbl sup.).

3 – *Um inseto. Acho que é só.*

D F+ A

(O inseto porque parece que tem umas patas – Dd sup. central).

20''

II

5''

4 – *Duas pessoas, um contacto físico... acho que é só.*

G K H

(Duas pessoas – no negro junto com o verm. sup., o contacto, parece que estão a tocar com os pés – vermelho inf. e com as mãos – Dd negro sup.).

30''

III

10''

5 – *Peixes talvez.*

D F– A

(Peixes foi porque isto – D inf., faz lembrar barbatanas e isto – vermelho sup. faz lembrar algas).

6 – *O fundo do mar.*

Gbl CF Nat.

(Todo).

34''

IV

8''

7 – *Faz lembrar a pele de um animal. Acho que mais nada.*

G FE A

(Por estar assim estampada. Por aparecer aqui uma cabeça – D sup. central e umas patas – D inf. lat.).

26''

V

5''

8 – *Este faz-me lembrar um inseto.*

G F± A

(Por causa das asas – D lat. e aqui – D sup., é como se fossem umas antenas).

19''

VI

10''

D F+ A

9 – *Um animal.*

(Um animal porque parece que tem a cabeça – D sup. e as patas – D inf.).

30''

VII

7''

10 – *Duas raparigas, como numa dança.*

G K H

(A face é feminina, os cabelos compridos – 1.º terço, o corpo – 2.º terço, parece que estão com saias – 3.º terço).

24''

VIII

7''

11 – *Talvez uns camaleões a treparem alguma coisa.*

G F+ A Ban

(Os camaleões – rosa lat., a trepar porque eles estão na vertical).

26''

IX

6''

12 – *O fogo.*

D kob Elem.

(O fogo porque é laranja e amarelo.).

13 – *A natureza.*

D C Nat.

(A natureza é esta parte verde).

14 – *A água.*

Dbl C Elem.

(A água porque tem o azul – Dbl).

(R.A.: Aqui faz-me lembrar um órgão, os rins – rosa inf., – D F– Anat.)

25''

X

7''

15 – *Dois cavalos-marinhos.*

D F+ A

(Cavalos marinhos – rosa, devido à forma arredondada).

16 – *Peixes.*

D F– A

(Peixes – amarelo inf., porque parece que têm barbatanas.).

17 – *Insetos.*

D F– A

(Os insetos porque aqui parecem dois na parte cinzenta – cinz. sup.).

27''

Prova das Escolhas

- + IX – *Por causa de ter a ver com a diferença do fogo, da água e da natureza.*
X – *Faz lembrar o fundo do mar, as cores também.*

 - I – *Porque faz lembrar a máscara, não saber o que está por trás, um enigma.*
IV – *Porque como já tinha dito faz-me lembrar uma pele e eu sou um bocado contra.*
-

Inquérito dos Limites

Sim. Mas não parecem muito humanos, porque a cabeça tem um bico e as pernas também não parecem.

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Gaia aos 16 anos e 6 meses

R	17	G	8	47 %	F	10	A	10	F%	59
		(Gbl)	(2)						F+%	65
T.T.	20'	D	8	47 %	+	6	H	2	A%	59
					-	3	Nat.	2	H%	12
		Dbl	1	6%	±	1	Elem.	2	Ban	2
						2	Másc.	1		
					K	1				
					kob	1				
					FE	1				
					CF	1				
					C	2				

TRI 2 Σ K : 2,5 Σ C Extroversivo

FC 1 Σ k : 0,5 Σ E Extroversivo

RC% 41

ANEXO G – Hera

D.N. 26/04/1990

Protocolo do Rorschach da Hera aos 13 anos e 1 mês**I**

2''

1 – *Isto parece-me... tipo uma borboleta.*
(Borboleta com asas).

G F+ A Ban
→kan

2 – *Ao mesmo tempo um morcego... (faz caretas) ... Uma borboleta.*

G F+ A

(Ao mesmo tempo parece um morcego por causa destes corninhos – Dd sup. central).

3 – *Um vampiro...Um morcego. Não me vem mais nada à cabeça.*

G FClob (A)

(Um bicho com asas é a melhor coisa que eu sei dizer).

1'03''

II

27''

(Risos. Ar sério) ∨^ ... < ^

Não me vem nada à ideia.

Recusa

38''

III

22''

4 – *Parecem duas pessoas, ou um animal a fazer qualquer coisa. Parece mesmo qualquer coisa que pertence às duas pessoas, que não sabem mas que estão a tentar descobrir. Não me vem mais nada à ideia.*

G K H Ban

(Duas pessoas por causa da forma da cara e do corpo em si. As mãos – D central. Estão a olhar muito fixamente um para o outro).

1'09''

IV

9''

(Abre muito os olhos).

G F+ H

5 – *Parece uma pessoa muito alta.*

(Todo).

6 – *Parece um animal deitado.*

G F+ A

(Todo).

7 – *Uma pele de um animal estendida no meio de uma sala.* G FE A*É estranho. É só.*

(A minha mãe tem um cobertor que é de um leão. Como o leão tá em ponto grande fez-me lembrar por causa da cara – D sup. central e por causa da cauda – D inf. central).

48''

V

5''

8 – *Tá-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta, é uma espécie de borboleta mais* G F+ A Ban*esquisita. Resumindo, é um bichinho com asas da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género.*

(As asas – D lat., aquelas borboletas que se encontram nas histórias de princesas e nos contos de fadas e nessas tretas todas).

1'03''

VI

5''

(Ri-se muito).

9 – *Ai estou-me a lembrar... a pele de um felino estendida no chão.* G FE A Ban10 – $\vee \wedge$ *Parece um gato ou um tigre, ou lá o que é, tá-me a lembrar o Silvester.* G F+ (A)(Se olhar para o focinho do *Silvester* faz lembrar com os bigodes – D sup.).47''

VII

16''

(Revira o nariz. Contorna com o dedo o cartão).

11 – *Parece uma ilha deserta cheia de mistérios ou onde há alguma coisa a ser destruída, onde não vive ninguém, está mesmo deserta, antes podiam viver ali pessoas, mas como foi destruída está deserta.* Gbl EF Geo.

(A ilha – negro, aqui à volta é o mar – branco, a forma faz-me lembrar uma ilha. Podia ser um continente destruído, por causa das formas isto encaixava em qualquer sítio, mas foi destruído pela natureza em si).

1'08''

VIII

5''

12 – *Tá-me a fazer lembrar uma colina com dois... > ^ < parece que estão a subir uma espécie de um vale, de uma montanha.*

D F± Nat.

13 – *Dois animais que se querem encontrar, mas não sabem como, como se fossem almas gémeas. É só.*

D F+ A Ban

(Dois irmãos, dois leões, um à procura do outro – rosa, isto tem esta separação – eixo central, uma parte era de um e outra era de outro e quando chegassem ao cimo do ponto mais alto – cinzento, pudessem-se encontrar, por isso é que eu pensei que pudessem ser familiares ou amigos).

1'

IX

4''

14 – *Faz-me lembrar um E.T. (abre muito os olhos), por ter estas partes assim, a cor da face, um ser de outro mundo, de outra dimensão.*

Gbl K (H)

(A forma da cara – Dbl central, a parte dos olhos – laranja e verde, isto sobe para cima e faz lembrar fumo – laranja. A boca – verde, o corpo e os braços – rosa, está vestido com qualquer coisa).

42''

X

6''

15 – *Está-me a fazer lembrar aranhas, muitas aranhas. É só.* D F+ A

(Aranhas – azul, cinzento sup. e inf.).

24''

Prova das Escolhas

- + V – *Por causa da forma dele em si. Parece uma coisa real e ao mesmo tempo parece uma coisa que nunca existiu.*
VIII – *Por causa das cores, da forma, da maneira do desenho em si.*
- II – *A forma é muito esquisita.*
IX – *Por causa da forma é muito de outro mundo. Da parte onde eu imagino os olhos a deitar fumo e da boca a mesma coisa. É muito estranha.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Hera aos 13 anos e 1 mês

R	15	G	12	80 %	F	9	A	8	F%	60
		(Gbl)	2				(A)	2	F+%	94
T.T.	25'				+	8				
		D	3	20 %	±	1	H	2	A%	53
							(H)	1	H%	13
					K	2	Nat.	1	Ban	5
					(→ kan)	(1)	Geog.	1		
					FClob	1				
					FE	2				
					EF	1				

TRI 2 K : 0 Σ C Introversivo

FC 0 Σ k : 2 Σ E

RC% 27

Elementos Qualitativos

Tendência Kan (I), Recusa (II), Choque Clob (I).

Protocolo do Rorschach da Hera aos 16 anos e 1 mês

I

10''

1 – *Parece uma borboleta...*

G F+ A Ban

(A forma como ela está, pequenina aqui – D central e depois as asas – D lat.).

2 – *Ou um morcego. Não sei, é uma imagem esquisita.*

G F+ A

(O morcego por causa da cor negra, ele é um bicho que vive no escuro).

→C'

47''

II

10''

Isto vai de mal a pior... são tão esquisitas as imagens ... agora de relance não me lembro de nada... as cores são tão esquisitas.

Recusa

(Estas cores muito escuras, o contraste entre o preto e o vermelho, tem um contraste de morte e de medo, a mim lembra-me isso).

44''

III

9''

3 – *Aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente. Parece que algo está a separá-las. É muito esquisito.*

G K H Ban

(Da forma como elas estão frente a frente parece que elas estão a ver quem é que vai ficar).

46''

IV

24''

4 – *Aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, a mostrar a sua grandeza, mas ao mesmo tempo transmite um bocado de medo. Não sei.*

G ClobF Abst.

(É a forma como está colocado, é a cor, é grande e transmite medo ou receio).

1'05''

V

5''

5 – *Aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está-se a mostrar grandioso talvez.* G F± A
→ kan

(A forma, parece que tem um corpo pequenino, uma coisa frágil, mas ao mesmo tempo parece que ele está a abrir as asas e é grande).

36''

VI

14''

(Morde o lábio).

Recusa

Esta não me diz grande coisa.

26''

VII

8''

6 – *Esta aqui parece que há um vazio dentro de algo, falta aqui qualquer coisa, parece que algo foi retirado e agora faz falta, talvez.* Dbl F± Vazio

(Aqui no meio – branco central, falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado).

46''

VIII

5''

7 – *Aqui parecem-me dois animais a subirem para um topo, para atingirem uma meta, um fim, um destino.* G F+ A Ban

As cores são mais vivas, transmitem mais vida.

Com.

(Tá pequeno aqui, mas depois começa a aumentar as figuras de lado e no fim tem um topo, um biquinho, parece que estão os dois a lutar por essa meta, por esse fim).

54''

IX

12''

8 – *Aqui esta parece uma cara, ou assim alguma coisa, parece que está a ser escondida, por medo, talvez, não sei.* Dbl kp Hd

(Parece que está aqui uma pessoa ou um ser que tem a cara tapada – Dbl, talvez o que as outras lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei).

43''

X

8''

9 – *Esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa, está tudo disperso. Muita vida.* Gbl CF Abst.

(A forma como a imagem está colocada, as cores utilizadas são vivas, transmitem cor e alegria. Parece que algo aconteceu).

39''

Prova das Escolhas

+ VIII – *Porque demonstra um bocado de luta, uma meta ou um fim que eles querem atingir.*

X – *Porque demonstra alegria, festa, que está tudo bem, pelas cores que tem, pelo menos é o que eu acho.*

- II e VI – *Estas duas não me transmitem grande coisa, são imagens sem vida e as cores são muito escuras, muito mortas, transmitem medo e receio, não me fascinam muito.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Hera aos 16 anos e 1 mês

R	9	G	7	78 %	F	5	A	4	F%	56
		(Gbl)	1						F+%	80
T.T.	20'	Dbl	2	22 %	+	3	H	1	A%	44
					±	2	Hd	1	H%	22
							Abst.	2	Ban	3
					K	1	Vaz.	1		
					(→ kan)	(1)				
					kp	1				
					ClobF	1				
					(→ C')	(1)				
					CF	1				

TRI 1 K : 1 Σ C Coartativo**FC** 1 Σ k : 0 Σ E Introversivo**RC%** 33**IA%** 11**Elementos Qualitativos**

Recusa (II, VI), Tendências: C' (I), kan (V); Choque Clob (IV) e Com. (VIII).

ANEXO H – Sémele

D.N. 02/09/1989

Protocolo do Rorschach da Sémele aos 13 anos e 8 meses**I**

2''

1 – *Uma aranha acho eu...*

D/G F- A

(Por causa desta parte Dd sup. central e o centro, as costas).

2 – *Uma mosca.*

G F+ A

(Parece o que tem à frente).

3 – *Um monstro.*

Gbl FClob (H)

(Porque é preto, é mal feito. Tem quatro olhos, é esquisito, as asas – D lat. e as mãos Dd sup. central).

34''

II

2''

4 – *Uma cara. \vee Mais nada \wedge ...*

Gbl F- Hd

(Os olhos – vermelho sup., o nariz – branco, a boca – vermelho inf. A parte preta é o resto da cara).

21''

III

7''

5 – *Uma sapo (morde o lábio) \wedge \vee . Só um sapo.*

D bl F- A

(Os olhos – D inf. negro, as patas – D lat. inf.).

(R.A.: Aqui tem um lacinho nas costas – vermelho central – D F+ Obj. Ban).

28''

IV

3''

6 – *Um monstro. \vee \wedge*

G FClob (H)

(Um monstro, porque parece ter braços, pernas e uma cabeça pequena. Esta parte não sei o que é – D inf. central).

7 – *Uma nuvem de fumo, acho eu. (rói a unha). Mais nada.*

G EF Nat.

(R.A.: A nuvem de fumo, porque pareceu-me aqui uma chaminé – D inf. central e depois deitava fumo – D F+ Obj.).

32''

V

1''

8 – *Uma borboleta.*

G F+ A Ban

(A borboleta, porque tem as antenas e as patas parecidas).

9 – \vee *Um morcego.* \wedge *Mais nada.*

G F+ A

(O morcego, porque é preto e tem as asas abertas).

16''

VI

2''

(Risos).

G kob Geo.

10 – $\vee \wedge$ *Um vulcão.* *Mais nada.*

(Esta parte aqui parece o vulcão – D inf. e esta parte aqui parece lava – D sup.).

23''

VII

12''

11 – $\rightarrow \wedge \vee$ *Duas pessoas.* *Gêmeos.* *Mais nada.*

G K H

(Parece que elas estão ligadas pela cabeça e são idênticas – 3.º terço).

Obs. Ligação

32''

VIII

9''

12 – $\vee \wedge \vee$ *Um monstro.*

Gbl K (H)

(O monstro, é tudo, mais por causa do cinzento e do verde, parece que está desconfiado).

13 – $\rightarrow \wedge \vee$ *Uma cara.* *Mais nada.*

Gbl F– Hd

(Parece que tem dois olhos – rosa inf., tem o cabelo – rosa lat., tem género um chapéu na cabeça – laranja e tem um queixo muito fininho – cinzento).

25''

IX

3''

14 – \vee *Uma árvore.*

Gbl FC Nat.

(Na árvore, parece que tem um caule – Dbl central e ramos – verde e o rosa).

15 – $\vee \wedge \vee$ *Uma pessoa.* *Mais nada.*

G K H

(Parece uma mulher zangada, com os braços na cintura, a saia laranja, os braços – verde e a cabeça que não é muito normal, mas pronto).

28''

X

4''

16 – √ *Flores.*

G CF Bot.

(Flores, porque é muito colorido).

17 – √ *Um monstro.*

Gbl F- (H)

(O monstro, porque parece que tem aqui uma cara no meio).

D F+ A Ban

18 – √ *Aranhas. Mais nada.*

(Azul lat.)

24''

Prova das Escolhas

- + V – *Porque parece uma borboleta e um morcego, porque é sinistro.*
- X – *Porque é colorido. É giro.*

- II – *Porque não percebi muito bem.*
- IV – *Porque não percebi muito bem.*

Inquérito dos Limites*Sim.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Sêmele aos 13 anos e 8 meses

R	18	G	16	88 %	F	9	A	6	F%	50
		(D/G)	1						F+%	44
T.T.	20'	(Gbl)	6		+	4	H	2	A%	33
					-	5	Hd	2	H%	22
		D	1	6 %			(H)	4		
		DbI	1	6%	K	3	Nat.	2	Ban	2
					kob	1	Geo.	1		
							Bot.	1		
					FClob	2				
					EF	1				
					FC	1				
					CF	1				

TRI 2 K : 1,5 Σ C Introversivo

FC 1 Σ k : 1 Σ E Coartativo

RC% 39

IA% 11

Elementos Qualitativos

Choque Clob (I, IV), Obs. ligação (VII); Choque (VIII e X).

Protocolo do Rorschach da Sêmele aos 16 anos e 8 meses

I

3''

1 – *Isto parece uma joaninha preta... sei lá...*

Gbl F- A

(A joaninha é por causa destas bolinhas – bl, em preto mas que aqui são em branco).

2 – *Um escaravelho... Mais nada.*

D F+ A

(O escaravelho é por causa da forma e porque tem aqui – D sup. central, estas coisinhas, as antenas).

29''

II

3''

3 – *Oh! Uma cara. Um Mais nada > ^...*

Gbl F- Hd

(Uma cara. Isto parece o bigode – vermelho inf., os olhos – vermelho sup., o nariz – branco).

17''

III

10''

4 – *Um sapo \vee ^. Mais nada. Um sapo com um lacinho.*

D bl F- A

(O sapo por causa da forma – negro, e depois vi o lacinho aqui em cima – vermelho central).

32''

IV

3''

5 – *Um monstro. Um Mais nada.*

G FClob (H)

(Um monstro, aqui os pés grandes – D inf. lat., e o corpo grande).

18''

V

2''

6 – *Uma borboleta.*

G F+ A Ban

(A borboleta, por causa das asas).

7 – *Um morcego. Um Mais nada.*

G F+ A

(O morcego é assim por causa das antenas e das asas).

17''

VI

9''

Não sei ... Não faço ideia... √∧ Não sei...

Recusa

(R.A.: *Aqui parece-me os bigodes de um gato, mas depois não vejo o gato* – D F+ Ad).

24''

VII

8''

8 – √ *Dois pessoas.*

G K H

(Aqui parece o eixo de simetria e aqui parecem duas pessoas horrorosas, dois gémeos siameses ligados pela cabeça).

Obs. Ligação

9 – *Uma árvore aqui no meio. Mais nada.*

Dbl F– Nat.

(Vejo a árvore aqui no branco – Dbl central).

37''

VIII

10''

10 – √ *Parece-me um palhaço. Mais nada.*

Gbl FC (H)

(Os olhos grandes – rosa inf., o cabelo às cores – rosa lat. e o laranja).

22''

IX

7''

11 – √ *Uma árvore.*

D bl FC Nat.

(Uma árvore por causa do tronco – eixo e do verde).

12 – *Um vulcão.*

D kob Geo.

(O vulcão é tudo sem o cor-de-rosa, é esta parte laranja e a lava – o verde).

13 – *Um gafanhoto. E é só.*

D/G F– A

(O gafanhoto é aqui por causa dos olhos grandes – rosa inf. e o corpo do gafanhoto é o resto).

(Confabulação)

26''

X

3''

14 – *Tem muitas flores.*

G CF Bot.

(As flores é tudo, é uma flor grande no meio e depois tem florzinhas aqui à volta).

15 – *Isto parece-me um bode no meio. Mais nada, é só.*

D F- A

(Um bode porque me faz lembrar os cornos do bode e a cara feia – verde inf.).

32''

Prova das Escolhas

+ V – *Porque gosto do preto e gostei das formas, parece um morcego.*

X – *Porque tem muitas cores e gosto das formas.*

- VII – *Porque não percebi, não identifiquei nenhum objeto.*

VI – *Este é muito confuso e também não identifiquei nada.*

Inquérito dos Limites

Sim, no negro, de lado, estão numa posição um bocadinho estranha!

Psicograma do Protocolo do Rorschach da Sémele aos 16 anos e 8 meses

R	15	G	9	60 %	F	9	A	7	F%	60
		(D/G)	1						F+%	33
T.T.	20'	(Gbl)	3		+	3	H	1	A%	47
					-	6	Hd	1	H%	13
		D	5	33 %			(H)	2		
		(D bl)	(2)				Nat.	2	Ban	1
		Dbl	1	7%	K	1	Geo.	1		
					kob	1	Bot.	1		
					FClob	1				
					FC	2				
					CF	1				

TRI 2 Σ K : 2 Σ C Extroversivo

FC 1 Σ k : 0 Σ E Introversivo

RC% 40

IA% 7

Elementos Qualitativos

Choque Clob (IV), Obs. ligação (VII), Confabulação (IX),

ANEXO I – Zeus

D.N. 21/10/1989

Protocolo do Rorschach de Zeus aos 13 anos e 7 meses**I**

6''

1 – *Um inseto.*

G F+ A

(O inseto, por esta forma – Dd inf. central, que me faz lembrar aquelas coisas que as abelhas têm, o vespão. E pelas asas – D lat.).

2 – *Uma máscara. Sei lá... mais nada.*

Gbl F+ Másc.

(Uma máscara, por causa dos olhos – Dbl e aqui as orelhas – D lat.).

31''

II

(Olha com muita atenção e afasta o cartão).

12''

Sei lá... √ ^ A mim não me diz nada.

Recusa

24''

III

4''

*Vai lá vai!*3 – *Um monstro por exemplo.*

Gbl FClob (H)

(O monstro por causa dos olhos – vermelho sup., o nariz – vermelho central, e a boca, parecia cortado, aqui pinças e os dentes muito afiados – Dbl com o negro em baixo).

4 – *Duas pessoas. Agora lembrei-me parecem duas pessoas a agarrarem qualquer coisa. É só.*

G K H Ban

(As pessoas – negro, a cabeça, o tronco, os braços, as pernas – aponta com o dedo, a agarrar – D inf. central).

43''

IV

5''

5 – *Uma planta. Uma folha destrozada rasgada.* G EF Plt.

(A folha virada ao contrário – Dd sup., esta parte parece um pau – D inf. central, esta parte parece que estava rasgada – D lat.).

6 – *Um animal com asas, esquisito.* G F± A

(O animal é assim √, a cabeça – D sup., as asas – D lat., os pés – D lat. e o rabo e a cauda – D inf. central).

29''

V

2''

7 – *Um morcego.* G F+ A Ban

(Os pés – D inf. central, aqui as asas – D lat., a cabeça e as orelhas – D sup.).

8 – *Uma borboleta. É só.* G F+ A

(É todo).

11''

VI

5''

9 – *Sei lá... um pau com uma coisa em baixo.* D F– Obj.

(O pau – D sup., central, aqui – parte inf., alarga-se, afasta-se, por isso é que pensava que tinha alguma coisa).

10 – *Uma pele de um animal aberta.* G F+ A Ban

(A pele, o focinho, as orelhas, o bigode, aqui as patas dianteiras e aqui as traseiras).

24''

VII

4''

11 – *Duas pessoas ligadas uma à outra.* D K H
(3.º terço). → Obs. Ligação12 – *Parecem duas caras e o cabelo em pé.* D F+ Hd

(Uma cara – 1.º terço, aqui a trança um bocado defeituosa – 2.º terço).

25''

VIII

4''

13 – *Dois lagartos a subirem um objeto qualquer.*

D F+ A

(Lagartos – Rosa lat.).

28''

IX

6''

14 – *Desenho colorido. Mais nada.*

G CF Abst.

(Pelas cores).

17''

X

7''

15 – *Uma árvore colorida com várias cores, ramos com folhas.*

D bl CF Bot.

(Faz-me lembrar uns ramos – rosa e azul lat. e as folhas – verde sup., amarelo sup. e laranja).

16 – *Com insetos com cores diferentes.*

D CF A

(Os insetos – amarelo inf.).

30''

Prova das Escolhas

- + I – *Gostei muito, por causa da forma e da textura.*
 - V – *Porque faz-me lembrar um animal que eu gosto muito.*
 - II – *Não gosto da forma do desenho e da cor.*
 - IX – *Não gosto da cor e não gosto da forma.*
-

Psicograma do Protocolo do Rorschach do Zeus aos 13 anos e 7 meses

R	16	G	10	62 %	F	9	A	7	F%	56
		(Gbl)	(2)						F+%	83
T.T.	15'				+	7	H	2		
		D	6	38 %	-	1	Hd	1	A%	44
		(D bl)	(1)		±	1	(H)	1	H%	19
					K	2	Masc.	1	Ban	3
							Plt.	1		
					FClob	1	Obj.	1		
							Abst.	1		
					EF	1	Bot.	1		
					CF	3				

TRI 2 K : 3 Σ C Extroversivo

FC 0 Σ k : 1 Σ E Introversivo

RC% 25

IA% 6

Elementos Qualitativos

Recusa (II); Choque Clob (III); Obs. Ligação (VII).

Protocolo do Rorschach do Zeus aos 16 anos e 7 meses

I

3''

1 – *Um inseto.*

G F± A

(As asas aqui – D sup. central e as pinças – Dd sup. central).

13''

II

9''

*Para ser sincero não sei... Não tou a imaginar nada....*2 – *Uma flor.*

D F– Bot.

(Aqui as pétalas – negro e aqui aqueles pozinhos, o pólen – vermelho inf.).

30''

III

10''

(Risos).

3 – *Duas pessoas. Mais nada.*

G K H Ban

(As pessoas – negro, parece que estão a pegar em alguma coisa).

17''

IV

5''

4 – *Um morcego.*

G F+ A

(Aqui as asas – D inf. central, aqui as patas – D sup. lat. e a cabeça – D inf. central).

10''

V

7''

5 – $\vee \wedge$ *Uma espécie de ave.*

G F+ A

(Aqui as patas – D inf. central, aqui as asas – D lat. e aqui a cabeça – D sup.).

14''

VI

15''

(Risos e ar de espanto).

Recusa

Não sei... não consigo imaginar nada.

24''

VII

6''

6 – *Duas pessoas. Mais nada.*

D F+ Hd

(Aqui a cara com o cabelo – 1.º terço, aqui os ombros – 2.º terço).

11''

VIII

6''

7 – *Dois répteis a subir uma árvore.*

D F+ A

(Tronco – o centro todo e os répteis – rosa lat.).

19''

IX

8''

8 – *Um tronco.*

G F– Bot.

(Todo).

13''

X

7''

9 – *A copa de uma árvore com folhas.*

Gbl CF Bot.

(A copa da árvore – entre o rosa e o verde e o restante são as folhas).

18''

Prova das Escolhas+ III – *Parecem duas mulheres.*VIII – *Porque pareceu-me mesmo dois répteis a subir uma árvore.*- II e VI – *Porque não me chamou muito a atenção, não percebi muito bem o desenho.*

Psicograma do Protocolo do Rorschach do Zeus aos 16 anos e 7 meses

R	9	G	6	66 %	F	7	A	4	F%	78
		(Gbl)	(1)						F+%	64
T.T.	15'	D	3	34 %	+	5	H	1	A%	44
					-	2	Hd	1	H%	22
					±	1	Bot.	3	Ban	1
					K	1				
					CF	1				

TRI 1 K : 1 Σ C Coartativo

FC 0 Σ k : 0 Σ E Coartado

RC% 33

IA% 11

Elementos Qualitativos

Recusa (VI).

